ASSASSIN'S CREED®

SUBMUNDO

OLIVER BOWDEN

Obras do autor publicadas pela Galera Record:

***Série* Assassin's Creed**
Renascença
Irmandade
A cruzada secreta
Revelações
Renegado
Bandeira Negra
Unity
Submundo

Barba Negra: O diário perdido
Abstergo Entertainment: Dossiê do funcionário

OLIVER BOWDEN

ASSASSIN'S CREED
SUBMUNDO

Tradução de
Ana Carolina Mesquita

1ª edição

Galera

RIO DE JANEIRO

2015

Parte Um:
Cidade-Fantasma

I

O Assassino Ethan Frye estava encostado num caixote sob as sombras do mercado de Covent Garden, quase escondido pelas barracas dos comerciantes. De braços cruzados, o queixo apoiado em uma das mãos e a cabeça coberta pelo capuz volumoso e macio do seu manto. Enquanto a tarde se transformava em noite, permanecia ali, parado e silencioso. Observando. Esperando.

Era raro um Assassino apoiar o queixo assim, na mão mais hábil. Principalmente se estivesse portando a sua lâmina oculta, como Ethan estava, com a ponta a menos de dois centímetros da carne exposta de sua garganta. Próximo ao seu cotovelo havia um mecanismo de molas leve, porém muito poderoso, projetado para fazer saltar a lâmina afiada como uma navalha; bastava agitar o pulso do jeito certo para acioná-lo. Num sentido bastante literal, portanto, Ethan estava se colocando no fio da própria navalha.

Por que ele faria isso? Afinal, nem mesmo os Assassinos eram imunes a acidentes ou ao mal funcionamento de seus equipamentos. Por questões de segurança, os homens e as mulheres da Irmandade tendiam a manter bem longe do rosto as mãos em que levavam as lâminas. Melhor isso do que arriscar-se à infâmia, ou coisa pior.

Ethan, contudo, era diferente. Não apenas era um especialista na arte da contrainteligência — e apoiar o queixo no braço mais forte era um gesto feito para enganar algum possível inimigo —, como também sentia um prazer sombrio em cortejar o perigo.

Então ali estava ele sentado, com o queixo apoiado na mão, observando e esperando.

Ah, pensou. *O que era aquilo?* Empertigou-se o corpo e afastou a moleza dos músculos enquanto espiava o mercado por entre os caixotes. Os comerciantes estavam encaixotando suas mercadorias. E, além disso, havia outra coisa acontecendo. O jogo tinha começado.

2

Num beco não muito distante de onde estava Ethan, espreitava um camarada chamado Boot. Vestido com um casaco de tiro puído e um chapéu amassado, ele estava observando o relógio de bolso que tinha roubado de um cavalheiro poucos minutos antes.

O que Boot não sabia sobre sua nova aquisição é que o antigo dono planejava levá-la ao conserto naquele mesmo dia, por motivos que viriam a exercer um profundo efeito na vida de Ethan Frye, Boot, um jovem que se autoapelidava de O Fantasma e mais alguns outros envolvidos na eterna luta entre a Ordem dos Templários e a Irmandade dos Assassinos. O que Boot não sabia era que o relógio de bolso estava quase uma hora atrasado.

Completamente alheio a esse fato, Boot o fechou, sentindo-se agora um verdadeiro dândi. Depois, saiu do beco, olhou para a direita e para a esquerda e começou a atravessar o mercado sob o dia que já ia embora. Caminhava de ombros encurvados, com as mãos enfiadas nos bolsos, e olhou para trás para ver se não estava sendo vigiado de perto. Então, seguiu em frente satisfeito, deixando Covent Garden para trás e entrando no cortiço St. Giles Rookery.

A mudança no ar ao redor foi quase instantânea. Se antes os saltos de suas botas pisavam os paralelepípedos do calçamento, agora afundavam no esterco da rua, fazendo subir um cheiro fedorento de legumes podres e excrementos humanos. O calçamento estava coberto daquilo, o ar fedia. Boot puxou o cachecol para cima da boca e do nariz, para tentar se proteger do cheiro horroroso.

Um cachorro parecido com um lobo trotou em seus calcanhares durante um tempo, as costelas à mostra na barriga encovada. Seus olhos famintos com bordas vermelhas imploravam, suplicantes, mas ele o chutou para longe, e o cachorro saiu deslizando e depois se afastou, com o rabo enfiado entre as pernas. Não muito longe dali, uma mulher sentada na soleira de uma porta, vestida com farrapos amarrados com um barbante e segurando um bebê contra o peito, observava Boot com olhos vidrados e sem vida, miseráveis. Talvez fosse mãe de uma prostituta, esperando a filha voltar para casa com o faturamento do dia — e ai da garota se voltasse de mãos vazias. Ou quem sabe não era a chefe de um bando de ladrões e malandros, que em breve dariam as caras com o butim do dia. Ou talvez administrasse uma estalagem noturna. Ali no cortiço, as casas grandes e antigas tinham sido convertidas em apartamentos com divisórias que à noite forneciam abrigo para todos aqueles em busca de refúgio: fugitivos e suas famílias, prostitutas, comerciantes, operários — qualquer um disposto a pagar por um espacinho no chão. Com sorte, e mais dinheiro, conseguiriam uma cama, porém o mais provável é que fossem obrigados a se virar usando palha ou serragem como colchão. De qualquer modo, não dormiam profundamente: cada centímetro do piso era tomado de gente, e o choro dos bebês ecoava noite adentro.

E embora várias dessas pessoas não quisessem ou não pudessem trabalhar, muitas outras tinham uma ocupação. Havia adestradores de cães e comerciantes de pássaros; havia aqueles que vendiam agrião, cebola, anchova ou arenque; havia vendedores ambulantes, varredores de rua, comerciantes de café; e ainda gente que afixava cartazes e avisos ou fazia as vezes de carregadores de placas. Traziam consigo para o cortiço suas mercadorias, o que colaborava para aumentar a superlotação e o fedor. À noite as casas eram fechadas, e as janelas quebradas eram remendadas com farrapos ou jornal, para proteger os moradores do ar nauseabundo da noite, quando a cidade cuspia fumaça para os céus. Sabia-se de histórias de famílias inteiras que tinham morrido sufocadas pelo ar noturno da cidade. Pelo menos era o que se dizia por aí. E se havia algo que se espalhava pelo cortiço com mais rapidez do que a doença eram os boatos. Para seus moradores, Florence Nightingale podia pregar o quanto quisesse: eles continuariam dormindo de janelas bem fechadas.

E dava para culpá-los?, pensou Boot. Se você morava no cortiço, suas chances de morrer eram grandes. A doença e a violência eram dominantes por ali. As crianças corriam o risco de serem sufocadas quando os adultos rolavam por cima dela durante o sono. Causa de morte: rolamento. Era mais comum nos fins de semana, depois que as pessoas tomavam o que restara do gim e os bares eram fechados, e o pai e a mãe cambaleavam de volta para casa sob a névoa rala, subiam os degraus escorregadios de pedra, entravam porta adentro e deitavam-se no quarto quente e fedido, onde finalmente podiam descansar...

E de manhã, depois que o sol nascia mas a neblina continuava presente, o cortiço era sacudido com os gritos dos enlutados.

Boot adentrava cada vez mais o cortiço, onde os edifícios altos cobriam até mesmo a luz fraca do luar, e os postes de luz atravessados pela neblina cintilavam malevolamente no escuro. Ele ouvia o canto rouco que vinha de um bar a algumas ruas de distância. De vez em quando o canto ficava mais alto, quando a porta era escancarada para atirar os bêbados pela rua.

Naquela rua em que ele estava, entretanto, não tinha nenhum bar. Apenas portas e janelas fechadas com jornal, roupas penduradas nos varais acima — os lençóis mais parecendo velas de um navio —, e fora o canto distante, apenas o som de água corrente e de sua própria respiração. Somente ele... sozinho.

Ou assim ele pensava.

Então, até o canto distante parou. O único som que se ouvia era o dos pingos de água.

Um farfalhar veloz o assustou.

— Quem está aí? — perguntou, com tom autoritário, mas, na mesma hora, percebeu que era um rato, e o fato de estar tão alarmado que até um barulho de rato o fazia saltar de medo era algo muito significativo, mesmo.

Mas o som se repetiu. Quando ele se virou rapidamente, o ar ondulou ao seu redor e pareceu se abrir como as cortinas de um teatro. Por um instante ele imaginou ter visto algo, um vislumbre: uma silhueta no meio da neblina.

Depois, pensou ouvir o som de uma respiração. A dele estava curta e superficial, quase ofegante, enquanto aquela outra era alta, contínua e vinha de... onde? Em um momento parecia estar à sua frente, no outro, atrás. Ouviu aquele farfalhar outra vez. O som de uma pancada o assustou, mas vinha de um dos

quartos acima. Um casal começou a discutir — ele tinha voltado para casa bêbado de novo. Não, *ela* é que tinha voltado bêbada de novo. Boot se permitiu dar um pequeno sorriso, percebeu que começava a relaxar um pouco. Ora, aqui estava ele, saltando com medo de fantasmas, de uns ratinhos de nada e de um velho casal discutindo. O que mais faltava?

Ele se virou para ir embora. No mesmo instante, a névoa à sua frente ondulou e dela saiu um vulto encapuzado, que, antes mesmo que ele pudesse reagir, segurou-o e levou o punho para trás como se fosse dar-lhe um soco. Porém, em vez de socá-lo, o atacante agitou o pulso e, com um movimento suave, uma lâmina saltou da sua manga.

Boot havia fechado os olhos com força. Quando os abriu, foi para ver o homem encapuzado atrás da lâmina, segurando-a a um milímetro do seu globo ocular.

Boot mijou nas calças.

3

Ethan Frye permitiu-se o prazer de um pequeno momento de satisfação com a precisão da sua lâmina, e, em seguida deu uma rasteira em Boot e o fez cair com toda a força nos chão imundo. O Assassino se agachou e prendeu Boot entre os joelhos, enquanto pressionava a lâmina em sua garganta.

— Agora, meu amigo. — Ele sorriu. — Por que não começamos com você me dizendo seu nome?

— É Boot, senhor — respondeu Boot, contorcendo-se. A ponta da lâmina apertou dolorosamente sua carne.

— Bom homem — disse Ethan. — Essa é uma boa estratégia, contar a verdade. Agora eu e você vamos ter uma conversinha, que tal?

Embaixo dele, o camarada tremia. Ethan tomou aquilo como um sim.

— Você está indo fazer a entrega de uma chapa fotográfica, correto, Sr. Boot? — Boot continuou tremendo. Ethan tomou aquilo como outro sim. Até aí, tudo bem. Sua informação procedia; esse tal de Boot era um contato em uma grande rede que vendia fotografias eróticas em alguns bares de Londres. — E está indo até Jack Simmons para pegar uma chapa, correto?

Boot assentiu.

— E qual é o nome do camarada com quem você vai se encontrar, Sr. Boot?

— Eu... eu não sei, senhor...

Ethan sorriu e inclinou-se ainda mais para perto de Boot.

— Meu caro rapaz, você consegue ser pior como mentiroso do que como entregador. — Pressionou mais ainda a lâmina. — Está sentindo onde essa faca

está agora?

Boot piscou para indicar que sim.

— Isso é uma artéria. Sua carótida. Se eu abri-la, você vai colorir a cidade inteira de vermelho, meu amigo. Bom, pelo menos a rua inteira. Mas nem eu nem você queremos isso. Para que estragar uma noite tão agradável, não é mesmo? Em vez disso, por que não me conta com quem deve ir se encontrar?

Boot piscou.

— Ele vai me matar se eu fizer isso.

— Talvez, mas, se não me disser, eu vou te matar com toda a certeza, e só um de nós está aqui com uma faca na sua garganta e não é ele, certo? — Ethan aumentou a pressão. — Escolha, meu amigo. Morrer agora ou depois.

Naquele exato momento, Ethan escutou um ruído à esquerda. Meio segundo depois, já tinha seu revólver Colt na mão, e, com a lâmina ainda no pescoço de Boot, mirou num novo alvo.

Era uma menininha voltando do poço. Ficou ali parada de olhos arregalados, segurando em uma das mãos um balde cheio até a borda de água suja.

— Desculpe, senhorita, não quis te assustar. — Ethan sorriu. Guardou o revólver novamente no manto, e a mão vazia ressurgiu para assegurar à garota que ele não era nenhuma ameaça. — Só faço mal a rufiões e ladrões como este homem aqui. Acho melhor você voltar ao seu apartamento. — Ele fez um gesto para a garota, mas ela continuava parada, simplesmente olhando os dois, com os olhos brancos no rosto imundo, parada de tanto medo.

Ethan xingou internamente. A última coisa que ele queria era plateia. Principalmente quando se tratava de uma garotinha que assistia enquanto ele segurava uma faca contra o pescoço de um homem.

— Certo, Sr. Boot — disse ele, em voz mais baixa do que antes. — A situação mudou, portanto, terei que *insistir* para que você me conte exatamente com quem deve se encontrar...

Boot abriu a boca. Talvez estivesse prestes a dar a informação que Ethan pedia. Ou a ponto de dizer a Ethan onde enfiar aquelas suas ameaças. Ou ainda, o que é mais provável, simplesmente gemer dizendo que não sabia.

Ethan nunca pôde saber, porque justamente quando Boot estava prestes a responder, seu rosto explodiu.

Aquilo aconteceu num segundo antes de Ethan ouvir o tiro, rolar para longe do cadáver e sacar o revólver, exatamente quando um segundo tiro foi disparado. Ele se lembrou da garota tarde demais, e virou a cabeça bem a tempo de vê-la rodopiando para longe, o sangue espirrando do peito enquanto deixava o balde cair, morta antes mesmo de seu corpo atingir o chão de pedra graças ao tiro disparado contra ele.

Ethan não se atreveu a atirar de volta com medo de atingir outro inocente que pudesse estar escondido na neblina. Em vez disso, agachou-se e preparou-se para outro tiro, um terceiro ataque vindo da escuridão.

Que não veio. Ethan ouviu apenas o som de passos se afastando depressa, limpou os restos de osso e cérebro que sujaram seu rosto, guardou o Colt no coldre e, com um gesto, recolheu novamente a lâmina para dentro de sua bainha e depois saltou até uma parede. Suas botas quase não encontraram apoio nos tijolos molhados, e ele começou a escalar um cano de escoamento até alcançar o teto de um dos edifícios, onde, sob a luz do céu noturno, pôde perseguir o atirador, que tentava fugir correndo. Fora assim que Ethan entrara no cortiço, e pelo jeito era assim que sairia, dando saltos curtos de um telhado para o outro, atravessando o prédio enquanto seguia sua presa silenciosa e implacavelmente, a imagem da garotinha marcada em sua mente, o cheiro metálico dos miolos de Boot ainda em suas narinas.

Apenas uma coisa importava agora. Que o matador caísse sob sua lâmina antes que a noite chegasse ao fim.

Debaixo de onde estava, ele ouviu as botas do atirador chapinhando e batendo nos paralelepípedos, e continuou seguindo silenciosamente nas sombras, incapaz de ver o homem, mas sabendo que já o havia ultrapassado. Chegando à beirada de um dos edifícios, e julgando já ter obtido vantagem suficiente, deixou-se escorregar pelo lado, usando os peitoris das janelas para descer mais depressa. Chegou à rua, onde ficou encostado à parede, aguardando.

Segundos depois, ouviu o som de botas correndo. Logo em seguida, a névoa pareceu se mover, como se para anunciar esta nova presença, e um homem de terno, com bigode farto e grossas costeletas, entrou rapidamente em seu campo de visão.

Segurava uma pistola que não parecia, mas poderia muito bem estar fumegando.

E, muito embora mais tarde Ethan fosse dizer a George Westhouse que atacara para se defender, isso não era exatamente verdade. Ethan tinha o elemento surpresa a seu favor; poderia — e deveria — ter desarmado o homem e o interrogado antes de matá-lo. Mas, em vez disso, ele desengatou sua lâmina e a enfiou no coração do matador com um grunhido de vingança e, depois, observou com grande satisfação a luz dos olhos do homem morrer.

Entretanto, ao fazer isso, o Assassino Ethan Frye cometera um erro. Estava sendo descuidado.

— Minha intenção foi pressionar Boot para obter as informações de que eu precisava, antes de assumir o lugar dele — comunicou Ethan ao Assassino George Westhouse no dia seguinte, depois de concluir sua história. — Porém, o que eu não sabia é que Boot estava atrasado para o encontro. O relógio de bolso que ele roubara estava atrasado.

Os dois estavam sentados na sala de estar da casa de George, em Croydon.

— Entendo — disse George. — E quando foi que você percebeu isso?

— Hum, deixe-me ver. Sem dúvida quando já era tarde demais.

George assentiu.

— Qual era o revólver?

— Um Pall Mall Colt, semelhante ao meu.

— E você o matou?

O fogo da lareira estalou e soltou fagulhas na pausa que se seguiu àquela pergunta. Ethan, desde que se reconciliara com seus filhos, Jacob e Evie, estava pensativo.

— Sim, George, e ele não merecia menos.

George fez uma careta.

— Merecimento não tem nada a ver com isso. Você sabe muito bem.

— Ah, mas aquela menininha, George! Você devia ter visto. Ela era uma coisinha de nada. Tinha metade da idade de Evie.

— Mesmo assim...

— Eu não tive escolha. Ele já tinha sacado a pistola.

George olhou para seu velho amigo com preocupação e afeto.

— O que aconteceu então, Ethan? Você o matou porque ele merecia ou porque você não teve escolha?

Ethan já tinha lavado o rosto e assoado o nariz uma dúzia de vezes ou mais, porém ainda tinha a sensação de que conseguia sentir o cheiro do cérebro de Boot.

— E as duas coisas precisam ser mutuamente excludentes? Tenho 37 anos e já vi mais mortes do que devia, e sei que os conceitos de justiça, igualdade e vingança vêm em segundo lugar depois da habilidade, e que a habilidade está subordinada à sorte. Quando o acaso lhe favorece... Quando a bala do matador erra o alvo, quando ele abaixa a guarda, você aproveita a oportunidade antes que ela desapareça novamente.

Westhouse perguntou a si mesmo a quem seu amigo desejava enganar, mas decidiu prosseguir ainda assim.

— Pena, então, que você tenha tido de derramar o sangue dele. Pois provavelmente você precisava saber mais sobre ele antes disso, não?

Ethan sorriu e fingiu que enxugava a testa de alívio.

— Fui premiado com um pouco de sorte. A chapa fotográfica que ele carregava trazia uma inscrição que identificava o fotógrafo e, portanto, consegui ter certeza de que o homem morto e o fotógrafo eram a mesma pessoa, um camarada chamado Robert Waugh. Tem associações com os Templários. Suas fotos eróticas seguiam dois rumos: um para os Templários, e o outro para os cortiços e as tavernas, por meio de Boot.

George soltou um assovio baixinho.

— Mas que jogo perigoso esse em que o Sr. Waugh estava metido...

— Sim e não...

George inclinou-se para atiçar o fogo.

— O que quer dizer com isso?

— Quis dizer que de certa maneira a aposta dele de que os dois mundos se manteriam alheios um ao outro compensava. Eu vi o cortiço de outro modo hoje, George. Lembrei das condições em que os pobres estão morando. Esse é um mundo tão distante daquele dos Templários que mal dá para acreditar que

ambos estejam no mesmo país, muito menos na mesma cidade. Se quer saber, nosso amigo Waugh tinha todos os motivos para acreditar que os rumos separados de seus negócios talvez jamais se encontrassem. Os dois mundos nos quais ele operava eram como polos distantes. Os Templários não sabem nada dos cortiços. Moram rio acima, longe da imundície das fábricas que poluem a água dos miseráveis, e afastados da neblina e da fumaça que polui o ar.

— Assim como nós, Ethan — disse George, com tristeza. — Gostemos ou não, o nosso mundo é uma realidade de clubes exclusivos, salas de estar, templos, e câmaras de conselho.

Ethan olhou fixo para o fogo.

— Nem todos nós.

Westhouse sorriu e assentiu.

— Está pensando no seu homem, O Fantasma? Não passa pela sua cabeça me dizer quem é esse tal de Fantasma, ou o que ele está fazendo?

— Isso precisa permanecer em segredo.

— Então, onde ele entra?

— Ah, bem. Fiz um plano, que envolve o recém-falecido Sr. Waugh e O Fantasma. Se tudo der certo e O Fantasma conseguir fazer seu trabalho, então, quem sabe até poderemos colocar as mãos no artefato que os Templários tanto querem, o Pedaço do Éden.

4

John Fowler estava cansado. E com frio. E pela cara das nuvens que se reuniam acima de sua cabeça, logo também estaria molhado.

Dito e feito: sentiu as primeiras gotas de chuva tamborilando em seu chapéu, e o engenheiro segurou mais próximo ao peito o canudo de couro no qual guardava os desenhos das plantas, maldizendo o clima, o barulho, tudo. A seu lado estava o procurador-geral de Londres, Charles Pearson, e sua esposa Mary, e ambos se encolheram quando a chuva começou a apertar. Os três ficaram ali, ilhados pela lama, olhando com um misto de desconsolo e espanto para a enorme cicatriz que era a nova linha de trem subterrâneo chamada Metropolitan.

Cerca de cinquenta metros à frente dos três, o chão se afundava num fosso que logo se abria, formando um gigantesco talho sobre a terra — a “trincheira” —, de 8,5 metros de largura e cerca de 200 metros de comprimento. Em sua extremidade ele deixava de ser um talho ou uma trincheira e se transformava num túnel, cujo arco de tijolos fazia as vezes de portão de entrada àquele que era o primeiro trecho de trem subterrâneo do mundo.

Mais: era o primeiro trecho *em operação* de trem subterrâneo. Os trens percorriam dia e noite os trilhos recém-instalados, transportando para seções mais à frente vagões repletos de cascalho, argila e areia das seções inacabadas. Iam e vinham fumegando, e a fumaça e o vapor quase sufocavam as equipes de operários que trabalhavam com suas pás na boca do túnel, enchendo com a terra que escavavam os baldes de couro que circulavam numa esteira. Esta, por sua vez, levava a carga até a superfície.

Aquela obra era a menina dos olhos de Charles Pearson. Durante quase duas décadas, o procurador-geral de Londres fizera campanha para a criação de uma nova linha, a fim de aliviar o congestionamento em Londres e nas regiões suburbanas. O plano da construção, por outro lado, era de John Fowler. Além de ser dono de costeletas incrivelmente fartas, ele era o engenheiro ferroviário mais experiente do mundo, e, portanto, fora o candidato óbvio para o cargo de engenheiro chefe da Metropolitan Railway. Contudo, como dissera a Charles Pearson por ocasião de sua contratação, sua experiência talvez não servisse de nada: afinal de contas, aquilo era algo que ele nunca havia feito antes, uma linha de trem subterrânea. Tratava-se, nada mais, nada menos, de uma obra enorme — enorme não, *monstruosa.* De fato, havia quem dissesse que aquele era o projeto de construção mais ambicioso jamais feito desde as pirâmides. Um exagero, claro, mas havia dias em que Fowler bem que concordava.

Fowler decidiu que a maioria da linha, por não ser muito profunda, poderia ser escavada com um método chamado de "falsos túneis". Com ele, escava-se uma trincheira na terra com 8,5 metros de largura e 4,5 de profundidade. Nela se construíam muros de contenção com três tijolos de espessura. Em alguns trechos eram colocadas vigas de ferro no topo dos muros laterais; em outros, construíam-se arcos de tijolos. Depois, a trincheira era coberta e a superfície restabelecida: um novo túnel estava criado.

Isso significava destruir ruas e casas e, em alguns casos, construir estradas temporárias que mais tarde teriam de ser reconstruídas. Significava transferir toneladas de matéria e desviar dos sistemas de gás, água e esgoto. Significava forjar um pesadelo interminável de barulho e destruição, como se houvessem detonado uma bomba no Fleet Valley londrino. Não. Como se detonassem uma bomba no Fleet Valley todos os dias durante dois anos.

O trabalho seguia noite adentro, quando eram acesos lampiões e braseiros. Os operários trabalhavam em dois grandes turnos — cuja mudança era sinalizada pelos três toques de um sino, ao meio-dia e à meia-noite — e outros menores, em que os homens se revezavam em uma tarefa extenuante e monótona atrás da outra, mas sempre trabalhando, sem parar.

Boa parte do barulho vinha das sete esteiras transportadoras usadas na obra, uma das quais tinha sido construída bem ali: um andaime alto de madeira,

erguido no meio do fosso, com quase nove metros de altura, fonte de imundície e ruído estridente como o de martelos golpeando uma bigorna. Ela trouxe uma carga de um ponto mais à frente da escavação e agora os homens — grupos deles — trabalhavam ali. Alguns ficavam no fosso, outros, na superfície, e outros, pendurados como lêmures na construção, para garantir o desimpedimento da passagem da esteira enquanto os baldes gigantescos cheios de argila eram içados para fora da trincheira, balançando.

Na superfície, homens com pás labutavam incansáveis na montanha de terra escavada, atirando-a em quatro carroças puxadas a cavalo. Cada qual era sobrevoada por uma nuvem de gaivotas que rodopiavam e mergulhavam para pegar comida da terra, sem dar a mínima para a chuva que começava a cair.

Fowler virou-se para olhar Charles, que parecia doente (estava segurando um lenço contra a boca), mas, fora isso, estava de bom humor. Havia um quê indômito em Charles Pearson, pensou Fowler, sem saber se de determinação ou loucura. Aquele era um homem de quem riram durante quase duas décadas, desde que ele sugeriu a construção de uma linha subterrânea de trem. “Trens encanados”, era a piada da época. Riram quando ele revelou seus planos de construir uma ferrovia aérea, com vagões impulsionados através de um tubo de ar comprimido. *Por um tubo*. Não é de se admirar que por mais de uma década Pearson fosse figurinha carimbada na revista *Punch*. Quanto não se divertiram às suas custas!

Então, quando todos ainda caçoavam de tudo aquilo, veio um plano, a menina dos olhos de Pearson — um plano de construir uma linha subterrânea de trem entre Paddington e Farringdon. Os cortiços do Fleet Valley desapareceriam, seus habitantes seriam transferidos para lares fora da cidade — nos subúrbios —, e as pessoas usariam esta nova linha para fazer o trajeto pendular, de Londres para os arredores.

Bastou uma injeção súbita de dinheiro — vinda da Great Western Railway, da Great Northern Highway e da City of London Corporation — para que o projeto se transformasse em realidade. Ele, o famoso John Fowler, foi contratado como engenheiro chefe da Metropolitan Railway Company, e as obras começaram em Euston, no primeiro fosso de escavações — quase exatamente dezoito meses antes.

E as pessoas continuavam rindo?

Sim, continuavam — só que agora era uma risada entrecortada, melancólica. Porque dizer que o projeto de Pearson de eliminação dos cortiços tinha ido mal era um eufemismo. Não havia casas nos subúrbios e, afinal, ninguém estava disposto a construir nenhuma. E baixa população em cortiços é uma coisa que não existe: todas aquelas pessoas tiveram de ir para algum canto; portanto, foram para outros cortiços.

E, obviamente, também havia os incômodos causados pela obra em si: ruas que se tornaram intransitáveis, estradas sendo abertas, empresas que acabavam fechando as portas, com os negociantes exigindo compensação financeira. Quem vivia ao longo do trajeto passou a morar no meio de um caos eterno de lama, máquinas, trens, o barulho agudo das correias transportadoras, o ruído das pás e picaretas e os operários gritando uns com os outros, e com um medo constante de desabamentos.

Não havia descanso; à noite, o fogo era aceso e o turno noturno começava. O pessoal do turno diurno então ia fazer o que homens que trabalham no turno diurno fazem: beber e brigar até de manhã. A impressão que se tinha é que Londres havia sido invadida por operários que, onde quer que fossem, tomavam conta do lugar; somente as prostitutas e os taverneiros se alegravam com sua presença.

E havia ainda os acidentes. Primeiro, um motorista de trem bêbado tinha descarrilhado em King's Cross e despencado obra abaixo. Ninguém se feriu. A *Punch* teve um dia de glória. Então, quase um ano depois, houve um desabamento em Euston Road, que levou consigo jardins, ruas asfaltadas e cabos telegráficos, destruindo dutos de gás e de água e abrindo um buraco na cidade. Inacreditavelmente, ninguém se feriu. O Sr. Punch adorou esse episódio também.

— Eu estava esperando ouvir notícias boas hoje, John! — berrou Pearson, levando o lenço à boca. Era uma coisa fina, elaborada, como esses lencinhos de renda. Pearson tinha 68 anos, contra os 44 de Fowler, mas parecia ter o dobro; seus esforços nas duas últimas décadas o haviam envelhecido. Apesar do sorriso fácil, havia um cansaço permanente em volta dos seus olhos, e a pele em sua papada mais parecia a cera derretida de uma vela.

— O que posso dizer ao senhor, Sr. Pearson? — gritou Fowler. — O que o senhor gostaria de ouvir além de... — Ele fez um gesto em direção à obra.

Pearson riu.

— O barulho das máquinas é encorajador, isso lá é verdade. Mas talvez gostasse de ouvir também que estamos novamente dentro do cronograma. Ou que todos os advogados de causas compensatórias morreram atingidos por um raio. Ou que Sua Majestade a Rainha em pessoa declarou sua confiança no metrô e planeja utilizá-lo na primeira oportunidade.

Fowler encarou o amigo, mais uma vez maravilhado com sua presença de espírito.

— Então receio, Sr. Pearson, que não tenho mais nada a lhe dar além de más notícias. Ainda estamos atrasados no cronograma. E, com o clima assim, o atraso só aumenta ainda mais. A chuva provavelmente vai ensopar o motor, e os homens encarregados das esteiras transportadoras desfrutarão de um intervalo inesperado no trabalho.

— Bom, então existe uma notícia boa também — caçoou Charles.

— E qual é? — gritou Fowler.

— Que teremos...

O motor estalou e parou.

— ... um pouco de silêncio.

E por um instante, de fato, houve uma pausa espantada enquanto o mundo se acostumava com a ausência de barulho. Só se ouvia a chuva tamborilando na lama.

Então, ouviu-se um grito do fosso: *"Deslizamento!"*, e eles olharam para cima e viram o guindaste inclinar-se um pouco, e um dos homens ficar pendurado ainda mais precariamente do que antes.

— Vai aguentar — declarou Fowler, ao perceber o espanto do Sr. Pearson. — Parece pior do que é.

Um homem supersticioso teria cruzado os dedos. Os operários tampouco estavam dispostos a pagar para ver: assim, as equipes que estavam sobre o guindaste desceram até o nível do chão e enxamearam-se sobre as vigas de madeira como piratas nos cordames de um navio — centenas deles, era a impressão que se tinha —, e Fowler prendeu a respiração, torcendo para a

estrutura suportar aquele peso extra repentino. deveria suportar, precisava suportar. E suportou. Os homens emergiram dali aos berros, tossindo, carregando pás e picaretas que, para eles, eram tão preciosos quanto seus braços e pernas. Reuniram-se em grupos segundo critérios regionais: irlandeses, escoceses, gente do interior, todos cobertos de lama dos pés à cabeça.

Fowler e Charles observaram enquanto eles se congregavam naqueles grupos esperados — londrinos, escoceses, interioranos, outros —, com as mãos nos bolsos ou abraçadas ao corpo para se aquecer, os ombros encurvados e os bonés puxados para a frente para protegê-los da chuva.

Exatamente naquele momento ouviu-se um grito. Fowler virou-se e viu uma comoção perto da trincheira. Os operários haviam ido em bloco olhar o que era, e agora rodeavam a abertura do fosso, olhando para alguma coisa que estava no fundo.

— *Senhor!* — O mestre de obras, Marchant, acenou para ele, chamando-o para ir até lá. Com as mãos em concha, gritou: — Senhor! Venha ver isso aqui!

Instantes depois, Fowler e Charles já haviam atravessado a lama e os homens abriam caminho para eles. Os dois ficaram parados no alto da trincheira e olharam para baixo — para além das vigas e dos baldes da esteira de transporte silenciosa, em direção ao lago de água enlameada que se formara no fundo do fosso e cujo nível já começava a subir.

Boiando ali, havia um corpo.

5

A chuva havia diminuído, felizmente, e o nível de água do fundo da trincheira diminuíra, mas as máquinas continuavam em silêncio. Segurando o chapéu com uma das mãos, Marchant correra para dar a notícia a seu chefe imediato, Cavanagh, um dos diretores da Metropolitan Railway, enquanto outro homem era enviado com a missão de trazer um policial. Foi este que chegou primeiro, um jovem oficial com costeletas fartas que se apresentou como Guarda Abberline e, em seguida, pigarreou e retirou o capacete oficial para lançar-se à tarefa de inspecionar o cadáver.

— Alguém já desceu até lá, senhor? — perguntou ele a Pearson, apontando para a trincheira.

— A área foi esvaziada assim que o corpo foi descoberto, guarda. O senhor pode imaginar o alvoroço que isso causou.

— Ninguém gosta de ver um morto antes do intervalo de descanso, senhor.

Os que estavam ali reunidos observaram o policial inclinar-se, hesitante, para olhar o fundo da trincheira e, em seguida, fazer sinal para um homem ali perto.

— Segure isso aqui, amigo — disse, e entregou a ele seu capacete; depois, desafivelou o cinto e entregou-o também, junto com o cassetete e as algemas, antes de descer a escada para inspecionar o cadáver de perto.

As pessoas se amontoaram ao redor para olhar dentro do fosso, e observar enquanto o guarda rodeava o corpo, levantando um dos braços, e depois, o outro. Pouco depois, o policial se agachou, e os espectadores prenderam o fôlego quando ele virou o cadáver.

Na trincheira, Abberline engoliu em seco, pois não estava acostumado a ser o alvo das atenções. Arrependeu-se de não ter ordenado que todos se afastassem. Os homens ladeavam a trincheira dos dois lados. Até mesmo Fowler e o Sr. e a Sra. Pearson observavam. Todos olhavam para baixo em sua direção, a 8,5 metros de profundidade.

Tudo bem. Ele voltou a atenção novamente para o corpo, tentando afastar todos os pensamentos de constrangimento a fim de se concentrar na tarefa à sua frente.

Ao cadáver, então. De bruços sobre a lama, com um dos braços erguidos como se tentasse chamar uma carruagem, o morto usava um terno de tweed. Suas botas marrons estavam bem calçadas, e, embora cobertas de lama, obviamente estavam em boas condições. *Não vestia os trajes de um sem-teto*, pensou Abberline. Agachou-se, sem se importar com a lama que encharcava suas roupas, e respirou fundo. Segurou os ombros do homem e grunhiu com o esforço de virá-lo de costas.

Uma onda de comoção veio de cima de onde ele estava, mas Abberline fechara os olhos, desejando adiar o momento de ver o rosto do homem. Agitado, abriu-os novamente e olhou no fundo dos olhos sem vida do cadáver. O homem tinha quase quarenta anos e um bigode grisalho generoso à la Príncipe Albert que parecia bastante bem-cuidado, assim como espessas costeletas. Não parecia rico, mas tampouco era um membro da classe trabalhadora. Era, como Abberline, parte da nova classe média.

De qualquer modo, aquele homem tinha uma vida, e seus parentes, tão logo recebessem a notícia de sua morte, exigiriam uma explicação de como ele fora parar numa trincheira em New Road.

Aquilo era, sem sombra de dúvidas (e Abberline não pôde evitar, mas sentiu um indigno arrepio de empolgação ao pensar nisso), uma investigação.

Desviou seu olhar dos olhos abertos e sem vida do homem para sua camisa e seu paletó. Apesar da lama, via-se uma mancha de sangue com um nítido buraco no meio. Se Abberline não estivesse enganado, aquilo era um furo feito por algum instrumento cortante.

Abberline já tinha, claro, visto vítimas de facadas antes, e sabia que as pessoas que esfaqueavam costumavam usar as facas do mesmo modo como usavam os

punhos: em movimentos repetitivos, rápidos e aleatórios. *Humpf, humpf, humpf.*

Aquela, entretanto, era uma ferida única direto no coração; o que se poderia chamar de uma morte limpa.

A essa altura, Abberline já estava vibrando de empolgação. Mais tarde, sentiria culpa por isso, ao lembrar-se de que, afinal de contas, aquele era um morto, que ele não deveria sentir nada além de pesar por ele e por sua família, que com certeza não deveria sentir nenhuma empolgação. Mas, apesar disso...

Ele começou uma rápida revista no corpo e encontrou imediatamente um revólver. Meu Deus, pensou, esse velho tinha uma arma de fogo e perdeu uma briga com um cara munido apenas de uma faca. Ele tornou a guardar o revólver em um dos bolsos do paletó do morto.

— Vamos ter de içar o corpo daqui — gritou para o alto, mais ou menos na direção de onde estavam os chefes. — Senhor, posso pedir que o cubra e o coloque numa carroça para ser transportado até o necrotério da polícia?

Com isso, ele começou a subir pela escada, enquanto ordens eram dadas e um grupo de homens descia por outras escadas, com graus variados de ansiedade e agitação. Uma vez no alto, Abberline ficou parado limpando as mãos sujas de lama nos fundilhos das calças, enquanto corria os olhos pelos homens ali reunidos, se perguntando se o assassino por acaso não estaria ali, admirando sua obra. Mas só conseguiu ver fileiras e mais fileiras de rostos imundos observando-o com atenção. Havia também alguns homens ainda reunidos na boca da trincheira, observando o corpo ser içado e depois depositado nos fundos de uma carroça. O oleado ondulou-se quando foi sacudido e depois usado para envolver o cadáver, uma mortalha que fazia seu rosto mais uma vez ficar oculto.

A chuva começou a cair com toda a força, mas Abberline tinha voltado a atenção para um homem elegante que abria caminho, na direção deles, pela trilha de tábuas que atravessava a extensão de lama. Não muito longe, seguia-o um lacaio carregando um grande diário com encadernação de couro cujas correias dançavam e oscilavam, enquanto o lacaio tentava sem sucesso acompanhar o passo de seu patrão.

— Sr. Fowler! Sr. Pearson! — bradou o homem, gesticulando com a bengala e chamando instantaneamente a atenção deles. Toda a obra se aquietou, mas de

uma maneira diferente. Ouviu-se o arrastar de vários pés no chão. Os homens passaram a examinar suas botas com toda a atenção.

Ah, é?, pensou Abberline. *O que temos aqui, hein?*

Como Fowler e Pearson, o recém-chegado trajava um terno fino, porém o fazia com mais estilo — de uma maneira que sugeria estar acostumado a atrair os olhares das damas que cruzavam seu caminho. Não tinha barriga saliente, e seus ombros eram retos, e não curvados de estresse e preocupação como os dos seus dois colegas. Abberline percebeu, quando ele tirou a cartola para cumprimentá-los, que sua cabeça tinha cabelos que iam quase até os ombros. Mas, muito embora seu cumprimento fosse amável, seu sorriso, algo mecânico que aparecia com a mesma rapidez com que desaparecia do seu rosto, jamais estendia-se até os olhos. As damas que se impressionavam com sua elegância e bons modos deviam pensar duas vezes quando encaravam fundo aqueles olhos frios e penetrantes.

Quando o homem e seu lacaio aproximaram-se deles, Abberline olhou primeiro para Pearson e Fowler, percebendo certo desconforto no olhar de ambos e a hesitação de Charles Pearson ao apresentar o sujeito.

— Este é nosso sócio, Sr. Cavanagh, um dos diretores da Metropolitan. Ele supervisiona o dia a dia das obras de escavação.

Abberline tocou a própria testa, pensando consigo mesmo: *Qual é sua história, então?*

— Ouvi dizer que descobriram um corpo aqui — declarou Cavanagh. Ele tinha uma grande cicatriz na face direita, como se alguém tivesse usado uma faca para delinear seu olho.

— Realmente, senhor, é verdade — respondeu Pearson com um suspiro.

— Vamos vê-lo, então — exigiu Cavanagh, e prontamente Abberline puxou o tecido. Cavanagh sacudiu a cabeça, sem reconhecer quem era. — Não é ninguém que eu conheça, ainda bem, e, pela aparência, tampouco é um dos nossos. Um beberrão. Um bêbado como aquele coitado que nos observa dali, com certeza. — Acenou para o outro lado da cerca, onde um homem acabado os obsevava, cantarolando alguma coisa, ocasionalmente, e balançando uma garrafa suja e cheia de um líquido não identificado.

Cavanagh virou as costas para a carroça. — Marchant! Mande os homens voltarem ao serviço! Já perdemos tempo demais.

— Não — retrucou uma voz solitária, que vinha da Sra. Pearson. Ela deu um passo à frente do marido. — Um homem faleceu aqui, e como sinal de respeito, devemos suspender o trabalho de escavações desta manhã.

Cavanagh ligou seu sorriso automático. Com cavalheirismo fingido, retirou a cartola da cabeça e fez uma reverência exagerada.

— Sra. Pearson, mil perdões, que deselegância da minha parte esquecer-me da presença de sensibilidades mais aguçadas aqui. Contudo, como seu próprio marido pode confirmar, somos palco frequente de desventuras, e receio que a simples presença de um cadáver não seja o bastante para impedir o prosseguimento da obra do túnel.

A Sra. Pearson virou-se para o marido.

— Charles.

E, em resposta, o marido abaixou os olhos. Suas mãos enluvadas mexeram-se nervosamente sobre a bengala.

— O Sr. Cavanagh tem razão, querida. O pobre coitado já foi removido daqui, e o trabalho precisa prosseguir.

Ela encarou o esposo, julgando-o, e ele evitou o olhar da mulher, que segurou as saias e partiu.

Abberline observou-a se afastar, percebendo o olhar de triunfo dissimulado nos olhos de Cavanagh enquanto este convocava Marchant e os operários. Havia tristeza no rosto de Charles Pearson, um homem dividido em dois, quando ele se virou e seguiu os passos da esposa.

Por sua vez, Abberline tinha um cadáver para transportar até Belle Isle. Sentiu um arrepio ao pensar nisso. Poucos lugares nesse mundo de Deus eram piores do que o cortiço de Belle Isle.

Entre os homens que estavam naquele exato momento sendo convocados, incitados, intimidados e ameaçados pelo mestre de obras, Marchant, a voltar ao trabalho, estava um jovem operário indiano que, embora figurasse na folha de ponto Bharat (como se apresentaria também a qualquer um dos seus colegas de

trabalho caso tivessem a coragem de lhe perguntar), chamava a si mesmo de outra maneira.

Ele chamava a si mesmo de O Fantasma.

Por fora, O Fantasma não atraia a menor atenção. Usava roupas parecidas com a dos outros operários: camisa, cachecol, boné de ferroviário, colete e casaco de trabalho — mas, ao contrário dos companheiros, dispensava as botas e trabalhava descalço. Era um trabalhador competente e cuidadoso, nem melhor nem pior que os outros, e seria bastante simpático caso você o chamasse para uma conversa — não era exatamente do tipo falante, e com certeza, não do tipo que iniciava um bate-papo, mas, enfim, tampouco era do tipo avesso a conversas.

O Fantasma, entretanto, estava sempre observando. Sempre observando. Vira o corpo e, por sorte, estava perto o suficiente para olhar bem para ele antes que a trincheira fosse evacuada. Também notara o bêbado perto da cerca e, com a confusão que se seguiu, conseguiu cruzar olhares com ele e, então, como se reagindo a uma coceira, esfregou o próprio peito, um gesto minúsculo e insignificante, praticamente invisível para qualquer outra pessoa.

Depois, observara a chegada de Abberline. Observara Cavanagh chegar espalhafatoso na obra, e em seguida observara, com muita atenção, quando o tecido foi afastado e Cavanagh olhou para o rosto do morto e escondeu que o conhecia.

Ah, ele tinha talento. Isso O Fantasma precisava admitir. O talento de Cavanagh para a dissimulação chegava quase a se equiparar ao seu próprio, porém seus olhos haviam brilhado por um átimo de segundo, quando ele olhou para o rosto. Conhecia aquele homem.

Agora O Fantasma observava Abberline se afastar na carroça, sem dúvida a caminho de Belle Isle.

E notou que, tão logo Abberline partiu, o bêbado também havia ido.

6

Fazia alguns meses desde a morte do Príncipe Albert, e, embora o apreço que tinha por pelos faciais tivesse continuado vivo entre seus súditos, seu gosto pela decência e boas maneiras não teve a mesma sorte. Parecia até que o contrário havia acontecido; uma mortalha cobria Londres, sombria e maligna. Alguns jogavam a culpa na ausência da rainha, que ainda lamentava a morte de Albert e se retirara para as Terras Altas em luto. Outros diziam que a culpa era da superpopulação, do fedor terrível, da miséria e do crime; entre eles, alguns loucos que acreditavam que a melhor maneira de solucionar o problema era construindo uma linha de trem subterrânea. Outros, ainda, diziam que, na verdade, a culpa não era da superpopulação, e sim da construção da linha de trem subterrânea, que atirara a cidade em uma desordem sem tamanho. Este último grupo observava que o trem subterrâneo havia até piorado o problema da superpopulação, ao tirar milhares de moradores de suas casas no Fleet Valley, o maior cortiço da cidade, e jogá-los no olho da rua. Bem, isso lá era verdade.

Ah, mas ao menos nos livramos do maior cortiço de Londres, dizia o primeiro grupo.

Na verdade, não, desdenhava o segundo grupo. Só colocamos outro cortiço na posição número um.

Tenham paciência, implorava o primeiro grupo.

Não, retrucava o segundo, não teremos.

Sentado na carroça, segurando as rédeas frouxamente em uma das mãos, Abberline pensava naquilo sem parar — em como os poderosos, em clubes

reservados e comitês, tomavam decisões que afetavam a todos. E com que finalidade? Para o bem geral? Ou para seu benefício próprio? Um verso de um poema de Lord Tennyson sobre a Carga da Brigada Ligeira lhe veio à cabeça.

A eles não é dado pensar no porquê; para eles, a questão é só fazer ou morrer.

A carroça seguia ruidosamente pelos trilhos até o local onde os edifícios altos com torres pontiagudas de Belle Isle surgiam ao longe, como uma mancha de poluição no horizonte. Ele já conseguia sentir dali o fedor horrível dos locais onde se abatiam cavalos, ferviam ossos, derretiam gordura, fabricavam produtos químicos, fogos de artifício e palitos de fósforo.

À sua esquerda alguém iludido fizera uma corajosa tentativa de cultivar uma pequena horta, que acabou sendo tomada pelas ervas daninhas, subindo pelas cercas de ferro que brotavam do chão. Crianças sujas e quase sem roupa corriam pelo campo aberto para todos os lados, atirando latas velhas umas nas outras e disparando pela rua em frente aos casebres. Dentro de cada uma das casas havia quartos e casas de banho, e, à noite, seus donos e inquilinos se amontoavam ali dentro, exatamente como antes faziam no cortiço de Rookerg.

A carroça passou pelo abatedouro de cavalos. Sob o arco aguardavam cavalos vivos, cujo olfato e instinto quase que com certeza já os haviam advertido do destino que os esperava. Na fábrica, eles seriam abatidos, e sua carne, fervida em tonéis de cobre para fabricar ração para gatos.

Lá fora, nos pátios, homens sem camisa quebravam ossos com marretas, observados pelas onipresentes crianças imundas vestidas com farrapos amarelados pelo enxofre que empesteava o ar.

Abberline avistou um grupo de crianças que obviamente tinham se cansado de ficar olhando homens quebrando ossos com marretas — afinal de contas, essa era uma atividade muito chata — e que começaram uma partida de críquete. Sem os equipamentos do jogo, elas improvisaram: um pedaço da armação de uma cama velha fazia as vezes de um taco, enquanto a bola era... Abberline estremeceu. Meu Deus. A bola era a cabeça decapitada de um gatinho.

Ele estava prestes a gritar com as crianças, a pedir que tivessem um pouco de pena e usassem outra coisa como bola, quando percebeu a presença de uma delas, que havia rumado para a frente da carroça e agora o obrigava a frear.

— Eia! — gritou, acenando, irado, para o jovem rufião. — Polícia. Saia logo da minha frente.

Porém, o maldito maltrapilho não arredou pé.

— Para onde está indo, senhor? — perguntou, segurando a cabeça do cavalo com as duas mãos e afagando-a.

Ver aquilo abrandou um pouco o coração de Abberline, que esqueceu sua irritação enquanto o garoto corria a ponta dos dedos pelas orelhas do animal, desfrutando daquele raro momento de intimidade — menino e cavalo.

— Para onde está indo, senhor? — repetiu o garoto, desviando os olhos do cavalo e voltando seu olhar de pivete para Abberline. — Não tá levando esse aqui pra matança, espero que não, diga que não.

Com o canto do olho, Abberline percebeu um movimento e se virou. Viu três outros jovens malandros passarem por baixo da cerca e irem até a estrada, atrás dele. Podem vir, pensou. Não tem nada de valor aí. A menos que você considere um cadáver gordo e um tecido coisas de valor.

— Não, não se preocupe, filho. Estou indo para o necrotério carregando um morto.

— Um morto, é? — comentou uma voz vinda por trás, um dos recém-chegados.

Àquela altura, mais duas crianças haviam chegado. Um grupinho já tinha se formado ao redor da carroça.

— Ei, vocês, saiam daí — advertiu Abberline. — Não tem nada que interesse aí atrás.

— A gente pode dar uma olhada nele, senhor?

— Não, não podem, ora essa! — gritou ele por cima do ombro. — Agora caiam fora, antes que eu seja obrigado a mostrar com o cassetete que paciência tem limite.

O primeiro garoto ainda continuava afagando o cavalo e levantou o rosto para falar novamente com Abberline.

— Por que envolveram a polícia, senhor? Esse aí teve uma morte complicada, é?

— Pode-se dizer que sim — retrucou Abberline, agora impaciente. — Agora saia da frente, filho, e me deixe passar.

A carroça balançou de repente. Ele quase se virou para repreender os garotos que obviamente estavam tentando espiar por baixo do tecido, aqueles diabinhos. Então, a carroça tornou a balançar, e dessa vez Abberline, irritado e desejoso de dar o fora de Belle Isle o quanto antes, agitou as rédeas com autoridade.

— Caiam fora! — ordenou. Se o garoto continuasse no meio do caminho, bem, problema dele.

Incitou o cavalo para a frente, e o menino foi obrigado a dar um passo para o lado. Ao passar, Abberline olhou para baixo e viu o jovem diabrete sorrindo misteriosamente para ele.

— Boa sorte com seu morto, senhor — disse ele, tocando o cacho de cabelo sobre sua testa com os nós dos dedos de um jeito zombeteiro do qual Abberline não deu importância: simplesmente grunhiu e tornou a agitar as rédeas, olhando para a frente. Passou pelo restante das casas e seguiu direto até os portões do necrotério, onde pigarreou alto para acordar um funcionário que cochilava, sentado numa cadeira de madeira. Este inclinou o chapéu para baixo num cumprimento e deixou que ele entrasse.

— Que tem aí? — perguntou outro funcionário do necrotério, que acabara de sair por uma porta lateral.

Abberline tinha descido da carroça, desengonçado. Na entrada, o dorminhoco fechara os portões — às suas costas, o cortiço de Belle Isle parecia mais a marca fuliginosa de um polegar numa vidraça.

— Um corpo que preciso deixar no gelo para o delegado inspecionar — respondeu Abberline, segurando as rédeas, enquanto o funcionário seguia até os fundos da carroça, levantava o tecido, espiava por baixo e, em seguida, tornava a abaixá-lo.

— Vá para os abatedouros — disse ele, apenas.

— O quê? — exclamou Abberline, confuso.

O funcionário suspirou e limpou as mãos no avental.

— A menos que essa seja sua ideia de uma piadinha sem graça, o lugar do senhor é nos matadouros, como eu já disse.

Abberline ficou branco, já lembrando do seu encontro com as crianças do cortiço, do jeito como a carroça tinha balançado; lembrando de como tinham

desviado sua atenção habilmente, era provável, com a ajuda do garoto que afagara seu cavalo.

Dito e feito: ao ir até os fundos da carroça e afastar o tecido, o cadáver encontrado na trincheira havia desaparecido, e o que ele viu em seu lugar era o corpo de um pônei morto.

7

Toda noite, O Fantasma fazia o mesmo trajeto até sua casa, atravessando New Road e passando pela Igreja Marylebone. No adro, entre os agrupamentos descuidados e decrépitos de lápides, havia uma específica que ele sempre olhava ao passar.

Se ela estivesse de pé, como era o caso da maioria das noites, significava que não havia nenhuma mensagem. Se estivesse inclinada para a direita, significava perigo. Somente isso: "perigo". Cabia ao Fantasma descobrir que tipo de perigo.

Porém, se estivesse inclinada para a esquerda, significava que seu chefe queria vê-lo, na mesma hora e local.

Então, depois de fazer essa checagem, O Fantasma começou sua caminhada de 8 quilômetros até Wapping e seu abrigo no Túnel do Tâmisa.

Esse túnel já tinha sido considerado certa vez uma das grandes maravilhas do mundo, e mesmo no nível da superfície tinha uma aparência imponente em meio às construções que o circundavam: um edifício de mármore octogonal, com torres pontiagudas, fazia as vezes de hall de entrada. Depois de atravessar portas que jamais eram cerradas, O Fantasma cruzava o piso de mosaico e chegava em um edifício lateral, a casa de vigia. Durante o dia, os transeuntes precisavam pagar para ter acesso às escadas que levavam às profundezas do túnel, mas à noite a coisa era diferente. Uma catraca de latão barrava a passagem, mas O Fantasma simplesmente a saltou, como todo mundo.

Gelo havia se formado gelo nos degraus que se espiralavam ao redor da parte interna do túnel, e, portanto, ele foi obrigado a pisar com mais cuidado ainda ao

descer até a primeira plataforma e depois até a seguinte, finalmente chegando ao fundo, uma rotunda situada a 80 metros de profundidade. Antigamente ela era vasta e opulenta, mas agora era vasta, e só. Suas paredes estavam sujas, as estátuas, malcuidadas. Os anos tinham seu peso.

Mesmo assim, ainda oferecia uma visão e tanto. Havia alcovas inseridas nas paredes de estuque imundas. Dentro dos recantos, enrolados embaixo de sacos de estopa, dormiam os habitantes da rotunda: os necromantes, cartomantes, adivinhos e malabaristas que, durante o dia, ofereciam seus serviços aos visitantes do túnel, o famoso Túnel do Tâmisa.

Primeiro de sua espécie a ser construído no mundo, o Túnel do Tâmisa estendia-se dali, de Wapping, até Rothermine, sob o rio. Levara quinze anos para ser construído, quase aniquilando seu construtor, o Sr. Marc Brunel e por pouco não tomando a vida de seu filho Isambard, que quase se afogara em uma das enchentes que assolou a construção. Os dois tinham esperança de ver o túnel sendo usado por carroças puxadas a cavalo, mas os custos os venceram, e em vez disso o túnel virou atração turística. Os visitantes pagavam um centavo para caminhar pelos seus 400 metros de extensão, e toda uma indústria subterrânea se criara para servi-los.

Do hall de entrada O Fantasma foi até a boca negra do túnel, com seus dois arcos apontando para o homem como os tambores de uma pistola. O túnel era largo, com teto alto, mas graças à alvenaria que o recobria, cada passada ecoava, e a mudança súbita de ambiente tornava a escuridão quase palpável. De dia, centenas de lampiões a gás baniam o escuro, mas à noite a única iluminação que existia vinha das velas tremeluzentes de quem fazia do túnel seu lar: comerciantes, místicos, dançarinos, amestradores, cantores, palhaços e ambulantes. Dizia-se que dois milhões de pessoas por ano visitavam o túnel, desde sua inauguração, há cerca de dezenove anos. Quando se conseguia um canto ali, não se arredava pé, com medo de que algum malandro esperto o roubasse se você se ausentasse.

Ao passar, O Fantasma olhava para os corpos dos ambulantes e artistas deitados, e seus passos ecoavam no piso de pedra. Ele espiou para o interior das alcovas e correu a luz de sua lanterna sobre os corpos dos que dormiam sob as arcadas da divisória que atravessava o túnel.

Uma hierarquia rígida imperava por ali. Os ambulantes ficavam logo na entrada. Mais adiante, era o lugar dos mendigos, dos sem-teto, dos vagabundos, e bem mais à frente ficavam os ladrões, criminosos e fugitivos.

Quando amanhecia, os ambulantes, que tinham grande interesse em ver o túnel livre de vagabundos e o mais higienizado possível, iam ajudar os policiais a fazer a limpeza. Os malandros e fugitivos saíam logo de madrugada, ainda no escuro. O restante, os mendigos, pedintes e prostitutas, saíam atordoados com a luz carregando seus pertences, prontos para mais um dia em que iriam sobreviver com nada.

A luz da lanterna do Fantasma dançou sobre um vulto adormecido na escuridão de uma das alcovas. A alcova seguinte estava vazia. Ele balançou a tocha para iluminar os arcos da divisória do túnel, e viu que também estavam vagos. Sentiu a rara luz diminuir atrás dele e o brilho de sua lanterna enfraquecer de repente, dançando de um jeito misterioso nos tijolos.

Da escuridão ouviu-se um ruído agudo, e ele levantou a lanterna. Viu um vulto agachado num canto à sua frente.

— Olá, Sr. Bharat — cumprimentou o garoto, num sussurro.

O Fantasma aproximou-se dele e enfiou a mão no casaco para pegar um pedaço grosso de pão que havia guardado ali.

— Olá, Charlie — respondeu, entregando o pão. O garoto estremeceu levemente de tão acostumado que estava aos tapas e socos dos adultos, depois pegou o pão e olhou para O Fantasma com gratidão enquanto dava uma mordida, cauteloso, a princípio.

Os dois faziam aquilo todas as noites. O mesmo estremecimento. A mesma cautela. E todas as noites O Fantasma, que nada sabia sobre o passado do garoto, a não ser que era cheio de maus-tratos e violência, sorria para ele e dizia: “Até amanhã à noite, Charlie, se cuide.”

E deixava o menino sozinho em sua alcova, afastando-se com o coração partido para o interior do túnel.

Mas ele parou. Em outra alcova havia um homem deitado com a perna quebrada graças a uma queda nos degraus congelados da rotunda. O Fantasma havia colocado uma tala na perna dele e agora segurava a respiração para não

sentir o fedor de mijo e bosta enquanto conferia se a tala continuava onde deveria e se a perna estava melhorando.

— Você é um bom rapaz, Bharat — grunhiu seu paciente.

— Você comeu? — perguntou O Fantasma, cuidando da perna. Apesar de não ser um homem frágil, Jake já era bastante velho.

— Maggie me trouxe pão e umas frutas.

— O que seria de nós, se não fosse a Maggie? — perguntou-se O Fantasma em voz alta.

— Morreríamos, filho. É isso o que iria acontecer.

O Fantasma aprumou o corpo e fingiu olhar para trás, a fim de respirar um pouco de ar menos contaminado — o que era relativo, claro.

— A perna está bem, Jake — disse ele. — Mais uns dois dias e você pode se arriscar a tomar um banho.

Jake deu uma risadinha.

— Tá mal assim, é?

— Está, Jake — respondeu O Fantasma, dando um tapinha no seu ombro. — Receio que esteja sim.

O Fantasma se foi, adentrando o túnel ainda mais, até chegar à última alcova utilizada para dormir. Era ali que ele e Maggie ficavam. Maggie, que aos 62 anos tinha idade o suficiente para ser sua avó, mas um cuidava do outro. O Fantasma trazia comida e dinheiro, e todas as noites ele ensinava Maggie a ler à luz de velas.

Maggie, por sua vez, era a mãe do túnel, e fazia as vezes de porta-voz desbocada do Fantasma quando ele precisava de uma. Era uma pessoa intimidadora e temível. Não era do tipo com quem alguém queria arrumar confusão.

Além daquele ponto no túnel, poucos se atreviam a ir. Mais além havia a escuridão, e não era nenhuma coincidência que O Fantasma tenha feito justamente daquele lugar o seu lar. Ficava ali como uma espécie de guarda da fronteira, protegendo os que dormiam no túnel dos malfeitores, canalhas e fugitivos que buscavam abrigo nas regiões mais sombrias.

Antes de sua chegada, os fora da lei dominavam os moradores do túnel. Tinha levado um tempo, houve derramamento de sangue, mas O Fantasma

conseguira por um fim naquilo.

8

Na noite em que O Fantasma conheceu Maggie, estava voltando pelo caminho costumeiro para casa — se é que se podia chamar de "casa" seu abrigo no túnel.

De vez em quando, deixava sua mente vagar até sua verdadeira casa, em Amritsar, na Índia, onde fora criado.

Lembrava-se de passar a infância e a adolescência vagando pelo terreno da casa de seus pais e também nas "katras", as diferentes regiões da cidade. A memória pode pregar peças, tornar as coisas melhores ou piores do que realmente foram, e O Fantasma sabia muito bem disso. Sabia que corria o risco de estar idealizando sua infância. Afinal, como seria fácil esquecer que Amritsar, ao contrário de Londres, não tinha ainda sistema de esgoto, e raramente exalava o odor de jasmim e ervas do qual ele tinha uma lembrança tão vívida. Ele poderia se esquecer que aquelas ruas muradas que pareciam tão altas em sua memória abrigavam pessoas tão intragáveis quanto em qualquer outra parte da Índia. Era provável que o sol não banhasse de fato a cidade inteira com uma luz dourada durante todo o dia e a noite, aquecendo as pedras, fazendo as fontes cintilarem, pintando sorrisos nos rostos dos que faziam daquela cidade o seu lar.

Era provável que não. Mas era assim que ele se lembrava, e, se fosse sincero, era assim que preferia se lembrar. Aquelas memórias o reconfortavam naquele túnel, à noite.

Seu nome verdadeiro era Jayadeep Mir. Como todo garoto, idolatrava o pai, Arbaaz Mir. Sua mãe costumava dizer que seu pai cheirava ao deserto, e também era assim que O Fantasma se lembrava dele. Desde uma tenra idade, Arbaaz

contava a Jayadeep que a grandeza o aguardava, que um dia ele seria um Assassino venerado, e fazia esse futuro parecer tão emocionante quanto inevitável. Nos recantos confortáveis da casa adorável de seus pais, Jayadeep crescera com grandes certezas.

Arbaaz gostava de contar histórias tanto quanto Jayadeep gostava de ouvi-las, e a melhor de todas era a que contava como Arbaaz conhecera sua esposa, Pyara. Arbaaz e seu servo mudo, Raza Soora, estavam tentando encontrar o diamante Koh-i-Noor, o Montanha de Luz. Foi durante as tentativas de retirar o diamante do Palácio Imperial que Arbaaz se envolveu com Pyara Kaur, a neta de Ranjit Singh, fundador do império dos Sikh.

O diamante Koh-i-Noor era o que eles chamavam de Pedaço do Éden, um dos artefatos espalhados pelo mundo que constituíam os únicos remanescentes de uma civilização anterior à nossa.

Jayadeep sabia do poder de tais artefatos, porque seus pais o tinham visto com os seus próprios olhos. Arbaaz, Pyara e Raza estavam presentes na noite em que o diamante fora ativado. Tinham visto seu brilho celestial, e, ao contar sobre o que presenciaram e o efeito que aquilo exerceu sobre eles, seus pais o faziam com grande carinho. O que eles viram os tornara ainda mais devotos e fervorosos na crença de que tamanho poder jamais deveria ser entregue aos inimigos, os Templários. Eles instilaram essa noção no garoto.

Naquela época, crescendo em uma Amritsar tingida de dourado pelo sol e sendo criado por um pai que para ele era como um deus, Jayadeep jamais poderia imaginar que um dia viria a se chamar O Fantasma e moraria num túnel congelante e escuro, sozinho no mundo, venerado por ninguém.

O treinamento começou quando ele tinha uns 4 ou 5 anos, e, embora lhe exigisse bastante fisicamente, jamais pareceu um esforço para o garoto, que não reclamava ou fazia corpo mole — e havia um motivo muito simples para isso: ele era bom.

Não. Mais do que isso. Ele era ótimo. Tinha um talento natural que se revelou praticamente desde a primeira vez em que treinou com uma espada de madeira, uma *kukri*. Jayadeep tinha um dom tal para o combate que raras vezes era visto na irmandade indiana. Ele era extraordinariamente, quase sobrenaturalmente, veloz no ataque, e reagia com velocidade na defesa; tinha

tremendos poderes de observação e antecipação. Era tão bom, na verdade, que seu pai Arbaaz se sentiu na obrigação de convocar outro tutor para ele.

E assim Ethan Frye adentrou a vida do garoto.

Conhecer Ethan Frye, aquele homem de aparência cansada e melancólica, cujos trajes ocidentais pareciam pesar em seus ombros ainda mais que os que seu pai usava, era uma das lembranças mais antigas do Fantasma.

Não mais do que uma criancinha, Jayadeep não tinha nem a disposição nem a iniciativa necessárias para perguntar quem era Ethan Frye. Até onde lhe dizia respeito, o Assassino mais velho poderia muito bem ter despencado dos céus. Como um daqueles anjos renegados, só para entristecer sua existência que antes disso era doce e terna.

— É esse o garoto, então? — perguntara Ethan.

Eles estavam sentados no pátio sombreado, ouvindo, junto com o canto dos pássaros e o borbulhar suave de uma fonte, o barulho da rua, filtrado pelo muro.

— É esse o garoto, isso mesmo — respondeu Arbaaz, orgulhoso. — Este é Jayadeep.

— Um grande guerreiro, segundo suas palavras.

— Um grande guerreiro em potencial, ou pelo menos é essa a minha opinião. Eu andei treinando-o pessoalmente e fiquei impressionado, Ethan, *impressionado* com sua aptidão natural. — Arbaaz se levantou e se pôs a caminhar. Na casa atrás dele, Jayadeep avistou sua mãe e, pela primeira vez, talvez devido à presença daquele estranho mal-humorado, tomou consciência da beleza e da graça de seus pais. Ele os via como pessoas, e não apenas como família.

Sem tirar os olhos do menino, Ethan Frye cruzou as mãos sobre a barriga e falou por cima do ombro para Arbaaz:

— Com habilidades sobrenaturais?

— Isso mesmo, Ethan.

Ainda olhando Jayadeep:

— Sobrenaturais, hein?

— Está sempre pensando dois ou três golpes à frente — retrucou Arbaaz.

— Como todo mundo deveria fazer.

— Aos 6 anos de idade?

Ethan voltou a olhar para Jayadeep.

— É precoce, confesso, mas...

— Eu sei o que você vai dizer. Que até agora ele só lutou comigo, e que pai e filho naturalmente compartilham um vínculo e que, talvez, apenas talvez, eu esteja dando deixas que possam fornecer a ele uma vantagem. Certo?

— Bem, isso passou pela minha cabeça.

— Bem, é por isso que chamei você. Eu gostaria que você cuidasse do treinamento de Jayadeep.

Intrigado com o menino, Ethan Frye concordou em atender o pedido de Arbaaz e, daquele dia em diante, passou a morar na casa e a treinar o garoto nas artes da espada.

O menino, sem saber ao certo que incitava Ethan, de início ficou confuso com as maneiras ríspidas e o tom severo daquele novo tutor. Jayadeep não era do tipo que reagia bem a atitudes disciplinadoras, e foram necessários alguns meses até que os dois estabelecessem uma relação mestre-discípulo que não se caracterizasse por comentários amargos (da parte de Ethan), palavras duras (da parte de Ethan) e lágrimas (da parte de Jayadeep).

Durante algum tempo, na verdade, Jayadeep achou que Ethan Frye não gostava dele, o que, em sua opinião, era uma espécie de choque cultural. O garoto era bonito e carismático. Não sabia quase nada do mundo dos adultos e não tinha consciência, no geral, de noções como charme e persuasão. Essas coisas eram naturais para ele, que era capaz de fazer a família e os habitantes da casa realizarem o que quisesse aparentemente sem esforço. Era o tipo de menino que os adultos adoram mimar. Nunca os cabelos de um garoto foram tão afagados pelos homens quanto os dele, e seu rosto não ficava nem meia hora sem receber um beijo de alguma das mulheres da casa, que o elogiavam pelo sorriso e, ao fazê-lo, sempre inalavam seu cheirinho de criança, sentindo com alegria a maciez de sua pele.

Era como se Jayadeep fosse uma droga que viciasse todos que o conhecessem.

Todos, claro, menos Ethan, que estava sempre com uma expressão pensativa e preocupada. Era verdade que de vez em quando uma luz o iluminava, Jayadeep vislumbrava algo do “antigo” ou, quem sabe, “verdadeiro” Ethan, como se houvesse uma versão dele lutando para espiar por baixo de toda aquela tristeza.

Porém, em todos os outros momentos, era como se aquilo em Jayadeep que deixava os adultos embasbacados simplesmente não exercesse nenhum efeito sobre o seu tutor.

Essas eram as frágeis fundações nas quais as aulas se baseavam: Ethan, rabugento; Jayadeep, confuso com esse novo tipo de adulto que tinha conhecido — que não o enchia de elogios e afeto.

Bem... obviamente Ethan acabou sendo obrigado a elogiar, contra sua vontade, as habilidades de Jayadeep no combate. E como poderia não elogiar? Jayadeep era excelente em todos os aspectos necessários ao treinamento dos Assassinos, e foi isso, mais do que qualquer outra coisa, o que no final abriu espaço para a amizade entre os dois — porque, se existe algo que um Assassino habilidoso admira e aprecia, e chega até a gostar, é um aprendiz promissor. E isso, com toda a certeza, Jayadeep era.

Dessa maneira, os anos foram se passando. Mestre e discípulo combatiam sob a sombra das árvores do pátio, discutiam teoria ao lado das fontes e colocavam os ensinamentos em prática mais tarde nas ruas da cidade, e, com o tempo, foi como se Ethan começasse a amolecer em relação ao seu jovem aprendiz — quando disse que faria com que o garoto passasse a lutar com armas de aço em vez de armas de madeira, o fez com um inconfundível tom de orgulho.

De sua parte, Jayadeep começou a aprender um pouco mais sobre seu mestre pensativo. O bastante para perceber que "rabugento" era o adjetivo errado para ele, e que "perturbado" seria mais adequado. Mesmo naquela idade, ele já era incrivelmente perspicaz.

Até que chegou um dia em que ouviu uma conversa entre as mulheres na cozinha. Ele e Ethan estavam praticando um exercício de investigação secreta dentro da casa, e Ethan ordenara que ele lhe trouxesse informações por meio de espionagem.

Quando, anos depois, O Fantasma se lembrou desse episódio, deu-se conta de que mandar uma criança obter informações por meio de espionagem era um plano possivelmente fadado a fracassos, e que era muito provável que a criança acabasse ouvindo algo inadequado para a sua idade.

No fim, foi exatamente isso o que acabou acontecendo.

Como ele viria a descobrir mais tarde, Ethan, apesar da aparência, era dado a tomar decisões estranhas e impulsivas e também tinha o que se poderia chamar de certo humor negro. Em retrospecto, Jayadeep percebeu que provavelmente a primeira vez em que viu aqueles traços se manifestarem em seu tutor foi quando recebeu aquelas instruções de Ethan para o exercício.

Jayadeep lançou-se ao exercício e, duas horas mais tarde, foi encontrar-se com Ethan na beira da fonte. Sentou-se numa pedra ao lado de seu mestre, que estava reflexivo como sempre. Ele optou por não perceber a chegada do discípulo, como era seu costume. Como tudo o mais em Ethan, isso também foi algo com que Jayadeep se acostumou com o tempo, num processo em que passava de ofendido para confuso e, finalmente, para a aceitação de que aquela falta de afeto era, à sua própria maneira, a medida da familiaridade compartilhada por ambos — dois homens com idades e culturas tão diferentes, sendo que um deles era um matador experiente, e o outro, alguém treinando para se tornar um.

— Me diga, meu caro rapaz. O que você descobriu? — perguntou Ethan.

Chamar Jayadeep de “meu caro rapaz” era algo recente — e algo que por acaso agradava Jayadeep.

— Aprendi algo sobre o senhor, mestre.

Talvez nesse momento Ethan tenha se arrependido de enviar seu jovem discípulo naquela missão. É difícil imaginar o que ele planejara obter com isso, mas quem poderia supor como a cabeça de Frye funcionava? Jayadeep não conseguia, mas, sendo um pupilo ansioso por agradar e também alguém que fora bem treinado nas artes da observação, ele naturalmente sempre analisava o mentor de perto, em busca de algum sinal de tê-lo ofendido ou de ter ido longe demais.

— O que você ouviu foi um disse me disse, filho?

— Disse me disse, mestre?

— Disse me disse quer dizer fofoca. E, como sempre lhe digo, a fofoca pode ser uma ferramenta bastante poderosa. Você fez bem em deduzir o que pôde daquilo que ouviu.

— O senhor não está bravo?

Um certo ar de placidez atravessou o semblante de Ethan. Como se algum turbilhão interno tivesse sido acalmado.

— Não, Jayadeep — respondeu. — Não estou bravo com você. Por favor, me diga o que você ouviu.

— O senhor pode não gostar.

— Não duvido, mas diga mesmo assim.

— As mulheres disseram que o senhor teve uma esposa na Inglaterra, mas que ela morreu dando à luz seus dois filhos.

Era como se o pátio tivesse se congelado enquanto o garoto aguardava a reação do mestre.

— Isso é verdade, Jayadeep — disse Ethan, depois de algum tempo, expirando o ar sem soltar nenhum suspiro. — E quando eu tentei cuidar dos meus dois filhos, Evie e Jacob, descobri que não podia. Fui convidado a voltar à Índia, e suponho que se possa dizer que fugi, Jayadeep. Fugi de minha casa em Crawley e de meus filhos para vir aqui morrer de calor com você.

Jayadeep pensou em seus próprios pais. Pensou no amor e no afeto que eles lhe davam, e seu coração se compadeceu daquelas duas crianças. Ele não tinha dúvidas de que alguém cuidava delas, mas, mesmo assim, não tinham o amor de um pai.

— Mas isso não vai durar muito tempo — afirmou Ethan, como se lesse a mente de Jayadeep. Ele se levantou. — Vou retornar à Inglaterra, a Crawley, a Jacob e Evie. Vou garantir que você passe a lutar com armas de aço; vou ficar satisfeito ao vê-lo pronto para o combate e, então, vou voltar à minha casa. E lá, Jayadeep, farei o que acho que eu deveria ter feito desde o início. Serei um pai para meus dois filhos.

As palavras de Ethan pareciam ter um significado que Jayadeep, apesar de sua intuição, não conseguiu captar. À sua própria maneira, Ethan estava confessando a Jayadeep que sua amizade com o garoto despertara nele um instinto paternal que não existia desde a morte de sua esposa. À sua própria maneira, Ethan estava agradecendo ao garoto.

Entretanto, Jayadeep ouviu a palavra "combate".

E algum tempo depois disso — na verdade, depois que Jayadeep efetuou a transição da madeira para o aço —, Ethan descobriu que o garoto tinha um

ponto fraco. Um ponto fraco muito grave.

9

Na noite em que conheceu Maggie, então, O Fantasma estava voltando para seu leito no túnel quando passou pelo cemitério da igreja de Marylebone, como sempre fazia, e olhou-o para conferir o ângulo da lápide, mas sua atenção foi desviada para eventos que aconteciam no cemitério.

Estava escuro — isso foi há quase um ano, numa época em que os dias eram curtos, como agora —, e além disso, estava frio; era o tipo de noite em que ninguém fica por aí em cemitérios escuros, a menos que tenha um motivo muito bom para isso.

E ninguém tinha motivo nenhum para estar em um cemitério escuro numa noite como aquela. Pelo menos não um motivo que não fosse ilícito.

E o que O Fantasma ouviu era algo realmente ilícito.

Ele parou na trilha próxima ao muro baixo da igreja. Ficou escutando. E decidiu que, numa escala em que num dos extremos fica algo não muito ilícito (talvez alguém fornicando, um negócio consensual realizado entre uma prostituta e seu cliente), o que ele estava ouvindo era algo no extremo oposto. E o que ele escutou foi o som produzido por diversos homens (O Fantasma soube imediatamente que eram cinco), alguns deles rindo e incitando os demais, bem como o som de violência, de botas sendo usadas de uma maneira que o sapateiro inocente que as fabricou jamais havia intencionado, e, acima de tudo isso, os sons produzidos por uma mulher (O Fantasma soube imediatamente que se tratava de apenas uma mulher) em agonia. Em tremenda agonia.

É claro que devia haver outras pessoas passando por ali, que provavelmente ouviram a confusão no cemitério, o ruído inconfundível de uma mulher gritando e pedindo piedade, enquanto os golpes não paravam, mas O Fantasma foi o único que parou. E não devia. Seu dever era ficar invisível a todo momento. Mas ele parou, porque ele era um Assassino — ainda era um Assassino — treinado por Arbaaz Mir e Ethan Frye, e trazia arraigados dentro de si os valores da Irmandade.

E ele seria um canalha se fosse capaz de continuar andando enquanto cinco homens se divertiam espancando uma mulher.

Ele saltou o muro baixo que demarcava os limites do cemitério da igreja e mergulhou na escuridão. O som alto de homens bêbados batendo em alguém. Pelo sotaque, O Fantasma percebeu que dois deles eram nobres, enquanto os outros três eram de classes indeterminadas.

Então, ele viu o brilho de lanternas e conseguiu distinguir dois homens bem vestidos e uma pessoa caída no chão, num descampado às sombras da grande igreja.

— O que me diz disso, hein? — perguntou um deles, posicionando-se sobre ela e estapeando seu rosto, enquanto o outro ria e entornava uma garrafa.

Um pouco afastados dali estavam três homens mais fortes, usando chapéu-coco e de costas para os dois nobres e sua vítima. Guarda-costas. Eles se empertigaram quando perceberam O Fantasma se aproximando. Arbaaz e Ethan teriam aconselhado que se aproximasse furtivamente. O Fantasma podia ter matado dois deles antes mesmo de lhes dar qualquer chance de reagir. Mas o que viu acendeu nele uma raiva primitiva, um senso de justiça que o fez desejar o confronto direto. Ele queria que a justiça fosse feita, mas também queria que os homens testemunhassem a justiça sendo feita.

— Pode seguir o seu caminho, amigo — disse um dos guarda-costas, com os braços cruzados. — Não tem nada aqui para você, rapaz.

Os outros dois tinham mudado de posição. Um deles enfiou as mãos no fundo dos bolsos do seu casaco. O outro estava com os braços cruzados atrás do corpo.

— Deixem a mulher em paz — disse O Fantasma.

Os dois homens pararam o que estavam fazendo e se afastaram do corpo prostrado e ensanguentado da mulher caído no chão. Livre, ela grunhiu numa mistura de alívio e dor, e rolou para o lado com suas saias embaralhadas nas pernas, o rosto ensanguentado oculto por um emaranhado de cabelos. Uma pobre criatura que parecia ter mais ou menos 60 anos.

— Afastem-se dela — ordenou O Fantasma.

Um dos almofadinhas soltou um riso abafado e passou a garrafa para o outro, cujos olhos brilharam de satisfação quando ele aproximou os lábios do gargalo e bebeu, sedento. Ambos pareciam estar ansiosos para ver o início de um espetáculo. Ali sozinho, um homem contra cinco, O Fantasma não queria decepcioná-los.

E torceu para que, em sua ânsia por fazer justiça, não tivesse mordido um pedaço maior do que era capaz de engolir.

O primeiro guarda-costas ergueu o queixo e falou novamente, as palavras caindo pesadas como pedra no cemitério agora silencioso.

— Continue andando, rapaz, antes que a gente o obrigue a fazê-lo.

O Fantasma olhou para ele. Olhou para todos eles.

— Só vou seguir meu caminho quando tiver certeza de que a mulher não será mais machucada.

— Bom, isso…

— E quando tiver certeza de que os dois homens que fizeram isso com ela receberam um castigo à altura.

Os outros dois guarda-costas explodiram em gargalhadas, mas o líder fez um gesto ordenando que ficassem quietos.

— Veja bem, isso não vai acontecer. Está vendo esses dois cavalheiros aqui? Eles pagam um belo dinheiro pelos meus serviços e os dos meus dois colegas, justamente para garantir que nada aconteça com eles enquanto passeiam pelos lugares menos salubres da grande capital desta nação, se é que você me entende. Para chegar até eles, primeiro você precisa passar por nós, e você sabe muito bem que não vai conseguir.

Atrás deles, os dois almofadinhas riram, passando a garrafa de um para o outro e saboreando o espetáculo, um aperitivo antes do prato principal. Estavam

fracos e embriagados, e O Fantasma sabia que podia dar conta deles com uma mão amarrada às costas, mas…

Primeiro, os guarda-costas.

O casaco do número três estava desabotoado, as mãos ainda cruzadas às costas. Ou ele carregava um revólver ou trazia um alfanje ao lado do corpo. Parecia perigoso, mas ao mesmo tempo meio relaxado demais, confiante demais.

O mesmo valia para o número dois. Ele usava um sobretudo abotoado e, embora sua mão esquerda estivesse flexionada dentro de um dos bolsos, a direita estava esticada, o que significava que estava segurando uma faca ou um cassetete dentro do outro bolso.

Ótimo. Aquele casaco não lhe permitia ter agilidade no combate corpo a corpo e, em segundo, ele, sem querer, havia mostrado ao Fantasma de onde sacaria sua arma. Por esses dois motivos, aquele homem seria o primeiro que O Fantasma iria atacar. Seria mais fácil vencê-lo, e O Fantasma precisava de uma arma. Torceu para que fosse uma faca o que o homem trazia no bolso.

O número um era mais inteligente. Ele não acreditava que um homem sozinho iria desafiar cinco se não tivesse um bom motivo. Continuou com os braços cruzados — estaria usando um coldre axilar, talvez? —, mas seus olhos vasculharam a área atrás do Fantasma, procurando alguém escondido que pudesse dar cobertura. Quando percebeu que não havia mais ninguém, fitou O Fantasma com ainda mais interesse, desconfiança e apreensão, adivinhando o que seus colegas nem suspeitavam: que aquele rapaz indiano estava armando alguma. Que era mais perigoso do que aparentava ser. O número um era mais esperto. Seria o mais difícil de derrotar.

O Fantasma terminou de analisá-los. Que bom seria se estivesse segurando uma *kukri* em uma das mãos e tivesse sua lâmina oculta sob o pulso da outra. Nesse caso, não haveria dúvidas quanto ao resultado da luta. Ou melhor: a luta já teria terminado haveria algum tempo. Apesar disso, teve confiança de que iria vencer. Ele tinha alguns pontos a seu favor: estava sendo subestimado pelos inimigos, era extremamente treinado, bastante rápido e habilidoso, e analisara seus oponentes, seu entorno e a distância que o separava deles.

E, então, aconteceu mais uma coisa a seu favor. Pois quando o número um começou a dizer “Vou te dar uma última chance, rapaz...”, O Fantasma usou a

vantagem do elemento surpresa.

E atacou.

O número dois ainda estava tentando tirar as mãos dos bolsos do casaco quando a testa do Fantasma arrebentou seu nariz. Esse golpe — um "truque sujo" que Arbaaz jamais aceitara completamente, mas que Ethan apreciava bastante — tinha a vantagem de provocar uma dor intensa, instantânea, perda de sangue abundante, cegueira temporária e desorientação. Durante os primeiros instantes cruciais da batalha, o número dois estaria incapacitado. Estava fora do jogo, incapaz de oferecer resistência quando O Fantasma girou o corpo e deu-lhe uma cotovelada, deixando-o sem ar, enquanto puxava com a mão livre o que estava guardado no bolso do homem... um cassetete, *droga*.

Bem, pelo menos o cassetete era pesado. Ele o puxou do bolso do oponente e girou o corpo para o outro lado, fazendo o bastão de couro preto em sua mão chocar-se contra a têmpora do número dois. O Fantasma bateu com toda a sua força, e isso significava muita: o golpe quase arrancou o escalpo do homem.

O número dois estava enfiando a mão no bolso quando foi atingido, mas, O Fantasma não descobriu o que ele trazia guardado. O homem continuou com a mão no bolso enquanto cambaleava, de boca aberta, parecendo um peixe fora d'água. As saliências do cassetete haviam aberto um corte profundo na lateral de sua cabeça, de onde já começava a jorrar sangue. O homem provavelmente iria sobreviver, mas ficaria com o cérebro danificado — talvez passasse o resto de seus dias preso a uma cadeira de rodas, babando, sendo alimentado com comidas pastosas, sem as faculdades mentais necessárias para entender como um rapaz indiano o havia derrotado tão facilmente. O Fantasma deu um passo à frente e desferiu dois socos em sua garganta. O corpo do homem ainda estava se contorcendo no chão quando O Fantasma se virou.

Tudo aquilo aconteceu no tempo necessário para se desembainhar uma espada, o que foi exatamente o que o número um fez. No meio deles estava o número dois, que, apesar de atordoado com o golpe no nariz, ainda estava de pé e prestes a recobrar os sentidos quando O Fantasma, sem querer perder a vantagem da arrancada, golpeou mais uma vez, girando o cassetete. Não conseguiu um golpe certeiro, mas foi o suficiente para quebrar a mandíbula do homem. Ao mesmo tempo, deu-lhe um chute — e esse sim acertou em cheio,

quebrando a perna do guarda-costas, que caiu no chão rolando pela terra do cemitério. Jamais voltaria a andar novamente, e o maxilar quebrado faria com que poucas pessoas entendessem sua fala.

Ao mesmo tempo, O Fantasma chutou com o outro pé e arremessou uma lanterna no rosto do número um, que estava esperando tirar vantagem daquele momento. O guarda-costas desviou da lanterna com um grito de surpresa e irritação por ver sua tentativa frustrada. Isso deu ao Fantasma alguns instantes para se recobrar.

Ele se reequilibrou, afastou-se de uma lapide próxima, que poderia ser um obstáculo, e passou o cassetete de uma das mãos para a outra. Em seguida, repetiu a manobra.

O guarda-costas se recobrou. Ergueu seu alfanje e posicionou-se entre O Fantasma e os dois homens que era pago para proteger; então, gritou para eles, por cima dos ombros:

— Senhores, corram.

Os dois almofadinhas não precisaram de mais nenhum aviso e saíram correndo, tropeçando um no outro e se chocando contra as lápides enquanto corriam, desaparecendo ruidosamente noite adentro. Deixaram a garrafa de bebida para trás.

O Fantasma cerrou os dentes. Não podia permitir que fugissem.

— Você não precisa morrer para proteger tipos como esses — disse ao guarda-costas, que riu brevemente.

— Você está errado, meu amigo — respondeu ele. — Morrer por tipos como esses é *exatamente* o que fazem tipos como eu. Fazemos isso no mundo todo.

Embora jovem, O Fantasma sabia como as coisas funcionavam. Os ricos compravam títulos para galgar mais rapidamente as posições no Exército britânico, assegurando que, na maior parte do tempo, ficassem de fora dos combates mais sangrentos e desfrutassem do máximo de conforto.

— Não precisa ser assim — retrucou.

— Precisa, sim, camarada. No dia em que for tão esperto nas questões do mundo quanto é lutando, e, meu Deus, você é ótimo lutando, você vai entender.

O Fantasma balançou a cabeça. Estava perdendo tempo.

— Não importa, senhor. De qualquer maneira, não é você que eu quero, é a quem você serve.

— Mesmo assim, não posso deixar, filho — disse o guarda-costas, triste. — Não posso deixar. — Ele ergueu o alfanje e manteve o oponente sob sua mira, mas havia algo em seus olhos que O Fantasma reconheceu. Um olhar de derrota iminente. O olhar de um homem que sabe que está vencido, cuja morte ou derrota não é uma questão de *se*, mas de *quando*.

— Você não tem escolha — respondeu O Fantasma, já em ação.

Para o guarda-costas, ele não passava de um borrão, e a escuridão moveu-se para acompanhar a velocidade do ataque do jovem Assassino. O Fantasma não havia cometido o erro de subestimar seu inimigo, é claro. Ele previra de que maneira seu oponente tentaria se defender, e também levou em consideração que o homem estaria esperando que ele atacasse de um jeito. Então, inicialmente fingiu que iria por um lado e depois por o outro, sentindo os movimentos de seu próprio corpo enquanto o deslocava em duas direções ao mesmo tempo ao saltar, usando uma lápide como rampa para alcançar o guarda-costas de uma altura e ângulo inesperados.

Ele era bom demais, rápido demais e inteligente demais na arte do combate para aquele guarda-costas. O homem sem dúvida tinha sido treinado por militares ingleses; antes disso já devia ser duro como aço, mas ficou ainda mais endurecido depois de incontáveis campanhas militares no estrangeiro, mesmo ele era páreo para O Fantasma. Nem de longe. O cassetete, pegajoso com o sangue de sua última vítima, bateu. Mas nem mesmo acertou a parte de trás da cabeça do número um. Sua boca abriu e seus olhos se reviraram enquanto ele caía no chão, inconsciente.

Ele acordaria dali a uma hora, mais ou menos, com dor de cabeça mas sem maiores danos, e, então, teria de responder a perguntas sobre como ele e seus dois igualmente capacitados companheiros puderam ser derrotados por um rapazinho franzino.

Mas, por ora estava nocauteado.

Enquanto isso, O Fantasma pulou uma lápide e se aproximou da mulher, que tinha conseguido ficar de quatro e agora o fitava com um misto de medo, admiração e gratidão.

— Minha nossa, rapaz! O que você é, algum tipo de demônio ou coisa do tipo?

— Vá — disse ele. — Vá embora daqui antes que nossos amigos se recuperem. — E, então, ele saiu correndo atrás dos dois nobres. A visão da mulher coberta de hematomas e de seu rosto ensanguentado e inchado deu-lhe ainda mais motivação, atiçando sua raiva, enquanto apanhava o alfanje caído e saía correndo.

Pegá-los foi fácil. Estavam bêbados, eram lentos, faziam muito barulho e, embora estivessem com medo, provavelmente achavam que seus capangas conseguiriam acabar com aquele rapaz, porque homens como eles nunca precisavam se preocupar com nada. Empregavam pessoas para fazer o trabalho sujo por eles; tinham serventes e lacaios para se preocuparem por eles.

Então, sim, O Fantasma os alcançou facilmente. Alcançou primeiro o que ficara para trás: atirou-se contra o almofadinha para que ele caísse e, num instante, já estava em cima do homem, prendendo-o ao chão na altura do peito com os joelhos. Ergueu o alfanje e canalizou sua fúria, lembrando-se, enquanto desferia um golpe mortal, de que fora esse mesmo homem — *esse mesmo homem* — que ele tinha visto instantes antes rindo enquanto chutava quase até a morte uma mulher indefesa.

10

Chegara a hora de Ethan deixar Amritsar, mas algo o incomodava. Ele convocou uma reunião com a família Mir, cujo resultado abalaria a todos.

Arbaaz estava esperando que Ethan anunciasse que Jayadeep estava pronto para embarcar no próximo estágio de sua educação no campo.

Entretanto...

— Não acredito que ele esteja pronto — declarou Ethan secamente, sem cerimônia ou preâmbulo.

Arbaaz partiu um pedaço do pão e sorriu.

— Então você ainda não pode partir, Ethan. Esse foi o nosso acordo.

Os dois homens haviam vivido grandes aventuras juntos. Jayadeep costumava ficar deitado na cama, acordado, ouvindo-os conversar no pátio lá fora. Eles falavam sobre o diamante Koh-i-Noor. Sobre como Arbaaz o havia recuperado. Às vezes, a mãe de Jayadeep estava presente, e os três entregavam-se a reminiscências. Nomes como Alexander Burnes e William Sleeman não significavam nada para Jayadeep, mas para seus pais eram como um portal para outro mundo, repleto de memórias emocionantes.

— Eu já enviei um aviso de que estou voltando. Agora me aguardam em casa e pretendo honrar a promessa que fiz a meus filhos. Retornarei, Arbaaz, pode ter certeza disso.

— Então, não consigo entender. Nosso acordo foi que você treinaria Jayadeep até que ele estivesse pronto para agir.

O menino estava sentado ao lado da mãe e se sentia invisível enquanto os adultos discutiam sua vida como se ele não estivesse ali. Não era exatamente novidade; quanto mais importante o assunto, menos ele tinha o direito de dar opinião. Ele jamais fora consultado acerca de seu futuro, e nem se esperava que fosse; era simplesmente aceito que, até segunda ordem, ele não tinha o direito de opinar em questões que envolvessem o seu próprio destino.

— Você terá de me explicar melhor, meu velho amigo — disse Arbaaz. — Durante todos os anos que passou aqui, você me garantiu que Jayadeep era um dos mais talentosos jovens Assassinos que você já conheceu, e todos sabemos que isso significa que você considera Jayadeep *o* mais talentoso Assassino que você já conheceu. E como não seria? Ele foi treinado primeiramente por mim, e depois, por você. Já vi com meus próprios olhos que não lhe faltam habilidades e, a menos que você tenha feito vista grossa durante todos esses anos, também pensa o mesmo. Mas agora, na véspera de sua partida, vem me dizer que o garoto não está pronto! Perdoe minha confusão. De que forma é possível que esse garoto, altamente treinado e habilidoso, cujo mentor está prestes a voltar para seu país, *não esteja pronto*? E, sendo mais direto, *por qu*ê?

A voz do seu pai transparecia uma forte irritação, e tinha aumentado de volume enquanto ele fazia o discurso. Nem mesmo uma migalha de pão grudada no lábio inferior conseguia diminuir a força do seu olhar poderoso. Jayadeep se encolheu. Até sua mãe parecia preocupada.

Apenas Ethan continuava imperturbável, e respondeu ao olhar desafiador de Arbaaz com uma expressão indecifrável.

— É verdade que o garoto têm habilidades natas impressionantes. É verdade que fui capaz de moldar esse talento para formar um Assassino muito acima da média. Aprendi muito com ele, o que é em parte o motivo pelo qual pretendo voltar para casa, e não tenho a menor intenção de mudar de ideia, não importa quantas migalhas de pão você cuspa em mim, velho amigo.

Arbaaz, desconcertado, limpou a boca e, então, sua mão revelou o início de um sorriso.

— Então, por quê? — perguntou ele. Ou melhor, *exigiu* saber. — Por que nos abandonar neste momento crucial, quando ainda há tanto a ensinar ao garoto?

O sorriso de Ethan não foi bem um sorriso, mas um olhar de bondade e preocupação que atingiu tanto seus lábios quanto seus olhos. Um olhar que voltou-se primeiro aos pais e, depois ao garoto.

— Ele não tem o instinto assassino. Ele pode matar e sem dúvida o fará, mas não tem algo que nós temos, eu e você. Ou talvez ele tenha algo que nós não temos, não sei.

Arbaaz ergueu o queixo e ficou vermelho.

— Está dizendo que meu filho é um covarde?

— Ah, pelo amor de Deus, Arbaaz! — exclamou Ethan, exasperado. — Não, é claro que não! É uma questão de gênio. Se você colocar esse garoto numa batalha, ou ele vai falhar ou...

— Eu não vou! — disse Jayadeep de repente, surpreendendo até a si mesmo, já prevendo ganhar um sopapo ou quem sabe até mesmo uma punição mais severa por aquela explosão inesperada.

Em vez de castigá-lo, seu pai pareceu orgulhoso. Esticou os braços para apertar seu ombro, num gesto que fez o coração de Jayadeep se encher de orgulho.

Ethan o ignorou. Voltou sua atenção para Pyara.

— Não há vergonha alguma nisso — disse para a mulher, e viu a brandura em seus olhos, a esperança secreta de que talvez sua família finalmente estivesse livre do derramamento de sangue. — Ele pode servir à Irmandade de outras maneiras. Será um grande mentor. Um mestre em tática. Um legislador. Um grande líder. E alguém precisa ser essas coisas. Jayadeep pode ser tudo isso. Simplesmente não... *nunca*... um guerreiro.

Arbaaz não pôde mais se conter, e sua mulher, acostumada a ver aquilo, permaneceu impassível enquanto ele explodia de raiva.

— Jayadeep, meu filho, *será* um grande guerreiro, Frye! Ele será um mestre Assassino, um mentor na Irmandade indiana...

— Mas ele ainda pode...

— Antes ele precisa provar seu valor em combate. Como guerreiro. Como um Assassino.

Ethan balançou a cabeça.

— Ele não está pronto, Arbaaz. Sinto muito se isso lhe magoa, mas, na minha opinião, ele nunca estará.

— Ah! — exclamou Arbaaz, levantando-se e fazendo Jayadeep se levantar também. Pyara discretamente enxugou uma lágrima dos olhos e também se levantou, leal, apesar de seus sentimentos conflitantes. — Então é isso, Ethan. É apenas sua opinião. O que você acha, Jay? Vamos provar que nosso amigo inglês está errado?

E Jayadeep, o garoto que um dia se tornaria O Fantasma, não tinha nem 10 anos de idade, mas já queria desesperadamente agradar o pai, pois seu pai era seu rei, então respondeu:

— Sim, pai.

11

Texto de uma carta de Ethan Frye para Arbaaz Mir, decifrada a partir do original escrito em código.

Prezado Arbaaz,

Seis anos se passaram desde que deixei a Índia e voltei para a Inglaterra. Seis anos desde que nos falamos pela última vez, meu velho amigo. Isso é muito tempo. Tempo demais.

Nesse ínterim, aprendi a lamentar a morte de minha mulher tão amada, Cecily, e o fiz de uma maneira que ela teria aprovado, o que significa dizer que deixei de lado meu antigo ressentimento para construir um relacionamento com nossos dois filhos, Evie e Jacob. Eu me arrependo de tê-los considerado responsáveis pela morte dela. Fiz o melhor que pude para reparar os anos perdidos da infância deles.

Foram os anos que passei com seu filho extraordinário, Jayadeep, que me estimularam a isso, e portanto serei eternamente grato a vocês dois. Jayadeep me colocou num caminho de iluminação que me fez reavaliar minha maneira de pensar. Sinto dizer, Arbaaz, que isso apenas fortaleceu minha decisão referente ao assunto que causou uma rachadura em nossa amizade, há tantos anos, e que agora me impele a fazer contato novamente.

Explico melhor. Como Assassinos, temos determinada filosofia. Diferentemente dos Templários, que dividem os habitantes desse mundo em pastores e ovelhas, nós enxergamos milhões de seres capazes: inteligentes, sensíveis, cada qual com seu próprio potencial e capazes de trabalhar em prol de um bem maior.

Ou, pelo menos, é o que gostamos de pensar. Tenho refletido bastante nesses dias. Será que sempre colocamos essa filosofia em prática? Quando treinamos nossos jovens Assassinos, colocamos espadas em suas mãos assim que eles começam a aprender a andar. Insuflamos neles valores e filosofias que não são natos, mas transmitidos de geração em geração, esculpindo a criança e transformando-a numa criatura com preconceitos e, acima de tudo, em nosso caso específico, num matador.

O que estamos fazendo é certo. Por favor, não leia estas palavras como uma expressão de dúvida em relação à nossa filosofia, pois jamais tive tanta certeza na crença de que a Irmandade existe para defender o que há de certo e justo no mundo. Minha dúvida, meu caro Arbaaz, se atém à aplicação dessa ideologia, e essa dúvida tem me mantido acordado, pensando se não estaremos falhando ao moldar nossas crianças à nossa própria imagem, quando deveríamos estar ensinando que sigam seu próprio caminho. Eu me pergunto: não estaremos apenas falando da boca para fora os mesmos princípios que abraçamos?

Com meus próprios filhos, Evie e Jacob, tentei trilhar um caminho alternativo ao que segui no passado, e diferente do que tentei trilhar com Jayadeep. Em vez de tentar doutriná-los, eu me esforcei para armar-lhes com as ferramentas que permitam que eles aprendam sozinhos.

Sinto orgulho de que a trajetória deles tenha se assemelhado à minha. Como você sabe, em Londres a presença dos Assassinos há muito é precária. Nossa Irmandade é fraca aqui, enquanto a Ordem dos Templários, sob o comando de seu Grão-Mestre, Crawford Starrick, continua a crescer. De fato, recebemos notícias de que a infiltração de nossos inimigos na elite da cidade é ainda maior do que havíamos suspeitado. Eles têm planos que já estão sendo executados, disso não temos a menor dúvida. Algo grande. E um dia, quando estiverem prontos, Jacob e Evie se juntarão a mim para lutar contra eles.

Quando estiverem prontos. *Grave bem essas palavras, Arbaaz. Permiti que eles encontrassem seus próprios caminhos, e segui o princípio de que eles somente devem se considerar Assassinos completamente preparados quando eu perceber que estão preparados tanto mental quanto fisicamente para cumprir as missões. Faço isso na crença de que somos todos indivíduos, alguns de nós aptos a seguir um determinado caminho, e outros a seguirem um caminho diferente. Podemos ser todos Assassinos no nome, mas nem todos podemos ser "assassinos" em nossa natureza.*

E assim é com Jayadeep. Entendo que deva ser uma dor enorme para você. Afinal de contas, ele é seu filho. Você é um grande Assassino, e ele tem potencial para ser tão bom quanto. Entretanto, se tenho certeza de uma coisa é que, embora ele tenha habilidade e talento para lidar com a morte, falta-lhe o espírito para matar.

Ele vai matar. Sim, vai matar, se for necessário. Num piscar de olhos, se for em defesa de si mesmo ou de alguém que ele ame.

Mas eu me pergunto: ele será capaz de fazer isso em nome de uma ideologia? Do Credo?

A sangue-frio?

Isso me traz de volta ao motivo desta carta. Recebi notícias perturbadoras de que Jayadeep está prestes a embarcar em sua primeira missão de verdade: um assassinato.

Devo começar dizendo o quanto me satisfaz que você tenha levado a sério minha preocupação de seis anos atrás, a ponto de retardar sua iniciação até o momento de seu décimo sétimo aniversário. Por isso sou grato e o parabenizo por sua sabedoria e paciência. Entretanto, na minha opinião, falta a Jayadeep a convicção necessária para praticar tal ato — e acho que ele jamais a terá.

Dizendo de forma simples, ele é diferente de mim e de você. Talvez diferente de Jacob e de Evie. Além do mais, acredito — e minha crença é completamente consistente com os valores da Irmandade — que deveríamos abraçar o que ele tem de diferente. Deveríamos celebrar essa individualidade e colocá-la em prática para o bem da Irmandade, em vez de tentar negá-la e moldá-la de maneira grosseira e imperfeita.

Dizendo de outra maneira, ao mandar Jayadeep numa missão, você está propiciando algo muito pior do que sua desgraça como pai (que, devo dizer, é apenas imaginária) pelo fato de seu filho não seguir seus honrados passos. Isso trará uma desgraça muito, muito pior: uma derrota humilhante.

Eu imploro, por favor, cancele a participação de Jayadeep nessa missão. Observe-o com outros olhos, utilize todas as ótimas habilidades do seu extraordinário filho para o bem da Irmandade, em vez de investir no pior.

Espero ouvir sua decisão, e rezo para que demonstre neste caso a mesma sabedoria e paciência pelas quais já o elogiei. Você confiou em mim no passado; por favor, Arbaaz, confie mais uma vez.

Seu amigo eterno,
Ethan Frye,
Londres

12

Carta para Ethan Frye de Arbaaz Mir, decifrada a partir do original escrito em código.

Ethan, agradeço-lhe pela carta. Entretanto, me entristece que você tenha escolhido construir uma ponte sobre águas tão turbulentas. Não existe nenhuma dúvida a respeito das habilidades de Jayadeep como Assassino. Você mesmo treinou essas habilidades, enquanto eu, nesse tempo, dei-lhe a força moral necessária para colocá-las em prática. Você gosta de explicar as coisas de maneira simples, Ethan, portanto, farei o mesmo agora: fazem seis longos anos desde que você viu Jayadeep pela última vez, e você não está mais em posição de fazer julgamentos a respeito de sua aptidão como Assassino. Ele mudou, Ethan. Ele amadureceu e cresceu. Tenho confiança de que está pronto para sua primeira missão, e ele executará o assassinato conforme planejado. Seu alvo é um Templário de baixa patente, cuja morte é necessária para alertar nossos inimigos de que sua presença crescente na Índia não será tolerada. Desculpe se minhas próximas palavras porventura parecerem uma afronta a você e a George Westhouse em Londres, Ethan, mas não desejamos que os Templários ganhem espaço aqui como o fizeram em Londres, pois sabemos muito bem onde isso vai dar.

Agradeço-lhe por sua carta, Ethan. Espero e acredito que as bases do nosso relacionamento sejam fortes o bastante para que isso não signifique o fim de uma grande amizade entre nós. Entretanto, já tomei minha decisão e, assim como você segue os seus princípios, também devo seguir os meus.

Seu amigo eterno,
Arbaaz Mir
Amritsar

13

Comunicação interna enviada a George Westhouse de Londres, decifrada a partir do original codificado.

Favor retransmitir imediatamente a Ethan Frye: Jayadeep Mir na Escuridão.

14

A porta se fechou atrás deles. Tochas pregadas na parede iluminavam os degraus que desciam em direção a uma segunda porta, o portão do calabouço.

À frente de Ethan estava o guarda da sala de reuniões, Ajay. Assim como Ethan, seu capuz cobria toda a cabeça, como se reconhecesse a natureza terrível daquilo que os levara a estar ali, um lugar escuro, frio e tenebroso. Além do capuz, Ajay trazia uma espada curva em seu cinturão, e Ethan conseguiu ver a lâmina que ele trazia oculta sob a manga quando ele abriu a porta. Sim, o carcereiro cumpriria sua função, se necessário. Com certeza faria isso com pesar, mas o faria mesmo assim.

Aquele lugar era chamado de Escuridão. Formado por uma série de pequenos cômodos localizados sob a sala de reuniões principal da Irmandade em Amritsar. Teoricamente, aqueles cômodos eram usados como arquivo ou arsenal, mas sua atmosfera crepuscular e seu projeto semelhante a celas sustentavam os rumores que estavam sempre em circulação: de que no passado o lugar devia ter sido usado para tramar complôs, interrogar inimigos. Dizia-se que até mesmo um bebê nascera na Escuridão, embora pouca gente acreditasse nessa história.

Hoje, entretanto, a Escuridão honraria sua fama. Hoje ela tinha um hóspede.

Ajay conduziu Ethan por uma segunda porta fortificada e, em seguida, por um corredor de pedra mal iluminado, com portas enfileiradas de ambos os lados. No fim do corredor, destrancou uma porta na qual não havia nenhuma outra abertura a não ser um pequenino buraco. Depois, pôs-se de lado e fez uma ligeira mesura para permitir que seu visitante entrasse. Ethan entrou numa pequenina

câmara que, seja lá qual tenha sido sua função anterior, fora transformada em uma autêntica cela, com direito a um catre de madeira.

Em respeito a Ethan, Ajay deixou a lanterna aos pés do Assassino antes de se retirar e fechar a porta. E, então, enquanto a luz cintilava sobre as imponentes paredes de pedra escura da cela, Ethan olhou para seu antigo discípulo pela primeira vez em mais de seis anos, e seu coração se partiu ao ver o quanto ele havia caído.

Jayadeep estava sentado de pernas cruzadas num canto da cela, em meio à palha suja que cobria o chão. Estava ali havia semanas, enquanto Ethan fazia a longa jornada da Inglaterra até a Índia. Como resultado, sua nova moradia não era muito limpa, e ele sem dúvida alguma já estivera melhor de saúde, mas, mesmo assim, Ethan ficou surpreso com a aparência do rapaz. Nos anos que se passaram, ele havia se tornado um jovem muito bonito, com um olhar intenso e penetrante, cabelos negros que às vezes ele afastava dos olhos, e uma pele morena perfeita. *Ele vai partir corações*, pensou Ethan, observando-o da porta.

Entretanto, vamos começar do começo.

O Assassino levou o punho à frente do nariz e da boca, tanto para substituir o fedor da cela com o odor familiar de sua própria pele quanto para registrar o pesar diante do infortúnio de seu antigo pupilo. A possibilidade de que ele poderia ter feito mais para prevenir essa situação aumentava ainda mais seu pesar; o olhar de Jayadeep, quando ele ergueu os olhos para fitar seu antigo tutor, era penetrante e demonstrava agradecimento, alívio, pesar e vergonha, o que entristeceu ainda mais Ethan.

— Olá, mestre — disse Jayadeep, sem rodeios.

Não era muito agradável, mas ele se sentou ao lado do rapaz. Os dois homens estavam juntos novamente, embora dessa vez sob circunstâncias muito diferentes — o perfume de jasmim agora fazia parte de um passado distante e inatingível.

Ethan estendeu as mãos para tocar os trapos que Jayadeep vestia.

— Então eles tomaram seu manto?

— Fizeram um pouco mais do que isso — respondeu Jayadeep, triste.

— Nesse caso, que tal começarmos com você me contando o que aconteceu?

O garoto soltou um muxoxo de desdém.

— Que dizer que o senhor ainda não sabe?

Ethan havia chegado em Amritsar e encontrara a Irmandade em alvoroço, tentando anular a repercussão do que havia acontecido. Então, é claro que sabia da história. Mas, mesmo assim...

— Eu gostaria de ouvir de você.

— É difícil para mim falar a respeito.

— Por favor, tente.

Jayadeep suspirou.

— Seu treinamento condicionou meu corpo e minha mente a uma série de respostas e reações, em combinações de ataque e defesa, cálculos, previsões e prognósticos. Eu estava completamente preparado para entrar em ação, exceto em um aspecto. O senhor tinha razão, mestre, me faltava o espírito. Diga, como o senhor sabia?

Ethan disse:

— Se eu lhe dissesse que tudo se deveu à diferença entre uma *kukri* de madeira, usada para treinamento, e uma *kukri* de verdade, você acreditaria em mim?

— Eu pensaria que é parte da história. Mas apenas isso.

— E estaria certo, Jayadeep. A verdade é que vi em seus olhos algo que vi nos olhos de homens que matei; homens cuja própria falta de instinto matador em combate foi uma fraqueza que reconheci e explorei, a fim de cravar minha espada em sua carne.

— E o senhor pensou ter visto o mesmo em mim?

— Eu vi. E estava certo, não estava?

— Pensávamos que estivesse errado. Papai acreditava que eu seria capaz de adquirir o temperamento necessário para ser um matador. Ele se dedicou a me mostrar como. Praticamos com seres vivos.

— Enfiar uma espada num animal é bem diferente de...

— Sei disso agora. — As palavras saíram de forma ríspida. Um pouco da antiga interação entre mestre e pupilo retornou, e Jayadeep baixou temerosamente os olhos, desculpando-se. — Sei disso agora, mestre, e acredite, sinto muito.

— Mas você e Arbaaz acreditaram que você estava pronto para tirar a vida de um ser da sua própria espécie, para tirar de um homem tudo o que ele já foi e

tudo o que poderia ser; para deixar sua família sofrendo, para dar início a uma onda de tristeza e possivelmente de ódio e revanche que poderia passar de geração a geração? Você e seu pai acreditaram que você estava pronto para isso?

— Por favor, mestre, não torne isso ainda mais difícil para mim. Sim, o senhor está certo: à luz disso, nosso preparo pode parecer terrivelmente precário, mas que Assassino tem uma experiência diferente? Tudo o que aprendemos não passa de teoria até podermos colocá-la em prática. E chegou a minha vez de colocar a teoria em prática. Para minha iniciação, eu deveria matar um Templário indiano chamado Tjinder Dani. Um homem que acreditávamos que estivesse planejando o estabelecimento de um entreposto de Templários na cidade.

— E qual foi o método de execução escolhido?

— O garrote.

Por dentro, Ethan xingou. Garrote! Entre tantos outros métodos. Não era necessário ter muita habilidade para usar um garrote, mas era necessário ter a determinação de fazê-lo. Jayadeep tinha habilidade de sobra, mas não a determinação. Que diabos passou pela cabeça de Arbaaz?

Jayaddep continuou:

— Na calada da noite, eu e meu pai fomos até a rua onde ficavam as acomodações de Dani. Um de nossos agentes havia subornado um vigia noturno para obter a chave, e nós a recebemos na rua, pagando ao homem e agradecendo-lhe antes de mandá-lo embora.

Uma testemunha, pensou Ethan. A história está ficando cada vez melhor.

— Eu sei o que você está pensando. Eu poderia ter arrombado a fechadura.

— Você é excelente em arrombar fechaduras.

— A informação que o agente nos deu foi a de que o Templário Dani estava esperando um ataque e, portanto, tinha sempre um guarda-costas durante o dia. Nossos inimigos acreditavam que uma tentativa de ataque durante o dia resultaria num confronto em público. E era preciso evitar a qualquer custo uma confusão na rua envolvendo diversos Assassinos e Templários. Por esse motivo, foi decidido que a incursão deveria ser à noite, e por esse motivo tentamos obter a maior quantidade de informação possível em relação aos hábitos noturnos do nosso alvo.

— E você fez isso, não?

— Sim, mestre. E fiquei sabendo que Dani colocava obstáculos atrás da porta e armava armadilhas à noite; que entrar pela porta ou pela janela faria disparar um alarme. — E então, veja bem, a chave que nos foi entregue não era a do quarto de Dani, nem mesmo a da sua casa, mas a do armazém ao lado, onde consegui entrar sem problemas. Havia três homens na rua, fingindo que estavam montando guarda para o armazém, mas eu sabia que eram guardas Templários, e que seu trabalho era garantir que nenhum Assassino escalasse as paredes da casa ou do armazém. Era uma tática inteligente. Eles guardavam a parte externa do prédio, enquanto Dani protegia seu próprio quarto. Seria necessário ser discreto e dissimulado para entrar. Eu sou as duas coisas. Assim sendo, esperei nas sombras, juntando coragem e confiança ao pensar que não muito longe dali meu pai me esperava com nossos cavalos, pronto para escaparmos. Ao mesmo tempo, analisei os movimentos dos guardas enquanto eles faziam suas patrulhas. Eu tinha estado ali nas noites anteriores, claro, para medir o tempo que levavam, exatamente como estava fazendo naquele momento. E descobri que os guardas coordenavam seus movimentos para evitar que alguém tivesse a oportunidade de escalar os muros. Sob seus mantos, eles carregavam balestas e adagas. Mantinham uma distância segura um do outro para evitar um ataque mortal duplo, portanto, se um deles fosse atingido, isso alertaria os demais. Eu não tinha motivo para duvidar que eles eram extremamente competentes. Era por isso que eu estava com a chave, Ethan.

— A chave era do armazém?

— Sim. Eu havia oleado a fechadura naquela mesma manhã. Ao chegar ali, contei, medi o tempo. Corri pelo pátio localizado nos fundos do armazém, cheguei à porta de trás, e enfiei a chave na fechadura. O som foi abafado. Um clique numa fechadura bem lubrificada, que aos meus ouvidos soou como um tiro, na realidade era apenas mais um som noturno indistinguível. Então, entrei. Tranquei a porta atrás de mim e levei a chave. Essa seria também minha rota de fuga. Ou pelo menos foi o que pensei na hora. É claro que estava errado.

O rapaz abaixou a cabeça novamente e entrelaçou as mãos, torturado pela dor da lembrança.

— O armazém estava vazio. Tudo o que vi no chão de pedra foi uma mesa de ripa comprida e algumas cadeiras. Provavelmente era usada pelos Templários para alguma função específica. De qualquer maneira, a ideia de que aquilo exigia guardas noturnos era risível. É claro, eles nem se deram ao trabalho de colocar um guarda no interior do almoxarifado, mas mesmo assim fiquei em silêncio enquanto subia primeiro os degraus e, depois, as escadas que levavam ao terraço do prédio. Uma vez do lado de fora, permaneci nas sombras e retirei o lenço que trazia no pescoço. O senhor me perguntou sobre o meu manto de Assassino, mas na verdade nunca usei um. Eu usava naquele dia o que estou usando agora. Se por algum motivo eu tivesse sido descoberto pelos guardas, eles me tomariam por um moleque de rua inconsequente, me dariam uns sopapos e me mandariam embora. Se me revistassem com mais interesse, perceberiam que eu diferia de um moleque de rua em um aspecto: eu tinha uma moeda no bolso.

Ethan assentia, sabiamente. Ele conhecia a arma. A moeda é amarrada ao lenço, que é utilizado como um *lumal*, um tipo de garrote. A moeda sufoca a traqueia da vítima, esmagando sua laringe, provocando uma morte mais rápida e impedindo que ela possa gritar por socorro. É uma das ferramentas mais básicas e eficientes dos Assassinos. Ethan começou a entender por que Arbaaz a escolhera. Começou a entender até mesmo por que havia escolhido Jayadeep para essa missão.

— Continue — pediu.

— Pulei com facilidade. Então, permanecendo nas sombras do terraço da casa e ciente dos guardas que ainda patrulhavam lá embaixo, engatinhei até a escotilha que eu sabia que havia no teto do quarto de Dani. Tinha levado óleo lubrificante comigo, uma pequena porção atrás da orelha, e usei-o na escotilha, abrindo-a cuidadosamente antes de entrar na escuridão do quarto. Prendi a respiração, meu coração batia apressado. Mas, como o senhor sempre me ensinou, um pouco de medo é bom. O medo nos torna cautelosos. O medo nos mantém vivos. Até aquele momento, nenhum aspecto da minha missão me causara preocupação. Tudo estava acontecendo conforme o planejado. Eu estava no quarto de Dani. Podia ver as armadilhas que ele havia colocado na porta e na janela: um sistema de roldanas presas a um sino que pendia não muito longe da escotilha que eu mesmo utilizara para fazer minha entrada triunfal no quarto. E

ali, na cama, estava o meu alvo. Dani, um homem sobre o qual eu havia aprendido tanto nas semanas que antecederam a minha missão. Minha respiração ficou pesada. Minhas têmporas pareciam latejar como se a veia ali estivesse pulsando juntamente com meus batimentos cardíacos acelerados. Meus nervos estavam ficando abalados.

Ethan o interrompeu:

— Enquanto você estudava sobre ele, Dani se tornou um ser humano aos seus olhos, não foi? Você começou a pensar nele como uma pessoa, em vez de simplesmente um alvo, não foi?

— Em retrospecto, o senhor está certo, foi o que aconteceu.

— Nossa, quem poderia ter adivinhado que isso ia acontecer? — disse Ethan, arrependendo-se imediatamente do sarcasmo impróprio para aquele momento.

— Talvez mesmo naquele momento já fosse tarde demais. Quero dizer, tarde demais para ter dúvidas. Não havia mais volta. Eu era um Assassino no quarto de um homem adormecido. Meu alvo. Eu tinha que agir. Eu não tinha escolha, a não ser completar a missão. A questão de estar ou não pronto deixou de ser relevante. Não se tratava de estar pronto, se tratava de agir. Era matar ou falhar.

— E basta olhar em volta para sabermos muito bem o que aconteceu. — Novamente, Ethan se arrependeu de sua leviandade, lembrando-se de que, quando essa conversa terminasse, ele se levantaria, limparia a palha de sua roupa, chamaria o guarda e deixaria o garoto sozinho naquele lugar escuro e insalubre.

Não, esse não era o momento para observações sarcásticas. Em vez disso, tentou imaginar a cena no quarto: a casa escura, um homem dormindo — havia algum momento em que um homem parecia mais inocente do que dormindo? —, e Jayadeep, prendendo o fôlego, torcendo o lenço nas mãos enquanto juntava coragem para atacar, a moeda enrolada no lenço e... a moeda caindo do lenço. Caindo no assoalho.

— Seu garrote — perguntou a Jayadeep. — A moeda caiu dele?

— Como o senhor sabe? Não contei isso a ninguém.

— Visualização, meu caro garoto. Eu não o ensinei a sempre fazer isso?

No rosto do rapaz apareceu o primeiro indício de sorriso desde que Ethan entrara na cela.

— O senhor me ensinou. Claro que sim. É uma técnica que uso constantemente.

— Mas não nessa situação?

Uma nuvem de tristeza roubou o sorriso incipiente.

— Não, não nessa ocasião. Nessa ocasião, tudo o que eu ouvia era o sangue pulsando na minha cabeça. Tudo o que ouvia era a voz do meu pai dizendo para eu fazer o que precisava ser feito. Quando a moeda caiu, o barulho me assustou e acordou Dani. E ele reagiu muito mais rápido do que eu.

— Você devia ter atacado assim que entrou no quarto — disse Ethan, e uma raiva que não havia sido causada pelo garoto mesmo assim foi dirigida a ele. — Devia ter atacado assim que teve a chance. Sua hesitação foi a causa do seu fracasso. O que eu sempre lhe disse? Qual o conselho que seu pai sempre lhe deu? Se hesitar, você morre. É simples assim. Um assassinato não é um ato cerebral. Requer que se pense bastante, mas essa energia deve ser canalizada para as etapas de planejamento e preparo, a visualização e contemplação antes do ato... *esse* é o momento para se pensar duas, três, quatro vezes ou quantas vezes forem necessárias até que você esteja certo, completamente certo, de que está preparado para fazer o que precisa ser feito. Porque, na derradeira hora, quando se está diante do seu alvo, não há tempo para hesitar.

Os olhos de Jayadeep se encheram de lágrimas quando ele fitou seu velho amigo.

— Sei disso agora.

Ethan pousou a mão sobre a dele, reconfortando-o.

— Eu sei. Desculpe. Conte-me o que aconteceu depois disso.

— Ele agiu rápido. Tenho que lhe dar o devido crédito. Na verdade, ele merece ainda mais, pois era rápido e forte, e saltou da cama com uma agilidade para um homem de sua idade e tamanho que me surpreendeu. Ele me segurou, naquele momento praticamente desarmado, e me empurrou janela afora. Caímos pela janela, Dani e eu. Passamos direto pelas persianas e fomos parar nos paralelepípedos abaixo de nós, uma queda que felizmente foi amortecida pelo toldo abaixo da janela. Em retrospecto, talvez eu tenha pensado que meu treinamento iria ressurgir, como um tipo de instinto. Mas falhou. Mesmo enquanto eu rolava para longe de Dani, machucado, assustado e tentando

desesperadamente me orientar, vi rostos aparecendo nas janelas do outro lado da rua, e ouvi o som dos passos dos guardas correndo em nossa direção. Rolei para longe de Dani, sentindo uma dor lancinante na cabeça e também no quadril. No momento seguinte, ele já estava em cima de mim, os dentes escancarados, os olhos arregalados de ódio, as mãos em volta do meu pescoço. Ele nem ouviu o cavalo. Eu também não. Naquele dia, eu e papai havíamos usado trapos para silenciar os cascos do seu cavalo, e ele veio cavalgando pelo paralelepípedo em nossa direção, silencioso como um fantasma. A primeira coisa que vi foi seu manto esvoaçante sobre Dani, uma das mãos segurando as rédeas e a outra estendida, puxando a lâmina oculta sob seu pulso, o luar brilhando sobre o metal. Papai enrolou as rédeas na mão e tomou impulso, forçando o cavalo a empinar. Por um segundo, eu pude ver o aterrorizante guerreiro Assassino das lendas. Vi a morte brilhando em seus olhos, sua intenção de matar tão forte e verdadeira quanto a arma que ele empunhava. Vi um homem que eu jamais poderia ser. Talvez nesse momento eu tenha entendido que não havia esperanças para mim. E talvez Dani, minha vítima, soubesse que a morte estava chegando por trás dele. Porém era tarde demais, e a lâmina de meu pai penetrou sua cabeça e seu cérebro, matando-o em um instante, um instante no qual seus olhos se arregalaram e sua boca se abriu em surpresa num meio segundo de dor antes de sua vida se extinguir, um instante em que vi a lâmina saindo pela sua boca. Papai retirou a lâmina, e gotas de sangue escorreram por ela quando ele a usou de novo, dessa vez para rasgar a garganta do primeiro guarda, que caiu numa poça de sangue arterial sem nem mesmo ter tido tempo de sacar sua espada. Papai girou o braço para o outro lado, dessa vez por sobre o peito, e houve um clangor de aço, fino como o som dos sinos de Dani, quando sua espada se chocou contra a espada do segundo guarda. Sua esquiva fez com que o atacante cambaleasse para trás e, num piscar de olhos, meu pai desmontou do cavalo e aproveitou aquela vantagem, puxando a espada com a outra mão e atacando ao mesmo tempo. Tudo acabou muito rápido. No meio de uma névoa de espadas e mantos, papai atacou com as duas armas. Instintivamente, o guarda estendeu o braço para se defender contra o golpe de espada, mas aquilo o deixou vulnerável a um golpe vindo do outro lado, e foi exatamente o que meu pai fez, cravando a lâmina na axila do guarda. O homem caiu. Sua túnica, já escarlate, e os paralelepípedos

brilhando de sangue. Ele sangraria até a morte em minutos. Isso se não sufocasse com o próprio sangue, caso...

— Caso a faca houvesse perfurado os pulmões. Sim, eu mesmo ensinei isso a você.

— Não sei se os outros guardas demoraram a chegar ou se viram meu pai em ação e decidiram que a discrição era o melhor caminho. Sem nenhuma palavra, papai montou novamente, estendeu a mão para mim, e me puxou para a garupa, e então fomos embora, deixando a rua atrás de nós em pandemônio.

Houve uma pausa longa. Ethan não disse nada, sentindo o trauma do rapaz quase como se fosse o seu próprio. Então foi isso, pensou ele. As ações de Jayadeep quebraram um dogma do Credo: ele fora obrigado a revelar sua identidade na frente de todos; pior ainda, ele fora forçado a comprometer a Irmandade.

— Eu sei o que o senhor está pensando — disse Jayadeep, finalmente. — Está pensando que sou um covarde.

— Bem, então você não faz a mínima ideia do que estou pensando, pois não é isso. Há muita diferença entre pensamento e ação, e uma coisa que eu sei a seu respeito, Jayadeep, é que você não é covarde.

— Então, por que não fui capaz de matá-lo?

Ethan revirou os olhos. Será que ninguém havia escutado uma só palavra do que ele dissera?

— Porque você não é um matador.

Novamente fez-se silêncio. O garoto emanava arrependimento, e Ethan pensou: *Em que mundo vivemos quando lamentamos nossa incapacidade de matar...*

— O que lhe disse seu pai a caminho de casa?

— Nada, mestre. Ele não me disse nada, nem mesmo uma única palavra. Mas é claro que seu silêncio gritou muitas coisas, e continua a gritar. Ele não veio aqui me ver. Nem minha mãe.

Ethan ficou furioso. Aquele tirano miserável, deixando seu próprio filho nesse buraco!

— Sua mãe está proibida de visitá-lo.

— Isso.

E Ethan podia muito bem imaginar como Arbaaz estava se sentindo. Podia visualizar ele e o filho cavalgando para casa, Arbaaz deixando Jayadeep em seu quarto com uma silenciosa vergonha, e então indo ver o mentor, Hamid. O garoto continuou a história, dizendo que estava dormindo e foi acordado quando enfiaram um capuz preto em sua cabeça e o levaram para a Escuridão. Ethan se perguntou se Arbaaz não teria sido um dos homens que o prenderam. Teria seu próprio pai liderado o grupo que prendeu Jayadeep?

Ele se levantou.

— Vou fazer todo o possível para tirá-lo daqui, Jayadeep, disso você pode ter certeza.

Mas, enquanto chamava o carcereiro, Ajay, em inglês e hindi, o que ficou com ele foi o olhar do garoto balançando a cabeça, triste e sem esperança.

Ethan e Ajay caminharam pelo corredor e subiram os degraus de pedra que levavam à sala de reuniões acima. Lá havia um segundo guarda, uma mulher de aparência impressionante que estava, com os pés levemente afastados e as mãos sobre o punho de uma espada enorme, cuja ponta tocava o chão de pedra. Ela olhou para Ethan, implacável, por baixo de seu capuz.

— Essa é Kulpreet — disse Ajay, apresentando a mulher. Ele apontou para ela com o queixo. — É a melhor com a espada da Irmandade.

Entretanto, a espada de que ela cuidava era mais longa, a lâmina, mais estreita...

— Quando? — perguntou Ethan.

— Amanhã de manhã — respondeu a mulher.

E pelos olhos daquela mulher, Ethan entendeu que estava diante da executora de Jayadeep.

15

— Obrigado por concordar em me receber.

Ethan tinha todos os motivos para temer que Arbaaz simplesmente recusasse uma audiência. O que havia acontecido não era culpa de Ethan — longe disso —, mas aos olhos de Arbaaz ele deve ter sido considerado pelo menos parcialmente culpado. E havia, é claro, a questão da troca de correspondências.

Mas ele não teria aceitado "não" como resposta. Estava ali para salvar a vida de Jayadeep Mir, e não iria embora até que a missão estivesse concluída.

Seu amigo o fitou com cautela, os olhos cansados de preocupação e noites mal dormidas, o rosto emaciado e abatido. O que devia estar se passando dentro dele? Que dores provinham da sua agonia entre o amor paterno e a obrigação para com a Irmandade?

Suas preocupações claramente o liberaram das obrigações de anfitrião. Não houve nenhuma oferta de pão, azeitonas ou vinho para Ethan, e certamente nenhum tipo de recepção calorosa. O Assassino foi conduzido pelos frios corredores de mármore da casa dos Mir, desapontado por não ver Pyara — em quem poderia ter uma aliada —, e, então, entraram em um dos escritórios dos fundos, uma sala que ele mesmo havia usado certa vez para dar aulas a Jayadeep. Naquela época, ele escolhera a sala em função dos poucos móveis e da decoração espartana. Não havia quase nada de distrações. Hoje, não havia nem mesmo chá quente. Apenas uma simples tapeçaria na parede, duas cadeiras pretas de espaldar reto, onde eles se sentaram. Entre eles, uma mesa sem polimento e um clima inconfundível.

— Não se engane com os meus motivos para concordar em vê-lo, Ethan. Tenho um pedido a lhe fazer.

Cauteloso, esperando ter uma chance de explicar seu ponto de vista, Ethan fez um gesto para que ele prosseguisse.

— Diga.

— Quero saber, Ethan, como você planeja fazê-lo?

— Como planejo fazer o quê?

— Libertar Jayadeep, é claro. Você planeja arrancá-lo da cadeia? Ou salvá-lo no exato momento da execução, talvez? Quantas vidas de Assassinos pretende tirar nesse processo?

O olhar de Arbaaz era frio e terrível.

— Eu esperava poder conversar a respeito primeiro, Arbaaz, posto que você é um dos meus amigos mais antigos e queridos.

Arbaaz balançou a cabeça.

— Não. Não há nada a discutir. E, além do mais, devo dizer que você estará sob vigilância durante o que espero ser uma breve estadia em Amritsar. O motivo pelo qual você está sob vigilância é garantir que não tente libertar Jayadeep.

— E por que eu iria querer libertar Jayadeep, Arbaaz? — perguntou Ethan suavemente, com um tom apaziguador.

O outro homem brincou com um dos nós da madeira da mesa e o olhou como se esperasse que ele fosse fazer alguma coisa.

— Porque sua vida no Ocidente o amoleceu, Ethan. É por isso que a Irmandade em Londres está praticamente extinta, e é por isso que você e George são meros insurgentes, comparados à supremacia dos Templários. Você é fraco, Ethan. Permitiu que sua Irmandade do outro lado do oceano se deteriorasse a ponto de se tornar inexpressiva. Agora quer trazer suas políticas progressistas para cá e acha que vou permitir isso.

Ethan inclinou o corpo para a frente.

— Arbaaz, o que está em questão aqui não é Assassinos contra Templários. O que está em jogo é Jayadeep.

Os olhos do amigo se desviaram, ficando turvos por um breve instante.

— Motivo ainda maior para ele pagar o preço mais alto pela sua...

— O quê?

— Má conduta. — Arbaaz levantou a voz. — Sua má conduta, sua incompetência, sua negligência.

— Ele não precisa ser executado.

— Está vendo só? Você veio até aqui suplicar pela vida dele.

Ethan deu de ombros.

— Não preciso fazer rodeios. Eu vim até aqui suplicar pela vida dele, mas você me julga mal se me toma como fraco ou se acha que não aprovo sua linha dura. É justamente o contrário; eu admiro imensamente sua determinação e força. Afinal de contas, estamos falando do seu filho. Nunca ouvi falar de nenhum Assassino que se encontrou na posição delicada em que você se encontra nesse momento, Arbaaz, forçado a colocar o dever diante da família.

Arbaaz o olhou de soslaio, incerto sobre que leitura fazer das palavras de Ethan. Vendo que seu velho amigo estava sendo sincero, seu rosto relaxou.

— Perderei um filho e também uma mulher — retrucou ele, com a voz repleta de tristeza. — Pyara nunca mais vai olhar para mim de novo. Ela já deixou isso bastante claro.

— Você não precisa fazer esse sacrifício.

— Como assim?

— Basta bani-lo. Bani-lo e deixá-lo sob a minha custódia, pois tenho para ele um importante trabalho, uma missão que, se for bem-sucedida, pode ajudar a restaurar a Irmandade em Londres. Uma operação, Arbaaz; uma operação secreta para a qual as habilidades de Jayadeep serão inestimáveis e perfeitas. Ele não precisa morrer. Você consegue entender? Ele retorna para a Inglaterra comigo e a honra de Arbaaz será restaurada. Ele sofrerá uma punição pelos seus atos, mas viverá. Não no conforto ao qual está acostumado, isso eu lhe garanto. O que tenho em mente envolve uma vida muito mais simples. Mas talvez você possa considerar isso parte de sua punição. E, além do mais, não precisa contar nada a Pyara. Simplesmente diga a ela que ele está comigo. Que serei responsável por ele.

Rezando para que seu plano desse certo, Ethan observou a indecisão estampada no rosto do amigo.

— Terei de conversar com Hamid — respondeu Arbaaz, pensativo.

— Sim, terá — disse Ethan, e suprimiu um suspiro de alívio. Arbaaz não desejava que Jayadeep fosse executado. Ethan estava oferecendo a ele a saída para um problema que destruiria sua família, e tudo isso sem perder a honra. — Mas acho que você verá que essa conversa será mais fácil do que você imagina — continuou Ethan. — Vi Ajay e Kulpreet hoje, e, se o ânimo deles for um reflexo da Irmandade como um todo, então, assim como eu e você, ninguém deseja que Jayadeep seja executado. Deixe que sua punição seja o exílio. Há muitos que consideram o exílio pior do que a morte.

— Não — disse Arbaaz.

Ethan parou, surpreso.

— Como assim?

— A punição deve ser a morte.

— Não entendo...

— Se essa missão é secreta, como você sugere, não seria ainda mais vantajoso se o agente não existisse? Quem poderá ligá-lo a Jayadeep Mir, se Jayadeep Mir estiver morto?

Ethan aplaudiu.

— Um fantasma? — disse ele, alegre. — Isso é um golpe de mestre, Arbaaz, digno do grande Assassino que conheço.

Arbaaz então se levantou, rodeou a mesa, e, finalmente, abraçou o amigo.

— Obrigado, Ethan — disse ele, enquanto o Assassino tentava se levantar, um pouco desajeitado. — Obrigado pelo que você está fazendo.

Ethan foi embora, pensando que, no final das contas, aquela havia sido uma boa tarde de trabalho. Ele não teve de usar a carta que trazia no bolso, a carta na qual Arbaaz explicitamente rejeitava os conselhos de Ethan. A carta que provava que qualquer acusação de negligência ou incompetência deveria ser dirigida não a Jayadeep, mas a seu pai. E, mais ainda: havia salvado a vida de um garoto que, para ele, era como um filho, e possivelmente além disso, ainda salvara o casamento de Arbaaz e Pyara.

Agora ele também tinha um agente. E não era qualquer agente. Era o mais promissor Assassino que ele já tivera a sorte de treinar.

16

Dois anos mais tarde, Jayadeep, agora O Fantasma em nome e atividade, ajoelhou-se sobre o almofadinha no cemitério da igreja de Marylebone e ergueu a adaga para dar o golpe de misericórdia.

E então, assim como aconteceu na noite de sua primeira missão, ele congelou.

Congelou. No último minuto. Sua mente vagou, lembrando-se da boca aberta de Dani, do brilho da lâmina suja de sangue da espada de seu pai dentro da boca do homem; viu novamente a luz se extinguindo dos olhos do seu alvo e soube que vira a morte: rápida, brutal e sem remorso. E ele não conseguia se convencer a fazer isso.

O almofadinha viu ali sua chance. Aquele homem com certeza jamais havia travado uma única luta justa em toda a sua vida. Devia ter gastado seu tempo no serviço militar bebendo no escritório das tropas, enquanto os soldados das patentes mais baixas morriam em nome da Rainha. Mas, assim como qualquer outro ser humano, ele tinha o instinto de sobrevivência, e seu instinto lhe disse que o momento de hesitação do seu atacante lhe dera a melhor chance de sobreviver.

Ele se contorceu, revirando os quadris com uma força tão súbita e inesperada que fez O Fantasma se lembrar de quando ele montava pôneis selvagens quando era criança. Então, ele foi atirado para o lado, ainda tonto, a mente em turbilhão devido à sua falha mais recente. O alfanje caiu por entre seus dedos e o

almofadinha pulou para pegá-lo, ao mesmo tempo em que soltava um grito de triunfo:

— Ahá!

Então, o almofadinha se virou, pronto para usar o alfanje contra O Fantasma. O homem estava tão impressionado com sua mudança de sorte quanto ansioso para aproveitar a vantagem.

— Seu canalha de merda! — vociferou enquanto avançava, o braço estendido e a ponta da espada apontada para a garganta do Fantasma.

O alfanje nem chegou a tocar O Fantasma. Da esquerda veio um grito e a noite se abriu revelando a mulher, os cabelos longos e grisalhos esvoaçantes quando ela pulou com um grito agudo e atingiu o almofadinha com toda a sua força.

Não foi um ataque muito bonito. Nem decisivo. Mas, com certeza, foi eficiente e, com um grito de surpresa, e dor, o idiota abastado caiu em meio às lápides. Tentou erguer o alfanje de novo, mas a mulher foi mais rápida e pulou sobre o braço que o empunhava, quebrando-o com um estalo audível. Depois, com o outro pé, pisou em seu rosto de maneira que, por um segundo, dava a impressão de que ela estava dançando num tapete feito de almofadinha.

O homem se afastou, rosnando, seu rosto uma máscara coberta de sangue enquanto ele pegava a espada com a mão boa e a erguia. Desequilibrada, a mulher caiu e novamente, a sorte pendeu para o lado do homem, cujo alfanje estava prestes a matar a mulher; mas àquela altura O Fantasma havia recobrado os sentidos e não deixaria aquele palerma terminar o que havia começado. Atacou, batendo a palma da mão contra o ombro do homem, o do braço machucado, fazendo com que ele se virasse e gritasse de dor ao mesmo tempo.

O grito foi abruptamente interrompido quando O Fantasma deu o segundo golpe — o golpe de misericórdia —, novamente com a mão, mas, dessa vez, mais forte. Atingiu o ponto diretamente abaixo do nariz do almofadinha, quebrando-o e enviando fragmentos de osso para o cérebro, matando o homem instantaneamente.

Ouviu-se um som alto quando o homem bateu a cabeça contra uma lápide que estava no caminho e, em seguida, caiu imóvel na grama. Um fio de sangue

vermelho-escuro e massa encefálica escorreram das suas narinas. Suas pálpebras tremeram enquanto ele morria.

O Fantasma se levantou, os ombros subindo e descendo, enquanto recuperava o fôlego. Apoiada em uma lápide próxima, a mulher o observava e, por alguns minutos, os dois se analisaram com cautela: aquela estranha senhora de cabelos brancos, de rosto fino, castigado e ensanguentado pela surra, e aquele estranho indiano, sujo depois de um dia de trabalho nas escavações. As roupas de ambos rasgadas e imundas. Ambos exaustos e com marcas da luta.

— Você salvou a minha vida — disse ele, quebrando o silêncio.

O Fantasma falava baixinho. Suas palavras pareciam evaporar-se no cemitério escuro e silencioso. A mulher, agora com mais certeza de que ele não era um maluco que saíra por aí para matar indiscriminadamente e que faria dela sua próxima vítima, levantou-se, apoiando-se num braço.

— Só consegui fazer isso porque você salvou a minha primeiro — retrucou ela através de dentes quebrados e lábios ensanguentados.

Ele percebeu que ela estava bastante ferida. O jeito com que trazia a mão num dos flancos sugeria que devia ter uma ou duas costelas quebradas. Bastaria um movimento errado e seu pulmão seria perfurado.

— Você consegue respirar normalmente? — perguntou ele, cambaleando por cima do corpo do almofadinha e seguindo até o túmulo onde ela estava. Colocou suavemente as mãos em seu flanco.

— Ei! — protestou ela, agitando-se novamente e pensando que talvez tivesse sido prematura ao relaxar. — Que diabos você pensa que está fazendo?

— Tentando te ajudar — respondeu ele, distraído, sentindo os ossos quebrados. Então, deu seu parecer: — Você precisa vir comigo.

— Ora, veja bem. Não vá tentando nenhuma gracinha...

— Você tem alguma outra sugestão? Temos aqui um homem morto e outros três machucados lá atrás, e em algum lugar há ainda mais um que ou foi procurar a polícia, ou outros capangas, ou as duas coisas. E você está machucada. Pode ficar aqui se quiser, mas eu preferia que você viesse comigo.

Ela olhou para ele, exasperada.

— Ora, mas para onde você vai me levar? Você tem alguma hospedaria a nosso dispor? Você não me parece muito próspero.

— Não — disse ele. — Não é exatamente uma hospedaria.

Ao dizer isso, ele deu um sorriso torto que, para a mulher, cujo nome era Maggie, foi algo lindo de se ver, como se o sol aparecesse por entre as nuvens num dia nublado. Ela estava na casa dos 60 anos, mas, talvez porque ele tivesse salvado sua vida, ou talvez por causa daquele sorriso desconcertante, Maggie ficou enfeitiçada, e o acompanhou até o túnel naquela mesma noite. Ficou sabendo que o nome dele era Bharat, e que ele trabalhava nas escavações dos trens subterrâneos perto do Regents Park.

Ela se acostumou rapidamente a viver no túnel. À noite, ela e O Fantasma dormiam numa alcova, de costas um para o outro para se aquecerem. Juntos, porém distantes, cada um perdido em seus próprios pensamentos, e ela nunca parou muito para pensar sobre os homens que cruzaram seu caminho naquela noite. Dois deles estariam ocupados demais sendo alimentados por cuidadores impacientes. Mas dois deles ainda estavam à solta: o último guarda-costas e o almofadinha que fugira. Eles também tinham visto O Fantasma em ação. E também sabiam que ele era um jovem diferente dos demais.

17

Quando Abberline fez o caminho de volta a Belle Isle, foi com a chacota de seus amigos policiais ainda ecoando em seus ouvidos.

Não fazia muito tempo, eles o chamavam de "Freddie Caxias", devido ao seu entusiasmo e sua determinação em fazer justiça. Nesse sentido, seus colegas estavam certos: ele não tinha mulher nem família, era completamente dedicado ao trabalho, e era verdade que ele achava que seus companheiros eram homens que sempre escolheriam o caminho mais fácil.

Mas do que o estavam chamando agora? "O tira que perdeu o presunto". O "tira sem cadáver"; ou uma versão um pouco diferente, "tira que faz corpos desaparecerem". Nenhum desses apelidos era espirituoso ou engraçado, apenas uma piada de mau gosto. Mas isso não ajudava em nada. Não aliviava a dor considerável causada pelas zombarias dos colegas, sem mencionar o fato de que, no final das contas, eles tinham razão. Afinal, ele havia mesmo *perdido* um morto. E sem corpo não havia crime. O que significava que... ele queria encontrar aquele corpo a qualquer custo.

E foi por esse motivo que estava cavalgando de volta a Belle Isle, dessa vez sem a ajuda de um cavalo e uma charrete, mas um pouco mais esperto e ciente das surpresas que um cortiço pode oferecer. Trazia uma sacola no ombro. E, dentro dela, sua arma secreta.

Ele adentrou as profundezas do lugar, onde o fedor da fábrica e do matadouro eram quase insuportáveis. Hoje os habitantes do cortiço estavam escondidos pela densa neblina. Uma névoa própria desses lugares, que formava

ondas e ecoava, ameaçadora. Em seu interior dançavam flocos de fuligem e nuvens de fumaça asfixiante. O bafo do diabo.

De vez em quando, Abbeline percebia formas dentro da neblina, e aos poucos começou a notar figuras se aglomerando e o acompanhando enquanto ele adentrava cada vez mais aquele lugar esquecido por Deus.

Ótimo. Isso era exatamente o que ele queria. Precisava de uma plateia para presenciar o que aconteceria a seguir. Agora ele estava no exato lugar onde as crianças haviam parado sua charrete e provavelmente trocaram o cadáver que ele transportava pelo de um pônei.

Abbeline parou.

— Olá, marujos — disse ele, surpreso consigo mesmo, sem saber o que o levara a falar como um marinheiro. — Com certeza vocês se lembram de mim. Sou o otário cujo morto vocês roubaram.

Pode ser que tenha sido sua imaginação, mas, mesmo assim... seriam *risos abafados* o que ele ouviu vindo da escuridão?

— Preciso falar com o menino que afagou meu cavalo no outro dia. Veja bem, acho que alguém obrigou vocês a me dar um golpe. E eu gostaria muito de saber quem foi.

A neblina permaneceu em silêncio, guardando seus segredos.

— Ele pagou a vocês? — pressionou Abberline. — Bom, então eu pagarei de novo. — Ele tilintou as moedas nas mãos, o som, um leve badalar de sinos contra o ar estático.

Houve uma pausa e Abberline estava prestes a revelar sua arma secreta quando finalmente veio uma resposta, e uma voz jovem e sem corpo disse:

— Temos medo do que ele fará.

— Entendo — respondeu Abberline, espiando através da neblina na direção que lhe parecia correta. — Sem dúvida ele os ameaçou. Mas receio que vocês estejam agora entre a cruz e a espada, pois, se eu for embora daqui sem a informação de que preciso, vou voltar, e não vai ser sozinho. Vou voltar com um dos carros cobertos que vocês veem entrando e saindo dos portões do abrigo para indigentes. — Ele fez uma pausa dramática. — Por outro lado, se eu receber a informação de que preciso, esqueço o carro, deixo esse dinheiro com vocês e também...

Nesse momento, ele tirou a sacola dos ombros, colocou-a no chão e pegou e ergueu um bastão e uma bola de críquete.

— Deixo isso. Os dias de jogar críquete com a cabeça de um gato morto vão acabar quando vocês colocarem as mãos nessas belezinhas. Custam uma boa grana, posso garantir. Vocês não vão encontrar artigo melhor.

A resposta veio novamente, fazendo com que Abberline virasse a cabeça de um lado para o outro, sentindo-se em desvantagem enquanto tentava descobrir o ponto exato de onde vinha a voz.

— Temos medo do que ele fará — repetiu o garoto. — Ele é como um demônio.

Abberline sentiu o pulso acelerar, sabendo com certeza que tinha razão em desconfiar que havia algo fora do comum relacionado a esse assassinato.

— Já fiz a minha oferta — respondeu ele para seu intermediário invisível. — Em uma das mãos eu tenho presentes. Na outra, tenho consequências severas. E uma coisa eu garanto: além de retornar com os carros, vou espalhar por aí que consegui a informação de que precisava. A ira desse demônio, e ele não é um demônio, é só um homem como eu, vai cair sobre vocês de um jeito ou de outro.

Ele esperou que a neblina tomasse uma decisão.

Finalmente, a neblina tremulou e se abriu, e de dentro dela saiu o mesmo garoto que o parara no outro dia. Rosto sujo. Usando trapos. Uma expressão cadavérica, faminta. Essa criança não estava muito longe de um encontro com a morte. Abberline se sentiu mal pela maneira como ele e outros iguais eram usados e maltratados. Sentiu-se mal por ameaçá-los com o abrigo, quando ameaças, frio e fome eram tudo o que eles conheciam.

— Você tem a minha palavra de que não pretendo lhe fazer nenhum mal — disse.

Colocou o taco e a bola no chão diante deles.

O garoto olhou para os equipamentos de críquete e então para o policial. Abberline percebeu a expectativa das figuras ocultas pela neblina.

— Mas você está bravo porque roubamos seu morto — disse o garoto, com a reticência e cautela provenientes de uma experiência dolorosa.

— É verdade, não estou muito contente por vocês terem roubado meu morto — admitiu Abberline. — Mas escute, entendo por que fizeram isso. E vou lhe

dizer uma coisa: se estivesse no seu lugar, eu teria feito exatamente a mesma coisa. Não estou aqui para julgar ninguém. Só quero a verdade.

O garoto deu um passo à frente, mais para demonstrar que começava a confiar em Abberline do que qualquer outra coisa.

— Não tem muito mais o que dizer, senhor. O senhor estava certo. A gente foi pago para te distrair e fazer a troca do cadáver pelo pônei. Não disseram para a gente por que, e a gente também não perguntou. Um punhado de moedas foi o que ganhamos por entregar o corpo.

— E a arma?

— Não vi arma nenhuma, senhor.

— Estava no bolso do morto.

— Então continua lá, senhor.

— E onde você entregou esse corpo?

O menino abaixou a cabeça. Em vez de responder, ergueu as mãos indicando onde os abatedouros de cavalos deviam estar, atrás da neblina.

— Alguns de nós viram o homem entrar ali com o corpo e sair algum tempo depois sem ele.

— E como era esse homem? — perguntou Abberline, tentando esconder a ansiedade, mas falhando terrivelmente.

Não muito tempo depois, o policial respirou fundo, agradecido por deixar a neblina asfixiante de Belle Isle para trás e fazer o caminho de volta ao seu distrito, onde o ar era relativamente limpo. Ele levava algumas moedas a menos, não tinha mais o taco nem a bola de críquete, mas sua consciência estava tranquila, e ele tinha agora uma descrição do “demônio”, cujos objetivos eram um mistério. A descrição lhe pareceu bastante familiar. Ele já tinha ouvido falar a respeito de um homem que se vestia daquela maneira, daquela maneira bem diferente (podemos até chamar de idiossincrática), e que tinha se envolvido em uma confusão no cortiço de Rookery havia mais ou menos uma semana.

Abberline percebeu que estava apressando os passos quando começou a se lembrar. Havia um policial em outro distrito com o qual ele poderia conversar, e

que talvez soubesse de alguma coisa sobre essa figura que era fácil de reconhecer: uma figura estranha que usava um manto e um capuz sobre a cabeça.

18

Ethan nunca falou nada sobre sua vida pessoal para O Fantasma. É claro que O Fantasma sabia de nomes — Cecily, Jacob, Evie —, mas nada além disso, exceto que os gêmeos tinham quase a mesma idade que ele.

— Espero apresentá-los um dia — disse Ethan certa vez, com uma expressão estranha e difícil de interpretar. — Mas não antes que eles estejam prontos para se juntar à luta.

Isso era tudo o que O Fantasma sabia. Por outro lado, ele não fazia perguntas, e, além disso, ele mesmo não havia contado nada a Ethan sobre sua vida fora das escavações do túnel. Ethan não sabia sobre Maggie ou sobre os habitantes do túnel, nem que O Fantasma frequentemente passava as noites em claro tremendo de frio, os olhos úmidos por causa das memórias de sua mãe e de seu pai e do perfume de jasmim de Amritsar. Nem que o rosto de Dani morrendo continuava a lhe causar pesadelos. A boca aberta. Os dentes ensanguentados. A boca cheia de aço e carmim.

Ele simplesmente continuava a sobreviver, trabalhando nas escavações, enterrando sua pá num esconderijo especial antes de voltar para seu lar no túnel, para tomar conta das pessoas ali.

Mas, então, havia quatro noites — quer dizer, quatro noites antes de o corpo ter sido descoberto nas escavações —, O Fantasma estava caminhando para casa quando fitou o cemitério da igreja, como de costume. Dessa vez, entretanto, viu a lápide inclinada para a esquerda.

Em vez de voltar para o túnel, deu meia-volta e seguiu na direção oposta, rumo a Paddington. Seria uma caminhada longa, mas ele estava acostumado. Fazia parte da penitência diária que pagava pela sua...

Covardia. Era o que ele pensava às vezes, nos momentos de intensa escuridão que antecipam o amanhecer, congelando no túnel.

Mas ele não tinha sido covarde na noite em que salvara Maggie, tinha? Ele havia lutado em nome do que era certo.

Então, talvez não tenha sido covardia. Isso, pelo menos, não. Talvez tenha sido uma incapacidade de agir. Por hesitação ou inabilidade — seja o que for que tenha travado sua mão na noite de sua primeira missão e que trouxe tamanha vergonha para ele mesmo e sua família.

Segundo as regras, ele deveria pagar com a própria vida, e era o que teria acontecido se não fosse a intervenção de Ethan Frye. Às vezes, O Fantasma se perguntava se o seu maior ato de covardia não teria sido aceitar a oferta do Assassino Ethan.

Os sons da rua, uma cacofonia de cascos de cavalos, comerciantes e artistas de rua, todos desapareceram enquanto ele caminhava absorto em seus próprios pensamentos, sua mente voltando à Escuridão. Quando a porta se abriu naquela manhã, foi para permitir a entrada de seu executor. Ou pelo menos assim ele havia pensado. Em vez disso, Ethan Frye havia reaparecido, sorrindo de uma orelha à outra.

Ethan parara ao ver Jayadeep, que trazia estampada no rosto a certeza da morte. Sentou-se na palha ao seu lado, da mesma maneira como fizera no dia anterior. Então, começou a explicar que precisavam de Jayadeep em Londres para uma missão muito importante, e que Arbaaz tinha dado sua bênção.

A missão requeria que ele se transformasse em um agente secreto. “Completamente secreto”, foi o que Ethan disse. E antes que Jayadeep começasse a pensar que era uma missão forjada pela piedade do mentor, que Ethan estava fazendo qualquer coisa a seu alcance para salvar o jovem da espada dos Assassinos, ele explicou: queria Jayadeep porque Jayadeep tinha sido seu pupilo mais brilhante.

— Você se lembra que fui contra mandarem você numa missão como Assassino? — perguntou Ethan naquela tarde, e Jayadeep assentiu, triste. — Bem,

é porque vi em você uma humanidade que penso ser útil para a Irmandade. O trabalho que tenho em mente está longe de ser agradável. Você se tornará uma outra pessoa, Jayadeep; todos os vestígios de seu antigo "eu" serão enterrados sob um novo disfarce. Você deixará de ser Jayadeep Mir, entende?

Jayadeep assentiu e, então, Ethan foi embora. Só que, desta vez, a porta da cela permaneceu aberta.

Jayadeep ficou contemplando-a alguns instantes antes de, assim como Ethan, se levantar e deixar a cela — finalmente abandonando a Escuridão.

— A missão começa agora — disse Ethan Frye no dia seguinte, ao amanhecer. A simpatia que Jayadeep estava acostumado a ver nos olhos de seu antigo mestre havia sumido. O alívio de Ethan por salvar Jayadeep foi breve. Agora era o momento de pensar na próxima fase do trabalho, a próxima fase da missão.

Eles estavam sozinhos num dos muros do cais. Os cascos dos barcos se chocavam uns contra os outros no balanço das ondas, enquanto as gaivotas voavam e grasnavam.

— Estou prestes a deixá-lo — disse Ethan, olhando o rapaz dos pés à cabeça, notando os trajes pobres que ele usava, conforme fora instruído. — Você precisa ir para Londres por sua própria conta. Encontre um lugar para viver, algum lugar que seja condizente com um homem de poucos recursos. Aqui... — disse ele, entregando a Jayadeep uma pequena bolsa cheia de moedas. — Isso é para a sua subsistência. Não vai dar para muita coisa, por isso, utilize com parcimônia. E lembre-se de que de agora em diante você não é mais Jayadeep Mir, filho de Arbaaz e Pyara Kaur de Amritsar, acostumado ao conforto, riqueza e respeito dos outros. Quando chegar em Londres, você será como o lixo do mundo, um estrangeiro de pele escura sem um tostão furado, e que se chamará Bharat Singh. Entretanto, o seu codinome, o nome pelo qual vou conhecer você, será O Fantasma.

Naquele momento, Jayadeep pensou que já odiava o nome Bharat Singh. Fantasma lhe caía muito melhor.

— Quando tiver arrumado um lugar para morar, preciso que você encontre um trabalho — continuou Ethan. — Mas num lugar bastante específico, cuja

significância ficará clara dentro de alguns meses. Preciso que você arrume trabalho no canteiro das escavações da ferrovia Metropolitan, no noroeste da cidade.

Jayadeep balançou a cabeça, confuso. Era muita coisa para assimilar. Uma nova vida? Um novo trabalho? Tudo isso numa terra estranha, estrangeira, sem os benefícios do nome de sua família, sem a tutela de seu pai e os conselhos de Ethan. O que estava sendo exigido dele parecia impossível. E agora mais essa? Uma ferrovia?

— Não se preocupe com isso agora — disse Ethan, lendo seus pensamentos. — Tudo ficará mais claro quando você estiver em Londres. — Ele enumerou as coisas nos dedos. — Primeiro encontre algum tipo de moradia. Uma moradia apropriada para um homem que pertence ao mais baixo nível social. Depois, faça um reconhecimento dos seus arredores, e, então, consiga um emprego nas escavações da ferrovia Metropolitan. Entendeu?

O jovem conseguiu apenas assentir e esperar que aqueles mistérios de alguma maneira se resolvessem sozinhos no devido tempo.

— Bom. Você tem três meses a partir de hoje para fazer isso. E, nesse meio-tempo, preciso que estude isto...

Uma pasta de couro amarrada com uma fita surgiu dentro do manto do Assassino.

Jayadeep pegou a pasta, virou-a e imaginou o que haveria dentro dela.

— Sugiro que você leia esses documentos durante sua viagem e depois jogue a pasta no mar. Mas antes tenha certeza de que memorizou tudo. Nós nos encontraremos neste mesmo dia dentro de três meses nos jardins do Hospital Foundling, na Gray's Inn Lane Road, à meia-noite. E agora, o aspecto mais importante de tudo o que estou dizendo: sob circunstância alguma você deve demonstrar ter mais habilidades do que aquelas esperadas de um pobre e maltrapilho garoto indiano de 17 anos. Ande sem causar problemas, seja invisível. Você não é um Assassino e não deve se comportar como tal. Caso se encontre em perigo, pareça intimidado. Se perceber que é mais competente do que os demais trabalhadores, trabalhe mais devagar. O mais importante agora é se misturar à multidão. Entendeu?

O Fantasma assentiu. A água do mar bateu contra o muro do cais enquanto raiava o sol de um novo dia.

19

Absorto nas lembranças de seu último dia na Índia, O Fantasma quase passou direto pela casa que serviria de ponto de encontro com o seu mentor.

Os números 23 e 24 de Leicester Gardens, no distrito de Paddington, se pareciam com qualquer outra das casas da rua, mas o que apenas algumas pessoas sabiam — os vizinhos, os trabalhadores que haviam construído a casa, e principalmente Ethan Frye e O Fantasma — era que aquelas casas eram, na verdade, uma fachada falsa que ocultava um buraco no chão.

A ideia tinha sido de Charles Pearson. Ao construir sua ferrovia, ele havia se deparado com um problema imediato: encontrar uma locomotiva própria para ser usada no subsolo. Uma locomotiva comum a vapor sufocaria os passageiros e os trabalhadores imediatamente. Era inaceitável que os ferroviários matassem seus passageiros, por isso, o Sr. Pearson buscara uma solução. Primeiro, teve a ideia de conduzir os vagões pelos túneis utilizando cabos, e, depois, quando isso se mostrou impossível, bolou um plano para utilizar a pressão atmosférica. Essa solução também se mostrou impossível — embora tenha sido uma boa fonte de risadas para os muitos sátiros da cidade.

Foi John Fowler quem veio para salvar o Sr. Pearson nesse e em muitos outros aspectos da ferrovia. Ele havia gerenciado a construção de uma locomotiva cuja fumaça e vapor eram enviados para um tanque localizado na sua parte de trás. O único problema era que a fumaça e o vapor teriam de ser liberados em algum momento, e era por esse motivo que os números 23 e 24 de

Leicester Gardens foram reservados: para que as locomotivas subterrâneas pudessem liberar a fumaça.

A inauguração da linha de metrô ainda demoraria um ano, e seria aqui que Ethan Frye e O Fantasma iriam se encontrar quando precisassem.

— Como você está? — perguntou Ethan. Estava sentado na beirada do buraco, olhando fixamente para o local onde vigas de madeira se cruzavam logo abaixo de seus pés.

O Fantasma assentiu, mas não disse nada; era um livro fechado. Ele se sentou perto de Ethan. Seus pés descalços balançavam ao lado das botas de seu mentor, e embaixo deles via-se uma grande escuridão.

— Você vai gostar de saber que estamos passando para a próxima fase da operação — disse Ethan. — A situação está chegando ao limite. Você será investigado. Não tenho a menor dúvida de que será seguido e suas credenciais, checadas pelos nossos amigos Templários. Tem confiança de que seu disfarce permanece completamente seguro?

O Fantasma ponderou se este seria o momento certo de dizer a Ethan sobre Maggie e o seu papel extraoficial como guardião dos moradores do túnel. Ele tinha simulado essa conversa diversas vezes em sua mente, com explicações imaginárias nas quais dizia a Ethan que uma coisa levara à outra, e que ele não tinha pretendido se destacar dos demais, mas não conseguia ficar quieto enquanto presenciava injustiças, e no fim estava feito. E certamente Ethan iria... bem, mesmo que ele não aprovasse, com certeza entenderia, não? Além do mais, O Fantasma não era um herói famoso, que pudesse ser reconhecido, ou cuja foto estivesse estampada nas páginas dos jornais.

Porém, manteve a boca calada. Não disse nada, e prontamente adentrou a próxima fase do plano.

— E o que vai ser? — perguntou.

Um brilho misterioso iluminou os olhos de seu mestre. Era um olhar que O Fantasma havia aprendido a amar quando era criança, na segurança de Amritsar. Neste momento, fitando o vazio na cidade suja e barulhenta, ele não tinha mais tanta certeza.

— Você vai ter de escrever uma carta para o nosso amigo, Sr. Cavanagh. Use seu conhecimento a respeito dele para estabelecer suas credenciais. Deixarei a seu

cargo os detalhes. O importante é que diga ao Sr. Cavanagh que existe um traidor em seu grupo, e que você espera cair nas graças dele caso revele quem é.

O Fantasma balançou a cabeça, seu olhar fixo na escuridão do buraco.

— Entendo — assentiu, quando Ethan finalizou. — E depois o quê?

— Espere que um corpo seja encontrado nas escavações.

— Quando?

— É difícil dizer. Nos próximos dias, imagino, dependendo das chuvas.

— Entendi. E posso saber de quem é o corpo que será encontrado?

— Você se lembra do nosso amigo Templário, Sr. Robert Waugh.

O Fantasma de fato se lembrava dele.

— O pornógrafo?

— Exatamente ele. Só que o Sr. Waugh não foi completamente honesto com seus sócios. Ele vinha utilizando suas fotos eróticas para faturar um dinheiro extra, um bico que descobri ontem à noite.

— E foi quando você o matou.

— Ah, não, não fui eu quem o matou. — Ethan deu um tapinha no ombro do Fantasma. — Quem o matou foi você.

20

Ao retornar de seu encontro com Ethan, O Fantasma refletiu sobre a primeira vez em que ficara sabendo sobre o homem que agora via todos os dias nas escavações. O homem conhecido como Cavanagh. Foi na viagem de Amritsar para a Inglaterra, quando ele obedeceu as ordens que lhe foram dadas e abriu a pasta que Ethan lhe entregara no muro do cais.

Dentro da pasta, havia uma nota introdutória escrita por Ethan, explicando que o conteúdo dela eram despachos escritos em código que haviam sido copiados e traduzidos de uma transportadora dos Templários. Os papéis haviam sido substituídos; pelo que os Assassinos sabiam, os Templários não faziam a mínima ideia de que eles tinham aquelas informações.

Os despachos haviam sido compilados a partir de relatos em primeira mão, reunidos pelos documentalistas Templários, e começavam bastante inócuos, com um registro da retirada inglesa de Cabul em 1842.

O Fantasma sabia tudo sobre a marcha de Cabul, é claro. Todos sabiam. Foi um dos maiores desastres da história militar inglesa, e o ponto decisivo da lúgubre guerra no Afeganistão. Dezesseis mil soldados, famílias e seguidores embarcaram numa retirada de 140 quilômetros, de Cabul a Jalalabad, em janeiro de 1842. Apenas uma porção deles conseguiu chegar ao destino final.

Eles somente tinham provisões para cinco dias, e seu líder, o major-general William Elphinstone — conhecido como Elphy Bey —, não era muito inteligente e tinha um corpo frágil. Além de idiota, era fácil de enganar: acreditou em todas as mentiras que o líder afegão, Akbar Khan, lhe contara.

E Akbar Khan contara um monte de mentiras. Em contrapartida pelo exército inglês entregar a maioria de seus mosquetes, Khan garantia uma retirada segura, além de uma escolta. Ele também garantia que os enfermos e feridos que fossem deixados em Cabul seriam poupados.

Khan não demorou mais do que uma hora para voltar atrás em sua palavra. A marcha mal havia deixado o acampamento quando seus homens entraram para pilhar, para queimar tendas e matar os feridos. Enquanto isso, a retaguarda foi atacada. Carregadores, seguidores e soldados ingleses foram massacrados e, com pouca ou nenhuma resistência oferecida pela coluna, os afegãos passaram a arquitetar ofensivas cada vez mais violentas, e rapidamente devastaram o trem de carga. A marcha mal saíra de Cabul e já deixava para trás uma trilha de cadáveres e caixas.

Pouquíssimas tendas foram levadas para a marcha, e estas eram para mulheres, crianças e oficiais. Naquela noite, a maioria se deitou para dormir sobre a neve e, na manhã seguinte, o chão estava coberto pelos corpos daqueles que haviam morrido congelados durante a noite. Congelando e faminta, a marcha continuou, torcendo para sobreviver ao clima ruim e conseguir suportar o constante ataque afegão.

Por razões conhecidas apenas por ele mesmo, Elphy Bey ordenou uma parada para descanso às duas da tarde, quando o que deveria ter feito era seguir o conselho de seus oficiais e continuar a marcha pelo perigoso estreito Khord-Kabul. Talvez o homem tivesse perdido a cabeça completamente, pois sua decisão significou entregar o estreito aos afegãos, cujos atiradores ocuparam suas posições nas encostas, enquanto a cavalaria se preparava para mais uma ofensiva.

É claro que começaram a soar os tiros quando a coluna entrou no estreito na manhã seguinte, e a marcha parou enquanto eram feitas negociações. Akbar Khan concordou em deixar a coluna passar em troca de reféns, mas mentiu novamente, e após a entrega dos reféns, os tiros recomeçaram, enquanto homens montados entraram dispersando os seguidores da coluna, abatendo civis e soldados, e levando embora crianças.

Três mil morreram no estreito, e todos os suprimentos foram perdidos. Naquela noite, os que restaram acamparam com apenas quatro pequenas tendas e nenhum combustível ou comida. Centenas morreram expostos ao frio.

A matança continuou durante os dias seguintes. Para escapar do massacre, alguns se suicidaram e outros desertaram; porém, os afegãos não permitiram que estes escapassem, pois poupavam apenas aqueles que poderiam servir de troca no futuro: os oficiais, suas mulheres e filhos. Soldados, serventes e civis eram exterminados.

No quinto dia, restavam apenas três mil pessoas na coluna, sendo apenas quinhentas delas soldados. Elphy Bey se entregou, morrendo mais tarde em cativeiro, enquanto as mulheres e famílias também se renderam. Ainda assim, a marcha seguiu, com cada vez menos pessoas, sendo novamente atacada no cume Jugdulluk, onde sofreu perdas impressionantes. As batalhas aconteciam à noite, na neve, até que os sobreviventes chegaram a Gandamak, quando então somavam não mais do que quatrocentos.

Eles se posicionaram num monte, mas se viram cercados pelos afegãos, que ordenaram que se rendessem.

— Nem sonhando! — disse um sargento, e sua resposta viraria um bordão na Inglaterra. Como ele cumpriu sua palavra, os atiradores afegãos entraram em ação antes do ataque final.

O cume de Jugdulluk não foi uma batalha; foi um massacre. Seis oficiais escaparam, cinco dos quais foram mortos na estrada para Jalalabad. Apenas um, William Brydon, conseguiu chegar. Parte de seu crânio havia sido cortado por uma espada afegã, mas ele sobreviveu ao golpe graças a uma cópia da revista *Blackwoods Magazine* que estava guardada dentro de seu chapéu. "Nunca imaginei que esse pedacinho de casa seria tão útil", teria supostamente dito.

Dos dezesseis mil que deixaram Cabul seis dias antes, ele foi o único a chegar ao destino final.

O problema é que... não foi bem assim. A história do bom e velho William Brydon chegando sozinho em Jalalabad era boa. Tão boa que povoou a mente das pessoas durante um bom tempo. Entretanto, infelizmente essa história não era exatamente verdadeira, pois houve outros sobreviventes, cujos feitos, porém, não foram tão nobres quanto o estoicismo do Dr. William Brydon. Um homem fará tudo o que estiver ao seu alcance para sobreviver, para ver mais um amanhecer, sentir os lábios de sua mulher e filhos, rir com uma bebida nas mãos. Então, sim, houve outros que sobreviveram àquela marcha desastrosa, mas seus

feitos não merecem ser aplaudidos, celebrados, cantados ou imortalizados por artistas. Na verdade, nem mesmo se pode chamá-los de “feitos”, no sentido de aventura e bravura sugerido pela palavra. Foram atos de sobrevivência, pura e simplesmente. Sujos e cruéis, implacáveis e executados à custa da vida de outras pessoas.

Na marcha havia um certo comandante chamado coronel Walter Lavelle. Esse homem, Lavelle, pertencia à Ordem dos Cavaleiros Templários. Não era de uma patente especialmente alta, nem uma pessoa que interessasse à Irmandade dos Assassinos, mas ainda assim era conhecido.

Um pouco antes de a marcha deixar Cabul, um soldado chamado Cavanagh tentou persuadir Walter Lavelle.

— Será que eu poderia conversar com o senhor? — Perguntou Cavanagh na manhã da marcha.

Percebendo certa seriedade e, sendo sincero, um pouco de perigo nos olhos daquele homem, Lavelle concordou, apesar de o homem ser apenas um soldado. Os dois caminharam até a sombra de um cipreste, longe de onde os serventes e os seguidores estavam carregando as carroças, e os cavalos lutavam para conseguir suportar o peso das malas e provisões. Sim, o pátio era um burburinho imenso. Por sobre o barulho dos homens xingando e trabalhando pesado, das ordens sendo dadas e das mulheres retorcendo as mãos e chorando, vinham as exortações da Lady Florentia Sale, a mulher do major Robert Henry Sale, uma mulher que deve ter sido a inspiradora da palavra “temida”. Lady Sale não deixava sombra de dúvidas de que considerava aquela marcha um simples passeio, algo de pequena importância para o poderio do Exército inglês, e que qualquer um que pensasse diferente deveria ser considerado um traidor da pátria inglesa.

— Ora, pare com esse berreiro, Florence, e faça algo de útil! — mandava. — Ei, você aí, tome cuidado. Esse é o meu melhor vinho Madeira. E você, cuidado com essa louça, ou meus chás em Jalalabad não serão muito elegantes. Planejo o primeiro para daqui a dois dias. Que maravilha será conhecer as damas de Jalalabad!

À sombra do cipreste, o soldado Cavanagh virou-se para Lavelle e falou com sangue-frio:

— Essa mulher é uma tola.

Eles estavam distantes o bastante para não serem ouvidos, mas mesmo assim o coronel refutou, indignado, do jeito que os coronéis sempre fazem:

— Você ficou maluco? Será que perdeu todos os seus sentidos de vez? Sabe com quem está falando, soldado? E sabe *de quem* você está falando? Quer dizer...

— Eu sei muito bem com quem estou falando e sobre quem estou falando, senhor — respondeu Cavanagh, inabalado (meu Deus, o homem era frio, sem sombra de dúvida). — E é precisamente por saber com quem estou falando que senti que poderia falar livremente. Perdoe-me se julguei a situação de forma errada. Devo me retirar para preparar os homens da minha seção.

Ele fez menção de ir embora, mas Lavelle o deteve, curioso para ouvir o que se passava pela cabeça daquele soldado impertinente.

— Pode falar, homem. Apenas tome cuidado com sua língua.

Mas Cavanagh não tomou nenhum cuidado. Seu plano era falar o que estava lhe passando pela cabeça, e foi exatamente o que fez.

— O senhor sabe a distância até Jalalabad? São 140 quilômetros. Temos um exército de catorze mil, mas menos de um quarto desse número é formado por soldados, os demais, apenas uma multidão: carregadores, serventes, mulheres, crianças. Nenhum combatente entre eles. O senhor sabe as condições da caminhada? Marcharemos através de camadas grossas de neve no pior terreno do planeta, e as temperaturas são congelantes. E quanto a Akbar Khan? Ele está nos morros, indo de um chefe local a outro, angariando apoio para mais ataques. Khan não vai cumprir sua palavra. Assim que atravessarmos aqueles portões, vai começar a nos atacar. Lady Sale acha que fará seu primeiro chá em Jalalabad daqui a dois dias. Eu digo que teremos sorte se conseguirmos concluir o trajeto em duas semanas. Não temos armas suficientes, nem munição, comida ou suprimentos. Essa marcha está condenada, senhor, e nós estamos condenados com ela, a menos que juntemos forças para agir.

Ele continuou, contando a Lavelle que tinha um conhecimento razoável de pushtu, uma das línguas faladas no Afeganistão, e sugeriu assumir a função de seu assistente. Lavelle, porém, ficou indignado e dispensou Cavanagh com uma

pulga atrás da orelha, dizendo-lhe que não fosse tão impertinente, e que guardasse seus pensamentos traidores de deserção para si mesmo.

— Você tinha esperanças de cair nas minhas graças, seu filho da mãe traidor, por algum motivo que nem consigo imaginar — vociferou ele. — Mas uma coisa eu lhe garanto: serei um servo fiel do general Elphinstone até o último minuto.

Após a primeira noite da marcha, ficou claro que Akbar Khan havia de fato faltado com a palavra, e que Elphy Bey era um tolo. E, enquanto a coluna era uma confusão de gritos de pessoas feridas, os ataques afegãos continuavam, e os pobres-diabos congelavam onde se deitavam, um Lavelle aterrorizado entrou furtivamente na tenda de Cavanagh para perguntar se ele aceitaria ser seu assistente.

— Eu, que não passo de um filho da mãe traidor? — disse Cavanagh, seu rosto estampando uma satisfação sombria ao ver o olhar de pânico do coronel. Ele recusou, fingindo estar ofendido, até conseguir arrancar um pedido de desculpas do assustado coronel.

Na manhã seguinte, enquanto os lanceiros do Exército inglês cavalgavam em direção aos afegãos numa tentativa infrutífera de deter novos ataques, Cavanagh, Lavelle e um fiel sipai, nome dado a soldados indianos, cujo nome não ficou registrado, deixaram a companhia para sempre.

Seu caminho pelos morros e estreitos foi perigoso. Não se atreveram a ficar muito próximos à coluna por medo de serem vistos pelos ingleses ou pelos afegãos, mas também não queriam ficar muito longe das rotas estabelecidas. O interior do Afeganistão era bem conhecido por ser um dos lugares mais hostis do mundo, ainda mais sob as temperaturas congelantes de janeiro. E, além disso, eles temiam cair nas mãos de tribos remotas.

Eles tinham ração para os cavalos, mas enquanto abriam caminho pelos penhascos e picos, ficou claro que haviam calculado mal a quantidade de comida necessária para si mesmos. E quando, no fim da tarde do terceiro dia, a brisa gelada trouxe até eles o cheiro de carne cozida, seus estômagos ficaram tão alertas quanto seus sentidos.

Logo avistaram cinco afegãos na trilha. Eles estavam atiçando uma fogueira numa clareira, na qual assavam um bode. De um dos lados havia uma muralha de pedra e, do outro, um penhasco vertiginoso.

Os três desertores se esconderam imediatamente. Assim como os demais soldados ingleses, tinham grande respeito pelos afegãos. Aquela era uma nação de guerreiros: os homens eram hábeis e destemidos, e as mulheres, notórias pelos seus terríveis métodos de execução, sendo o esfolamento e "a morte por mil cortes" os menos sádicos dentre eles. Assim, o trio permaneceu escondido atrás de uma rocha grande: o sipai, implacável, era o retrato da determinação, apesar de saber como os afegãos tratavam os prisioneiros sikh. Lavelle, sem dizer uma palavra, cedia sua autoridade a Cavanagh, que agradeceu a Deus pelos homens não terem nenhum sentinela e, depois de algumas olhadelas, fez o reconhecimento da situação.

Bem, não havia jeito de passarem por trás dos homens, isso era certo. Para continuarem por ali, teriam de lutar: ou isso ou voltar para a coluna, explicar os motivos de sua ausência e, certamente, serem executados por deserção.

Muito bem: então, seria o combate.

Havia cinco afegãos, usando turbantes ou taeias e casacos longos. Próximos a eles, cavalos carregados de suprimentos, incluindo a carcaça de um segundo bode. Os rifles afegãos, chamados *jezzails*, estavam encostados de pé uns contra os outros, na forma de uma tenda, perto da fogueira.

Cavanagh conhecia bem o *jezzail*. Arma caseira, seu cano longo lhe conferia uma vantagem de alcance em relação aos mosquetes ingleses usados pelos homens de Elphinstone. Guerreiros como esses afegãos utilizariam seus *jezzails* com êxito contra a coluna, com atiradores experientes lançando uma saraivada de balas, pregos e até pedras contra os ingleses, uns 250 metros abaixo. As armas eram cuidadosamente decoradas segundo o costume afegão. Uma delas era adornada com dentes humanos.

Entretanto, percebeu Cavanagh aliviado, o *jezzail* era uma arma que se carregava pelo cano, e, ao que parecia, aquelas à frente deles não estavam carregadas. De um jeito ou de outro, os homens teriam de recorrer a suas facas *khyber* curvas, que traziam na cintura. Eram uma excelente arma para combates corpo a corpo.

Cavanagh olhou para seus dois companheiros. O sipai, ele sabia, era um bom atirador. Não tinha certeza a respeito de Lavelle, mas Cavanagh havia treinado na

academia de esgrima Domenico Angelo Tremamondo, e era um fantástico espadachim.

(Nesse momento, O Fantasma encontrou um bilhete, presumivelmente deixado pelo Assassino que montou o dossiê. Na nota, ele questionava como um mero soldado estudara na grande Escola de Armas Angelo em Carlisle House, no Soho, em Londres, na qual a aristocracia aprendia a lutar com espadas. Ou talvez, vendo a pergunta por outro ângulo, como alguém graduado nesta academia tão especial acabou se tornando um mero soldado? A nota foi incluída com uma anotação de Ethan, uma simples palavra que O Fantasma conhecia muito bem por causa das terríveis lições de latim que Ethan insistira em ministrar como parte de sua formação. "*Cave*", dizia a nota, significando "cuidado".)

Cavanagh sabia que essa era sua chance de mostrar a Lavelle que ele era mais do que um simples desertor. No dia anterior, quando Lavelle lhe perguntara o que ele queria em troca, a pergunta ficara sem resposta. Mas a verdade é que Cavanagh estava ciente da posição de Lavelle na Ordem, e queria tirar vantagem disso. Dessa forma, Cavanagh puxou seu sabre em silêncio, entregou sua pistola para o sipai, e gesticulou para que Lavelle preparasse sua própria pistola.

Quando os dois estavam prontos, ele fez um gesto para que pegassem os dois homens da esquerda. Em seguida, levantou-se levemente, apoiando-se nos quadris e esticando as panturrilhas. A última coisa que ele precisava era que suas pernas ficassem com câimbra justamente na hora em que ele resolvesse entrar em ação.

E foi o que ele fez. Confiando que Lavelle e o sipai teriam êxito, e confiando no elemento surpresa, assim como em suas próprias habilidades com a espada, Cavanagh surgiu por detrás da rocha e partiu para o ataque.

Viu o soldado da esquerda se virar e gritar, ao mesmo tempo em que ouviu o tiro da pistola vindo por trás dele, e em seguida um segundo tiro, este não tão certeiro quanto o primeiro, mas suficiente para desequilibrar o homem, que caiu segurando a barriga. Enquanto o segundo homem se virava e procurava pela *khyber* que trazia na cintura, Cavanagh o alcançou e o atacou com o sabre, com um único golpe no pescoço que abriu a artéria carótida. Depois, se afastou, para não ser atingido pelos jatos de sangue.

O inglês escolhera seu primeiro alvo deliberadamente. Os guerreiros afegãos eram extremamente duros e impávidos, mas nem mesmo eles deixaram de se perturbar com aquela súbita aparição de sangue jorrando ao entardecer. Isso desconcertou os outros dois. Um deles limpava o sangue do colega que lhe caíra no rosto com uma das mãos enquanto, com a outra, tentava desembainhar sua faca curva.

Ele conseguiu desembanhá-la, mas foi só. Cavanagh ergueu a própria espada, arqueando o corpo para trás, e rasgou sua garganta com um golpe certeiro. A taeia do homem voou de sua cabeça enquanto ele caía na terra, o sangue escorrendo pelo seu tórax, e ele soltou um último gorgolejar engasgado antes de morrer. Não houve tempo para Cavanagh usar seu sabre e matar o último homem: ele ouviu um tiro vindo de trás e sentiu o ar se abrindo, mas o tiro errou o alvo. Com o canto do olho, viu tarde demais uma faca *khyber* aproximar-se dele e, embora não tenha sentido dor imediatamente, sentiu o sangue quente escorrendo pelo seu rosto.

(Uma nota do preparador do dossiê: Cavanagh carrega esta cicatriz até os dias de hoje.)

Se o afegão tivesse continuado a atacar, talvez tivesse saído vivo, e até pudesse se gabar de ter tirado a vida de um soldado inglês. Mas, em vez de atacar, o homem tentou alcançar os cavalos. Possivelmente esperava escapar e avisar aos seus amigos; talvez tivesse uma pistola escondida em uma das suas bolsas. Infelizmente para ele, a visão de um homem aterrorizado correndo em sua direção foi demais para os normalmente imperturbáveis cavalos afegãos: eles empinaram, soltaram-se dos arreios e fugiram.

— Droga! — xingou Cavanagh ao ver os cavalos indo embora, levando com eles os suprimentos e a carcaça do bode.

Enquanto isso, o afegão se virou, mostrando os dentes e girando a faca, de um lado para o outro. Cavanagh ficou em guarda, com a mão direita erguida e a ponta da espada apontando para baixo, e foi com satisfação que viu os olhos do afegão irem para cima e para o lado um segundo antes de enterrar a ponta da espada no rosto dele.

Depois da batalha, o silêncio. O afegão que fora ferido a tiro gemia, se contorcendo no chão, e Cavanagh lhe deu o golpe de misericórdia, limpando

depois a lâmina da espada nas roupas do homem. Estas, porém, já estavam tão sujas de sangue que foi em vão.

— Rápido, peguem todas as peças de roupa que puderem antes que fiquem sujas de sangue — disse ele para Lavelle e o sipai, que haviam saído de trás da rocha.

O sipai se saíra bem, como Cavanagh havia previsto, e ele o parabenizou. Lavelle parabenizou Cavanagh. Ninguém parabenizou Lavelle.

Os três homens comeram o bode avidamente, que, por ter sido esquecido sobre o fogo durante a batalha, estava um pouco cozido demais. Isso, entretanto, não importava nada para os homens famintos. Eles comeram até seus estômagos ficarem cheios de bode, e, depois, vestiram as roupas e turbantes dos afegãos, usando aquelas que não tivessem manchas de sangue aparentes. Quando terminaram, esconderam os corpos da melhor maneira possível e foram embora.

Cavalgaram um dia inteiro, mantendo-se à frente da coluna mais ou menos um quilômetro e meio. De vez em quando, ouviam tiros e gemidos, trazidos até eles pelo vento frio cortante. Cavanagh ficava agora cada vez mais confiante. Eles se distanciaram ainda mais das rotas conhecidas, encontrando uma trilha mais alta no estreito de rochas. E, então, na tarde do quinto dia, se depararam com outro acampamento, muito maior que o primeiro. E enfrentaram seu maior desafio até então.

21

Mais tarde, quando parou para pensar a respeito, Cavanagh percebeu que eles haviam se deparado com um acampamento nômade pertencente a um dos líderes militares de Akbar. Dali de cima, o líder podia orientar os atiradores a se posicionarem nos estreitos bem acima de onde a coluna passaria e, com seus *jezzails*, arrasar os pobres-diabos abaixo. Podia orientar também os homens montados, que desceriam por trilhas ocultas e atacariam a retaguarda da coluna, menos protegida, dilacerando sem pena serventes, mulheres e crianças, e roubando os poucos suprimentos que haviam sobrado.

Foi nesse momento que os conhecimentos da língua pushtu foram úteis a Cavanagh. Isso, na verdade, salvou a vida deles. Ao descerem de um morro, com seus cavalos escorregando no caminho coberto de neve e gelo, foram surpreendidos por um sentinela.

Felizmente, o homem os avistara a distância, e, devido aos seus trajes, achou que eram afegãos. Quando ele gritou seus cumprimentos, o pensamento rápido de Cavanagh salvou-os mais uma vez, pois, em vez de se surpreender e fugir, ele manteve a calma e respondeu amigavelmente.

O sentinela fez um sinal, e os três homens pararam. Uns 200 metros à frente, o homem saiu de trás de uma pedra, com a *jezzail* pendurada nas costas. Não era possível ver suas feições, pois ele juntou as mãos em concha sobre a boca e gritou de novo, em pushtu:

— Olá!

A mente de Cavanagh processava aquilo tudo rapidamente. Eles não poderiam chegar muito perto, ou seriam descobertos como impostores. Por outro lado, seriam perseguidos caso se virassem e fugissem, e, como os afegãos conheciam melhor o caminho e eram melhores montadores, era provável que a perseguição durasse pouco.

Ao seu lado, Lavelle piscou os olhos, nervoso:

— Que diabos faremos, homem?

— Cale essa boca! — sussurrou Cavanagh, entre dentes, ignorando o ar ultrajado de Lavelle. — Estou pensando. Mas aconteça o que acontecer, não fale nem mais uma palavra e me siga.

Enquanto isso, o sentinela, novamente com as mãos em concha ao redor da boca, chamou outros homens atrás de si, e mais seis ou sete apareceram. Minha nossa, eles quase haviam entrado no meio do acampamento dos afegãos — que agora estavam ali parados, olhando para o espaço entre os dois grupos, alguns deles protegendo os olhos do sol, e todos, sem dúvida, querendo saber por que aqueles três visitantes pararam nos limites do acampamento.

Ainda assim, a mente de Cavanagh procurava uma saída. Não dava para correr. Não era possível avançar. Tentar entabular uma conversa mais longa com certeza iria expor seus limitados conhecimentos de pushtu.

Um dos homens tirou o rifle das costas, mas Cavanagh previu o que poderia acontecer em seguida e o chamou antes que ele pudesse empunhar a arma:

— Meu caro amigo, viemos de uma emboscada contra os ingleses covardes. Conosco, trazemos um traste sikh, que capturamos. Um homem que tentava usar nossas roupas e escapar como desertor.

Do outro lado, ouviram-se as risadas dos afegãos. Sem qualquer conhecimento de pushtu, o sipai permaneceu onde estava, alheio ao destino que o esperava. Fiel, esperançoso.

— O que você está dizendo, homem? — exigiu saber Lavelle.

— Calado! — respondeu Cavanagh.

Falou novamente.

— Tomem. Deixaremos nosso prêmio como um presente para vocês e suas mulheres e seguiremos nosso caminho, se nos permitirem.

Com isso, ele ergueu a faca *khyber* que havia roubado e, com um movimento rápido, fingiu cortar amarras das mãos do sipai. Confuso, o sipai se virou em sua sela para fitar Cavanagh.

— Senhor?

Mas Cavanagh pegou um dos pés do homem, desequilibrando-o, ao mesmo tempo em que, com um golpe certeiro de sua faca *khyber*, abriu o tendão de aquiles do pobre coitado.

Enquanto os afegãos riam, Cavanagh acenou para se despedir, e ele e Lavelle deram meia-volta com seus cavalos. Ao mesmo tempo, o sipai tentou se erguer, mas seu tendão aberto não permitiu, e ele ficou caído no chão, gemendo e implorando:

— Senhor? Senhor?

Porém, eles o deixaram lá, para enfrentar seu destino nas mãos das mulheres afegãs. Seria esfolado vivo ou sofreria a morte dos mil cortes. Deixaram o sipai sem nome para trás, para sofrer uma morte cruel, para que pudessem salvar suas próprias vidas.

— Deus do céu, homem, isso foi cruel — disse Lavelle mais tarde, quando eles montaram acampamento nas rochas acima do estreito.

— Era ele ou a gente — retrucou Cavanagh.

Naquela noite, o som de tiros chegou até eles, e os dois perceberam que também conseguiam ouvir os gritos do sipai a distância, quando as afegãs começaram seus trabalhos.

22

O Fantasma encheu-se de ódio por Cavanagh. Cerca de um mês mais tarde, quando enfrentou o almofadinha no cemitério, entendeu a força do instinto de sobrevivência. Aquilo ele entendia. O que não compreendia (e talvez por isso ele não fosse apto para uma vida inteira de derramamento de sangue) era a capacidade de sacrificar a vida de outro homem, deixar que outro morresse em seu lugar. E não qualquer um, mas alguém que lhe fora completamente fiel.

Ele se perguntava se o rosto daquele sipai povoava os pesadelos de Cavanagh. Será que ele sentia remorso?

O dossiê continuava. Cavanagh e Lavelle chegaram a Jalalabad um dia depois de William Brydon fazer sua aparição histórica. A sobrevivência deles não foi festejada, pois estava coberta de rumores e suspeitas.

Apesar de sua insistência e do fato de ambos terem se mantido firmes na versão previamente combinada de que se afastaram de uma seção da cavalaria da coluna e se perderam no caminho, a fofoca no acampamento de Jalalabad era a de que os dois homens haviam desertado. Nada sobre Lavelle sugeria outra explicação, mas, quando, em 17 de abril de 1842, as tropas de Jalalabad atacaram as linhas de Akbar Khan, Cavanagh se saiu muito bem e provou ser implacável em combate.

Sua excelência foi novamente percebida algum tempo depois de retornar à Inglaterra, após conquistar uma posição na Ordem dos Templários. Foi um pouco depois disso que o coronel Walter Lavelle sofreu um acidente fatal. De

acordo com o dossiê, os Assassinos acreditavam que Cavanagh não apenas recomendara, mas também executara a operação.

Até este momento O Fantasma estava se perguntando onde ele entraria nessa história. Por que estaria lendo a respeito desse tal de Cavanagh?

E foi então que tudo ficou claro. O interesse dos Assassinos por Cavanagh se reacendeu quando ele, repentinamente, conseguiu um cargo na empresa que estava construindo a primeira linha de trens subterrâneos. Agora, ele era um dos diretores da Metropolitan Railway, alguém que estava diretamente envolvido com os trabalhos de escavação. O "homem de campo" da empresa.

Agora O Fantasma começava a entender.

Quando chegou à Inglaterra, seguiu as instruções de Ethan. Encontrou um abrigo no túnel e também conseguiu um emprego no canteiro das obras de escavações realizadas pela Metropolitan, embora numa posição muito menos exaltada do que a de seu inimigo. E, assim, presenciou o início das construções em New Road. Ele viu as casas de madeira sobre rodas, depois, os vagões carregados de toras e ripas, e os homens armados com picaretas e pás que marchavam ao lado deles como um exército.

Comprou uma pá de um homem bêbado num bar, talhou "Bharat Singh" no seu cabo, e depois se juntou a eles. Ajudou a cercar centenas de metros de estrada, quando a New Road foi transformada de mera parte da história de Londres em algo fundamental para o futuro da cidade. Chegaram cavalos, carpinteiros e tropas de operários. O som de picaretas, pás, martelos e vapor começou, um som que quase nunca cessava, fosse dia ou noite.

Estruturas enormes de madeira foram levantadas a intervalos regulares no meio da rua, áreas para cavar novas fundações foram demarcadas, baldes de ferro foram trazidos até a estrada que estava sendo destruída, descolada da superfície da terra e transportada em carrinhos para depois ser atirada em valas — o som daquilo tudo mais parecia uma tempestade, outro tremor distante a se somar à barulheira que imperaria dali em diante.

O Fantasma presenciou todos os problemas encontrados pela linha. No papel, a operação parecera muito simples — bem, relativamente simples: de Paddington à Euston Road, e de Fleet Valley até a cidade. Mas havia linhas de gás e canos de água e esgotos no meio do caminho para atrapalhar o andamento das

obras, e, na Euston Road, eles descobriram que o terreno era arenoso e cheio de pedregulhos que deveriam ser retirados, enquanto, em Mount Pleasant, o método dos "falsos túneis" foi abandonado, e escavaram um túnel verdadeiro.

Enquanto tudo isso acontecia, O Fantasma viu o mundo ao seu redor mudar. Ele viu destruírem as ruas esquálidas de Fleet Valley. Mil residências foram demolidas, e as doze mil pessoas que moravam ali (uma estatística terrível por si só) foram desalojadas para outros cortiços.

Algumas delas, é claro, foram procurar abrigo no Túnel do Tâmisa. Talvez algumas tenham desfrutado do tipo benigno de proteção que O Fantasma oferecia. Havia uma circularidade no processo que o agradava.

No canteiro de obras, seus pés descalços normalmente eram alvo de comentários, e é claro que a cor de sua pele o diferenciava dos demais, mas, fora isso, ele nunca fez nada para se fazer notar. Nunca tentava dar nenhum salto incomum, mesmo que soubesse que era capaz. Nunca carregava cargas que sabia que aguentaria, se achasse que não era o que um homem normal faria. Se alguém contava uma piada, ele ria. Não alto demais, nem de maneira distinta. Foi assim que manteve seu disfarce, garantindo que fosse perfeito o tempo todo. Assim, quando no futuro o chamassem para entrar mais fundo na organização, seu disfarce sobreviveria a qualquer exame. Ele deveria ser simplesmente Bharat, o pobre e imundo trabalhador indiano, abaixo da média e, portanto, acima de qualquer suspeita.

Manter o disfarce era essencial para manter-se vivo.

No primeiro dia em que pôs os olhos em Cavanagh, O Fantasma estava pegando um dos baldes e arrastando-o da abertura da trincheira para depositar seu conteúdo num carrinho. No caminho, viu a porta do escritório móvel se abrir e um rosto familiar aparecer. Não era Cavanagh, mas Marchant, que administrava a escalação e os turnos dos operários, cortava nomes e distribuía as folhas de pagamento para os tesoureiros. Estes apareciam toda sexta-feira, armavam mesinhas e distribuíam moedas com expressões de dor, como se aquele fosse seu próprio dinheiro. Ah, sim, O Fantasma conhecia Marchant. Uma cobra em forma de homem, com voz anasalada e enganadora.

E, depois, apareceu Cavanagh em pessoa.

Tal como O Fantasma fora levado a acreditar, Cavanagh tinha uma cicatriz horizontal abaixo do olho direito que media quase cinco centímetros. Seus olhos eram severos, o queixo, erguido. Todas as vezes em que O Fantasma via Cavanagh, era impossível saber o que ele estava pensando.

"Quero descobrir o que eles estão tramando", dissera Ethan.

Os dois haviam se encontrado no terreno do Hospital Fondling, tal como combinaram, sentados no muro do cais, ainda na Índia. Ethan havia conduzido O Fantasma para um prédio nas imediações do hospital, onde podiam ficar escondidos pela vegetação. Lá, o mestre dera uma boa olhada em seu antigo pupilo, analisando os trapos que ele vestia e sua aparência geral.

– Muito bom – disse Ethan, quando terminou de analisar o garoto. – Muito bom. Você parece um trabalhador comum.

– Consegui um emprego no canteiro das escavações – disse O Fantasma –, conforme instruído.

– Eu sei – respondeu Ethan, sorrindo. – Tenho observado você.

– E isso é inteligente?

– Por que não seria?

Em resposta, O Fantasma deu de ombros e fez um gesto expansivo com as mãos.

– Qualquer atitude que aumente as chances de meu disfarce ser descoberto deve ser desencorajada.

– Bem, vejo que o ensinei corretamente.

– O senhor precisa praticar o que ensina.

– Desculpe por não aceitar conselhos de um jovem como você – retrucou Ethan, sorrindo e fingindo estar brincando, mas seu olhar era sério.

– Sabe, o senhor não deveria se sentar apoiando o queixo com a mão que carrega a lâmina.

–É mesmo? – As sobrancelhas de Ethan se arquearam, em surpresa. – O discípulo se tornou professor, é isso? Tem alguma outra lição na arte de ser um Assassino para me ensinar?

– O senhor está se arriscando a sofrer algum acidente com essa lâmina.

– Assim eu engano qualquer oponente em potencial.

– Não há nenhum oponente aqui.

– Ora, ora, quem está sendo descuidado agora?

– Eu não disse que o senhor estava sendo descuidado, mestre. Simplesmente que as pessoas podem cometer erros. Mesmo as melhores pessoas cometem erros.

Não era sua intenção que esta última frase parecesse ter segundas intenções, e por um segundo ele torceu para que Ethan não percebesse nada – mas é claro que o que faltava a Ethan em foco lhe sobrava em intuição e percepção.

– Você me acha descuidado?

– Eu não disse isso.

– Não precisava dizer.

O Fantasma desviou o olhar. Estivera esperando ansiosamente por aquela reunião. Em parte, ansiava pelos elogios do mestre. Mas, em algum momento – ele nem sabia exatamente em qual –, a conversa havia tomado o rumo errado.

Quando ele se virou novamente para fitar seu velho amigo e tutor, encontrou Ethan fitando-o de maneira dura, perniciosa, mas decidiu pedir um favor assim mesmo:

– Posso tentar empunhar sua lâmina oculta, mestre? – pediu ele.

Ethan amoleceu.

– E por que você iria querer fazer isso? Para fazer a manutenção, talvez?

– Eu gostaria de senti-la novamente, para me lembrar do que sou.

– Para lembrar a si mesmo de que é um Assassino? Ou para se lembrar da sua terra?

O Fantasma sorriu, incerto sobre a resposta correta.

– Talvez um pouquinho dos dois.

Ethan franziu o cenho.

– Bom, prefiro que não a toque, está perfeitamente calibrada.

O rapaz assentiu, triste, porém entendendo os motivos do mestre.

– Ah, relaxe, rapaz! – Explodiu Ethan numa gargalhada. – É claro que você pode segurá-la. – Ele ergueu a manga da túnica e pegou a lâmina...

* * *

Algum tempo depois, os dois homens, tendo resolvido suas diferenças veladas, sentaram-se em silêncio. De onde estava sentado, O Fantasma avistava as luzes cor de bronze do hospital do orfanato, e pensou em como tudo parecia calmo, e como era difícil acreditar que, a poucos metros de distância, ficava a turbulência das escavações da linha férrea. A nova linha de trens subterrâneos era como um braço dobrado. Agora eles estavam em algum lugar perto do cotovelo: Grays Inn, Lane Road, New Road... um mundo em turbilhão.

Ao lado dele, Ethan terminou de recalibrar sua lâmina. Aquele som agudo tão familiar que a lâmina fazia quando ejetada... Ethan tinha razão: usar a arma não o fizera sentir falta de sua vida como Assassino. Fizera com que sentisse saudades de casa.

O mestre Assassino flexionou a mão para verificar se havia alguma possibilidade de a lâmina se soltar sem o seu comando. Bateu as mãos nas coxas, satisfeito por tudo estar em ordem.

– Eu me pergunto se agora não seria o momento de me dizer o propósito da minha missão – disse O Fantasma.

– Você já deve ter percebido que ela tem alguma coisa a ver com nosso amigo Cavanagh, é claro – respondeu Ethan. – O dossiê a respeito dele foi uma leitura interessante.

O Fantasma assentiu.

– A posição de Cavanagh na Metropolitan é um exemplo do poder que os Templários têm atualmente em Londres. Eles estão em ascensão. Tem a vantagem de saber o quanto estamos enfraquecidos, embora eu duvide que saibam a extensão real dessa fraqueza. Esse “nós”, na verdade, significa apenas eu e um membro da Irmandade posicionado não muito longe daqui. E agora você.

– Só isso?

– Só isso, meu caro rapaz. O melhor que podemos fazer para desafiar a supremacia deles é conseguir pequenas vitórias na esperança de diminuir um pouco suas atividades periféricas. Bem, nós podemos fazer isso, e podemos fazer

essa outra coisa aqui também. Portanto, podemos tentar descobrir o que eles estão planejando.

– Essa outra coisa aqui?

– Sim, isso aqui. Esse terreno no noroeste de Londres é, segundo acreditamos, de interesse dos Templários. Achamos que eles estão escavando na esperança de encontrar algo. Talvez um Pedaço do Éden.

– Um Pedaço do Éden? Como o diamante Koh-i-Noor?

– Talvez algum assim. Quem sabe? Algo relacionado à Primeira Civilização, Àqueles que Vieram Antes. O fato é que não sabemos e não temos os recursos para interrogar os altos níveis sobre esse assunto. É claro que há uma vantagem nisso tudo. Sem nosso envolvimento, os Templários não têm como suspeitar que nutrimos qualquer tipo de suspeita em relação às suas atividades e, portanto, podem ficar descuidados. Mas, ainda assim, a situação é delicada. Não sabemos o grau de inserção da Ordem na sociedade londrina, salvo alguns poucos nomes.

O Fantasma assentiu como se estivesse satisfeito, mas ainda tinha algumas dúvidas. Enquanto isso, Ethan abriu o manto e retirou uma pasta de documentos de couro marrom. Abriu a pasta e dela sacou um dossiê – com o brasão dos Assassinos, tal como a pasta com o arquivo sobre Cavanagh –, e, depois entregou-o ao Fantasma, observando calado enquanto o jovem folheava as páginas com informações sobre os membros ativos da Ordem dos Templários em Londres.

Liderando o grupo, é claro, estava Crawford Starrick, o Grão-Mestre Templário. Proprietário das Indústrias Starrick, da Companhia de Telégrafos Starrick e da Companhia Millner, ele fora chamado de "grande barão das ferrovias" por ninguém menos do que Charles Dickens. Depois vinha Benjamin Raffles, o Chefe dos Templários e chefe de segurança de Starrick, e mais outro chefe, Hattie Cadwallader, responsável pela Galeria Nacional, que mantinha a enorme coleção de obras de arte de Starrick.

Outro chefe: Chester Swinebourne, aparentemente infiltrado na polícia. E Philip "Plutus" Twopenny, e Francis Osbourne, ninguém menos do que Presidente e administrador do Banco da Inglaterra respectivamente.

A segunda pessoa em comando era Lucy Thorne, especialista em ocultismo. O Fantasma já a tinha visto nas escavações, e Starrick também. Além de Rupert

Ferris, da Siderúrgica Ferris, e Maxwell Roth. Ele não era um Templário, mas os ajudara a organizar o grupo de Londres.

Dr. John Elliotson. Ethan o conhecia pessoalmente. Foi quem criou o “xarope calmante Starricks”, uma verdadeira panaceia.

Havia ainda Pearl Attaway, proprietária da Transportadora Attaway e prima de Starrick. Um chefe de grupo, chamado Rexford Kaylock. Um fotógrafo sórdido, Robert Waugh (é claro, agora O Fantasma sabia sobre todos eles).

E ainda outros: Sir David Brewster, Johnnie Boiler, Malcom Millner, Edward Hodson Bayley. James Thomas Brudenell, conhecido como “Lorde Cardigan”, um soldado chamado Tenente Pearce, um cientista chamado Reynolds...

A lista parecia interminável.

– Esse dossiê é bastante extenso – disse O Fantasma, finalmente.

Ethan sorriu, desanimado.

– De fato, é mesmo. E esses são apenas os que conhecemos. Em oposição a eles? Somente nós três. Mas temos *você*, meu caro rapaz. Um dia você também recrutará espiões. Um deles pode muito bem estar nessa lista que temos aqui.

23

Na noite seguinte à descoberta do corpo, O Fantasma olhou para o cemitério como sempre fazia ao voltar para casa do trabalho, e, como de costume, procurou pela lápide por meio da qual Ethan se comunicava com ele, e, como de costume, ela estava...

Ah, não. Não estava. Não esta noite. Estava virada para a direita. *Perigo*. Isso, para O Fantasma, significava algo importante: não que estava sendo seguido pelos homens de Cavanagh. Isso ele já sabia. Significava que Ethan continuava a vigiá-lo.

Sem mais delongas, de fato havia homens seguindo O Fantasma. Um deles saíra do canteiro de obras alguns minutos antes dele, assim que o sinal do fim do turno soou. O Fantasma viu Marchant assentir discretamente para um dos três seguranças que estavam constantemente em volta do escritório ou das escavações. Seus nomes eram Hardy, Smith e Outro Hardy (o gosto de Cavanagh de chamar a si mesmo pelo sobrenome ou havia passado aos seus capangas ou havia sido imposto a eles), e faziam-se passar por seguranças para os dias de pagamento. Os outros os chamavam de "torturadores", um certo tipo de gente que era especialista em sumir com alguém se você lhes desse um bom dinheiro. Mas embora O Fantasma não duvidasse que eles realmente fossem, de algum modo, torturadores, ele também sabia o que eles eram na verdade: capangas dos Templários. E profissionais. Homens grandes, fortes e alertas, que não perdiam tempo fazendo piadas ou paquerando as prostitutas que perambulavam pelos

perímetros da cerca de proteção à procura de trabalho. Mantinham o foco no seu serviço.

Contudo, não eram assim *tão* bons, como demonstrou sua perseguição ao Fantasma, que devia ter passado despercebida. Eles não eram tão bons a ponto de conseguirem se esconder dele. O homem que deixou as escavações após o sinal de Marchant – o Outro Sr. Hardy – foi o próximo que ele viu, encostado num carrinho de mão com uma aparência desinteressada, como se não estivesse correndo os olhos à procura de sua presa por entre a multidão de operários que lotavam as ruas. Quando avistou O Fantasma, o Outro Sr. Hardy se afastou do carrinho e começou a caminhar vagarosamente, como se não estivesse tentando ficar a uma distância exata do Fantasma.

Haveria ainda outro homem atrás dele. Provavelmente dois: Smith e Hardy. E isso era bom, pensou O Fantasma, porque era exatamente onde ele queria que estivessem.

Espero que vocês gostem de uma longa caminhada, meus amigos, disse ele para si mesmo, e, então, passou o resto da jornada apressando e diminuindo o passo, com o objetivo de dificultar ao máximo a vida de seus perseguidores, sem exatamente fazer com que percebessem que ele sabia estar sendo seguido.

Até que finalmente chegou ao túnel. Fazia tempo que ele tinha deixado a multidão para trás. À sua frente, o Outro Senhor Hardy caminhava praticamente sozinho, enquanto O Fantasma se aproximava da construção. Mais adiante o homem parou, fingindo precisar amarrar o cadarço da bota, e O Fantasma desceu os degraus em direção à rotunda do túnel. Ele passava o dia nos subterrâneos da cidade, e agora iria passar a noite também.

Chegando ao final, O Fantasma parou em meio às estátuas esquecidas de feições cansadas – outrora tão elegantes e luxuosas, agora, apodrecendo – e olhou para cima, fingindo apreciar a vista. Dito e feito: avistou os vultos nos degraus acima dele, adentrando a escuridão. Sorriu. Bom. Isso era muito bom. Ele queria mesmo que eles vissem onde ele morava.

– Talvez alguns homens apareçam por aqui durante os próximos dias – avisou ele, mais tarde, para Maggie. Antes disso, ele fora ver como estava Charlie e lhe

deu pão, além de ter cuidado de Jake e ficado feliz porque a perna do velho estava se curando. Depois de cumprir essas duas tarefas, ele adentrou ainda mais a escuridão sepulcral do túnel, escolhendo o caminho pelas alcovas cheias de corpos enrolados em farrapos.

Alguns dormiam. Outros o fitaram do interior de suas alcovas com olhos arregalados, silenciosamente vendo-o passar. Outros ainda o cumprimentavam.

– Olá, Bharat.

– Olá, amigo – respondia ele, acenando, ou talvez com uma simples piscadela.

O Fantasma conhecia alguns deles pelo nome, outros, pelos seus trabalhos: Olly, por exemplo, era um “descobridor puro”, o que significava que procurava merda de cachorro para vender no Bermondsey Market, mas tinha a tendência de levar trabalho para casa. O Fantasma tampou o nariz ao passar por Olly, mas acenou para ele mesmo assim. Muitos habitantes tinham velas, e ele sentiu-se grato pela luz; muitos, entretanto, não tinham nada e ficavam tremendo na escuridão, sozinhos com sua dor, chorando à espera do amanhecer e do começo de um novo dia de luta pela sobrevivência, destruindo a própria alma na cidade de Londres – a cidade mais avançada do mundo. A joia mais preciosa do Grande Império de Sua Majestade.

E, então, ele chegou até Maggie, que atiçava uma pequena fogueira. Ela estivera fazendo aquilo durante a maior parte da noite, servindo caldo quente a qualquer um dos habitantes do túnel que viesse lhe pedir. Todos eles recebiam sua comida, ou gororoba, como era conhecida, com um misto de gratidão e devoção, e saíam agradecendo a Maggie e cantando louvores em sua homenagem. E, principalmente, todos olhavam temerosos para a área escura que se estendia mais além de onde ela estava, onde a luz perdia a luta contra as sombras e a escuridão reinava literal e metaforicamente. Eles agradeciam a Deus pelo jovem indiano que alguns conheciam como Bharat e outros, como o homem de Maggie, que pôs ordem no túnel e possibilitou que eles dormissem mais tranquilamente em suas alcovas à noite.

E lá eles se sentavam lado a lado, Maggie e O Fantasma, encostados na parede úmida do túnel com a fogueira a seus pés. Maggie estava sentada com os joelhos para cima e os abraçou, tentando se aquecer. Seus longos cabelos brancos –

“meus cabelos de bruxa”, como dizia ela – caíam sobre o tecido cinza sujo de sua saia e, embora suas botas não tivessem cadarço, ela dizia que preferia assim mesmo. Ela sempre dizia que detestava se sentir presa. Certa vez, havia muito tempo – “antes mesmo de você ser uma sementinha no saco de seu pai” –, ela viu fotos de mulheres chinesas com os pés amarrados, e, desde então, nunca mais usou cadarços em suas botas. Ela sentia profundamente a dor de seus semelhantes.

Agora suas feições assumiram uma expressão de apreensão e preocupação.

– E por que viriam homens aqui à sua procura? – quis saber ela.

– Eles vão fazer perguntas a meu respeito – respondeu O Fantasma –, e podem ser mandados até você.

Ela soltou um grunhido, indignada.

– Bem, pelo menos eu espero que sim. Eles *deviam mesmo* ser mandados para mim.

Além de ajudar as pessoas, Maggie queria que todos soubessem o que fazia. Ela gostava que seus esforços fossem reconhecidos.

– Tenho certeza de que sim – disse O Fantasma, sorrindo. – E eu gostaria de pedir que você fosse cuidadosa com suas respostas.

Ela olhou para ele, brava.

– O que você quer dizer com isso?

– Quero dizer que alguns moradores do túnel vão dizer a eles que eu protejo você dos ladrões e vagabundos que vivem no fundo do túnel, e isso é aceitável. Eles pintarão um retrato de mim como um homem que não desconhece a violência, e não tenho problema algum com isso. O que não quero é que esses homens tenham uma ideia exagerada de minhas habilidades como lutador.

Ela sussurrou:

– Não se esqueça de que eu o vi em ação. Não existe exagero nas suas habilidades como lutador.

– Foi exatamente isso o que eu quis dizer, Maggie. Isso é exatamente o tipo de coisa que eu não quero que você diga. Pode dizer que sou um homem acostumado à violência, mas não que tenho grandes habilidades; será que você entendeu?

– Estou começando a entender.

– Eles provavelmente vão perguntar a você como nos conhecemos, mas... pode inventar qualquer coisa. Diga que me encontrou bêbado e jogado numa vala. Só não conte o que aconteceu no cemitério.

Ela estendeu a mão e segurou a dele. A mão envelhecida da mulher era quase da mesma cor da mão do Fantasma.

– Você não se meteu em encrenca, não é, Bharat?

– Fico emocionado com sua preocupação.

Ela riu.

– Ora, é como eu disse. Eu já vi você em ação, os outros é que deveriam se preocupar, mas...

Ele baixou a cabeça.

– Mas o quê?

– Mas eu também vi você hesitar quando estava com aquele merdinha assassino, e vi você perder a vontade de lutar. Vi alguém que é muito habilidoso para matar, mas não tem estômago para isso. Bom, eu já vi nessa vida muitos sacanas diabólicos, com uma veia sádica do tamanho do seu braço, que lhe arrancariam os dentes simplesmente porque beberam demais e estavam a fim de se exercitar um pouquinho. Sacanas diabólicos que amam espalhar a dor, mas só aos que são mais fracos e mais vulneráveis do que eles. Só Deus sabe, eu me casei com um desses tipos. Além disso, também já vi homens que eram bons de luta e que conseguiam se virar numa briga, capazes de fazer o que fosse necessário a depender das circunstâncias, talvez se orgulhando disso, talvez não. Mas uma coisa que eu *nunca* vi foi um homem tão bom em luta quanto você, sem estômago para matar.

O Fantasma observou Maggie balançando a cabeça, incrédula, seus cabelos brancos roçando sua saia.

– Venho pensando bastante a respeito disso, meu rapaz, acredite em mim. Pensei que você podia ser um desertor do Exército... mas não por covardia, ah, não, jamais conheci um homem tão corajoso, mas porque você é um desses, como se chama? *Rebeldes conscientes*. Bom, a verdade é que eu não sei, e, pelo que você está me contando agora, é melhor mesmo que eu não saiba. Mas o que eu sei, com certeza, é que você tem um coração grande, e não há lugar no mundo para pessoas com um coração como o seu. Este mundo engole as pessoas com

um coração como o seu. Engole e depois cospe. Você me perguntou se me preocupo? Sim, meu rapaz, eu me preocupo. E você me pergunta por quê? Por causa disso.

24

Enquanto esperava com os outros homens pelo começo do turno, O Fantasma se perguntava se os Templários haviam encontrado o que estavam procurando, esse artefato deixado por uma civilização que viveu antes da nossa, uma cápsula do tempo esperando ser descoberta. E qual seria o maravilhoso poder que ela teria?

Seus pensamentos se voltaram para Amritsar, como ocorria com frequência – suas lembranças eram tudo o que ele tinha agora, e ele as revisitava com a reverência de um devoto diante de um altar sagrado – e ele pensou no diamante Koh-i-Noor e no espetáculo de luzes majestoso e cheio de poder que ele revelara, como se abrisse um portal para outros mundos, para conhecimentos mais profundos, para um entendimento mais aprofundado... mostrando um mapa para a humanidade construir um mundo melhor.

Mas e se isso caísse nas mãos erradas?

Ele tinha medo só de pensar. Em sua cabeça vinham imagens de escravidão. Ele via todos os homens e mulheres caídos no chão, como aqueles do túnel, serviçais para serem cuspidos e desprezados, tratados como seres sub-humanos por mestres sorridentes, que controlavam tudo em luxuosos prédios. Homens que distorciam os significados dos símbolos para que se adequassem à sua própria ideologia. Via agonia e angústia. Um mundo sem esperança.

O sinal soou, e os novos operários mal notaram aqueles que partiam. Eram como dois exércitos caminhando em direções opostas, cansados demais para lutar, passando um pelo outro na lama, agarrados às suas preciosas ferramentas. O Fantasma desceu vários lances de escada em direção ao canteiro, caminhando

pela trilha até chegar ao local onde as escavações continuavam – na verdade, nunca paravam –, e logo ele estava imundo. Em breve todos estariam. No subsolo não havia qualquer distinção de cor, o que importava era se você podia trabalhar e o quão rápido trabalhava. Só havia palavras de motivação para o homem ao lado.

Sinos deveriam demarcar a passagem do tempo a cada hora, mas ou Marchant não exigia que o sino tocasse ou O Fantasma não o escutava, pois o tempo simplesmente corria sem demarcação nenhuma. Cavar, cavar, cavar. O barulho que se ouvia ali vinha do incessante clangor das pás e picaretas, e do burburinho dos homens conversando, sendo algumas vozes mais altas do que outras, principalmente as dos piadistas que, diziam, elevavam o moral dos demais.

A maioria preferia trabalhar nos guindastes, pois de lá podiam ver mais a luz do sol. O ir e vir metronômico do guindaste servia de relógio, demarcando a passagem do tempo, que era imperceptível no subsolo. Mas não para O Fantasma. Estar ali embaixo parecia uma fuga de tudo. Cavar, cavar, cavar, como um autômato. A mente vagando de volta para casa, para onde ele era novamente Jayadeep.

Além do mais, ele já estava acostumado a ficar no subsolo.

25

– Ora, ora, se não é o oficial de polícia número 72, Aubrey Shaw, da Divisão F de Covent Garden – disse Aberline. – E bem aqui em Regent Street!

Um policial gordo e de rosto vermelho ergueu os olhos de sua caneca de cerveja e mal fitou Abberline; um bigode de espuma brilhava sobre seu lábio superior.

– Ora, ora – respondeu ele, sarcástico –, se não é o oficial de polícia número 58, Frederick Abberline, da Divisão D de Marylebone, igualmente distante de sua jurisdição, e que pode pegar suas insinuações e enfiar naquele lugar onde o sol não brilha.

– E quem está insinuando alguma coisa? – retrucou Abberline. – Estou dizendo com todas as letras que você está matando serviço, camarada, e que peguei você no flagra.

Era verdade. Ambos estavam bem distantes de sua jurisdição, no bar The Green Man, em Regent Street. Abberline imaginou que encontraria Aubrey aqui, já que não conseguira encontrá-lo em seu local de trabalho, e aqui ele era conhecido como um cliente assíduo. Aubrey gostava de críquete, e o Green Man era um lugar onde se reuniam jogadores e entusiastas. Nas janelas havia tacos, varetas e outras parafernálias do esporte, que sem dúvida ajudavam Aubrey, pois assim ele podia saborear sua cervejinha sem que nenhum civil olhasse pela janela e visse um policial bebendo em serviço.

– Bom, não estou matando serviço.

– Bom, e o que você chama isso então? Matando serviço, enrolando, enchendo a cara no Green Man... é tudo a mesma coisa, não?

Os ombros de Aubrey afundaram.

– Não é matar serviço e nem enrolar. Estou descansando. Não, melhor: estou *afogando as mágoas*. É isso.

– E por que você sentiria a necessidade de afogar as mágoas, Aubs, hein? – Abberline se sentou ao balcão, ao lado dele. Um barman vestindo um avental branco limpo se aproximou, mas Abberline fez sinal para que se afastasse, pois Fred, o Sóbrio, não bebia em serviço.

Ao seu lado, Aubrey desabotoara o primeiro botão do casaco para pegar um papel dobrado, que entregou a Abberline. Uma imitação malfeita de uma manchete de jornal estava escrita a mão no topo da página. “Você viu esse homem?”, dizia a manchete, enquanto abaixo havia um desenho a carvão de um homem encapuzado com uma faca extremamente longa.

– Os caras da delegacia estão rindo muito da minha cara, isso eu posso garantir – disse Aubrey, triste.

– E por quê?

– Um duplo assassinato em Rookery. Acho que você deve ter ouvido falar a respeito. Tem uma testemunha que viu...

– Um homem usando um manto encapuzado, sim, ouvi falar.

Aubrey ergueu as mãos, exasperado.

– Viu só? Isso é exatamente o que quero dizer. Londres inteira sabe que eu estou *procurando* por um estranho homem de manto e sua faca comprida, mas ninguém em lugar nenhum, exceto uma velhaca do cortiço, o viu de verdade. E quer saber...? – Ele olhou para Abberline de canto de olho. – Todos também sabem do seu cadáver desaparecido, Freddie. Na verdade, e me perdoe por pensar isso, mas desde que ouvi falar do incrível desaparecimento do morto de Freddie Abberline, fico torcendo para que eles se esqueçam um pouco de mim.

Abberline riu.

– E não teve essa sorte?

– Não. É por isso que você está aqui, não é? Está se esquivando também?

– Não. E se quer saber, o seu homem de manto tem a ver com o meu caso de desaparecimento do cadáver, acredita?

O olhar de incredulidade de Aubrey foi imediatamente substituído por outro de escárnio.

– Ah, eu conheço bem esse joguinho. – Ele olhou por cima do ombro de Abberline, esperando que a qualquer momento um grupo entrasse pelas portas caçoando dele. – Quem foi que mandou você aqui?

– Ora, relaxe, Aubs. Estou dizendo que acredito em seu homem de manto. Já é alguma coisa, não?

– Bem, você seria o primeiro a acreditar. Como eu disse, a não ser pela velhaca, ninguém mais viu esse homem de manto. Interroguei todos os comerciantes do mercado de Covent Garden. Devo ter interrogado metade de Rookery! Seria de se esperar que um homem de manto carregando uma faca grande se destacasse na multidão, não é? Chamasse a atenção? Mas não. Ninguém o viu. Ninguém, exceto uma testemunha. É como se ele tivesse aparecido... e depois desaparecido.

Abberline parou para pensar. Por algum motivo isso se parecia com o que ele sentia a respeito do homem de Belle Isle: uma figura misteriosa no meio da neblina, com motivos igualmente misteriosos.

– Então quem são suas vítimas? – perguntou ele.

– Um deles é um vagabundo conhecido por Boot. Um ladrãozinho de merda. Procurado por várias gangues de East End.

– Sem dúvida ele conhecia bem a faca.

– Sim, mas... na verdade ele foi baleado.

– Baleado? E quanto à outra vítima?

– Ah, essa é triste, Freddie. A outra vítima é uma menininha. Parece que ela estava no lugar errado, na hora errada.

– E também foi baleada?

Aubrey olhou para ele, severamente.

– A maioria das pessoas para um pouco para refletir sobre a tragédia de uma garotinha que foi baleada, Freddie.

– Ah, então ela *foi mesmo* baleada.

– Sim, foi.

– Certo. Então uma testemunha viu um homem de manto, com algo que parecia ser uma faca bem longa?

– E fina também. Mais parecida com aquelas espadas finas de esgrima. Como um florete.

– Daquelas que a lâmina não é para cortar, mas para combater. Para apunhalar. Mas esse Boot e a menininha foram baleados?

– Isso mesmo.

– Então, você está à procura de uma figura misteriosa usando um manto, que levava uma espada mas acabou na verdade baleando duas pessoas?

– Ah, meu Deus, acho que você entendeu.

Abberline suspirou.

– A arma foi encontrada?

– Não.

E agora o jovem policial estava pensando sobre a arma que havia encontrado no corpo que sumira. Estava pensando nos ferimentos que encontrara no corpo, causados por um objeto cortante.

– Você só achou uma testemunha mesmo?

– Havia outra, que viu um homem fugindo.

– Um homem de manto?

– Você está falando da testemunha ou do camarada que fugiu?

– Do camarada que fugiu.

– Não.

– Então, esse camarada que fugiu pode ser o atirador?

Aubrey olhou para ele, um pouco envergonhado.

– Bem, suponho que sim. Na verdade nunca havia pensado nessa hipótese. Estava ocupado pensando no homem de manto.

Abberline ergueu as mãos.

– Pelos deuses, Aubs. Vamos, levante. Eu e você vamos voltar para Rookery.

Uma hora mais tarde, o pobre Aubrey Shaw estava ainda mais deprimido. Sua primeira testemunha, a velhota que tinha visto o homem de manto, não estava em lugar nenhum.

– Ela desapareceu, assim como o mítico homem com a faca – lamentou Aubrey. Tanto ele quanto Abberline sabiam que a vida nos cortiços era assim

mesmo, ela provavelmente tinha arrumado suas coisas e ido embora.

Graças a Deus pelos pequenos milagres, pois eles conseguiram localizar a segunda testemunha. Se não, Abberline achava que seu companheiro iria sucumbir de vez.

– Lá está ela – disse Aubrey pelo canto da boca ao se aproximarem do número 32. Nos degraus de um prédio alto e descolorido pela fumaça, havia uma mulher desanimada. Ela os fitou com os olhos vidrados. Estava sentada com um bebê diante de um dos seios, que estava exposto.

Aubrey tossiu e olhou para baixo. Abberline queria desesperadamente ser mais loquaz, mas também falhou e se sentiu enrubescer, desviando o olhar para um varal ao lado. Ambos fizeram o que cavalheiros fariam em uma situação como esta: tiraram o chapéu.

– Com licença, senhora – disse Abberline. – Acho que já conversou com meu colega aqui, na noite do terrível assassinato duplo que aconteceu aqui em Rookery. Estou certo?

– Minha nossa senhora! – exclamou a mulher por entre dentes sujos. – Como você fala bonito!

Abberline não teve certeza se ela estava caçoando dele ou se estava sendo sincera, mas seu rosto se iluminou um pouco e seus olhos adquiriram mais expressão, e, por isso, ele continuou, aproveitando o momento.

– Senhora, viu um homem correndo por esta mesma rua na noite do assassinato?

Ela pareceu pensar por um momento, olhando a cabeça do bebê. Ajeitou a criança em seu mamilo e voltou a atenção aos dois policiais nos degraus abaixo.

– Sim.

– E ele estava correndo, não é?

– Sim, estava.

– Pode descrevê-lo?

Ela fungou, arrogante.

– Como eu disse para o seu colega, só posso descrevê-lo depois de ver algumas moedas.

Franzindo o cenho, Abberline olhou para Aubrey.

– Está me dizendo que poderia ter conseguido uma descrição do homem em fuga se tivesse dado a ela algumas moedas?

– Eu estava me concentrando no cara de manto, né? – retrucou Aubrey, erguendo as mãos num gesto de defesa e ficando ainda mais vermelho do que o normal.

– Você era um pão-duro.

– Como eu poderia adivinhar que você de repente ficaria todo interessado num cara correndo pela rua? Ele provavelmente viu o sangue, ou melhor ainda, o homem com a faca, e achou que era melhor dar no pé. Você não faria o mesmo?

Abberline nem estava mais ouvindo. Já subia os degraus para colocar algumas moedas na palma da mão da mulher, educadamente virando o rosto para não olhar seu seio nu.

– Agora pode me dizer como era o homem?

Ela olhou para a mão, pensativa, decidindo se deveria pedir mais, porém decidiu que não.

– Era um cara de terno, com um bigode cheio como o que o príncipe Albert estava usando antes de morrer, que Deus cuide de sua alma. E tinha costeletas grossas.

– E me diga, senhora, ele carregava alguma coisa?

Ela pareceu nervosa.

Abberline se inclinou para a frente, mantendo os olhos desviados de seus seios, mas ainda assim falando nos ouvidos da mulher:

– Estaria ele carregando um revólver, por acaso?

Ela disse que sim com os olhos. Abberline agradeceu com os seus e depois se foi.

Quando ele e Aubrey saíram da cortiço, Abberline estava exultante.

– Você entendeu o que isso significa, Aubs? Significa que é bastante provável que seu homem em fuga e o meu cadáver desaparecido sejam a mesma pessoa. E o seu homem de manto é o mesmo que deu as caras em Belle Isle. Isso, meu amigo, pode ajudar a resolver o caso!

– Graças a Deus – suspirou Aubrey. – Assim talvez eu consiga reconquistar minha reputação.

Abberline também suspirou.

– Além disso, existe o pequeno detalhe que é fazer justiça e descobrir a verdade, Aubrey. Não vamos nos esquecer disso, não é?

Em resposta, o policial mais velho olhou para ele como quem diz "você pode até ser esperto, mas ainda tem muita coisa a aprender", e falou:

– Verdade e justiça não trarão de volta aquela menininha, Freddie.

De volta à delegacia, Abberline fez Aubrey pedir o livro de registros para o sargento e, enquanto Aubrey foi preparar o que chamou de "um chá merecido", Abberline sentou-se e começou a folhear as páginas pesadas à procura das pessoas que foram registradas como desaparecidas na noite de...

Ah, ali estava. Caramba. Apenas um nessa área. Um homem cuja mulher registrou seu desaparecimento na noite seguinte à noite em questão. Ele tinha ido – ah, essa é boa! – para Rookery, dizendo a ela que tinha uns negócios para resolver e que voltaria logo. Só que não tinha voltado.

Seu nome era Robert Waugh. E ele morava perto daqui.

– Aubs – disse Abberline, quando o outro policial retornou trazendo duas xícaras de chá quente na mão –, não temos tempo para isso, temos uma visita a fazer. Vamos até a casa de Robert Waugh.

26

– Bharat Singh!

Era final de tarde quando seu nome foi chamado, pulando como uma bola enquanto passava de um homem para o outro:

– Bharat Singh... Bharat Singh... Bharat Singh...

E embora ele estivesse condicionado a responder àquele nome, estava muito absorto em seus pensamentos para fazê-lo naquele momento, até que o homem ao seu lado, mal parando seu trabalho, cutucou-o com o cabo de sua picareta:

– Ei, indiano, estão chamando você lá em cima.

Ele subiu as escadas e encontrou Marchant lhe esperando. Ao lado dele, estavam os três torturadores, e juntos conduziram O Fantasma em direção ao escritório sobre rodas, passando por entre as tábuas de madeira e atravessando um reservatório de imundície. Lá dentro estava Cavanagh – nada do Sr. Pearson nem do Sr. Fowley hoje, apenas Cavanagh –, sentado atrás de uma mesa de carvalho que estava vazia, exceto por um documento que O Fantasma reconheceu imediatamente.

A tarde começava a dar lugar à noite e, à luz fraca do escritório, a cicatriz de Cavanagh brilhou quando ele pegou a carta para que O Fantasma visse.

– Seu nome é Bharat Singh – disse ele, desprovido de emoção –, original de Bombaim, autor dessa correspondência?

O diretor da Metropolitan falou num tom mais confiante do que O Fantasma estava acostumado a ouvir nos comandos que ele latia para Marchant e os capatazes da obra.

– Sim, senhor – confirmou O Fantasma, assentindo.

Marchant havia ocupado o lugar logo atrás de seu mestre, com o mesmo sorriso de sempre. Permaneceu perto dele, como se desejasse tocar Cavanagh para ser impregnado da grandiosidade do homem. Mas, enquanto isso, ficava atrás dele. Os três torturadores haviam entrado na sala e se espalhado.

Aquele era o momento. O momento em que, se Cavanagh tivesse alguma suspeita, agiria. O Fantasma pesou as possibilidades. Já sabia quais eram os homens mais fortes e os mais fracos. Marchant tinha a honra de fazer parte daquela lista, mas no topo estava o homem atrás da mesa, um homem que O Fantasma sabia, conforme informava o dossiê, que era implacável e rápido em combate.

– E o seu pai era um sipai que serviu ao Exército inglês em Jalalabad em 1842? – continuou Cavanagh, deixando a carta cair na mesa.

O Fantasma assentiu.

– Muito corajosos, os sipais – continuou Cavanagh. – Conheci um que era particularmente corajoso.

O Fantasma olhou para ele, mal acreditando no que ouvia, enquanto pensava no pobre sipai sem nome. Mas Cavanagh continuou:

– E o seu pai me conhecia?

– Ele sabia *a seu respeito*, senhor, embora eu tenha certeza de que teria gostado de ter a oportunidade de conhecê-lo. Estou certo de que ele me invejaria neste momento.

Cavanagh ergueu uma sobrancelha, impressionado.

– Ah, é? E por quê, exatamente?

– Ele falava muito bem do senhor. Falava do senhor como de um herói, como o grande soldado que sobreviveu à Marcha de Cabul. Disse que eu deveria gravar o seu nome, pois o senhor com certeza estava destinado ao sucesso.

– Ele achava que eu estava “destinado ao sucesso”? Por quê? Porque sobrevivi ao frio e era hábil com o sabre? Basta procurar e vai encontrar centenas de homens que lutaram tão bravamente quanto eu, que serviram o seu país como eu, e fizeram o que tinham que fazer para sobreviver, como eu. Nenhum deles atingiu o sucesso. A menos que você considere um grande êxito ouvir Marchant

gritando ordens no seu ouvido dia e noite. Nenhum deles chegou onde estou hoje. O que pode ter feito seu pai pensar que eu alcançaria o sucesso?

– Ele estava certo, não?

Cavanagh concordou, erguendo o queixo.

– A pergunta permanece sem resposta.

O Fantasma engoliu em seco. *Chegara o momento da verdade*.

– Ele mencionou uma organização, senhor – disse ele. – Uma organização que se interessou pelo senhor por causa de seus talentos. Uma organização muito poderosa, senhor, e que ter o selo de aprovação dessa organização com certeza era o bastante para garantir sua ascensão.

– Entendi. E essa organização tem nome?

– Os Cavaleiros Templários, senhor.

O sorriso de Marchant permaneceu inabalável, mas seus olhos se estreitaram quando as palavras "Cavaleiros Templários" caíram na mesa. Atrás dele, O Fantasma sentiu a tensão dos três seguranças. Estariam eles se preparando para reagir a alguma ação do Fantasma? Ou de Cavanagh?

– Está correto. Seu pai estava certo. – Um breve sorriso apareceu no rosto normalmente impassível do homem. Sua cicatriz mexeu. – Que gratificante saber que tal reconhecimento existia entre os níveis mais baixos.

O momento se prolongou enquanto Cavanagh se recostava na cadeira, fitando O Fantasma com um olhar analítico, como se tentasse ler sinais que o jovem se recusava a enviar. Qualquer decisão tomada pelo diretor deveria ser unicamente dele, uma prova de confiança em seu próprio instinto. Nada mais importava agora, exceto conquistar a confiança de Cavanagh.

E, então, o homem sentado atrás da mesa pareceu relaxar, apontando para a carta.

– O segundo aspecto interessante acerca de sua missiva é essa informação de que você sabe algo sobre um de meus empregados que o exporia como traidor. Eu me pergunto se isso teria algo a ver com meu funcionário, Robert Waugh, que foi encontrado morto nas escavações há dois dias?

O Fantasma assentiu.

– Diga, como você fez a conexão entre eu e ele?

– Eu o vi entrando em seu escritório, senhor. – Nesse momento, Cavanagh olhou para Marchant, comunicando algo. – E, depois, quando o vi numa taverna, soube que era ele.

– E foi assim que você descobriu que ele estava metido em, como diz você, *atividades traidoras*?

– Foi quando suspeitei, sim, senhor.

– E o que fez com que você decidisse me informar disso?

Outro momento da verdade para O Fantasma. Outro ponto a seu favor ou um prego em seu caixão, a depender do que Cavanagh decidisse acreditar.

– Depois do que meu pai me disse, senhor, mal pude acreditar em minha sorte ao vê-lo. Ver o seu nome e ver a cicatriz e saber que foi a mesma cicatriz que o senhor adquiriu na fatídica marcha. Decidi que o destino havia me colocado em seu círculo mais amplo, mas que estava por minha conta se quisesse entrar no círculo mais imediato. Os Cavaleiros Templários o consideraram um homem talentoso, que poderia lhes ser útil. Espero que o senhor me veja agora dessa mesma maneira.

– Isso é tudo muito bom, talvez até louvável, mas, no momento, tudo o que tenho é a sua palavra e um cadáver, e não tenho muita certeza se nenhum dos dois é de grande utilidade para mim.

– Fui eu que matei Robert Waugh, na esperança de que o senhor me desse o cargo dele.

Cavanagh riu, zombeteiro.

– É, isso foi bastante presunçoso de sua parte, não? Porque, como eu já disse antes, tudo o que tenho é a sua palavra de que ele era um traidor.

– Ele estava vendendo suas mercadorias nas tavernas, usando um homem chamado Boot para fazer o trabalho sujo.

Cavanagh deu de ombros:

– Parece plausível, mas ainda faltam provas concretas.

– Eu o matei em Rookery, senhor. Peguei a prova na mão dele. Uma chapa fotográfica que está guardada em minha casa.

– No túnel?

O Fantasma fingiu surpresa:

– O senhor sabe onde moro?

– Ah, sim. Você gosta dos túneis, não é? Estivemos lá e fizemos algumas perguntas. Você é um pouquinho mais do que um simples *morador*, não é? Pelo que conseguimos descobrir, você é o mais próximo que eles têm de um líder.

– Eu sei ler e escrever, senhor. Aprendi em minha viagem da Índia até aqui. Também tenho alguns conhecimentos de medicina. Por este motivo, e porque em alguns momentos enfrentei os vagabundos que também chamam o túnel de casa, algumas das pessoas que moram lá me consideram um amigo.

Cavanagh sorriu, contido.

– De qualquer forma, estão pintando você como alguém bastante habilidoso.

Julgando ser o momento certo, O Fantasma deixou uma certa ansiedade perceptível em sua voz:

– Sou um homem que pode lhe ser útil, senhor. Não estou oferecendo meus serviços sem ter habilidades. Espero que veja um pouco de si mesmo em mim.

– Ora, bem, isso ainda precisamos ver. – Cavanagh ergueu o queixo, sugerindo que havia chegado a uma decisão a favor do Fantasma. Ele se dirigiu a um dos guarda-costas atrás dele:

– Smith, vá até o túnel e pegue esta chapa fotográfica à qual ele se refere. Ah, e Smith, seja gentil com a velha senhora, certo? Pelo que eu soube, ela e nosso amigo aqui são íntimos.

Ele olhou atentamente para O Fantasma, que suprimiu um pensamento hostil, antes de continuar:

– Nesse meio-tempo, você, senhor Bharat Singh, vai acompanhar Marchant e o Sr. Hardy numa visita à casa da viúva do Sr. Waugh. E, Sr. Hardy? Considerando que vamos descobrir que nosso novo sócio está falando a verdade, não precisa se preocupar em ser gentil com a Sra. Waugh. Pode ser tão antipático quanto quiser com aquela velha.

O Sr. Hardy sorriu, revelando um dente de ouro, e respondeu com uma voz estridente:

– O prazer será todo meu, senhor.

27

– Acho que você não sabe conduzir uma carruagem, rapaz. Ou sabe? – questionou Hardy quando os três homens atravessaram os portões do canteiro de obras para seguir em direção ao local onde seu transporte os aguardava.

E O Fantasma, que era um excelente cavaleiro, que havia conduzido inúmeras carruagens na Índia e que sabia reconhecer uma bela carruagem Clarence, fingiu ser o idiota que Hardy achava que ele era e deu de ombros, parecendo perdido.

– Ótimo – disse Hardy, com um olhar severo. Coçou a barba por fazer, e depois ajeitou o chapéu. – Porque ninguém dirige a carruagem do Sr. Cavanagh além de mim, do Sr. Smith ou do Outro Sr. Hardy. Está bem claro?

– Não tenho problema nenhum com isso, senhor – respondeu O Fantasma. – Devo me juntar ao Sr. Marchant lá dentro, onde não está tão frio?

Hardy olhou para ele como se dissesse “não abuse da sorte”, e, no momento seguinte, se ocupou em vestir um cachecol, sobretudo e luvas, preparando-se para o curto trajeto até Bedford Square.

Enquanto isso, O Fantasma continuou de pé ao lado da carruagem, esperando Marchant, e abriu a porta para ele quando este apareceu. Sem nenhuma palavra de agradecimento, Marchant entrou e se cobriu com um cobertor, não deixando nenhum para O Fantasma, que se sentou no assento à sua frente. Quando estava pronto, Marchant puxou um cordão e fez questão de ignorar O Fantasma, olhando pela janela da carruagem. Acima deles, Hardy balançou as rédeas e a carruagem seguiu para a casa da Sra. Waugh.

Eles chegaram, e O Fantasma observou com interesse implacável enquanto o Sr. Hardy descia do assento da carruagem, tirava as luvas de tecido e as substituía por outras de couro, flexionando os dedos com um sorriso e um ar de homem em serviço, fitando O Fantasma como se dissesse "preste atenção, estou de olho em você".

Em seguida, Hardy foi até o bagageiro da carruagem. De lá, retirou um par de soqueiras de metal, que calçou por cima da luva. Retirou outra coisa também, um cassetete de madeira com uma alça de couro, que ele passou pelo pulso antes de enfiar a arma dentro da manga. Por último, sacou uma arma de algum lugar de seu sobretudo. Ele a rolou nos dedos. A luz refletiu-se na lâmina. Em momento algum ele tirou os olhos do Fantasma.

Preste atenção, estou de olho em você.

Agora, os três homens analisavam a casa do outro lado da rua. As cortinas estavam fechadas; apenas um ponto de luz fraca tremulava de algum lugar lá de dentro. Não havia nenhum outro sinal de vida, a não ser...

O Fantasma viu uma breve interrupção na luz através da janela de vidro da porta da frente. Erguendo a mão para os outros dois – como se dissesse "esperem aqui" –, ele caminhou depressa para o outro lado da rua, tendo que se satisfazer em meramente imaginar o olhar indignado no rosto dos homens ao receberem ordens desse novo recruta. Um garoto. Um garoto *indiano*. Um estrangeiro.

Furtivamente subindo os degraus da entrada, ele parou para escutar na porta da frente. De dentro, ouviu vozes que seguiam por alguma passagem no interior da casa. Ele tentou abrir a porta, mas estava trancada, então retornou à carruagem.

– Tem alguém lá dentro com ela – disse ele para Marchant e Hardy. – Parece que são policiais.

– Já faz tempo que não acabo com um policial – disse Hardy, sorrindo maliciosamente. O dourado de seu dente brilhou no escuro.

– Seja lá quem for, a pessoa lá dentro está em um dos quartos dos fundos – afirmou O Fantasma. – Talvez na cozinha. Acho melhor verificarmos quantas pessoas estão lá antes de entrarmos com tudo.

– *Verificarmos*, é? – zombou Hardy. – Que tal fazer de outro jeito? Que tal tocarmos a campainha e pegá-los de surpresa? – Sua soqueira de metal brilhou

quando ele socou o ar, numa demonstração do que estava querendo dizer, se é que alguém tinha alguma dúvida sobre o que significava “pegá-los de surpresa”.

– Eles podem estar em maior número – alertou O Fantasma, falando para Marchant. – Somos apenas três, afinal de contas.

Então, Marchant decidiu:

– Certo. Hardy, guarde essas coisas antes que alguém nos veja. Este é um bairro respeitável. Você, indiano, vá pelos fundos. Eu e o Sr. Hardy esperaremos na carruagem pelo seu sinal, indicando que é seguro prosseguir. Se for, entraremos pela porta da frente, e você e Hardy se asseguram de que ninguém saia pelos fundos. Entenderam?

Os outros concordaram. O Fantasma demonstrou seu sinal, um piado de coruja, e sumiu por um caminho que seguia até o terraço, correndo até chegar à porta da casa dos Waugh. A porta com certeza estaria trancada. Ele nem tentou abri-la. Em vez disso, olhou rapidamente para a esquerda e para a direita e saltou, se segurando numa saliência do muro, e subindo até o topo.

Ele ficou agachado ali por alguns instantes, uma silhueta escura na noite, aproveitando um instante de orgulho em uma vida que não lhe dava nenhum. Desejou estar usando seu manto, e podia sentir o peso de sua lâmina oculta no antebraço, mas, naquele momento, devia se limitar a ficar ali agachado.

O momento de espera acabou, e ele desceu silenciosamente para o outro lado, onde aguardou em meio aos arbustos até sua visão se adaptar à pouca luminosidade do lugar. À sua frente, havia um jardim bem cuidado (evidentemente ganhava-se muito dinheiro vendendo essas “fotos eróticas”), enquanto à sua esquerda ficavam os fundos da casa. Ele foi por ali, adivinhando onde era a cozinha pela intensidade da luz vinda das janelas. Agachou-se, permitindo que a noite o ocultasse.

E então – com muito, muito cuidado – espiou dentro da casa.

Em pé na cozinha, com os chapéus nas mãos, estavam dois policiais. Um deles, que O Fantasma não conhecia, tinha o rosto gordo e vermelho, e o outro era Abberline, o policial que fora até as escavações. O Fantasma lembrava que ele tinha analisado com cuidado o ferimento no peito de Waugh. Parecia contraditório dizer isso, mas deixar um ferimento tão limpo fora um descuido de Ethan. Abberline suspeitava de alguma coisa.

E era provavelmente por este motivo que ele estava de pé na cozinha dos Waugh. Ele e seu companheiro estavam conversando com uma mulher nervosa que parecia uma velha empregada, com avental e chapéu. Segurava um rolo de macarrão como se pudesse usá-lo contra os tiras a qualquer momento. Sem dúvida era a senhora Waugh. O Fantasma não pôde ver seu rosto para fazer leitura labial, mas ela falava tão alto que ele conseguia ouvir pela janela:

– Eu sempre disse que ele estava indo longe demais! Sempre soube que ele estava brincando com fogo!

Algo chamou a atenção do Fantasma. Ali, no corredor que leva à cozinha, escondido pelas sombras, estava um vulto que O Fantasma reconheceu como sendo o Sr. Hardy. O Fantasma não fazia ideia de como ele havia entrado na casa, mas o motivo que o levara ali era bem claro, pelo brilho da faca que trazia na mão.

Os dois policiais estavam de costas para Hardy. Não tinham a mínima chance. A mulher estava ocupada demais gesticulando com o rolo para vê-lo.

Nenhum deles tinha chance alguma.

O Fantasma tinha um segundo para decidir: salvar os policiais e prejudicar sua missão, ou deixar que eles morressem em nome do bem maior.

28

Eles conseguiam conviver sem muitos problemas, mas, mesmo assim, Abberline e Aubrey não eram exatamente loucos um pelo outro. Para começar, Abberline achava as habilidades de Aubrey como policial bastante falhas, enquanto Aubrey achava que Abberline deveria aprender algumas coisinhas sobre compaixão com outros seres humanos.

Aubrey voltou ao assunto mais cedo, enquanto os dois seguiam até o endereço dos Waugh em Bedford Square.

– Nosso trabalho também tem um lado humano, Freddie – disse ao companheiro enquanto caminhavam pela multidão da Tottenham Court. – Servir à justiça e à verdade é muito bonito, mas e quanto a servir às pessoas?

– É por isso que existem as regras, Aubrey – disse Abberline. – As regras são para o bem de todos.

Eles se aproximaram de "descobridores puros" rivais, que estavam prestes a brigar por uma quantidade razoável de merda de cachorro, mas pararam quando avistaram os tiras se aproximando e fingiram ser velhos amigos. Aubrey franziu o cenho para eles ao passar. *Estou de olho em você.*

– Talvez sim – admitiu ele, depois que já haviam se distanciado um pouco e já era seguro respirar novamente. – Contanto que você não comece a colocar as regras em primeiro lugar e o bem das pessoas em segundo, é isso que quero dizer. Além do mais, nem sempre é tão simples, não é mesmo? Afinal de contas, se a nossa teoria estiver certa, nosso homem com a arma baleou uma menininha

a sangue-frio. Onde está a justiça em prender o homem que matou o assassino dela?

– Bem, vamos descobrir a verdade primeiro, certo? Depois poderemos questionar a justiça nisso tudo.

Eles chegaram ao seu destino, uma bela construção em uma charmosa praça, cercada de outras também bonitas. Era próximo o bastante da Tottenham Court para que seus bem-vestidos residentes pudessem chegar aos seus escritórios todos os dias, mas longe o bastante para que o ruído do trânsito fosse quase imperceptível ao invés de ser ensurdecedor, o bastante para enlouquecer alguém que vivesse escutando aquilo todos os dias.

Os dois policiais pararam com as mãos no cinto, observando a casa em questão. As cortinas estavam fechadas. Uma luz brilhava pela janela acima da porta, e esse era o único sinal de vida. Enquanto subiam os degraus da entrada para bater à porta, Abberline pensou se a senhora Waugh estava lá dentro, chorando pelo seu marido...

– Cadê aquele filho da mãe?

Abberline estivera certo em uma coisa: a senhora Waugh de fato estava em casa. Quando a mulher abriu a porta, ficou claro pelo seu rosto coberto de farinha que ela estava cozinhando mas quanto a chorar pelo marido...

– Vamos lá! – exigiu ela, falando com os policiais parados à sua porta. Ela tinha a aparência de uma mulher de açougueiro bem alimentada, o rosto corado e um avental branco estampado com manchas de origem desconhecida. – Onde diabos ele está?

– Não sabemos... – começou Abberline, desconcertado pela ferocidade da mulher.

Com certeza não tinha sido a melhor maneira de começar e, dito e feito, a Sra. Waugh – pelo menos eles achavam que fosse a Sra. Waugh, a menos que o Sr. Waugh tivesse uma governanta excepcionalmente mal-humorada e insolente – ficou furiosa.

– O que você quer dizer com *não saber onde ele está*? Então por que vieram até aqui? Vocês deviam estar pelas ruas, procurando por ele! – Ela ergueu as

mãos para o céu, frustrada, e se afastou da porta pisando duro pelo corredor, falando consigo mesma enquanto andava e deixando atrás de si pequenas pegadas de farinha no piso de cerâmica.

Abberline e Aubrey se entreolharam. Abberline olhou Aubrey de cima a baixo.

– Ela é seu tipo – sorriu ele.

– Ora, me deixe em paz – disse Aubrey. – Vamos entrar ou não?

Eles fecharam a porta atrás de si, passando a trava antes de seguirem o som irritado da voz da mulher até a cozinha. Lá, eles a encontraram usando um rolo de macarrão, descontando toda a sua frustração na massa de pão, batendo furiosamente e levantando uma fina camada de farinha a cada golpe.

Perto dali, uma fotografia da senhora Waugh com o homem cujo corpo Abberline havia perdido. *Estavam no lugar certo*. Abberline cutucou Aubrey nas costelas e assentiu.

– Senhora – começou ele, tentando novamente com o que esperava ser um pouco mais de compostura dessa vez. – Um homem com a mesma descrição do seu marido foi visto nas proximidades de Rookery na cena de um...

– Bem, ele estava a caminho de Rookery na noite em que desapareceu, portanto, até aí parece tudo certo – disse ela, continuando a trabalhar a massa com o rolo.

Essa era a nova classe média, pensou Abberline. Eles comiam tão bem quanto os ricos, mas tinham que fazer tudo sozinhos. Algo lhe ocorreu:

– Qual era a profissão do seu marido? – perguntou ele.

– Ele era fotógrafo – respondeu ela, que não deixou dúvida a respeito do que ela pensava sobre *aquela* profissão em particular.

– Um fotógrafo, não é? – comentou Abberline. – E o que fazia um fotógrafo em Rookery?

Ainda trabalhando a massa, ela fitou Abberline, incrédula.

– Você está gozando com a minha cara? Como eu deveria saber que negócios ele tinha em Rookery? Para ser bem sincera com você, ele não me diz o que faz, e eu também não fico perguntando.

Havia algo em sua reclamação que parecia um pouco teatral demais na opinião de Abberline, mas ele deixou isso de lado no momento.

– A senhora não está preocupada com o seu marido, senhora Waugh?

Ela deu de ombros.

– Não especialmente. Como o senhor se sentiria se sua mulher sumisse? Provavelmente daria uma festa, não é?

– Não sou casado.

– Bem, volte depois de se casar e então poderemos ter essa conversa novamente.

– Muito bem. Se a senhora não está preocupada com ele, por que informou seu desaparecimento?

A voz da senhora Waugh se ergueu, indignadíssima, e indignação era seu estado natural.

– Quem é que vai pagar por isso tudo se ele sumir?

– O que quero dizer, senhora Waugh, é que Rookery é um lugar perigoso na melhor das horas, e talvez não um lugar que um fotógrafo respeitável como o seu marido queira visitar.

– Bem – respondeu ela, de supetão –, talvez seja por isso que ele levou sua arma.

Abberline e Aubrey se entreolharam, mal acreditando no que haviam escutado.

– Ele saiu armado?

– Foi o que eu disse.

– Sim, claro. Só que o homem com a mesma descrição do seu marido, que foi visto nas proximidades de Rookery, pode ou não estar envolvido num tiroteio.

Naquele momento ela, pelo menos, largou o rolo.

– Entendo – disse, pesarosamente.

– Seria de grande ajuda se a senhora pudesse nos contar o que o seu marido poderia estar fazendo em Rookery. Qual era o propósito de sua visita? Ele estava lá para ver alguém, por exemplo? Além da arma, ele levou mais alguma coisa? Disse que horas esperava estar de volta?

Ignorando todas as perguntas e fitando Abberline, ela perguntou:

– Este tiroteio que aconteceu. Alguém saiu ferido?

– Há duas mortes confirmadas, senhora Waugh. Uma menininha... – ele observou enquanto a mulher se encolheu, fechando os olhos e absorvendo a dor

– e um vagabundo chamado Boot.

Ela abriu os olhos de novo.

– Boot? Robert estava lá para se encontrar com Boot. Pelo que eu saiba, Boot era um sócio.

– Perdão, pensei que a senhora tivesse acabado de me dizer que ele nunca fala sobre seu trabalho e a senhora também não pergunta.

– Ah, eu pescava uma coisa aqui e outra ali. De qualquer maneira, ele foi lá para fechar algum tipo de acordo...

– Acordo?

Os olhos dela congelaram. Ela já tinha falado demais.

– Sim. Bem, ele é um fotógrafo, ele...

– Tira fotos. É isso o que fazem os fotógrafos. Fotógrafos tiram fotos de homens e suas mulheres e de seus filhos. Grandes crinolinas, botas lustrosas, casacos apertados e camisas com colarinhos demasiadamente engomados, sorrisos e olhares assustados para a câmera, esse tipo de coisa. É isso o que fazem os fotógrafos. Não fazem acordos à noite com vagabundos em cortiços.

– Espere um pouco, o senhor ainda não disse... se existem apenas duas mortes confirmadas, isso significa que Robert ainda pode estar vivo?

Novamente, Abberline e Aubrey se entreolharam.

– Temo que nossa teoria mais plausível no momento seja a de que seu marido pode ter sido morto por um segundo criminoso. Na verdade, eu estava pensando se a senhora não teria alguma fotografia dele, para que eu possa confirmar se é dele o corpo encontrado nas escavações da Metropolitan, no norte de Londres.

A solicitação foi uma mera formalidade para dar a notícia à mulher, mas foi quando ele mencionou a Metropolitan que uma nuvem negra tomou conta de seu semblante.

– Oh, céus – disse ela, balançando a cabeça diante da terrível inevitabilidade da história toda. – Eu sempre disse que ele estava indo longe demais. Sempre soube que ele estava brincando com fogo.

Tentando conter sua excitação, e falhando terrivelmente, na opinião do policial Aubrey Shaw, Abberline se apegou às palavras da mulher.

– O que a senhora quer dizer com “longe demais”? Conte exatamente o que sabe, Sra. Waugh...

A janela da cozinha da residência Waugh era alta e escura como a noite, como uma janela de vitrais, exatamente sem os vitrais. Quando a Sra. Waugh olhou para ele, prestes a começar a falar, algo na janela chamou a atenção de Abberline.

E, no segundo seguinte, a janela explodiu.

29

Um segundo de indecisão antes daquilo, O Fantasma decidiu que não poderia se culpar por ajudar a derramar o sangue de dois policiais inocentes, e que era melhor agir.

No fim, ele apostou em duas coisas: na sua pontaria, e que a senhora Waugh faria barulho suficiente para acordar um defunto.

Ele não errou em nenhuma das duas apostas.

O Fantasma tinha dois objetivos: salvar os policiais e evitar que vissem ele, Marchant ou Hardy. Procurou à sua volta por alguma pedra, encontrou uma cercando um canteiro de flores por ali por perto, pegou-a e quando viu Hardy se preparar para o ataque, agiu.

O Fantasma usava apenas trapos, nada que o protegesse dos estilhaços. Assim, quando atingiu a janela com toda a força, sentiu como se milhares de facadas o atingissem, enquanto o vidro e a madeira se estraçalhavam, caindo em uma cristaleira do outro lado.

Do teto pendia uma única luminária, a única fonte de luz na cozinha, e O Fantasma lançou a pedra ao mesmo tempo em que quebrava a janela, e sua mira foi perfeita, fazendo a luminária se apagar e a noite tomar conta do lugar, exatamente ao mesmo tempo em que alguém gritou e a Sra. Waugh começou a berrar.

A louça caiu da cristaleira, se quebrando e fazendo ainda mais barulho, mas O Fantasma já estava em ação, e se lançou contra um escorredor de pratos, rodeando a Sra. Waugh e os policiais sem tocar no chão, como num jogo de

criança – um jogo que ele mesmo havia brincado quando criança, em Amritsar. Outro pulo a partir do escorredor de pratos o levou até onde os policiais estavam, e nenhum dos dois o viu, ouviu e nem teve tempo de reagir quando O Fantasma caiu no piso de azulejos, atingindo a garganta dos dois com um golpe rápido, nocauteando primeiro Abberline e depois seu companheiro, tudo isso em meio segundo, tudo feito ao som dos berros da Sra. Waugh.

Tudo foi executado num instante. Ninguém, além do Fantasma, sabia o que estava acontecendo, e isso agradava ao jovem indiano. O caos era seu amigo.

– Atrás dela! – ordenou ele. Hardy e Marchant entraram correndo na cozinha, e O Fantasma viu a raiva no rosto de Hardy. – Peguem a velha antes que seus gritos atraiam mais policiais!

Então, Marchant vociferou ordens como se fosse o líder, e não um homem que estava completamente atordoado pela situação que havia saído de seu controle.

– Você ouviu. Pegue ela! Faça com que cale a boca! – E, talvez se sentindo grato por poder distribuir um pouco de violência, Hardy correu pela cozinha, para onde a Sra. Waugh estava de pé, gritando, e O Fantasma viu o brilho de sua soqueira de metal e virou a cabeça para o outro lado, enquanto os gritos da Sra. Waugh pararam abruptamente.

Foi preciso que os três a carregassem juntos para fora da casa, em direção à carruagem. O Fantasma se certificou de que era o último a sair, e fechou a porta da frente atrás de si.

Na casa, o vento frio soprou pela janela arrebentada da cozinha. No chão, os dois policiais estavam apagados.

30

Foi um dia de recriminação.

O nome Bharat Singh veio pulando de boca em boca pelas escavações do túnel, e O Fantasma mais uma vez subiu as escadas e abriu caminho pelas tábuas de madeira em direção ao escritório. Lá estavam Cavanagh, Marchant, Hardy, Smith e o Outro Hardy, assim como no dia anterior.

Só que agora as coisas eram diferentes. Enquanto, no dia anterior, Hardy olhara para O Fantasma com curiosidade, agora ele o fitava com ódio explícito; Marchant também o via agora com um novo interesse.

– Tenho notícias importantes para você, jovem Bharat – disse Cavanagh com olhos encobertos. – Você está prestes a ser promovido. Chega de trabalhar nos túneis. Basta de trabalhar nas escavações. De agora em diante, você vai trabalhar sob o comando do nosso amigo Marchant, dando um uso mais nobre a suas habilidades de leitura e escrita. Parabéns, você conseguiu tudo o que o seu pai sonhava.

Cavanagh estava zombando de uma admiração paterna fictícia, mas isso não impediu O Fantasma de sentir um certo ódio dele.

– Você pode perguntar por quê – continuou Cavanagh. – Por que você foi promovido? Parece que, pelo que conversamos com a Sra. Waugh, tudo o que você nos contou estava correto. E tenho certeza de que você já sabe que o Sr. Smith recuperou a fotografia do seu buraco no túnel do Tâmisa. Assim sendo, sua primeira missão é aplicar a sentença de morte no traidor Sr. Waugh. Só que, é claro, essa sentença já foi executada e você provou o seu valor.

O Fantasma assentiu.

– Obrigado, senhor. E quanto à viúva da minha vítima?

– Já cuidamos dela.

O Fantasma manteve o rosto inabalável, mas contou mais uma vítima inocente.

Enquanto isso, atrás dele, Hardy pigarreou.

Cavanagh olhou para ele e voltou sua atenção para O Fantasma.

– O Sr. Hardy reclamou sobre suas ações ontem à noite. Nem ele, nem Marchant parecem ter certeza do que aconteceu – disse, olhando feio para Marchant e Hardy. – Ambos disseram que você agiu impulsivamente e os colocou em perigo.

O Fantasma abriu a boca para se defender.

– Mas...

Cavanagh ergueu a mão para interrompê-lo.

– Eu discordo do Sr. Marchant e do Sr. Hardy. Encontramos um corpo nas escavações, o que leva as pessoas a fazerem perguntas. A última coisa de que precisamos são dois policiais mortos. Só podemos nos desviar de determinada quantidade de perguntas. Sr. Hardy, o senhor deveria saber muito bem disso.

– Pode até ser – rosnou Hardy –, mas o camarada foi desonesto. Combinamos que o Sr. Marchant e eu entraríamos na cozinha e ele impediria que alguém saísse pelos fundos. Ele se atirou contra uma maldita janela, chefe. Não foi exatamente discreto, entende?

Cavanagh sorriu.

– Algo me diz que nosso mais novo empregado sabia exatamente o que estava fazendo.

31

Abberline e Aubrey levantaram-se do chão da cozinha dos Waughs, voltaram para a delegacia com a cabeça latejando e o rabo bem firme entre as pernas, e lá passaram a noite.

Enlameados, doloridos e ainda exaustos, eles se viram no balcão da recepção logo após o amanhecer, quando o alarme tocou. Uma mulher entrou correndo aos gritos, falando de um suicídio.

Onde?

– Numa casa em Bedford Square...

Eles se entreolharam, e repararam que ambos estavam de queixos caídos. Depois, saíram como raio pela porta.

Menos de meia hora depois, estavam de volta à mesma cozinha da qual haviam saído de madrugada. Estava escuro quando partiram, o vento soprava através da janela quebrada, os azulejos de terracota crepitavam com o vidro quebrado, e um rolo de massa jazia no chão.

Agora, no entanto, havia a luz do sol, e tudo continuava exatamente igual à noite anterior, com exceção de uma coisa: a Sra. Waugh havia retornado. Estava dependurada no lustre do teto, com um nó de linho bem apertado em volta do pescoço; a cabeça pendia, a língua saía por entre os lábios azulados, e uma poça de urina formara-se nos azulejos debaixo de suas botas dependuradas.

Ninguém gosta de ver um morto antes de almoçar, pensou Abberline, que deu meia-volta e saiu da cozinha.

– Eles mijam nas calças, sabia!?

Cavanagh, Marchant, os torturadores e O Fantasma ainda estavam no escritório quando Abberline e Aubrey anunciaram sua chegada com uma sonora batida na porta, do tipo "nem-pensem-em-não-abrir, aqui-é-a-polícia", entraram e começaram a falar sobre pessoas que urinam nas próprias calças.

O rosto de Aubrey estava mais vermelho do que nunca, mas a raiva havia conferido à expressão de Abberline uma cor quase igual enquanto ele mirava homem por homem com fúria. Até que seus olhos pousaram, por fim, no Fantasma.

– Você aí – vociferou. – Onde arrumou esses cortes?

– O Sr. Singh é um operário do canteiro, agente – intercedeu Cavanagh antes de O Fantasma responder. – Receio que não fale inglês direito. Ele sofreu um acidente na vala ontem à noite.

Cavanagh não se esforçou para ser gentil ou agradável com Abberline. Simplesmente apresentou os fatos. Enquanto isso, fez sinal para o Outro Sr. Hardy, que se virou para sair.

– Aonde pensa que vai? – gritou Abberline, postando-se na frente do Outro Sr. Hardy.

– Ele vai aonde eu disser, ou aonde ele quiser, ou talvez até a delegacia, se ele quiser falar com um sargento de lá... A menos que, é claro, o senhor planeje prendê-lo; nesse caso, tenho certeza de que todos nós gostaríamos de ouvir sob qual acusação, e quais evidências o senhor tem para sustentá-la.

Abberline gaguejou, ficou sem palavras. Não tinha ideia de como aquela situação iria se desenrolar, mas de uma coisa tinha certeza: não imaginou que seria desse jeito.

– Bem, o senhor estava falando sobre gente que mija nas calças... – inquiriu Cavanagh secamente. – Quem seriam essas pessoas mesmo?

– As que estão na extremidade de um nó corrediço – respondeu Abberline.

– Suicidas?

– Não só suicidas, não; vítimas de assassinato também. Onde quer que se encontre uma pobre alma amarrada na ponta de um nó corrediço, também se vê algum efluente. O intestino solta, entende. – Fez uma pausa de efeito. – A Sra. Waugh teve sorte de não ter feito o número dois.

Seu olhar percorreu a sala: o indecifrável Cavanagh, o ardiloso Marchant, os três torturadores, que pareciam estar se divertindo bastante, e... o indiano.

O olhar de Abberline deteve-se por mais tempo no indiano, e o policial podia jurar ter visto algo nele, uma centelha de emoção, e não uma emoção barata, mas algo nobre. Do tipo que Aubrey sempre dizia que conseguiria sentir se um dia aprendesse como. Abberline tirou lentamente os olhos do indiano, dirigindo-os ao grandalhão, o torturador com um dente de ouro.

– Você – disse. – Foi você, não foi? Você estava na casa.

O homem – Sr. Hardy, se não falhava a lembrança de Abberline – mostrou sua dentição dourada.

– Não, estive aqui a noite inteira, Sr. guardinha. O Sr. Cavanagh está de prova.

– Vá lavar essa boca, seu...! – exasperou-se Abberline, apontando para Hardy.

– Pois bem, Sr. Hardy – suspirou Cavanagh. – Talvez seja mais sensato não exaltar nosso visitante ainda mais. E quanto ao senhor, policial, reitero que o Sr. Singh, o Sr. Hardy, Marchant, Smith e o Outro Hardy estavam todos comigo na noite passada e, ah... Abberline, creio que o senhor tem visita.

– Abberline! – Ao ouvir o som às suas costas, o policial encolheu-se: era a voz inconfundível do sargento. – O que diabos pensa que está fazendo?

32

Furioso, Abberline saiu novamente para o barulho das obras do túnel, com Aubrey em seu encalço, esforçando-se para acompanhar seu ritmo.

– Pare, pare! Aonde pensa que vai? – gritou seu companheiro de rosto avermelhado, por cima do ruído incessante das máquinas.

– De volta para City Road, oras! – vociferou Abberline por cima do ombro. Ele chegou ao portão de madeira nos limites do terreno, abriu-o com um empurrão, e passou por um operário sonolento cuja função era manter o populacho do lado de fora. – Esse pessoal está metido nessa história até o pescoço. Isso não cheira bem, pode ter certeza!

Lá fora, na rua, eles se desviaram de pessoas marginalizadas que eram ou atraídas pelas possibilidades comerciais da escavação – como comerciantes, mascates, prostitutas, batedores de carteira – ou realmente tinham negócios naquela parte da cidade, e deram início à curta caminhada de volta à casa dos infelizes Sr. e Sra. Waugh.

– Em que história você acha que eles estão metidos até o pescoço? – Aubrey segurava o chapéu na cabeça enquanto tentava seguir Abberline.

– Não faço a menor ideia! Se eu soubesse, a vida seria muito mais simples, não é? – Parou, virou-se e ergueu o dedo como um professor que adverte o aluno. – Só digo isso, Aubrey Shaw. Eles estão metidos em alguma coisa. – Apontou o mesmo dedo na direção das obras da ferrovia, protegidas atrás da cerca. – E, seja lá o que for, não é coisa boa. Está entendendo? – Voltou a caminhar. – Quer dizer, você os viu lá, com a maior cara de culpa! E aquele

rapazinho, o camarada indiano. Banhado em sangue. Acidente no túnel, uma ova! Ele se cortou todo quando atravessou a janela da Sra. Waugh.

– Acha que foi ele?

– *É óbvio* que acho que foi ele! – explodiu Abberline. – Eu sei que foi ele. *Eu* sei que foi ele. *Eles* sabem que foi ele. Até *você* sabe que foi ele. O problema é provar isso, mas com certeza foi ele. Ele atravessou a janela, apagou a luz, e depois apagou a gente.

Àquela altura, Aubrey havia conseguido alcançá-lo, falando entre resfôlegos enquanto tentava respirar.

– Você percebeu o que acabou de dizer, Freddie? Quer dizer, não é aí que sua teoria cai por terra? Porque não é possível que ele tenha feito tudo isso! Só se fosse um acrobata ou algo do tipo.

Àquela altura, já estavam de volta a Bedford Square, como se nunca a tivessem deixado, e Abberline entrou. Aubrey permaneceu na porta, com a mão encostada no batente, quase curvado para recuperar o fôlego.

Da cozinha veio o som dos resmungos de Abberline, e, depois, uma exclamação.

– O que foi? – perguntou Aubrey, que foi se juntar ao colega e ficou a seu lado.

Abberline estava na extremidade da cozinha, embaixo da janela, que estava bastante quebrada. Com ar triunfante, apontou para a cristaleira fora do lugar.

– Olhe só – ordenou. – O que vê aqui?

Para Aubrey, o que quer fosse que ele estivesse mostrando se parecia com uma mancha de sangue, e foi isso que respondeu.

– Certo, uma mancha de sangue de seja lá quem foi que se atirou pela janela, certo? Isso era de se esperar, não?

– Bem, sim.

– Aposto que é o sangue daquele sujeito indiano que acabamos de ver no escritório de Cavanagh, com aquela cara de inocente.

– Isso é uma suposição, Freddie. Não foi o que sempre nos ensinaram? Procure as provas, nunca faça suposições, procure as provas.

– Que tal se você formular teorias e só depois encontrar provas para sustentá-las? – perguntou Abberline, com um brilho no olhar.

Eu tinha de ter dado brecha, pensou Aubrey, logo quando ele estava empolgado...

– Prossiga... – disse Aubrey.

– Lembra o indiano esquisito? Ele estava descalço, não estava?

– Eu sei. Mas, que diabos, é preciso economizar uns trocados para comprar umas botas de couro...

– Guarde essa informação. Agora dê mais uma olhada na mancha de sangue.

Aubrey obedeceu, e Abberline observou a luz surgir lentamente no rosto do companheiro.

– Meu Deus, você está certo! É uma pegada!

– Exato. Exatamente, Aubrey. Uma pegada. Agora veja, você e eu estávamos bem ali. – Puxou Aubrey até onde estavam na noite anterior, onde discutiam com a sempre zangada Sra. Waugh. – Agora, você tem de imaginar que a janela está intacta. Que é feito um espelho, certo? Bem, é o que estou dizendo: cerca de meio segundo antes de aquele espelho se partir e sete anos de azar caírem sobre nós de uma só vez, eu vi pelo reflexo um movimento.

– Você viu o agressor antes de ele entrar quebrando a janela?

– Só que agora achamos que o agressor era o sujeito indiano, não é? O que vi, porém, não foi ele. Quem eu vi era muito maior. Então, será que... será que o que eu vi era um reflexo? – Ele pressionou a mão contra a testa, como se uma massagem pudesse fazer seu cérebro lhe dar uma solução. – Certo, e quanto a isto, Aubrey? E se um ou talvez dois daqueles seguranças esquisitões das obras nas ferrovias estivessem atrás de nós? O que isso lhe diz?

– Eu responderia que passamos o ferrolho na porta... então, como eles entraram?

– Olha só. – Abberline arrastou Aubrey para fora da cozinha, em direção à porta do depósito de carvão. Estava entreaberta. Até aí, nada de suspeito. Mas ali dentro, no meio do carvão, havia um vinco bem definido do tamanho de um homem, que ia desde o chão de pedras até o alçapão.

– Na mosca! – exclamou Abberline. – Agora... – Ele levou Aubrey à cozinha, onde retomaram suas posições. – Estávamos aqui, certo? Bem, vamos supor que estejamos corretos e que eu tenha visto o reflexo de um idiota bem atrás de nós, só esperando para nos derrubar. Eu vi o quanto ele estava perto. E estávamos de

costas para ele, não se esqueça. O que estou dizendo é que estávamos no papo, Aubrey. Estávamos no papo, Aubrey, como um par de patinhos, já gordos e prontos para o abate. Ele poderia ter nos deixado inconscientes com o golpe de um cassetete em nossas cabeças. Poderia ter cortado nossas gargantas com uma faca... E, no entanto, por algum motivo, apesar de seu comparsa estar pronto para atacar, o camarada indiano resolveu entrar estilhaçando a janela.

Abberline olhou para Aubrey.

– Agora me diga: por quê, Aubrey? O que diabos ele queria ao entrar pela janela?

Parte Dois: Cidade Perdida

33

Evie Frye, de 15 anos, filha de Ethan e da falecida Cecily, havia adquirido um novo hábito. Não era lá algo de que se orgulhasse, mas, ainda assim, ele surgiu, como os hábitos têm o hábito de fazer: durante as reuniões de seu pai com George Westhouse, ela se acostumara a escutar por trás da porta.

Ora, e por que não? Afinal, não era seu pai quem sempre dizia que ela logo, logo se uniria ao que ele costumava chamar de "a luta"? E outra de suas expressões favoritas não era a de que "não há nenhum momento como o presente"?

Havia anos, Evie e seu irmão gêmeo, Jacob, vinham aprendendo o Ofício dos Assassinos, e os dois sempre foram alunos entusiasmados. Jacob, o mais atlético da dupla, gostava de combater e tinha muito jeito para a coisa; adorava lutar, apesar de lhe faltar o dom natural de sua irmã. À noite, no quarto em que dormiam, os irmãos falavam com empolgação sobre o dia em seriam apresentados à lendária lâmina oculta.

Ainda assim, o interesse de Evie oscilava. Suas habilidades naturais não a atraíam tanto quanto a seu irmão. Enquanto Jacob passava dias no jardim de casa, em Crawley, girando como um dervixe para praticar os movimentos ensinados pelo pai naquela manhã, Evie frequentemente dava um jeito de escapar, dizendo estar entediada pelas constantes repetições do treino de espada, e ia até o escritório do pai, onde ele guardava seus livros.

Aprender: era isso o que inflamava a imaginação de Evie Frye. Os escritos de antepassados dos Assassinos, as crônicas de Assassinos lendários: Altaïr Ibn-

La'Ahad, cujo nome significa "a águia veloz", o belo e elegante Ezio Auditore da Firenze, Edward Kenway, Arno Dorian, Adewalé, Aveline de Grandpré e, evidentemente, Arbaaz Mir, com quem seu pai havia convivido por tanto tempo na juventude.

Todos eles haviam se unido na batalha para neutralizar os Templários, lutando pela liberdade a qualquer hora e em qualquer território onde atuassem; a maioria, vez ou outra, tentou ajudar na localização de objetos chamados de artefatos. Que, de modo algum, eram peças de museu. Os artefatos que dominavam os pensamentos dos Assassinos e dos Templários eram os objetos que restaram d'Os que Vieram Antes. De todos, os mais importantes eram os Pedaços do Éden. Dizia-se que eram dotados de um poder bíblico, e que o conhecimento supostamente codificado neles era o aprendizado de todas as eras; passado, presente e futuro. Alguns, como Altaïr Ibn-La'Ahad, por exemplo – Evie se debruçara sobre uma transcrição de seus códigos –, expressavam dúvidas em relação a eles, questionando se não seriam meras bugigangas. Evie não sabia ao certo, e talvez essa fosse uma das razões que os tornavam fascinantes. Ela queria ver os artefatos com seus próprios olhos. Queria segurá-los e sentir a conexão com uma sociedade que precedeu a sua. Queria conhecer os incompreensíveis poderes que ajudaram a moldar a raça humana.

Assim, quando certa noite ela entreouviu a palavra "artefatos" no escritório do pai, demorou-se ali para escutar um pouco mais. E o mesmo se passou na próxima vez em que George Westhouse fez uma visita, e na seguinte, também.

Às vezes, ela se perguntava se o pai não sabia que alguém bisbilhotava suas reuniões. Ele provavelmente nada diria. O que diminuia a culpa dela era a sensação que tinha de que ele não condenaria *necessariamente* tal ato. Afinal, ela estava apenas colhendo de antemão as informações que juntaria mais tarde, de todo jeito.

– Ele é corajoso, esse seu homem – dizia George Westhouse agora.

– É mesmo. E essencial para qualquer oportunidade que um dia tenhamos de retomar nossa cidade. Os Templários acham que estamos reduzidos a apenas você e eu, George. Que assim pensem. Ter um agente infiltrado nos dá uma vantagem crucial.

– Isso se ele descobrir algo útil para nós. E então?

O pai de Evie suspirou.

– Infelizmente, não. Sabemos que Cavanagh recebe visitas regulares de Crawford, e, em especial, sabemos que Lucy Thorne passa bastante tempo na escavação...

– Lucy Thorne, provavelmente a maior especialista dos Templários em ocultismo. Só o fato de ela estar presente no local já nos indica que estamos no caminho certo.

– É verdade. Nunca duvidei disso.

– Mas não há nada que indique quando os Templários esperam encontrar o que estão procurando?

– Ainda não, mas quando isso acontecer, O Fantasma estará em condições de roubá-lo para nós.

– E se eles já o tiverem encontrado?

– Então, em algum momento, à medida que O Fantasma for conquistando a confiança deles, vai descobri-lo, e, como eu já disse, estará no lugar certo para recuperar o artefato e colocá-lo em nossas mãos.

Um sussurro surgiu por detrás de Evie.

– O que você está fazendo aí?

Surpresa, e empertigando o corpo com um leve estalar de pernas, Evie virou-se e deparou-se com Jacob atrás dela, sorrindo, como sempre. Ela levou um dedo aos lábios e depois conduziu-o para longe da porta, caminhando em direção às escadas, para que fossem dormir.

Evie contou a Jacob o que descobrira, ciente de que, por mais que ele insistisse em saber cada mínimo detalhe, não estava tão interessado em escutá-la. Histórias de Assassinos, táticas, políticas, os artefatos... todos esses eram aspectos da vida Assassina que Jacob deixava para depois com satisfação, quando seu pai estivesse pronto para ensiná-los.

Esse não era, contudo, o caso de Evie. Ela tinha sede de conhecimento.

34

Meses haviam se passado desde os episódios na casa dos Waugh, e, durante esse período, Abberline refletiu. Em algumas ocasiões, refletia sozinho. Noutras, recebia apoio – de Aubrey, que, embora não fosse tão meditativo quanto ele, o auxiliava um pouco por solidariedade, e também porque gostava de beber algumas cervejas no The Green Man.

Nesses momentos, Aubrey, que se apoiava com desânimo sobre a mesa do bar e procurava não dar a impressão de serem dois policiais matando serviço, tentava deixar a situação mais descontraída com uma das melhores novas piadas de salão.

– Ei, Freddie, quando é que um barco é menor do que uma touca?

– Sei lá, quando?

– Quando ele vira!

E às vezes ele tentava descontrair o ambiente com uma de suas piores piadas.

– Ei, Freddie. Por que os alfaiates sempre querem agradar os clientes?

– Sei lá, por quê?

– Por que a função deles é ficar bem na fita!

Outras vezes, tentava envolver Abberline em uma discussão mais profunda e filosófica.

– É apenas mais um desses casos – disse, certa vez.

– Mas, ao mesmo tempo, não é, entende? – Abberline, que havia muito abandonara a regra de não beber em serviço, tomou o resto da cerveja. – Se fosse apenas mais um desses casos, eu não estaria tão intrigado. Porque... sabe o que

realmente me aborrece, Aubrey? É o fato de não saber. É o fato de que mentirosos e assassinos estão à solta por aí, pensando que podem passar a perna na polícia. Que nada, do que estou falando? Não é a polícia, porque ninguém além de nós dois está preocupado com homens usando mantos ou corpos desaparecidos. Eles pensam que são mais espertos do que você e eu, isso é o que me incomoda!

Aubrey fez que não, com pesar.

– Sabe qual é o seu problema, Freddie? Você quer que as coisas sejam preto no branco. Você quer ter respostas sempre. E, sabe de uma coisa, às vezes simplesmente não há respostas, e não tem nada preto no branco, só diferentes tons de cinza, o que significa que as coisas são tão obscuras quanto o fundo do Tâmisa e têm o mesmo fedor pútrido que ele, mas não há nada que você possa fazer com relação ao Tâmisa, e, tampouco, com relação a isso.

– Não, você está errado. – Abberline se deteve e ponderou. – Tudo bem, talvez você tenha um pouco de razão. Quando se trata de certo e errado, há diferentes tonalidades de cinza. Reconheço isso e pago a você uma cerveja por suas observações. – Ergueu dois dedos e foi recompensado com uma reação do outro lado da sala. – Mas você está equivocado com relação às respostas. As respostas *existem*. E eu quero saber quais são.

Aubrey assentiu, tentou se lembrar de outra piada, mas a única em que conseguiu pensar tinha um remate, “não ter notícia é boa notícia”, e ele não a achou apropriada diante das circunstâncias. Então, em vez disso, eles beberam a rodada seguinte de cerveja em silêncio, e ficaram refletindo.

Ao sair, seguiram caminhos diferentes ao longo da Regent Street. Abberline imaginou qual dos dois, ele ou Aubrey, seria seguido por certo cliente do bar que parecera ter um interesse incomum neles.

Olhando o reflexo da vitrine de uma loja, descobriu que ele tinha sido o sorteado.

35

– Então, que tal você me dizer por que vem me seguindo nos últimos dias?

Abberline, que estava extremamente irritado, fez seu perseguidor segui-lo até um beco na nova rua para confrontá-lo. Estava extremamente irritado porque, naquela mesma manhã, fora chamado à sala do sargento e levara uma bronca. E não apenas uma bronca qualquer, mas um belo esporro. E por quê? Porque, aparentemente, um certo Sr. Cavanagh da Metropolitan Railway – aquele empedernido filho da mãe – fizera uma reclamação sobre ele. De acordo com o Sr. Cavanagh, o agente Abberline estava passando um tempo excessivo na obra, tornando-se, assim, um verdadeiro incômodo; principalmente devido a suas insinuações de que Cavanagh e cinco de seus funcionários estariam envolvidos em um assassinato.

E deveria parar com isso já.

Então, sim, Abberline estava extremamente irritado e, movido por sua irritação, fez o rosto do homem ficar roxo acima da sarja anil de seu antebraço. O homem vestia um terno escuro e um chapéu-coco meio amarrotados, mas, fora isso, tinha uma aparência relativamente respeitável. Na verdade, pensou Abberline, a forma como está vestido é similar à dos detetives da divisão.

Mas Abberline conhecia todos os detetives da divisão. Conhecia todos os detetives num raio de quilômetros, e esse idiota não era um deles. Começou a desconfiar de que seria outro tipo de detetive. Com a outra mão, revistou o homem e encontrou um pequeno cassetete de couro guardado no bolso de seu casaco.

– Você é um detetive particular, não é?

Como resposta, o homem fez que sim furiosamente.

– Iss... Iss... Isso... – tentou responder.

Abberline relaxou o punho.

– Isso, agente Abberline, sou um detetive particular, um detetive que lhe pode ser útil, se você me deixar falar – disse o homem, ofegante , encostado na parede.

Cauteloso, mas curioso, Abberline o soltou.

– Como você se chama? – exigiu saber.

– Leonard. Leonard Hazlewood.

– Certo. Agora desembuche, Sr. Hazlewood; é bom me explicar tudo direitinho.

Hazlewood se ajeitou primeiro, endireitando o chapéu, o terno e o colarinho antes de prosseguir.

– Você está certo. Sou um detetive particular a serviço de um membro da aristocracia, um visconde, que, a propósito, paga bem e não quer saber para quem, se é que você me entende.

– Sim. Eu sei exatamente o que você quer dizer. E se eu prender você por tentativa de suborno de um membro da força policial de Sua Majestade?

– Quem disse que estou fazendo suborno, agente? Eu conheço meu negócio e sei que os outros homens da divisão o chamam de Freddie Caxias, que você gosta de seguir as regras e que nem bebe quando está em serviço...

Abberline pigarreou, com um ar de culpa. *Ah, ah, colega. Se você soubesse....*

– E daí?

– E daí que eu acho que você está tão interessado em desvendar um crime quanto em faturar um extra. Talvez ainda mais do que imagino. E, se eu puder ajudá-lo a resolver uma dessas duas questões, quem sabe matando também a outra, talvez isso não seja suborno, mas um presente em reconhecimento à sua exemplar atuação policial, algo digno de um benfeitor como você.

– Diga logo o que tem para dizer e vá direto ao ponto!

– Esse visconde... Ele e um amigo foram atacados não muito longe daqui, no Cemitério de Marylebone. O amigo foi tão cruelmente agredido que perdeu a vida lá mesmo.

– Então, ele nem precisou ir muito longe para comparecer ao funeral, não é mesmo?

– Se me permite, sua piada é um tanto baixa, policial.

– É uma piada baixa porque sei reconhecer uma tolice e é isso que estou ouvindo agora! Se dois membros da aristocracia tivessem sido atacados em um cemitério e um deles tivesse sido morto ali mesmo, acredito que isso chegaria a meus ouvidos, não acha?

– Tanto meu patrão quanto a família do morto preferiram não dar queixa do ocorrido, pois tentaram não atrair atenção.

Abberline franziu os lábios com desdém.

– Ah, é mesmo? Estavam metidos em alguma tramoia, não é?

– Não perguntei. Minha função é encontrar e deter o agressor.

– Deter, não é? E depois? Entregá-lo nas mãos da polícia? Não me faça rir! O que você quer é acabar com a reputação dele ou acabar com ele por completo.

Hazlewood fez uma careta.

– E que diferença isso faz? O que importa é que a justiça seja feita!

– A justiça é feita no tribunal – respondeu Abberline, que ultimamente não sabia se ainda acreditava nisso.

– Nem sempre.

– Você está certo. Nem sempre. Não para os jovens da nobreza que enchem a cara, levam uma ou duas prostitutas para um cemitério e depois são surpreendidos por seus cafetões, não é mesmo? Quer dizer, a menos que você esteja tentando me dizer que estavam levando flores para um túmulo. Quando se trata de aristocratas, pode ter certeza de uma coisa: eles sempre se divertem à custa das classes inferiores. Que bom que dessa vez o jogo virou.

O detetive deu de ombros.

– Não era um cafetão. Não foi um simples gigolô que atacou meu patrão, matou seu amigo e imobilizou dois de seus seguranças...

As sobrancelhas de Abberline se arquearam.

– Eles tinham *seguranças*, é? Minha nossa, você realmente sabe como sensibilizar um homem, hein?

Hazlewood franziu o cenho e endireitou o colarinho mais uma vez. Seu pescoço avermelhara. A coisa não estava indo bem.

– Era um homem perigoso, agente. Dizem que nem chegava a ser um homem. E você certamente estaria interessado em vê-lo fora das ruas para sempre.

Abberline estava pensando nas diferentes tonalidades de cinza de Aubrey. Pensava na justiça e como as coisas funcionavam quando dois aristocratas levavam guarda-costas para um ébrio passeio por uma das partes menos salubres da cidade. Por que deveria se importar se um homem sozinho deu uma lição nos filhos da mãe com uma surra? Ou, em outras palavras, com uma *boa sova*! Abberline sabia o que Aubrey diria. "Boa sorte ao camarada. Que ele consiga bater com mais força ainda!"

Aquela talvez fosse a primeira vez que Abberline percebeu que... Não é que não se importava com aquilo, mas se importava pouco, e isso era incomum. Ele riu.

– Me conte, então, como ele era? Esse homem que nem chega a ser um homem? Vou ficar de olho, caso apareça... O quê? Um monstro, talvez, de dois metros de altura e dentes pontiagudos, garras em vez de mãos, e um rugido capaz de partir a noite ao meio?

O detetive particular revirou os olhos.

– Se eu não lhe conhecesse, diria que você anda bebendo, agente. Não; quando disse que ele não chegava a ser um homem, não quis dizer que ele seja sobre-humano, que seja algo além de um homem comum, mas sim que é um jovem.

– Um rapaz?

– Exato. Um rapaz indiano que anda descalço. E dizem que lutou como um demônio. Um exímio acrobata.

Abberline olhou para ele e de repente assumiu uma expressão séria, enquanto todo o resto perdia a importância e todas as outras considerações eram deixadas de lado.

– Você disse um acrobata?

36

No dia seguinte, O Fantasma estava próximo da entrada da escavação, supervisionando o trabalho. Segurava junto ao peito pastas amarradas com um cordão, cheias de resumos, manifestos, relações e escalas de serviço – Marchant havia transferido quase todas as suas funções de escrevente para O Fantasma. Cuidar de tudo aquilo estava sendo mais penoso do que qualquer outra coisa que ele fizera antes, inclusive aprender os aspectos mais complexos da faca *kukri* com Ethan Frye.

Um dos contramestres se aproximou, limpando o nariz na camisa.

– Devo bater o sino para a mudança de turno, Sr. Singh?

A pergunta entrou por um ouvido e saiu pelo outro enquanto O Fantasma tentava focar-se nas palavras que não costumava ouvir, especificamente "Sr. Singh".

– Ah, sim! – respondeu, finalmente. – Obrigado! – Em seguida, observou o contramestre passar a mão na franja e ir embora; ainda não se acostumara à brusca mudança no rumo das coisas.

"Indiano": era assim que os trabalhadores o chamavam, até ele assumir essa nova função. Mas agora... Senhor Singh. A expressão inspirava *respeito* – poder, até. Porque, sim, o que era ser respeitado, senão um tipo de poder? Pela primeira vez na vida, O Fantasma entendeu o fascínio que isso causava e por que as pessoas buscavam aquilo constantemente. Pois, com o poder, vinham dinheiro e influência, e talvez o mais importante: poder significava ser ouvido, e essas coisas

eram tão sedutoras quanto amor, amizade e família, talvez até mais, porque falavam ao ego individualista, em vez de ao bondoso coração.

Sim, permitiu-se pensar, em outro mundo, *eu poderia me acostumar a ser chamado de Sr. Singh. Chegaria a realmente gostar disso.*

Na verdade, entretanto, ele não tinha escolha, devido a seu novo e elevado cargo no canteiro de escavações.

Por meio de Marchant, Cavanagh insistira para que O Fantasma ficasse mais bem-apessoado. Hardy lhe dera um pacote embrulhado em papel pardo.

– Aí está, camarada. Calças, botas, uma camisa e uma jaqueta novas. Tem um chapéu também, se você quiser. – E, naquela noite, no túnel, O Fantasma experimentou suas novas vestimentas para que Maggie as aprovasse.

– Nossa, quanta elegância! Você parece mesmo um cavalheiro – disse ela, quando ele estava todo bem-vestido. – As meninas vão fazer fila atrás de você... se é que já não fazem.

O Fantasma sorriu e Maggie sentiu seu coração derreter ao ver aquele sorriso, tal como na noite em que se conheceram. Agora, como naquela ocasião, pensou com seus botões: *Ah, se eu fosse quarenta anos mais jovem...*

Àquela altura, O Fantasma dispensara o chapéu. Nunca gostou muito daquele boné de ferroviário. Daria a alguém em outro ponto do túnel. As calças eram curtas demais, e O Fantasma pensou que isso provavelmente era uma brincadeira maldosa de Hardy. Mas o torturador ficaria frustrado se soubesse que as calças curtas, pendendo pouco acima dos calcanhares, caíram perfeitamente bem nele. Deu as botas a Maggie, que alegremente arrancou os cadarços antes de calçá-las. Dera seu último par para outro morador do túnel.

E, no dia seguinte, ele voltou ao canteiro. Literalmente um homem mudado.

O trabalho era pesado. Todo o seu tempo era passado rabiscando nomes e números nas várias tabelas que Marchant havia lhe dado, bem como acompanhando os turnos que sempre mudavam, ou comunicando-se com os vários contramestres, alguns dos quais recebiam melhor do que outros as "ordens do indiano". Curiosamente, ele descobriu que uma palavra ácida, mas gentil, acompanhada de uma olhadela para o escritório, eram o bastante para pôr qualquer contramestre recalcitrante na linha. Não era o respeito que vigorava, ele bem sabia: era o medo.

No entanto, ele não estava ali para ruminar sobre ideologia ou aprender novas habilidades no ambiente de trabalho, mas para espionar em nome da Irmandade, para averiguar exatamente o que os Templários estavam tramando, e, nesse quesito, ele estava tendo bem menos sucesso. Em primeiro lugar, seu novo trabalho deixava-o ocupado; em segundo, ele raramente tinha alguma desculpa para visitar o escritório, onde as plantas da obra eram guardadas.

Certo dia, olhou para cima de sua posição privilegiada próxima aos guindastes e viu a chegada de Crawford Starrick e Lucy Thorne atravessando o lamaçal antes de desaparecem dentro do escritório.

Agora é a hora, pensou, e caminhou pela lama até o escritório com o pretexto de entregar alguns recibos – mas acabou sendo interrompido pelo Sr. Smith e pelo Outro Sr. Hardy, os dois torturadores que guardavam a entrada do "santuário". Tomaram dele os documentos e o dispensaram. Pelo visto, a introdução do Fantasma no círculo mais próximo de Cavanagh ocorrera apenas no plano teórico. Talvez ainda o estivessem testando; na verdade, pouco depois daquele dia, passou-se um episódio cujo significado O Fantasma ainda tentava decifrar.

No fim de uma tarde, ele se aproximou de Marchant no lamaçal. Gritando para se fazer ouvir por cima do barulho de um trem a vapor carregado de detritos, tentou entregar a escala de serviços ao mestre de obras, como sempre fazia ao fim de cada turno.

– Tudo em ordem, senhor – disse, indicando a grande movimentação atrás dele: homens subindo nos guindastes, baldes de terra balançando a cor negra contra a minguante luz cinza do dia, trabalhadores de rostos sujos carregando pás e picaretas nos ombros, deixando a escavação como homens derrotados que voltam para casa. As esteiras transportadoras emitindo sons estridentes. Sempre estridentes.

Mas, nessa ocasião, em vez de receber a escala como de costume, Marchant deu de ombros e apontou para o escritório de madeira do canteiro, que estava atrás deles.

– Leve lá pra dentro – orientou. – Deixe no canto que fica perto da mesa de projetos. Dou uma olhada mais tarde.

O olhar de Marchant nada denunciava. O Fantasma assentiu e fez o caminho de volta. Cavanagh não estava lá. Tampouco o Sr. Hardy, ou o Outro Sr. Hardy. Apenas O Fantasma, que entrava no escritório, o coração das operações, sozinho.

Deteve-se. Aquilo era um teste. Com certeza, um teste. Ciente de que Marchant poderia estar cronometrando seus passos, ele acendeu um lampião e depois andou em direção à mesa de projetos.

Marchant havia sido bastante enfático com relação a isso. A mesa de projetos.

E, como era de se esperar, enroladas na mesa de projetos, estavam as plantas da obra.

Repousando o lampião na mesa, O Fantasma inclinou-se para inspecionar o documento em forma de tubo. Se houvesse uma armadilha, como suspeitava, ela estaria bem ali e... *lá estava*! Um único fio de cabelo negro fora deixado dentro das plantas, e apenas a pontinha dele estava do lado de fora. Seu coração bateu forte. O Fantasma puxou o fio com as unhas, e, depois, rezando para que aquela fosse a única armadilha, desenrolou as plantas.

Bem ali, diante dele, estavam os desenhos da escavação e da construção da ferrovia, mas não eram os oficiais. Já os tinha visto quando esticava o pescoço entre as cabeças de outros trabalhadores enquanto Charles Pearson e John Fowler faziam apresentações da "menina de seus olhos". Tais plantas eram idênticas a essas, exceto por uma diferença vital. Em seu canto superior direito havia o timbre da Metropolitan Railway. O conjunto que tinha em mãos ostentava, em vez disso, o timbre dos Cavaleiros Templários.

Marchant devia estar se perguntando onde ele estava. Rapidamente, examinou os desenhos diante de si, e seus olhos foram logo para uma área da escavação; na verdade, a parte que estava sendo escavada naquele momento. Ali havia um círculo sombreado. Dentro dele havia outro círculo, menor, a Cruz Templária.

O Fantasma enrolou as plantas, devolveu o cabelo a seu lugar de origem, apagou o lampião e deixou o escritório. Ao sair com a imagem das plantas ainda fresca na mente, seus pensamentos voltaram aos eventos de alguns dias antes, quando caixas foram trazidas e um palco, improvisado. Cavanagh subiu nele, com Marchant e os torturadores bem atrás da bainha de seu casaco, e pelo

megafone anunciou com pesar que haviam ocorrido alguns casos de roubo no canteiro; que ferramentas de operários haviam sido roubadas.

A notícia causou tumulto. Os trabalhadores importavam-se tanto com suas ferramentas quanto com suas próprias famílias. Em muitos casos, ainda mais. Havia tempos que O Fantasma adquirira o hábito de enterrar sua pá nos limites da escavação, mas, para muitos homens, suas pás e picaretas não eram apenas meios de vida, mas símbolos dela. Quando caminhavam por entre as árvores com suas ferramentas de trabalho nos ombros, andavam confiantes, com a cabeça erguida, e os transeuntes sabiam que estavam na presença de trabalhadores, em vez de meramente homens sujos. Assim, a ideia de que algum canalha estava roubando ferramentas era, bem, como se esse camarada também estivesse tirando comida de suas bocas. Cavanagh tinha os operários na palma da mão, e a sua proposta de revista na saída da obra a partir de então foi, portanto, recebida com menos queixas do que o esperado. As mudanças de turno tornaram-se agora três vezes mais longas, porém os trabalhadores ao menos podiam ter certeza de que a Metropolitam Railway fazia aquilo em prol de seus funcionários.

O Fantasma não se deixou enganar. Agora sabia exatamente o que estava por trás das decisões: a escavação finalmente havia chegado ao círculo sombreado. O fim se aproximava e, apesar de os trabalhadores terem recebido ordens rígidas de informar quaisquer descobertas incomuns – sob a promessa de receber uma recompensa à altura, caso se tratasse de algo precioso –, ainda havia a possibilidade de um deles simplesmente furtar o que encontrasse. Havia grandes chances de que os Templários estivessem tão desorientados com relação ao artefato quanto os Assassinos. E não estavam dispostos a correr riscos.

Também havia, é claro, outra questão: o problema menor relativo à persistência do policial Abberline, que vinha aparecendo constantemente nas obras e, de acordo com Marchant, fazia acusações contra O Fantasma.

"Não se preocupe", dissera ele. "Nós vamos lhe dar cobertura".

O problema era que a "cobertura" dada por eles ao Fantasma tinha um preço. Ele providenciaria uma retribuição. Sim, sim, iria recompensá-los.

Mas agora Abberline estava de volta, e vinha acompanhado de um grupo, do qual O Fantasma reconhecia dois homens – o outro policial, Aubrey, e um

sargento de divisão –, e não os demais – um homem bem-vestido que tinha o hábito de endireitar o colarinho, e um quarto sujeito que...

Algo no quarto homem chamou a atenção do Fantasma, que olhou mais detidamente, sentindo sua mente operar com excessiva lentidão enquanto tentava identificá-lo...

Marchant vinha em sua direção, aproximando-se cada vez mais, saudando-o com um sorriso ardiloso.

– Ei, estão precisando de você por aqui...

Mesmo assim, O Fantasma continuou a encarar o recém-chegado, que estava um pouco à parte do grupo e encarava-o de volta. Quando seus olhares se cruzaram, reconheceram-se.

Era o guarda-costas do cemitério.

37

Abberline o viu aproximar-se.

Naquela manhã, ele havia invadido o gabinete do sargento com seu novo amigo, o detetive particular Hazlewood, a reboque, e informou-lhe que tinha novas informações sobre o indiano da escavação.

– Diga a ele o que você me contou – pediu a Hazlewood, cuja expressão parecia indicar que as coisas estavam fugindo do seu controle, como se aquela não fosse a maneira como planejara: uma hora, trocava confidências com um contato que poderia ser útil na busca do camarada indiano; em outra, estava sendo arrastado até o sargento da divisão por um eufórico Abberline.

Como era de se esperar, o sargento olhou-o de cima a baixo antes de voltar sua atenção a Abberline.

– O que diabos significa isso, Freddie?

– Sabe o que ele é? Um detetive particular! Um detetive particular que, por acaso, tem informações sobre nossos amigos das obras da ferrovia.

– Ah, as obras da ferrovia, não! – suspirou o sargento. – Por favor, não me venha falar das obras da ferrovia *de novo*!

– Vejam bem, esperem, esperem um minuto! – As mãos de Hazlewood estenderam-se entre Abberline e o sargento, como se tentassem controlar um pequeno tumulto. – Foi-me solicitado que localizasse um jovem assassino que cometeu um ataque brutal contra um membro da aristocracia que deseja fazer justiça. Eu não sei nada sobre o que acontece nas obras da ferrovia.

– Tanto faz, meu chapa, tanto faz! – garantiu Abberline. – Agora, apenas conte a ele o que você me falou, antes que eu mesmo o faça. Pode apostar que não vou deixar nada de fora e talvez ainda acrescente alguns detalhes que vão deixar tanto você quanto seus patrões em maus lençóis.

O detetive fuzilou-o com o olhar e depois dirigiu-se ao sargento.

– Como eu estava contando ao... – fez uma pausa para acrescentar um tom de desprezo – *agente* aqui, sou funcionário de senhores do alto escalão para ajudá-los a deter um homem muito perigoso.

– *Um homem muito perigoso!* – caçoou Abberline. – Isso é uma questão de opinião. Você disse que havia outro guarda-costas lá, além dos dois no cemitério?

– Exato.

– Então, ele pode reconhecer o garoto. Podemos levá-lo às obras para ele identificar o homem que atacou tanto ele quanto seu patrão.

– Acho que poderíamos fazer isso – respondeu Hazlewood, com ar de cautela.

– E *por que* faríamos isso? – rosnou o sargento, atrás de sua mesa. – Já levei o maior esporro de todos os tempos do Sr. Cavanagh, da Metropolitan Railway, por causa do seu comportamento, Abberline, e se você acha que pretendo correr o risco de tomar outro... ou, pior ainda, de que Cavanagh vá falar com John Fowler ou Charles Pearson e, no minuto seguinte o superintendente esteja pegando no meu pé... você está muito enganado!

Abberline piscou um olho.

– Nosso amigo aqui pode fazer a coisa valer a pena, sargento.

O sargento estreitou os olhos.

– É verdade? – perguntou a Hazlewood.

O detetive admitiu que sim. Ele poderia realmente lhe oferecer um pagamento, e o sargento começou a pesar as coisas na balança. Sim, ele corria o risco de levar outra reprimenda, mas Abberline poderia ser seu bode expiatório.

Além disso, um extra viria a calhar, principalmente com a chegada do aniversário de sua esposa.

Então ele concordou. Concordou que eles levassem aquele guarda-costas para confrontar o rapaz indiano na escavação. E, agora, o indiano estava

atravessando a lama na direção deles. *Mas que coisa!,* pensou Abberline. *O rapaz havia subido na vida*. Vestia um novo par de calças, além de suspensórios e uma camisa sem gola aberta na altura no pescoço. Apesar de ainda descalço, e de as calças penderem na altura dos calcanhares enquanto se aproximava deles, ninguém do grupo conseguia desviar-se de seu olhar escuro e impenetrável.

– Bharat Singh? – disse Abberline ao grupo. – Que bom que suas feridas sararam desde a última vez que nos vimos.

O Fantasma, que mal os reconheceu, ficou diante do grupo, segurando suas pastas ao peito e olhando perplexo para cada homem. Abberline observou o olhar do rapaz passar pelo guarda-costas e pensou que, se metade do que ouvira sobre esse jovem fosse verdade, isso já o tornaria um tipo muito perigoso e escorregadio. Preparou-se. Não sabia exatamente para o quê. Mas preparou-se mesmo assim.

– Agora – dirigiu-se ao Fantasma –, se não se importa, temos uns assuntos a resolver.

Sem que percebessem, buscou o cabo do cassetete em sua roupa e fez a pergunta seguinte ao guarda-costas:

– É este o homem que atacou você e seus dois patrões no cemitério? Olhe com bastante atenção, pois já faz tempo, e ele está com uma aparência bem melhor desde então. Mas, para ser sincero, não é o tipo de rosto que a gente logo esquece, não é? E então, o que me diz? É ele ou não é?

O Fantasma voltou a atenção ao guarda-costas, encarando-o. O homem era alto, como os três torturadores, mas não era arrogante e convencido como eles. Era um homem abatido. O encontro no cemitério o modificara, mas eis que ele então tinha a chance de recuperar parte do orgulho e da dignidade perdidos.

Os dedos de Abberline apertaram o cabo do cassetete; Aubrey também estava preparado para agir, e os olhos dos torturadores se estreitaram, as mãos soltas ao lado do corpo, prontas para pegar quaisquer armas escondidas que trouxessem consigo, enquanto esperavam as ordens seguintes e previam a carnificina que estava por vir.

Todos esperaram que o guarda-costas respondesse “sim”.

Portanto, foi uma surpresa e tanto quando ele meneou a cabeça e disse:

– Não, não é ele.

38

– Então, qual a verdade? – perguntou Abberline.

– Acho que não entendo o que senhor está dizendo.

A reunião improvisada nas obras da ferrovia terminou, e Abberline saiu com o rabo entre as pernas; depois, de volta à delegacia, o sargento lhe disse cobras e lagartos, e então, com o rabo entre as pernas e cobras e lagartos nos ouvidos, Abberline foi à procura do guarda-costas.

Por quê? Porque vira o olhar do sujeitinho e o do sr. Bharat Singh também, e sentiu algo no ar. *Não reconhece uma ova! Aqueles dois se conhecem.* Eles trocaram um... Bem, podia parecer estranho, mas Abberline ia dizer que percebeu algum tipo de rancor, de respeito mútuo entre eles.

Então, o próximo passo era encontrar o guarda-costas, o que não era difícil; ele havia feito o mesmo com Hazlewood no dia anterior. Naquela tarde, encontrou o guarda-costas no mesmo lugar, The Ten Bells, na Commercial Street em Whitechapel, o refúgio preferido de prostitutas, malandros, um ou outro policial e ex-guarda-costas que caíram em desgraça e tentavam afogar as mágoas.

– Sabe o que eu acho? Que você está tentando protegê-lo – disse Abberline.

Sem dizer sequer uma palavra, o guarda-costas pegou sua bebida e passou à mesa em uma saleta. Abberline o seguiu e sentou-se de frente para ele.

– Alguém está pagando a você para protegê-lo... é isso? Por acaso é algum homem de manto?

Não houve resposta.

– Ou talvez você o esteja protegendo porque tem um bom coração? – perguntou Abberline, e só então o homem levantou o olhar e o encarou com tristeza. Abberline soube que estava na direção certa. Insistiu no assunto. – E se eu lhe disser que eu mesmo tenho minhas suspeitas sobre esse jovem indiano? E se lhe disser que eu acho que ele salvou minha vida outro dia, e que, na verdade, longe de tentar levá-lo para o xadrez, estou começando a desconfiar de que ele está do lado dos justos?

Outra pausa e, então, o guarda-costas começou a falar com uma voz que ressoava por entre seus ombros curvados.

– Bem, então você estaria certo, agente, porque, se quer saber, ele está mesmo no lado dos justos. É um homem bom. Melhor do que eu ou você jamais seremos.

– Fale apenas por si mesmo. Então, ele estava no cemitério naquela noite, não é?

– Sim, estava lá e não houve nenhum "ataque". Houve, sim, uma injustiça, uma injustiça na qual eu estive envolvido, para minha vergonha, uma injustiça que ele consertou. Meus patrões na época, dois aristocratas, estavam mexendo com uma mulher, só de gozação, só porque podiam. E eu e meus colegas estávamos fazendo a segurança deles. Não cabia à gente saber o motivo nem nada.

Abberline lhe deu um sorriso falso de compreensão.

– Então, esse jovem apareceu, o único transeunte que fez algo além de reagir aos gritos dela com uma perplexidade fraca. E, quando os dois homens não pararam com a brincadeira, ele os fez parar. Nunca vi nada se mover tão rápido, estou falando sério; nem menino, nem homem, nem bicho. Ele era melhor do que todos nós, inclusive que o senhor. Fez tudo num piscar de olhos, e nós merecemos, cada um de nós, fizemos por merecer. Então, se o senhor quer mesmo saber por que não o identifiquei nas obras da ferrovia, e se está sendo sincero quando diz que acredita que ele luta pelo bem, e só porque estamos nesta salinha do The Ten Bells, pois vou negar tudo nas obras, na delegacia, ou diante de um juiz... Então, sim, era ele mesmo. E boa sorte para ele.

– Claro que era o mesmo homem!

Marchant e Cavanagh se reuniram com Hazlewood no Traveller's Club, na Pall Mall, e o levaram para o salão de fumar que dava para os Carlton Gardens.

Cavanagh era sócio do Traveller's, nomeado pelo Coronel Walter Lavelle, pouco antes de Cavanagh assassiná-lo; Marchant, braço direito de Cavanagh, também era frequentador do clube. Hazlewood, por outro lado, estava ansioso ou, como depois relatou à esposa, "tão empolgado quanto um pinto no lixo". Homens como ele não estavam acostumados a se divertir no Traveller's Club, na Pall Mall, e ele sentia o cheiro do dinheiro, assim como a chance de solucionar esse maldito caso. E, talvez, se fosse um bom jogador, teria a chance de solucionar o caso *e* embolsar umas pratinhas por fora.

Não esquecia, contudo, o fato de que estava em um lugar antigo e sofisticado, sem dúvidas.

Ao redor deles, ouviam-se vozes elevadas e risadas de lordes bêbados e cavalheiros a embebedar-se ainda mais; porém, era difícil imaginar Cavanagh fazendo parte daquilo. Sentou-se em uma vultosa poltrona de couro, repousando as mãos em seus braços. Vestia um terno preto elegante com vislumbres de uma camisa branca no colarinho e nas mangas. No entanto, apesar de encaixar-se bem entre os ricaços e figurões, Cavanagh irradiava certa periculosidade, e era notório que, quando outros cavalheiros cruzavam seu caminho e acenavam para saudá-lo, seus sorrisos esmoreciam temporariamente, como se estivessem a lhe dar os pêsames em vez de cumprimentá-lo.

– Você acha que o homem que atacou seu cliente e meu funcionário Bharat Singh são a mesma pessoa? – perguntou então a Hazlewood.

– Tenho certeza disso, senhor.

– O que o faz ter tanta certeza?

– Quando escuto coices, penso logo em cavalos, não em zebras.

Marchant parecia confuso, mas Cavanagh concordou.

– Em outras palavras, você acha que, pela lógica, deve ser o mesmo homem.

– Sim, e pelo fato de que falei com nosso amigo, o guarda-costas, em outra ocasião, e ficou bem claro que, por motivos que ele conhece melhor do que eu, preferiu fechar o bico.

– Então, talvez precisemos persuadir o guarda-costas – disse Cavanagh, e Hazlewood pensou logo em “dinheiro”, imaginando se parte dele viria em ao seu bolso.

– Então, me explique uma coisa – falou Cavanagh. – Se esse rapaz indiano atacou o guarda-costas... e quem mais, quatro outros homens, em uma investida gratuita e maldosa, por que o guarda-costas quer protegê-lo?

Hazlewood parecia evasivo. Ante um gesto positivo de Cavanagh, Marchant tirou notas dobradas do bolso e depositou-as na mesa entre eles.

Aqui vamos nós, pensou Hazlewood, escondendo-as com a palma da mão.

– Bem – respondeu. – Só sei o que ouvi dizer, mas parece que o camarada indiano assumiu a tarefa de resgatar uma moça em apuros que estava sendo usada como brinquedo por dois filhinhos de papai.

Cavanagh assentiu, e seus olhos percorriam a sala revestida com madeira. Conhecia aquele tipo de gente.

– Faziam uma molecagem, é?

– Pelo jeito... Esse seu funcionário, o garoto indiano, foi um baita dervixe, ao que parece. Enfrentou todo mundo e venceu, e, pelo que dizem, resgatou a pobre moça de quem a maltratava e a levou noite adentro.

– Entendi – disse Cavanagh. Antes de continuar esperou que morresse uma risada que ressoava por perto. – Bem, Sr. Hazlewood, obrigado por sua honestidade e por trazer essa questão à nossa atenção. Se não se incomodar em deixar que cuidemos disso, gostaríamos de conduzir nossas próprias investigações. Talvez, quando esse processo tiver acabado, e se nossas descobertas confirmarem nossas suspeitas, possamos unir forças para que arranquemos o mal pela raiz, e o senhor encontre o homem que procura.

Após a saída de um satisfeito Hazlewood, Cavanagh virou-se para o companheiro:

– Manteremos nossa palavra, Marchant. E vamos observar bem de perto nosso interessante colega indiano.

39

No dia seguinte de manhã cedo, Abberline se viu diante de um cadáver – como rapidamente vinha se tornando um costume. Ao seu lado estava Aubrey, e os dois policiais retiraram seus capacetes em sinal de respeito. Conheciam o homem que estava caído esparramado na rua, com o rosto praticamente irreconhecível sob olhos que haviam inchado tanto a ponto de se fecharem, um rosto que agora era um misto de hematomas roxos e cortes abertos, com a mandíbula quebrada pendurada num ângulo estranho.

Era o guarda-costas.

– Alguém queria calar a boca dele, está na cara – comentou Aubrey.

– Não – retrucou Abberline, pensativo, fitando o cadáver e perguntando a si mesmo quantos mais ainda teriam de morrer. – Acho que não estavam tentando calar a boca dele. Acho que estavam tentando era fazê-lo abrir o bico.

Do outro lado da cidade, Cavanagh, sentado atrás de sua mesa de trabalho no escritório da ferrovia, tinha a um lado Marchant e, do outro, Hardy.

Diante da mesa, sentados em cadeiras de espaldar dolorosamente reto e com expressões idênticas no rosto, estavam o Grão-Mestre dos Templários, Crawford Starrick, e Lucy Thorne. Como de hábito, queriam um relatório de Cavanagh, o homem que lhes prometera entregar o artefato, mas que até então claramente falhara em cumprir o prometido. E, como de hábito também, desejavam que o tal relatório incluísse boas notícias.

– Estamos perto – disse-lhes Cavanagh.

Lucy soltou um suspiro, franziu a testa e ajeitou as saias. Starrick não pareceu se alterar nem um pouco.

– Foi o que você disse da última vez. E na vez antes dessa.

– Estamos mais perto – acrescentou Cavanagh, sem se perturbar com a irritação do seu Grão-Mestre. – Temos de estar. Afinal, estamos nas vizinhanças do local do artefato.

Alguém bateu à porta, e apareceu o rosto do Outro Sr. Hardy.

– Senhor, desculpe interromper, mas o Sr. e a Sra. Pearson acabaram de chegar.

Starrick revirou os olhos, mas Cavanagh levantou uma das mãos para indicar que não era motivo de preocupação.

– Insano como é, Pearson prefere a companhia dos operários à hospitalidade do escritório. Vai fazer sua ronda real e pronto. Não se preocupe.

O Outro Sr. Hardy olhou porta afora.

– Parece que a barra está mesmo limpa, senhor. Como o senhor disse, ele está caminhando em direção à trincheira.

– Mesmo assim! – rebateu Starrick. – Acho que com isso encerramos nosso assunto. A Srta. Throne e eu estamos de saída. Tenha notícias mais encorajadoras para mim da próxima vez em que viermos lhe fazer uma visita.

Depois de os dois saírem, Cavanagh olhou para Marchant com olhos semifechados.

– Ele é um tolo; sabe que seu tempo é curto.

– Ele é o Grão-Mestre dos Templários, senhor – respondeu Marchant, e então acrescentou, com um sorriso servil: – Por enquanto.

– Exatamente – concordou Cavanagh. – Por enquanto. Até que eu ponha as mãos no artefato.

Ele então se permitiu sorrir. A sombra de um sorriso.

Enquanto Cavanagh, Marchant e companhia estavam ocupados com Starrick e Thorne (e sem que O Fantasma tivesse ainda começado seu turno), Pearson

estava fazendo exatamente o que Cavanagh disse que faria: uma pequena ronda pela obra, com a esposa Mary a tiracolo.

Os operários adoravam Pearson e, naquela ocasião em particular, haviam feito um plano para mostrar-lhe o quanto. Nos degraus da entrada do escritório, enquanto Starrick e Thorne seguiam até os portões, Marchant observou os homens reunindo-se ao redor do Sr. e da Sra. Pearson, aborrecido pelo trabalho mais uma vez ter sido abandonado sem, na sua opinião, um bom motivo. Alguma coisa, porém, com certeza estava acontecendo. Ele encostou-se na cerca para falar com o Outro Sr. Hardy.

– Vá até lá e descubra o que está acontecendo.

40

Era uma rara tarde de folga para o policial Aubrey Shaw.

Não, isso não é exatamente verdade: em primeiro lugar, porque Aubrey Shaw costumava tirar tardes de folga com certa frequência, e, em segundo lugar porque não era exatamente uma tarde “de folga”. Pelo menos não no sentido oficial do termo. Uma maneira mais precisa de explicar seria dizer que o policial Aubrey Shaw estava à paisana matando serviço mais uma vez.

Como de costume no caso dele, isso de alguma maneira envolvia críquete. Na maioria das vezes, ele ia tomar umas cervejas no pub Green Man, mas hoje era um dia especial. Fora ao famoso campo de críquete Lord’s para assistir à partida anual entre o Eton e o Harrow. Era um belo dia ensolarado, ótimo para se desfrutar nas arquibancadas (embora estivessem lotadas, pois o evento era presenciado por dezenas de milhares de pessoas), comendo torta e tomando uma ou três cervejas, tendo muitas crinolinas e anquinhas para olhar, e à sua frente os uniformes brancos dos jogadores de críquete que cegavam ao sol.

Verdade seja dita, Aubrey não gostava tanto assim de críquete, mas aquele esporte de cavalheiros era um passatempo aprovado pela sua esposa – e, o que é melhor, envolvia o consumo de tortas e cervejas, dois requerimentos essenciais no trajeto de vida de Aubrey.

Pensou em Abberline. O solteiro Abberline, o constantemente preocupado Abberline... os dois se davam muito bem, sem sombra de dúvida, na opinião de Aubrey.

– Você precisa é de uma esposa – disse ele a Abberline certa tarde no Green Man... onde mais?

– Não, o que eu preciso é de um colega da polícia que dê mais importância ao trabalho e se preocupe menos com escapar dele – foi a resposta de Abberline.

Aquilo magoou: afinal de contas, ele, Aubrey, tinha se envolvido quase tanto quanto ele no caso de Freddie, e...

Ah não, pensou, enquanto assumia seu lugar na arquibancada. Não vou pensar em Freddie hoje. Freddie, vá embora. E para assinalar que a partir de então deixava de pensar em trabalho, juntou-se animadamente aos vivas dos espectadores, feliz em render-se ao ritmo do jogo e do dia. Nada mais do que outro rosto no meio da multidão, deixando as preocupações se afastarem.

Apesar disso, não conseguiu deixar o assunto de lado. Voltou a pensar em Abberline e na sua obsessão com o que ele chamava de "os acontecimentos na obra da ferrovia". Os dois policiais haviam se perguntado quem teria espancado o segurança até a morte.

– Um dos fortalhões da obra – disse Freddie, como esperado, mas, naquela ocasião, Aubrey foi obrigado a concordar com ele. Estava na cara que Cavanagh e companhia não estavam aprontando coisa boa. Afinal, não era assim com todos eles? Os aristocratas, os industriais e os políticos sempre davam um jeito de puxar a sardinha para o próprio lado, e quebrar algumas leis era apenas um pequeno inconveniente quando se era influente o bastante para passar como um trator por cima delas.

Droga!, pensou Aubrey. *Olha só para ele*. Estava começando a pensar como Freddie. É contagioso, pensou, *isso sim*.

Mas talvez eles saibam, dissera Abberline. Se tivessem conseguido fazer o segurança abrir o bico, Cavanagh e companhia talvez soubessem que Bharat Singh era o garoto do cemitério.

– E que importância isso teria para eles? – perguntara Aubrey.

– Talvez nenhuma, Aubrey, talvez nenhuma. Quem sabe?

Era um quebra-cabeça, com certeza. Figuras talhadas em madeira que se completavam. Você precisava revirar as peças na mão para tentar descobrir de que jeito juntá-las.

Uma mistura de reflexão, consumo de cerveja e o volume altíssimo dos gritos dos outros espectadores, mais o fato de que ele estava ali no Lord's quando deveria estar trabalhando, e de que provavelmente não perceberia mesmo, fez com que Aubrey não notasse os três homens que haviam aberto caminho à força pela multidão para assumir lugares nos fundos da arquibancada. Os três ficaram de costas para a cerca, com os braços cruzados e os chapéus-coco puxados para baixo na pose universal de quem tenta não ser notado.

Os três não estavam assistindo ao jogo por baixo dos seus chapéus. Estavam olhando fixamente para Aubrey Shaw.

41

O último ocupante da Escuridão fora Jayadeep Mir, cerca de três anos antes. Apesar disso, os quartos tinham de ser cuidados, e, portanto, com a mesma constância de um relógio, Ajay e Kulpreet desciam os degraus do templo para varrer os aposentos e abrir as janelas para entrar ar fresco e banir temporariamente a atmosfera úmida e sombria que em geral dominava o lugar.

E, com a mesma constância de um relógio, Ajay achava divertidíssimo trancar Kulpreet em um dos quartos.

Clang.

Ele havia acabado de se aproximar dela de fininho e, antes que ela pudesse impedi-lo, repetiu a brincadeira, só que agora, em vez de ficar do lado de fora zombando e caçoando dela como sempre, ele desceu o corredor.

Os ombros dela afundaram com a tediosa inevitabilidade daquele jogo. Será que ele nunca se cansaria daquilo? Provavelmente não, porque Ajay era infantil demais e, apesar de ela ter um marido e um filhinho em casa, provavelmente também estava um pouquinho apaixonado por ela. E, segundo sua experiência, aquela combinação num homem era muito cansativa.

Exasperada, ela pediu que ele abrisse a porta.

– Ajay, de novo não! – E amaldiçoou-se por ele ter conseguido fazer aquilo novamente com ela, aquele rato.

Lá fora, só o silêncio. Ajay havia ido embora. Malditos fossem os olhos dele. Ela torceu para que não fosse um daqueles dias em que ele decidia esticar a

brincadeira: certa vez, ele a deixara presa por meia hora. Graças aos céus, desde então ela se lembrava de sempre trazer uma vela consigo.

– Ajay! – chamou novamente, e as palavras mais uma vez rebateram na rocha úmida. Ela chacoalhou a porta e o som ecoou na escuridão. – Ajay, isso deixou de ser engraçado há meses! Abra essa porta, está bem?

Ainda nenhum ruído lá de fora. Pensando bem, fazia já um tempo que ela não ouvia nenhum barulho da parte dele. Ajay não era do tipo que ficava quieto. Mesmo quando estava no andar de cima e ela, no de baixo, ficava gritando para ela, fazendo piadas sem graça, provocando-a. E agora, quando fora a última vez em que ela ouvira sua voz? Lá embaixo você perdia a noção do tempo.

Do lado de fora da porta ela ouviu um som que a fez dar um pulo, assustada.

– Ajay! – disse, rispidamente, mas preparou o braço, tensionando o pulso.

E, então, ela viu seu rosto na janelinha, sorrindo.

– Ahá, dessa vez eu peguei você, Kulpreet. Você pensou que eles tinham vindo atrás da gente, não foi?

Foi, pensou ela, e arqueou uma das sobrancelhas e preparou a lâmina, controlando com precisão seu comprimento para que disparasse pela abertura bem embaixo do nariz de Ajay.

Kulpreet não só era uma das melhores espadachins da Irmandade indiana como era também uma das mais hábeis com a lâmina: aquele golpe fora profissionalmente calculado e medido.

– Impressionante – disse Ajay, com uma nasalidade recém-adquirida. Ele ficou preso onde estava graças à lâmina, sabendo que se fizesse ainda que um movimento ínfimo poderia cortar ao meio sua própria narina, e, aliás, meu Deus do céu, como ela mantinha essa coisa afiada. Estava sempre oleando e recalibrando-a.

– Ela nunca trava, Ajay – dizia ela, deslizando a lâmina de volta à bainha e depois olhando-o com seu melhor olhar de desaprovação. – Como a de algumas pessoas.

Kulpreet continuou segurando a lâmina onde estava.

– Passe as chaves para cá – disse, e quando ele obedeceu, ela se libertou mais uma vez. Começou a brigar com raiva com ele enquanto caminhava até a entrada da masmorra.

Lá em cima, eles trancaram tudo e prepararam-se para ir embora. Kulpreet ignorou Ajay de propósito, coisa que, sabia, era uma punição pior do que a lâmina embaixo do nariz.

Como fazia todas as noites, guardou sua espada de lâmina achatada no suporte da parede, beijou seus próprios dedos e tocou o belo aço indiano antes de se juntar a Ajay na porta do templo. Os dois Assassinos se despediram e, então, saíram e trancaram o templo.

Nenhum deles percebeu os rostos na rua movimentada que os observaram afastar-se, cheios de interesse – e que, logo depois, começaram a segui-los.

42

Que dia maravilhoso, pensava Aubrey ao se juntar aos milhares de espectadores que saíam do Lord's. Admitiria que estava meio alegre, se fosse sincero consigo mesmo. Alegre o bastante para resolver pechinchar com uma florista e conseguir um bom preço por um buquê de flores para levar para Marjorie e dizer à esposa que a amava; alegre o bastante para se esquecer completamente de jovens indianos acrobatas e homens misteriosos encapuzados que sumiam do nada; e alegre demais para notar a presença dos três homens que o seguiam, de cabeça baixa e mãos nos bolsos, à maneira clássica de quem se esforça para não dar na vista.

Estava alegre o bastante para pensar em comprar uma das grandes garrafas de cerveja que estavam constantemente passando por ele, mas então resolveu que era melhor não. Melhor deixar passar um pouco da bebedeira. Só um pouco. Então, continuou andando, e saiu da rua principal para tomar as ruas laterais, mais tranquilas, deixando para trás a multidão e os cavalos enquanto seguia pelas ruas mais escuras, onde o som constante da água corrente lembrou-o de que precisava dar uma mijada. Entrou num beco para se aliviar.

Porque, no fim das contas, as pequenas coisas importam tanto quanto as grandes: um relógio de bolso roubado que atrasa, um homem que precisa mijar.

Aubrey sentiu que a luz dentro do beco mudou antes de realmente conseguir enxergar o motivo daquilo. Ainda fechando as calças, olhou para uma das saídas do beco e viu que ali estava um vulto de pé. Então olhou para a outra: outro vulto.

Estremeceu. Em qualquer outro dia, acharia que eram dois malandros, o tipo de rufiões que se aproveitavam dos pobres coitados que estivessem bêbados demais para oferecer resistência – e, se fosse o caso, obviamente poderia dar um jeito em ambos sem o menor problema, bêbado ou sóbrio.

Mas esse não era um dia qualquer. Além do mais, ele pensou ter reconhecido quem eram os dois homens que bloqueavam as saídas, e, portanto, percebeu que eram muito piores do que simplesmente dois malandros.

Eles começaram a andar em sua direção. Um terceiro vulto apareceu em uma das saídas. Aubrey desejou desesperadamente estar com seu cassetete, mas no fundo sabia que não adiantaria em nada. Olhou para a parede à sua frente, por onde a água escorria, na esperança de que, por milagre, ali houvesse uma escada, e, depois, olhou novamente para os homens, que agora estavam bem próximos dele.

Reconheceu os rostos sorridentes um segundo antes de a luz se apagar. Exatamente como sabia que reconheceria.

Andando pelas ruas de Amritsar em seus mantos encapuzados, Kulpreet e Ajay iam distraídos com seus próprios pensamentos, e por isso só perceberam tarde demais que a multidão tinha começado a se desmaterializar e, diante deles, ali na rua, viram sete homens enfileirados, todos trajando o mesmo terno marrom.

Eles viraram-se. A rua estava esvaziando. Às suas costas, viram outro grupo de homens de terno marrom e pessoas afastando-se deles como as ondas formadas por uma pedra que alguém deixou cair num lago. A atmosfera de medo aumentou quando os homens de terno começaram a retirar *kukris* dos seus paletós: eram mais de uma dúzia de facas contra apenas duas.

Ajay e Kulpreet se entreolharam. Com um sorriso encorajador, ela puxou o capuz para cima e ele fez o mesmo; depois, estendeu a mão e deu três tapinhas e um apertão leve no antebraço dela, que respondeu ao código assentindo afirmativamente. Sabiam o que fazer.

Contaram mentalmente – *um, dois, três* –, e, então, em um único movimento coordenado, ficaram de costas um para o outro e sacaram as lâminas ao mesmo tempo. O fato de o som desse movimento ser audível indicava o quanto o lugar

ficara silencioso, e o fato de os homens de terno marrom nem sequer vacilarem ou parecerem nervosos indicava o quanto se sentiam confiantes.

O do meio era o líder. Ele assobiou e girou um dedo. Os homens de terno marrom começaram a avançar em blocos, a ponta de cada fileira veio se aproximando dos dois, fechando o círculo na esperança de prenderem Kulpreet e Ajay no centro.

– *Agora!* – disse Kulpreet, e eles agiram. Ela saiu correndo em direção a um toldo à sua esquerda, e ele seguiu na direção oposta, e ambos alcançaram seus respectivos alvos antes que os homens de terno marrom pudessem apanhá-los.

Quando Ajay alcançou a parede correndo, sua lâmina já estava novamente guardada na bainha. Seus pés descalços prenderam-se à pedra quando alcançaram um peitoril, e ele içou o corpo para cima. Dois outros grandes esforços e ele já estava atravessando o teto do edifício; em seguida, saltou para a rua, do outro lado, e saiu em disparada por uma passagem. Na extremidade havia um dos muros de Amritsar, que separava uma rua da outra, e Ajay agora o escalava, sabendo que estaria a salvo em casa se conseguisse transpô-lo.

Não conseguiu. Os homens de terno marrom haviam antecipado aquela estratégia de Ajay e, quando ele surgiu do outro lado, eles apareceram e o tomaram de surpresa. Ele tropeçou e viu uma *kukri* cintilando em sua direção, e, por instinto, acionou o dispositivo que sacava a lâmina que levava escondida num dos braços, para se defender...

O problema é que a lâmina não saiu.

Ela travou.

43

Aubrey não fazia ideia de onde estava, mas pressentiu que aquela devia ser a menor de suas preocupações.

O que importava é que estava amarrado a uma cadeira num cômodo escuro, onde tremulava apenas a luz alaranjada das lamparinas presas às paredes. À sua frente viu seus três torturadores olhando para ele com um sorriso indiferente, preparados para executar sua tarefa.

Hardy deu um passo adiante, calçou luvas de couro negro e, do bolso do paletó, sacou um par de soqueiras de metal que colocou nos dedos. Enquanto os outros dois homens se entreolhavam e em seguida recuavam para as sombras, Hardy aproximou-se de Aubrey e tocou com a mão enluvada o rosto do policial, como um escultor testando a consistência da argila que iria modelar.

Então, recuou um passo e plantou os pés no chão com o profissionalismo de um boxeador, e Aubrey pensou que talvez fosse uma boa ideia fechar os olhos, e fechou-os, e foi curioso, porque sempre tivera dificuldade em imaginar a família quando estava longe dela; era uma coisa que ele sempre quisera fazer, para sentir sua presença ao seu lado. Mas, agora, ele os visualizou. Uma imagem perfeita à qual ele se agarrou, enquanto recebia uma saraivada de golpes. Havia isso de bom em ser espancado, pelo menos.

Graças a Deus por suas pequenas graças misericordiosas.

Kulpreet acordou com a cabeça doendo e percebeu que tentava enxergar em meio à escuridão de um armazém: um lugar vazio e imenso, onde só se ouvia o som da chuva caindo no telhado e o dos pássaros remexendo-se em ninhos nas vigas. Escadas enferrujadas levavam aos pórticos rolantes miseráveis, mais acima.

Estava imobilizada de um jeito esquisito. Sentada na cabeceira de uma mesa comprida de sarrafos, para todos os efeitos era como se fosse a convidada de honra para um jantar – isso, claro, se fosse comum amarrar os convidados de honra daquele jeito. Sua cadeira fora empurrada para baixo da mesa. Ela não conseguia ver seus próprios pés, mas estavam amarrados aos pés da cadeira. Entretanto, as mãos tinham sido colocadas à sua frente com as palmas para baixo sobre o tampo da mesa, bem amarrada com uma correia de couro. Era quase como se ela estivesse prestes a receber uma manicure.

E de certa maneira estava mesmo. A poucos centímetros de seus dedos, colocado sobre a mesa propositadamente à vista, viu um par de alicates – do tipo de que se usa para arrancar unhas.

Sabia que iria acontecer uma sessão de tortura, claro. A dor cumulativa. Já tinha ouvido falar de um Assassino que conseguira suportar a dor de cinco unhas arrancadas antes de ceder.

Pelo que podia perceber, havia três homens de terno marrom ali naquele armazém com ela. Com as mandíbulas cerradas, observou um deles inspecionar sua lâmina oculta, e algo a irritou – mais do que ter sido capturada, mais do que terem roubado sua lâmina, e mais do que ter recebido de um dos sorridentes homens de terno marrom a notícia de que Ajay tinha sido retalhado como um cachorro no meio da rua: o fato de terem roubado a lâmina de Ajay também. Outro Templário grandalhão a revirava entre as mãos, na outra cabeceira da mesa.

– Esta aqui travou – informou aos colegas, e todos riram.

Mas não é por isso que você não vai conseguir usá-la, seu idiota, pensou Kulpreet. A menos que saiba posicioná-la da maneira correta sobre o pulso e movimentar os músculos e tendões exatamente como faria Ajay, ou que consiga acionar o mecanismo de segurança... mas, sinceramente? Você pode passar a vida inteira procurando o mecanismo, mas não vai encontrá-lo.

O líder dos homens de terno marrom voltou a atenção novamente para Kulpreet.

– Cada lâmina dessas foi calibrada individualmente para cada Assassino – gritou, por cima do ombro, enquanto caminhava em direção a Kulpreet. Às suas costas, os dois grandalhões já tinham se cansado de inspecionar as lâminas e as deixado de lado na mesa, e ela sentiu vontade de olhá-las, checar em que posição estavam. Não se atreveu, porém.

Estava pensando no mecanismo de segurança.

– Ora, ora, ora, ela acordou – disse o inquisidor sorridente. – Parece que está na hora de começar.

Ele apanhou o alicate, mas depois fingiu com exagero que pensava duas vezes, e, então, deixou que caísse na mesa com um ruído metálico.

– Ah, acho que talvez eu não precise disso – disse, quase que para si mesmo. – Quer dizer, não é uma pergunta difícil, essa que eu vou fazer: você matou Jayadeep Mir três anos atrás ou ele foi banido para Londres? É uma pergunta bem direta, na verdade.

Ele olhou para ela, mas, se estava esperando uma resposta, ela não lhe deu esse gostinho. Então, ele continuou:

– Veja, beldade, temos um colega em Londres que foi oficial do Exército britânico e passou um tempo na Índia. Ele ouviu falar tudo sobre o extraordinário Jayadeep Mir, e, agora, conheceu um rapaz indiano bastante extraordinário em Londres. Então, juntando uma coisa com a outra, ele agora quer saber se existe a possibilidade de que os dois sejam a mesma pessoa. O que tem a me dizer sobre isso?

Ela não disse nada, mas quando ele deu um passo para o lado e pegou o alicate, pôde enxergar para além dele e ver em que posição estavam as lâminas ocultas. Agora ela só precisava conferir qual era a estabilidade daquela mesa. Fingiu uma fúria incontrolável e começou a se sacudir, como se quisesse se libertar. Os homens lhe lançaram um olhar divertido, mas ela agora já descobrira o que queria saber: a mesa não estava amarrada ao chão, mas era pesada. Pesada demais para ela conseguir virá-la sozinha. Precisaria de ajuda para isso.

Mas, se conseguisse virá-la, talvez conseguisse pegar uma das lâminas.

– Água – pediu, baixinho.

– Acho que não escutei – disse o inquisidor, que estava revirando o alicate na mão, olhando-o carinhosamente. – O que foi que você disse?

Ela fingiu estar com a boca seca demais para pronunciar bem as palavras.

– Água...

Ele se inclinou para perto.

– O que você disse?

Estaria perto o bastante para ela mordê-lo? Havia duas chances para ela fazer isso, e esta era uma delas. Mas, se errasse...

Não. Melhor esperar. Melhor tentar transmitir a ele uma falsa sensação de segurança.

Então, como se estivesse fazendo um esforço hercúleo, conseguiu dizer a palavra "água" alto o suficiente para seu inquisidor ouvir, e ele deu um passo para trás, todo sorridente.

– Ah, foi isso mesmo o que achei que você tivesse dito. – Ele apontou para um dos homens, que saiu e voltou alguns instantes depois com uma caneca de barro que colocou na frente dela.

Ela tentou alcançá-la com os dentes, antes de olhar para o homem com ar suplicante, e, com um sorriso, ele pegou a caneca e levou-a até os lábios dela, excitado e estimulado ao ver aquela mulher linda tão subjugada que precisava de ajuda até para tomar um gole de água. Ah, como iria adorar o que estava por vir. O inquisidor era um homem que gostava do seu trabalho; era bom no que fazia, um especialista quando a questão era infligir...

Dor.

A dor subiu pelo braço dele. Ela havia enfiado os dentes na sua mão – e aquilo não era apenas uma mordida, ela estava comendo sua carne. Ah, meu Deus, ela estava comendo-o vivo.

Ele soltou um berro de agonia. A caneca caiu no chão, mas não se quebrou. Os dentes de Kulpreet não soltaram a mão do inquisidor em nenhum momento; ela sentiu o gosto de suor e terra e ao mesmo tempo girou o pescoço, maximizando a dor dele e usando todas as suas forças para aproximá-lo ainda mais de si. Enquanto isso, inclinou as pernas da cadeira para um lado e apoiou todo o peso nos antebraços para bater com as pernas da cadeira nas canelas do inquisidor, fazendo-o se desequilibrar e aumentando a velocidade da sua queda

para que caísse esparramado na mesa. Ao cair, ele quebrou a caneca de barro com o rosto. Se isso tiver aumentado ainda mais sua dor, que bom, pensou Kulpreet, mas este não era seu objetivo principal, porque o que ela precisava fazer agora era...

Com todas as suas forças e usando o peso deles dois, ela se apoiou na mesa, que se inclinou de tal maneira que as lâminas deslizaram pela superfície em direção aos dedos expectantes dela. Porque o inquisidor estava na sua frente, ela não conseguiu vê-las se aproximando, mas sentiu uma delas atingir a ponta de seus dedos justamente quando ele conseguiu puxar a mão da boca de Kulpreet, e ela soltou um grito fraco de dor quando, com aquilo, um dos seus dentes foi arrancado junto. Sua boca estava cheia de sangue e carne, lacerada, mas, naquele momento, aquilo não tinha importância; a única coisa que importava era a lâmina que agora ela revirava nas mãos, procurando o mecanismo de segurança. Por sobre o corpo do inquisidor, viu os outros dois homens trocarem um olhar achando graça, antes de sacarem as *kukris*, logicamente sem pressa nenhuma, porque, afinal de contas, o que ela poderia fazer? As probabilidades não estavam a seu favor. Apesar de estar armada com uma lâmina, ela continuava amarrada a uma cadeira, eram três contra um, e a porta estava trancada. Por mais que fosse habilidosa, inteligente e sortuda, não existia sorte o bastante neste mundo para salvá-la. Eles sabiam disso, e ela sabia também. Todos eles sabiam como aquilo iria terminar: ela lhes contaria o que eles queriam saber e, depois, a matariam.

Kulpreet sabia muito bem disso, óbvio. Mas quando quis pegar a lâmina, não era para atacar seus captores.

Era para usar em si mesma.

Apesar disso, graças a Deus por suas pequenas graças misericordiosas, já que ela teve a oportunidade de apanhar uma lâmina. Enquanto seu polegar ia em direção ao mecanismo de segurança, ela fez algo que pareceu estranho: aproximou o rosto da garganta do inquisidor, que ainda estava tentando se libertar dela. Aproximou-se como se estivesse tentando observar algo bem de perto, e pela posição dos braços dela, parecia que estava envolvendo-o num abraço amoroso, pressionando a carne contra a dele.

Um dos captores chegou a perceber qual era sua verdadeira intenção, mas era tarde demais. Ela já tinha conseguido enterrar a bainha da lâmina no pescoço do

inquisidor e, ainda mirando fixo a garganta dele, disparou a lâmina, que atravessou os dois ao mesmo tempo.

Pouco antes de morrer, Kulpreet pensou em tudo o que já havia feito. Pensou no marido e no filho pequeno, que se perguntariam onde estaria ela. Pensou até mesmo no pobre coitado do Ajay – “bem, logo mais me juntarei a você, velho amigo”. Pensou na Irmandade e desejou-lhe boa sorte, e foi com o coração pesado que admitiu que a luta por um mundo melhor e mais justo teria de continuar sem ela.

E enquanto a ponta da lâmina atravessava o pescoço do atacante e entrava em seu próprio olho e em seguida em seu cérebro, Kulpreet soube que era melhor morrer assim do que do jeito como haviam planejado para ela, mas ficou na dúvida se aquela seria uma morte nobre. Ela não lhes dissera nada, e torceu para que isso valesse de alguma coisa. Torceu para que o Conselho decretasse que ela morrera com honra.

44

Dois dias depois, no porto de Amritsar, três homens de terno marrom interceptaram um mensageiro Assassino.

Os três mataram o Assassino, roubaram a mensagem que ele deveria entregar em Londres e, em seguida, atiraram seu corpo numa carroça para dar de comer aos porcos.

Conforme fora instruído, a mensagem foi entregue aos decodificadores Templários, e o processo de decodificação durou mais ou menos uma semana.

"Urgente", foi o que revelou a mensagem, depois que o código foi traduzido. "Missão provavelmente comprometida. Ajay e Kulpreet foram mortos, talvez torturados para fornecerem informações. Sugiro abortar a missão imediatamente."

Depois, ao final: "Ethan, cuide do meu filho."

45

Abberline estava no Green Man, mas hoje não beberia. Nem ficaria triste e afogaria as mágoas. O que o trazia ali era um motivo mais urgente.

– Ei, Sam. Viu Aubrey hoje?

– Faz um tempinho que não o vejo, Freddie – respondeu o barman. – Não, mentira, ele apareceu por aqui mais cedo, antes de ir assistir à partida no Lord's.

Freddie olhou confuso para o barman. Sam ficou incomodado com aquilo.

– Que diabo você veio fazer aqui se nem sabe da partida entre o Eton e o Harrow?

– Está bem, não se descabele... bem, não descabele o que ainda resta de cabelo aí na sua cabeça. Quer dizer que Aubrey estava indo para lá?

Sam de repente fez uma careta, como se tivesse falado demais.

– Bom, hã... não. Ele estava a serviço, não estava?

Agora foi a vez de Abberline ficar exasperado.

– Olhe, você não vai me contar nada que eu já não saiba sobre Aubrey. Ele estava matando serviço, não é?

Sam colocou um pano de prato sobre o ombro e assentiu relutante para Abberline, de um jeito que não convenceria num tribunal.

– Certo – disse Abberline. – Agora sim estamos chegando a algum lugar. Ele veio para cá para... ah, já sei. Ele veio aqui se trocar, não foi?

Outro sinal afirmativo, cheio de relutância.

– Certo – disse Abberline, saindo do seu banco e fazendo menção de ir até a porta. – Quando ele voltar para pegar o uniforme, diga que estou atrás dele, por

favor.

– Caramba, parece que todo mundo resolveu ficar atrás do velho Aubs de repente, não é?

Abberline parou. Virou-se.

– O que você disse?

– Ah, disse que parece que está todo mundo querendo falar com o Aubrey. – Novamente Sam fez uma expressão estranha, como se tivesse falado demais.

– Explique melhor essa história para mim, amigão. Quem exatamente está atrás do Aubrey, além de mim?

– Três velhos que chegaram logo depois de ele sair para ver a partida.

– E como eles eram? – perguntou Abberline, e em seguida sentiu o coração apertar quando Sam lhe descreveu os três torturadores.

Sem saber mais o que fazer, foi até o campo de críquete Lord’s, mas arrependeu-se assim que se viu nadando contra a maré de gente que saía dali. Os táxis paravam e davam meia-volta. Ali perto, um cavalo resfolegou e bateu os cascos no chão. O volume de pessoas pareceu ser demasiado para o dono de uma banca de jogos, que começou a juntar suas coisas rapidamente. O mesmo acontecia com um barraqueiro que gritava para a turba ficar longe, *tomem cuidado com o maldito barril!*, enquanto mãozinhas tentavam agarrar os produtos da sua barraca. Outro estava empurrando uma carroça para longe da multidão através de um mar de toucas, bonés e crianças que eram carregadas nos ombros. Abberline sentiu algo puxando sua roupa e, ao olhar, viu que era um cão abrindo passagem no meio de uma floresta de pernas.

Apesar da quantidade de gente, o clima era bom. Todos haviam se divertido bastante. A multidão certamente tinha gostado de dar vivas aos filhos da nobreza que disputavam sua partida anual, pensou Abberline. Um dia, os filhos dos nobres fariam o que todos os membros da alta classe fazem: encheriam os bolsos às custas dos menos favorecidos, divertindo-se onde bem entendiam, e pouco importando se arruinassem algumas vidas nesse processo.

Não, ele não encontrou Aubrey. Encontrou um monte de bêbados caídos na rua. Encontrou um monte de mulheres tentando vender-lhe fósforos e flores. Encontrou um monte de cavalheiros elegantes e damas em vestidos chiques

olhando com o nariz empinado para os bêbados e as vendedoras de fósforos. Mas nada de Aubrey.

Ele voltou ao Green Man.

Não, Sam sacudiu a cabeça, nenhum sinal de Aubrey, e não, tampouco dos três homens.

Os torturadores, eles mesmos, estavam na sua mira. Iria lhes fazer uma visitinha, a menos que Aubrey desse as caras em breve. Havia mais um lugar para tentar, porém, e ele foi até os aposentos de Aubrey em Stepney, onde morava com a mulher e dois filhos.

A Sra. Shaw abriu a porta e relaxou ao ver seu uniforme.

– Não diga nada – disse ela. – O senhor é Freddie Abberline? – Quando ele confirmou, ela soltou: – Ora, se não ouvimos falar tanto do senhor! Crianças, venham conhecer o famoso Freddie Caxias!

Ela tinha faces coradas, mas, fora isso, era completamente diferente de Aubrey. Enquanto ele era encorpado, ela era magra, e enquanto ele tinha uma expressão sempre nervosa e espantada, a dela era de outra espécie, risonha e receptiva, e ela mexia no cabelo enquanto convidava o visitante a entrar.

As crianças, um menino e uma menina, ambos com 5 ou 6 anos, vieram correndo e pararam de repente, prendendo-se às saias da mãe e olhando para ele com o tipo de curiosidade transparente que somente as crianças podem exibir sem sofrer as consequências.

O coração de Abberline, já pesado de preocupação por Aubrey, apertou-se um pouco mais ao ver aquela cena. Teria sido mais fácil manter uma distância segura entre ele e as coisas que Aubrey amava. Vê-los assim só tornaria tudo ainda mais difícil se o que Abberline temia fosse mesmo verdade. Na maioria das vezes, ele invejava homens como Aubs, que tinham esposas e famílias, mas, numa ocasião como aquela, não. Não quando você sabia o que poderia ter acontecido.

– Receio não poder ficar muito tempo, Sra. Shaw – disse ele, tendo que frustrar a calorosa recepção. – Queria saber se a senhora tem notícias de Aubrey.

O sorriso sumiu do rosto dela e foi substituído imediatamente por um olhar de preocupação. As duas crianças, percebendo a inquietação repentina da mãe,

agarraram-se com mais força ainda às suas saias e arregalaram tanto os olhos que eles pareciam discos.

– Não... não desde que ele saiu de casa pela manhã – respondeu ela.

– Quando estava indo ao Lord's?

Ela mordeu o lábio.

– Não sei dizer.

– Sei que ele estava indo ao Lord's, Sra. Shaw, mas a partida já acabou e passei para ver se ele chegou a voltar para casa.

– Talvez tenha ido tomar uma cerveja no Green Man?

– Claro – disse ele. – Deve ser. Vou embora então, com os melhores votos à senhora. Se puder avisar ao Aubrey que estou à procura dele, ficaria muito agradecido.

E, então, Abberline partiu. Voltou ao Green Man, por desencargo de consciência, mas Sam fez que não, ele não tinha ido lá, e, então, Abberline foi para a delegacia e o sargento que estava na recepção disse com uma expressão desconfiada que não, Aubrey não esteve lá, como se soubesse que o colega tinha matado serviço. E então, por último, Abberline foi até a obra do trem subterrâneo, onde ficou perto da cerca. Os trabalhos prosseguiam. Fogueiras foram acesas, como todas as noites, e braseiros cintilavam sobre a lama. Enquanto Abberline esperava lá, uma locomotiva a vapor estacionou, vinda de algum trecho mais adiante na ferrovia, e as atividades no alto dos guindastes de madeira assumiram um ritmo ainda mais frenético enquanto os operários começavam a descarregar.

Não era só isso, entretanto, que Abberline estava olhando. Estava de olho no escritório. Observou a porta se abrir e um cara indiano sair dela, carregando algumas pastas.

Ótimo, pensou Abberline, achando que era uma visão consoladora. Por algum motivo, duvidava que fariam algum mal a Aubrey caso o camarada indiano estivesse por perto.

"Ele de fato está do lado dos justos. É um homem bom. Melhor do que o homem que eu ou você jamais seremos."

O que Abberline viu em seguida foi ainda mais consolador. Os torturadores também estavam saindo do escritório, os três, com a aparência mais casual do

mundo. E se estavam ali, bem, então não estavam em algum outro lugar maltratando Aubrey. Abberline se perguntou se aqueles homens não tinham feito um trajeto parecido ao dele próprio. Talvez tivessem ido ao Green Man e depois ao Lord's, onde acabaram sendo impedidos de andar por causa da multidão.

Sim, pensou, dando as costas à cerca e às obras. Sim, era isso. Com sorte, a essa altura Aubrey já estava de volta são e salvo ao seio de sua família feliz...

A dona do seu apartamento morava no térreo e apareceu assim que ele deu as caras por ali.

– Dia agitado, policial? – perguntou ela.

– Pode-se dizer que sim, madame – respondeu Abberline, retirando o capacete.

– Agitado demais para me dizer que o senhor estava esperando uma entrega?

Ele olhou intensamente para ela.

– Entrega?

– Três cavalheiros vieram entregar um tapete imenso, ou pelo menos foi o que me disseram. Devia ser pesado também, porque os três tiveram de se juntar para carregá-lo até lá em cima...

Abberline já estava subindo as escadas em disparada.

Os canalhas haviam deixado o corpo sentado em uma das cadeiras do apartamento de Abberline, como se estivesse aguardando seu retorno. Deixaram-no ali como uma espécie de aviso: é isso o que o aguarda.

Haviam espancado Aubrey até a morte. Mal era possível reconhecê-lo embaixo da carne lívida e inchada, dos hematomas enormes, dos olhos cerrados, do sangue que escorria dos cortes feitos com soqueiras de metal.

– Ah, Aubrey... – lamentou Abberline.

Não que tivessem sido amigos, mas... espere um pouco, sim, eles tinham sido amigos, porque amigos apoiam uns aos outros. Um amigo é aquele que se procura em busca de conselho. Eles nos ajudam a pensar de um modo diferente. E Aubrey fizera tudo aquilo e muito mais por Abberline.

Antes que se desse conta, seus ombros já estavam balançando, e lágrimas caíam no assoalho do seu quarto.

– Ah, Aubrey – repetiu, mas com a boca molhada, desejando abraçar aquele homem, seu amigo, mas, ao mesmo tempo, sentindo repulsa pelo que haviam feito com ele, por seus traços pasteurizados como carne moída.

Tentou então imaginar Aubrey como ele era antes, contando piadas de salão no Green Man. Lamentando a morte de uma garota de cortiço. Ele tinha sido um homem compassivo demais, esse fora o problema de Aubrey. Seu coração era grande demais para esse mundo.

Perguntou-se como teria sido o momento da sua morte. Eles teriam pressionado Aubrey por informações, logicamente. Já deviam saber sobre o indiano graças ao guarda-costas, e, portanto, que mais Aubrey poderia lhes contar? Sobre o homem encapuzado, talvez. Como se agora isso tivesse importância. Fazia poucos dias que Abberline dissera a si mesmo que aquela matança teria de parar, e, no entanto, outra vida tinha sido tirada, uma vida preciosa.

Talvez Aubrey tivesse razão. Talvez não houvesse respostas. E talvez tivéssemos apenas de aceitar isso de vez em quando.

Por enquanto, ele se limitou a ficar ali ao lado do seu amigo, Aubrey Shaw, os ombros trêmulos, as lágrimas escorrendo mais livremente agora.

– Desculpe, colega – dizia ele, sem parar. – Desculpe... Sinto muito.

E então Aubrey abriu os olhos.

46

Os meses se passaram. Em maio, o Secretário do Tesouro, Gladstone, declarou-se encantado depois de fazer o primeiro trajeto completo da nova linha de trem subterrâneo. Ele e diversos outros dignitários da Metropolitan, incluindo John Fowler, Charles Pearson e Cavanagh, percorreram toda a extensão da linha, seus seis quilômetros e meio, da estação em Bishop's Lane até Paddington, através de túneis e outras estações ainda por concluir – Edgware Road, Baker Street, Portland Road, Gower Street, King's Cross – e, por fim, Farringdon Street, na cidade. Um trajeto de cerca de 18 minutos.

O selo de aprovação de Gladstone foi importante para a Metropolitan, principalmente porque o primeiro-ministro, Palmerston, sempre desdenhara do projeto, declarando que, na sua idade, gostaria de passar o máximo de tempo possível sobre a terra, muito obrigado. Mas a aprovação de Gladstone conferiu um estímulo a um projeto que antes era recebido, na melhor das hipóteses, com desconfiança ligeira e apatia da parte do público em geral, e, na pior, com ódio e hostilidade declarados.

A reputação da linha, no entanto de trem foi ainda mais abalada quando, no mês seguinte, o esgoto de Fleet estourou. Os canos de alvenaria através dos quais o "pútrido rio negro" de Londres corria tinham ficado enfraquecidos e acabaram se rompendo, inundando o túnel de água e imundície a uma altura de três metros, atrasando o projeto em meses enquanto se efetuavam as obras de reparo.

Então, no início de uma manhã do fim de julho, a carruagem de quatro rodas que pertencia ao Sr. Cavanagh, da Metropolitan Railway, partiu do canteiro de

obras transportando seu dono até as docas de St. Katherine.

Ali, a carruagem aguardou até um navio descarregar, e a carga, no caso, eram três homens indianos de terno marrom, dois dos quais escoltavam o terceiro, que entregaram à carruagem. Depois, com uma mesura, afastaram-se e voltaram ao navio.

O recém-chegado sentou-se na frente de Cavanagh, que afrouxara o paletó, mas, fora isso, não fez mais nenhuma concessão ao calor de julho.

– Olá, Ajay – cumprimentou Cavanagh.

Ajay olhou para ele sem nenhuma expressão no rosto.

– Vocês me prometeram dinheiro. Hospedagem. Uma vida nova aqui em Londres.

– E você nos prometeu todos os benefícios do seu conhecimento em relação a Jayadeep Mir – retrucou Cavanagh, e, depois, puxou a corda e recostou-se no assento enquanto Hardy sacudia as rédeas e eles começavam o trajeto de volta ao canteiro de obras. – Veremos se ambas as partes vão cumprir os termos do acordo, sim?

Um pouco depois, a carruagem parou diante das obras da ferrovia e Ajay foi orientado a olhar pela janela. Como combinado, Marchant trouxe o insuspeito Bharat Singh até o local designado, a cerca de cem metros, do outro lado da cerca, perto o bastante para que Ajay pudesse vê-lo.

– Esse é nosso homem – informou Cavanagh.

– E como ele diz se chamar? – indagou Ajay.

– Ele atende pelo nome de Bharat Singh.

– Então, ele tem um problema agora. – disse Ajay, puxando a cortina da janela e acomodando-se novamente no seu assento –, porque este homem é Jayadeep Mir.

– Excelente – disse Cavanagh. – Agora, que tal me contar tudo o que sabe a respeito dele?

Existia um truque que as gangues empregavam quando queriam extrair informações. Se chamava “Dois pássaros”. Eles levavam dois pobres coitados até um telhado, atiravam um deles lá do alto e faziam o outro assistir.

Dois pássaros. Um voava, o outro cantava.

Ajay estava do outro lado da porta quando Kulpreet teve sua morte honrosa. Vira o que o aguardaria: a manicure mais dolorosa do mundo ou a morte.

Então, fez sua oferta. Eles poderiam torturá-lo, e boa sorte para eles caso tentassem, pois ele faria de tudo para resistir. Se o interrogatório fosse bem-sucedido, eles obteriam a informação necessária, mas nada mais do que isso, e jamais poderiam ter certeza se o que ele dizia era mesmo a verdade.

Mas... se cumprissem as exigências dele, ele lhes contaria tudo o que precisavam saber e *muito mais*.

Assim, os Templários tinham espalhado que Ajay morrera no beco, e o Assassino – ou melhor, agora um ex-Assassino, um traidor – foi enviado a Londres.

E ali, diante das obras da ferrovia, ele cumpriu sua parte do acordo e contou a Cavanagh tudo. Contou que Jayadeep fora preso por falta de coragem, e Cavanagh ficou muito interessado nesse aspecto específico da história antes que Ajay prosseguisse e lhe dissesse que Jayadeep tinha sido confiado a Ethan Frye para uma missão. Mais do que isso ele não sabia.

– Uma missão? – perguntou, intrigado, Cavanagh, fitando cheio de interesse O Fantasma, vendo-o agora com outros olhos. – Uma missão *secreta*, talvez?

Cavanagh lembrou-se das informações relatadas pelos torturadores. Os dois Hardys e Smith voltaram do interrogatório do policial Aubrey Shaw com a notícia de que o responsável pela morte de Robert Waugh fora um encapuzado. Agora, com mais essa informação, as coisas finalmente começavam a fazer sentido.

Que ironia. Seu mais novo recruta, que tinha caído nas graças deles por ter matado um traidor, o fizera já com a traição em sua mente – e nem sequer havia sido o responsável por aquela morte.

No fim das contas, pensou Cavanagh, o resultado era excelente. Ele já tinha decidido havia tempos que, quando matasse Crawford Starrick e arrancasse dele a posição de Grão-Mestre, quando tivesse o artefato em mãos e fosse o homem mais poderoso não apenas de Londres, mas de todo o mundo conhecido dos Cavaleiros Templários, sua primeira ordem seria esmagar o que restava da resistência dos Assassinos em sua cidade.

Ali, pensou, estava a chance de fazer as duas coisas ao mesmo tempo, a oportunidade de ascender ao posto de Grão-Mestre com honra e com o artefato em mãos para provar sua aptidão ao posto. Com um único golpe, ele tomaria o comando da ordem e o respeito de seus membros. Ah, sim, era bastante oportuno.

– Agora seu lado do acordo – disse Ajay.

– Sim, meu lado do acordo.

A porta da carruagem se abriu e eles viram Hardy.

– Eu lhe prometi riquezas e acomodação em Londres, e você terá ambos, mas com uma condição.

Ressabiado e preparado para ser traído, já com uma rota de fuga em mente, Ajay disse:

– Sim, o que é?

– Que você continue nos contando tudo o que sabe sobre a Irmandade.

Ajay relaxou. Eles o manteriam vivo até lá, pelo menos. Havia bastante tempo para fugir.

– Negócio fechado – disse ele.

47

Meses se passaram, ao longo dos quais Aubrey ficou hospedado nos aposentos de Freddie Abberline, que cuidou dele até que recuperasse a saúde. Tinham sobrado poucos dentes na boca de Aubrey, e ele agora falava de um jeito diferente, como se sua língua fosse grande demais para a própria boca. Além disso, tinha outros ferimentos – mas estava vivo. O que já era bom demais. E era uma boa companhia, e Abberline logo descobriu que isso também era ótimo.

Certa noite, mais ou menos quinze dias depois do espancamento, Abberline trouxe um pouco de caldo para Aubrey e deixou a tigela na mesinha de cabeceira. Pensando que estivesse dormindo, preparou-se para ir embora, mas ao olhar o rosto do amigo, viu que estava banhado em lágrimas.

Pigarreou e olhou para seus pés, calçados em meias.

– Hã... Tudo bem com você, colega? Está tendo aquelas lembranças ruins, é? Está pensando no que aconteceu?

Aubrey estremeceu de dor ao confirmar com um gesto; depois, com dentes quebrados, disse:

– Eu contei tudo para eles, Freddie. Não era muita coisa, mas cantei como um passarinho.

Abberline dera de ombros.

– Então, boa sorte para eles. Espero que signifique mais para eles do que significa para mim ou para você.

– Mas eu disse tudo. Tudo. – Aubrey foi assaltado por um soluço, e seu rosto cheio de hematomas se contorceu de vergonha.

– Ei, ei... – consolou-o Abberline, sentando-se na beirada do colchão. Segurou a mão de Aubrey. – Calma. Não tem importância, colega. Você não teve outra escolha. E olhe, algo me diz que nosso amigo encapuzado pode muito bem cuidar de si mesmo.

Ficou assim por algum tempo, em silêncio, grato pelo apoio que um dava ao outro. Depois, Abberline ajudou Aubrey a tomar seu caldo e saiu, dizendo a ele que descansasse.

Enquanto isso, Aubrey era considerado desaparecido. "Desaparecido provavelmente porque estava entediado do trabalho policial e fora de vez para o Green Man", diziam os boatos, mas Abberline sabia que não era bem assim. Sabia que o objetivo do ataque havia sido enviar um recado, e, para todos os efeitos, considerou o recado dado. Deixou de fazer visitas ao canteiro de obras. Por uma coincidência completa, o sargento da sua divisão encarregou-o de outra investigação, que o deixava bem longe do canteiro de obras da ferrovia. "Assim você não fica tentado", foi o que ele lhe disse ao lhe dar a notícia.

Você está envolvido nisso até o pescoço, não está?, foi o que Abberline pensou, olhando com fúria secreta para o sargento da sua divisão. Mas ele obedeceu, e, depois que terminava seu turno, voltava para casa, tirava o uniforme, verificava se Aubrey estava bem, e, em seguida, ignorava as advertências dele: voltava para o canteiro. Todas as noites, escondido nas sombras. O que esperava com aquela vigília solitária ele não sabia, mas era uma vigília mesmo assim.

Aubrey agora já estava se movimentando, embora com certas limitações. Mais tarde, os dois se sentavam diante da lareira e batiam papo. Abberline falava sobre o caso, estava obcecado. Aubrey falava de pouca coisa além da família, e, o que é mais pertinente, perguntava quando iria vê-los.

– Não, Aubs, lamento muito – disse Abberline. – Esses malandros deixaram você achando que estivesse morto. Se você der as caras de novo, eles vão querer terminar o serviço. Você fica aqui até isso tudo acabar.

– Mas quando vai acabar, Freddie? – perguntou Aubrey. Movimentou-se com dificuldade e dor na cadeira. Embora seu rosto não revelasse muito do que ele tinha sofrido, fora um emaranhado de cicatrizes deixadas em sua bochecha pelas soqueiras de metal, suas entranhas tinham sido esmurradas. Ele sentia uma dor no quadril que não parecia que iria embora tão cedo. Aquela dor dificultava

que ele andasse, dificultava até que sentasse, às vezes, e sempre que ele estremecia de dor no quadril, voltava a se lembrar do quarto escuro desconhecido e dos punhos socando um corpo macio que, um dia, pertencera a ele.

Aubrey jamais voltaria a ser um policial, mas, graças, a uma mistura de descuido do torturador com os cuidados de Abberline, ele estava vivo, e jamais se esqueceria de agradecer por isso. Por outro lado, que vida era aquela, passada longe das pessoas que amava?

– Como você acha que essa coisa toda, seja lá o que for, vai terminar? – perguntou.

Abberline esticou a mão até a lareira e deu um sorriso triste para o amigo.

– Não sei, Aubs, essa é a verdade. Não sei. Mas guarde minhas palavras: embora eu não possa dizer que estou no controle da situação, estou por ali, nas proximidades. Vou saber quando chegar a hora e não vamos esperar nem um segundo para levar você de volta à sua família.

Eles decidiram que, por questões de segurança, sua esposa e seus filhos não poderiam saber que ele estava vivo. Isso, porém, significava que eles amargaram a perda de Aubrey. Um dia, Abberline e seu companheiro tomaram uma das carruagens da polícia e foram até Stepney. Ficaram ali parados na rua para que Aubrey pudesse ver sua família de longe, pela janela. Depois de umas duas horas, mais ou menos, aquilo foi demais para ele suportar, e partiram.

Abberline ia visitá-los levando dinheiro e presentes. Levou para eles o uniforme de Aubrey. Agora já não havia mais brilho nos olhos da Sra. Shaw. As visitas eram traumáticas para ela, disse. Sempre que via Abberline à porta da sua casa, ela imaginava o pior.

– Porque eu sei que se ele estivesse vivo estaria com o senhor. E quando vejo o senhor sozinho, fico achando que ele não está.

– Pode ser que esteja. – Disse Abberline a ela. – Sempre existe esperança.

Foi como se ela não tivesse ouvido o que ele falou.

– Sabe o que é pior? É não haver um corpo para enterrar.

– Eu sei, Sra. Shaw, e lamento muito, lamento muitíssimo – disse Abberline, e depois se foi, contente por escapar do peso de tanto sofrimento por um homem que não somente estava vivo como desfrutando de relativo conforto nos aposentos de Abberline. Levando consigo a culpa por ter mentido.

Era para o bem deles. Era melhor, para a segurança de todos eles, que Cavanagh e companhia acreditassem que aquela questão específica já estivesse resolvida. Mas, mesmo assim... ele sentia culpa.

48

– Você será iniciado na Ordem dos Cavaleiros Templários – anunciou Cavanagh.

Ele, Marchant e dois dos torturadores – o Sr. Hardy não estava presente – haviam afastado O Fantasma de seus afazeres e o levado até um canto do canteiro de escavações, como se aquilo fosse uma reunião de trabalho repentina.

– Obrigado, senhor – disse O Fantasma. Abaixou bem a cabeça com uma mesura, odiando a si mesmo naquele momento. Quando voltou a olhar para Cavanagh, viu nos olhos do homem algo indecifrável, parecido com uma leve zombaria.

– Mas, primeiro, tenho uma tarefa para você.

– Sim, senhor – retrucou O Fantasma, ainda com uma expressão vazia. Por dentro, contudo, sua mente disparou, e ele sentiu seu pulso acelerar, pensando: *chegou o momento.*

Depois de indicar aos seus homens que ficassem onde estavam, Cavanagh segurou o braço do Fantasma e começou a afastá-lo dali, caminhando em direção à cerca que delimitava as obras. De lá O Fantasma avistou a carruagem de Cavanagh. O Sr. Hardy estava cuidando do cavalo e os olhou brevemente, depois voltou a pentear a crina do animal.

Agora, distante do barulho, Cavanagh não precisava mais falar alto.

– O que estou prestes a lhe contar são informações conhecidas apenas entre os membros da Ordem dos Cavaleiros Templários. Você será iniciado e, assim, por direito, eu não deveria estar revelando isso, mas você provou ser útil em

minha operação, e sua tarefa é algo que podemos chamar de urgente. Isso quer dizer que precisa acontecer antes de o conselho se reunir para dar o aval à sua iniciação. Sou um homem intuitivo e prefiro agir assim. Tenho fé em você, Bharat. Vejo muito de mim mesmo em você.

O Fantasma se permitiu sentir triunfo. Tudo o que havia feito, todos aqueles meses morando no túnel, construindo uma vida na pele de Bharat Singh, tinha sido para chegar até aquele momento.

Cavanagh prosseguiu.

– Esse canteiro que estamos escavando, em que se construirá a primeira linha de trem subterrâneo do mundo... talvez você já tenha adivinhado isso, dado meu envolvimento, mas é mais do que aparenta ser. A linha de trem, obviamente, será concluída, e obviamente será um sucesso, mas acredite ou não, existe outro motivo por trás de sua construção.

O Fantasma assentiu.

– A Ordem dos Cavaleiros Templários em Londres está procurando um artefato que acredita ter sido enterrado aqui. Encontrar a sua exata localização está sendo uma tarefa difícil. Vamos apenas dizer que, pelo menos na minha opinião, a posição enaltecida de Lucy Thorne dentro da Ordem não é muito merecida. Com certeza não nesta questão.

– Lucy Thorne, senhor?

Cavanagh lançou-lhe um olhar rápido, e O Fantasma foi obrigado a controlar o nervosismo. Será que o diretor estava tentando pegá-lo desprevenido?

– Tudo a seu tempo – respondeu Cavanagh. – Você ainda terá o prazer de enfrentar o conselho. Por enquanto, a única coisa que precisa saber é que Lucy Thorne está no alto escalão dos Templários que foi designado a encontrar o artefato.

– E esse... artefato, senhor, o que ele faz?

– Veja bem, esse é o problema das escrituras, não é? São tão ambíguas. Os detalhes ficam por conta da imaginação, receio; as escrituras dizem apenas que quem o tiver em sua posse terá um grande poder. E talvez não o surpreenda saber que pretendo ser aquele que o possuirá. A escolha de quem vai estar ao meu lado quando esse dia chegar vai depender de muitos fatores

– Espero que eu esteja, senhor – disse O Fantasma.

Ele olhou para onde a carruagem estava sendo amarrada. O Sr. Hardy estava guardando a escova do cavalo dentro da caixa da carruagem, mas O Fantasma viu que ele retirou alguma outra coisa de lá e a guardou no bolso.

– Bem, como eu disse, isso vai depender muito – disse Cavanagh.

Os dois deram mais alguns passos, O Fantasma sempre de olho no Sr. Hardy. O torturador parecia ter terminado de cuidar do cavalo e agora estava checando as fivelas dos arreios. Depois saiu do local onde a carruagem era guardada e se dirigiu ao portão, e, no caminho, empurrou uma vendedora de fósforos e chutou um operário que estava dormindo encostado ali, para que ele acordasse.

– Vai depender do quê, senhor?

– Da eficiência com que você vai cumprir sua tarefa.

Hardy estava atravessando a área enlameada, a cerca de cinquenta metros de distância.

– E que tarefa é essa, senhor?

– Você deve matar Charles Pearson.

Ultimamente, eles consideravam muito arriscado se encontrarem; O Fantasma, principalmente, não queria deixar nada a cargo da sorte. Porém, agora era diferente. Aquilo representava uma grande evolução dos acontecimentos. Ele precisava dos conselhos de Ethan, e assim, depois de uma mudança na posição das lápides do cemitério da igreja de Marylebone, os dois Assassinos se reuniram em Leinster Gardens.

– Por quê? – indagou Ethan. – Por que matar Pearson?

– É o que manda o rito, segundo o Sr. Cavanagh.

– O homem é muito filantropo para o gosto deles, hein? Meu Deus, eles não vão nem deixá-lo ver a inauguração de sua amada linha de trem.

– Cavanagh já decidiu todos os detalhes, mestre. Agora que as obras recomeçaram depois do estouro do esgoto de Fleet, dirá que quer provar ao Sr. Pearson que o trecho entre King's Cross e Farringdon Street está absolutamente operacional. Mais ainda: quer exibir um novo vagão fechado, e, portanto, planejou realizar um trajeto de ida e volta a Farringdon Street. No fim dessa

viagem, quando o Sr. e a Sra. Pearson estiverem voltando para sua carruagem, eu devo matá-lo.

– Matá-lo, mas não à Sra. Pearson?

– Não.

Seguiu-se um longo silêncio e, depois, O Fantasma perguntou a seu mentor:

– O que o senhor acha?

Ethan respirou fundo.

– Bem, não é uma armadilha, pelo menos não no sentido de que desejem acabar com você. Para isso bastariam levar você ao escritório. Isso é um teste.

As palmas da mão do Fantasma estavam suando. Ele engoliu em seco e sua mente o transportou de volta para um quarto com aroma agradável em Amritsar, e ele sentiu de novo o medo ao ver a lâmina na boca de Dani enquanto ele gritava, o sangue e o aço brilhando à luz do luar.

Foi obrigado a reunir todas as suas forças para pronunciar as palavras seguintes, e mesmo que dizê-las o ferisse, ele falou:

– Se é um teste, então com certeza vou fracassar.

Ethan fechou os olhos com tristeza.

– Estamos *muito* perto, Jayadeep.

Disse aquilo quase num sussurro.

O Fantasma assentiu. Havia tempo que ele também desejava ver o artefato. Durante anos sonhara em ver sua luz sobrenatural. Mas, por outro lado...

– Este artefato pode não passar de uma bugiganga. Nem mesmo os Templários conhecem seu verdadeiro potencial.

– As escrituras são crípticas, de propósito. São transmitidas ao longo dos séculos para que nossos antepassados se julguem mais espertos que nós.

– Sim. Foi mais ou menos isso o que ele disse.

– Como ele é perceptivo! Talvez também tenha observado que, bugiganga ou não, o que importa não são os verdadeiros poderes do artefato, e sim os poderes que se acredita que ele tenha. Sim, pode ser que o que está escondido embaixo da terra seja uma bugiganga antiga que não sirva para nada mais além de encantar velhas senhoras e crianças impressionáveis. Mas, durante séculos, Assassinos e Templários guerrearam por esses artefatos, e todos nós já ouvimos histórias sobre seu grande poder: o diamante de Koh-i-Noor, a força sobrenatural emitida

pela Maçã de Al Mualim... Não será possível que ao longo do tempo essas histórias tenham sido aumentadas? Afinal, nenhum desses tais artefatos demonstrou ter poder tão grande a ponto de pesarem na balança dessa guerra. E a eficiência das escrituras em magnificar as coisas é tão grande quanto sua obscuridade.

– Meus pais...

– Seus pais são um exemplo, ninando você e enchendo sua cabeça com as histórias dos grandes poderes desses artefatos. – Ele lançou um olhar para O Fantasma, que correspondeu, sem conseguir acreditar direito no que estava ouvindo, e soltou uma risadinha. – Evie é igualzinha a você. Os artefatos a fascinam do mesmo jeito como aquele maldito diamante idiota fascina você.

O Fantasma conteve sua raiva e não disse nada.

– O negócio é o fascínio, entendeu? *A ideia do fascínio*. É esse o poder talismânico desses artefatos. Sejamos Assassinos ou Templários, nosso ofício é o de vender ideias às massas, e ambos achamos que são as nossas ideias que salvarão o mundo, mas temos uma coisa em comum: sabemos que esses artefatos guardam segredos da Primeira Civilização. Olhe ao redor... – Ele apontou para a casa falsa onde eles estavam, para o túnel pelo qual os trens subterrâneos (*trens subterrâneos!*) em breve trafegariam. – Já controlamos a energia gerada pelo vapor. Logo, teremos a eletricidade. O mundo está avançando numa velocidade quase inimaginável, impensável. O século XX está quase chegando, e o século XX é o futuro, Jayadeep. A tecnologia que usamos para construir pontes, túneis e linhas de trem... essa mesma tecnologia será usada para criar armas de guerra. Esse é o futuro. E, a menos que você queira ver os homens escravizados pela tirania e pelo totalitarismo, precisamos vencer esse futuro, pelo bem de nossas crianças e de todas as gerações por vir. Um dia elas lerão sobre nossas empreitadas nos livros e agradecerão por termos nos recusado a entregá-las ao despotismo. Em outras palavras, Jayadeep, precisamos vencer de todo jeito. Isso significa que você precisa matar Pearson e prosseguir na missão até recuperarmos o artefato.

Era um discurso e tanto. O Fantasma esperou até absorvê-lo. Depois, disse:

– Não.

Ethan deu um salto e se levantou, irritado.

– Maldito seja você, homem! – rugiu, alto demais para aquela noite calma. Mordeu a língua, deu as costas para a saída de vapor, e olhou com raiva para a falsa fachada de tijolos da casa, sem realmente vê-la.

– Não posso matar um homem a sangue-frio – insistiu O Fantasma. – Depois de tudo o que aconteceu, sabe? Ou seu desejo de ter o artefato está deixando o senhor tão cego à verdade quanto o meu pai?

Ethan virou-se para ele e observou:

– Ele não era o único cego, meu caro rapaz. Você mesmo achou que estava preparado, se bem me lembro.

– Agora sei mais sobre mim mesmo. Sei que está me pedindo para fazer algo que eu simplesmente não posso fazer.

Havia algo em sua voz que fez Ethan amolecer ao ver aquele rapaz tão desesperado: um rapaz que tinha sido criado para matar por uma causa, mas que era incapaz de fazer isso. Mais uma vez, pensou, que mundo triste, que obscenidade, quando lamentamos a incapacidade de um homem de matar.

– Informe a Cavanagh que você está planejando usar uma zarabatana. Diga que aprendeu a usar esse instrumento em Bombaim.

– Mas, mestre, não posso matar um homem inocente.

– Você não vai precisar fazer isso.

49

Segurando o fôlego, Evie Frye agachou-se diante do gabinete de seu pai enquanto ele ali estava com George Westhouse. Os dois conversavam em voz tão baixa que ela mal conseguia ouvi-los através da porta. Ela colocou o cabelo para trás da orelha enquanto se esforçava para escutar.

– Amanhã então, Ethan – disse George.

– Sim, amanhã.

– E se tudo sair bem, o artefato...

– Eles estão perto, é o que dizem.

– Bem, segundo a lógica, devem estar mesmo. O túnel já foi construído.

– Sim, mas ainda há dezenas de túneis de serviço a serem feitos, novos canos de esgoto e de gás para instalar. Ainda há muita escavação a ser feita. E, além disso, quem garante que aquele estouro do esgoto de Fleet não foi obra deles?

– Verdade...

Exatamente nesse momento alguém bateu à porta da casa. Aquilo assustou Evie, que se levantou rapidamente, um pouco desorientada, antes de se recompor, e ir atender.

Ali nos degraus estava um jovem indiano de terno marrom. Era bonito, pensou ela, mas ao mesmo tempo havia algo nele que minava sua boa aparência, um olhar intenso e perturbado que ele fixou nela de lá dos degraus inferiores, sem realmente enxergá-la. Contudo, ao entregar-lhe uma carta, ele disse o seu nome.

– Evie Frye.

Ela a recebeu; era um papel dobrado. Em sua aba estava escrito: "Aos cuidados de Ethan Frye."

– Diga-lhe que Ajay esteve aqui – disse o homem nos degraus, já se virando para ir embora. – Diga que Ajay sente muito e que nos veremos na próxima vida.

Agitada, Evie ficou feliz ao fechar a porta depois de receber aquele homem estranho e perturbado – e, em seguida saiu apressada até o quarto do pai.

Um segundo depois, a casa estava em polvorosa.

– *Jacob!* – gritou Ethan, saindo em disparada do gabinete com o braço estendido, afivelando a lâmina oculta. – Arme-se, você vem comigo! Evie, você também. George, vamos, não há tempo a perder!

Ele havia desdobrado a carta cheio de pânico e encontrou um bilhete em um código que eles não tinham tempo de traduzir. Mas Ajay... o homem do pedido de desculpas enigmático. Não poderia ser o mesmo Ajay que guardava A Escuridão, porque se este homem estivesse em Londres, Ethan já deveria ter sido informado... por outro lado, quem mais poderia ser?

Os quatro saíram apressados para a rua, Ethan ainda afivelando sua lâmina, guardando o revólver no coldre e vestindo o manto ao mesmo tempo, seus dois filhos empolgados em ver o pai em ação.

– Para que lado ele foi, querida? – perguntou Ethan para Evie.

– Para lá – apontou ela. – Em direção à Broadway.

– Então, estamos com sorte. Há obras de encanamento de esgoto na Broadway, ele vai ter de dar a volta e pegar a Oakley Lane. Evie, Jacob e George, vão atrás dele. Com sorte ele vai achar que George sou eu e não vai desconfiar que estou mais à frente dele. Depressa. *Depressa!*

Os dois jovens Assassinos e George saíram em direção à Broadway. Ethan correu até um muro de um vizinho e, com um salto e um rápido movimento das botas, como se estivesse pairando no ar, chegou ao topo e depois saltou.

À sua frente estava o jardim, e, ao olhá-lo, ele sentiu um acesso súbito de inveja involuntária pelo jardim alheio. Sempre havia se perguntado qual seria o tamanho do jardim dos vizinhos, e agora tinha a resposta. Era maior, duas vezes maior que o dele. Encostado às sombras, ele atravessou correndo o jardim e, então, no fim, onde até mesmo os jardineiros tinham medo de pisar, sacou sua

lâmina oculta para desbastar a vegetação rasteira. Atrás da folhagem havia um muro, mas ele o escalou facilmente e caiu numa passagem, do outro lado.

Tudo estava em silêncio. Só se ouvia o constante pingar de água. Ele se esforçou para ouvir e distinguiu ruídos distantes da cidade à sua volta, até finalmente escutar o longínquo barulho rítmico de pés que corriam à sua direita.

Excelente. Ethan saiu correndo silenciosamente pela passagem até chegar ao final, onde aguardou escondido nas sombras. Esforçou-se para escutar, mais uma vez. Os pés estavam mais perto agora. Ótimo. Ajay tinha avistado seus perseguidores e estava fugindo. Toda a sua atenção estaria voltada ao que está atrás dele.

Cano, tijolo solto, peitoril de janela – e Ethan estava no topo do edifício adjacente, sua silhueta destacada contra o céu enluarado. Mas ele sabia que era improvável que sua presa olhasse para cima. Estava quase exatamente em cima dos passos que corriam no beco abaixo dele, e disparou para a frente, indo até o fim do cortiço, e, depois, saltou para o telhado do prédio seguinte.

Deitado nas tábuas que formavam o telhado, ele olhou para a rua embaixo de si e viu quando um vulto de terno marrom entrou apressado no beco, lançando um olhar para trás de si ao fazer isso.

O manto de Ethan flutuou quando ele se balançou na beirada do telhado e depois deixou-se cair no calçamento de pedra mais abaixo, onde sentou-se num caixote e apoiou o queixo na mão enquanto aguardava a chegada de Ajay.

50

Ajay não viu nada até ser tarde demais e, então, foi obrigado a parar, pego de surpresa. Porém, ainda era um ex-Assassino, e ainda pensava como um: instantaneamente avaliou a situação e sacou sua *kukri* enquanto corria, observando a posição, a postura e o corpo de Ethan Frye relaxado, sua mão direita caída ao lado do corpo. Viu um oponente relaxado e vulnerável demais para atacar com sua mão mais fraca, e, portanto, direcionou seu ataque para os flancos – de forma rápida e, se sua análise estivesse correta, decisiva.

Mas, claro, sua análise não estava correta. Estava baseada em suposições que Ethan já havia antecipado, e enquanto a *kukri* de Ajay faiscava em sua direção, a mão do homem mais velho deixou seu queixo e acionou a lâmina em um segundo. Quando a espada de Ajay foi interceptada em pleno ar, ouviu-se um tilintar metálico e, em seguida, um grito de dor, quando Ethan completou a ação com um golpe que decepou metade da mão de Ajay e lhe retirou a espada.

A *kukri* caiu nas pedras junto com um pedaço da mão de Ajay. Com dor e desorientado como estava, ele agiu de forma instintiva: abaixou-se, virou-se e chutou a espada para os fundos do beco, enquanto abaixava-se rapidamente para se desviar de um novo ataque.

Ethan ficou de pé e andou alguns passos para dentro do beco, ainda recuperando-se do espanto do reconhecimento – *Ajay, era Ajay, como diabos ele chegou até aqui?* –, justamente quando o outro homem ia em direção à sua arma, trôpego, e segurando a mão machucada e sangrando junto ao peito, a apanhava com a outra mão.

– Essa é uma luta que você não pode mais vencer – gritou Ethan. Os outros três surgiram por trás dele no beco, e Ajay ouviu sua chegada. Virou-se e viu a saída impedida, e, depois, virou-se novamente para enfrentar Ethan, sabendo, com certeza, que estava tudo perdido.

– Por que você foi até a minha casa? Por que me atacou? – Ethan deu dois passos para a frente, ameaçador. – Não quero machucar você mais, mas se preciso for, é o que farei.

Mais uma vez, Ajay olhou para trás e de novo para Ethan. Depois se empertigou, girando os ombros para trás, e, por entre um último soluço que borbulhou de algum lugar de profunda dor interna, disse:

– Desculpe. Peço desculpas a você, e a Kulpreet, por tudo o que eu fiz.

E, então, cortou a garganta com a espada.

51

Mais tarde, depois que as crianças foram dormir com a imagem mental ainda nítida de um homem sufocando, gorgolejando e tingindo de escarlate o calçamento de pedras com o próprio sangue, George e Ethan retiraram-se para o gabinete. Os dois estavam balançados com o que havia acontecido e atormentados pelas perguntas para as quais não tinham resposta imediata, e por isso tomaram dois copos do melhor uísque escocês de Ethan antes de dizerem qualquer palavra.

(E, depois de descer de fininho as escadas, Evie escutou por trás da porta...)

– Um novo desdobramento, então – disse George.

– Pode-se dizer que sim.

– Inferno!

Ethan olhou para o nada. Estava pensando que precisava mandar a notícia para Amritsar com urgência. Dizer que talvez tivessem agora um Assassino a menos... e pedir notícias de Kulpreet.

– Acho que, olhando pelo lado bom, pelo menos foi um bom treino para a iniciação dos gêmeos – disse ele.

George deu uma risada seca enquanto seu amigo tornava a fitá-lo.

– Essa carta. – Ele ergueu o papel. – Vamos decodificá-la?

Pouco tempo depois, estavam sentados à mesa do gabinete com a carta e vários livros de códigos dos Assassinos abertos à sua frente. E com a tradução. O bilhete de Ajay dizia: “Posição comprometida, necessidade de abortar. Um amigo.”

– Um “amigo” que está caído por aí, não muito distante de Oakley Lane. – George colocou a carta na mesa. O corpo logo seria descoberto. Os dois Assassinos podiam esperar ouvir o som de uma carruagem da polícia a qualquer instante.

– Aquele homem morreu de vergonha – disse Ethan.

Do lado de fora, Evie, agachada, escutava tudo e pensava em Ajay, que morrera de vergonha. Por ter lido nos anais dos Assassinos ela sabia que havia outro homem, Ahamd Sofian, que tirara a própria vida por motivos semelhantes.

– Vergonha. De fato, é o que parece – dizia George. – Um traidor do Credo. Mas quanto terá ele revelado ao inimigo? Que tipo de informação ele pode ter fornecido? Você sempre foi escrupuloso com as informações que me dá; não imagino o que ele possa ter dito a eles.

– George, vamos colocar as coisas assim deste jeito: se você e Ajay tivessem se conhecido, então, você talvez soubesse da maioria dos fatos. Mas se nunca se encontraram? Não há nenhuma possibilidade.

– Mesmo assim, você precisa informar seu Fantasma imediatamente.

Ethan mordeu a parte interna da bochecha, pensativo.

– Não sei. Conheço O Fantasma. Ele vai tender para o lado da cautela e abortar a missão.

– Bem, foi isso o que o bilhete disse para fazermos. – George inclinou o corpo para a frente. Seu rosto estava turvo de incompreensão. – Não sei se dá para acreditar no que estou ouvindo, Ethan. Se você informar isso ao Fantasma e ele decidir levar a operação adiante, então, na melhor das hipóteses, ele tem um otimismo extremo e perigoso e, na pior, é um suicida. Ele tomará a decisão certa se abortar a missão; seria a ação que recomendaríamos se estivéssemos pensando com a cabeça e não com nossos desejos. Seja como for, precisamos contar tudo a ele, para que ele tenha o poder de escolha.

Ethan fez que não. Estava decidido.

– Eu confio no Fantasma. Confio que ele saberá se cuidar. Acima de tudo, confio que ele poderá recuperar o artefato.

– Então também deve confiar que ele saberá tomar a decisão certa.

– Não, George. Sinto muito, mas não posso fazer isso.

Ouviram a sirene familiar da polícia, a distância.

52

E assim aconteceu. Um dia de grande animação. A Metropolitan Railway havia publicado um anúncio nos jornais da noite anterior de que aquela noite representaria um novo início para a linha de trem: Charles Pearson faria o trajeto entre King's Cross e Frarringdon Street, que fora recentemente reaberto. E não só isso: ele percorreria aquele trajeto em *um vagão fechado*. Dizia-se que o novo "vagão fechado" era a última palavra em luxo nas viagens de trem subterrâneo. Somente os dignitários da ferrovia estariam presentes, diziam os anúncios, e o público também estava convidado a testemunhar essa grande ocasião – desde que ficassem do lado certo da cerca.

E o público compareceria. Apesar de o canteiro das escavações ter transformado sua vida num inferno barulhento e enlameado, fechando tanto estradas quanto negócios; apesar de ter desabrigado milhares de londrinos miseráveis – mil e duzentos *somente* em Fleet Valley – e não haver exercido nenhum impacto perceptível nos abastados; e apesar de o projeto estar quase um ano atrasado e seu custo agora estar avaliado em 1,3 milhão de libras.

O público compareceria.

Uma equipe de carpinteiros fora empregada para construir uma escada que descesse até o fundo da entrada das escavações em King's Cross. Diferentemente da viagem inaugural de Gladstone quatro meses antes, que partira de Bishop's Road, a estação subterrânea de King's Cross ainda estava para ser feita. No ano seguinte, seria construída, como um anexo para a estação ferroviária principal (que já existia havia dez anos), com frontões em cada extremidade, pavilhões e

balaustradas. O que hoje eram aberturas que faziam as vezes de pontos de embarque improvisados seriam transformadas em plataformas com escadarias, bilheterias, quiosques embutidos nas paredes e passarelas em cada extremidade.

Por enquanto, porém, mal passava de um buraco feio no chão, e, para acomodar os altos executivos da ferrovia e suas esposas, foram construídas escadas, e as aberturas foram cobertas com tábuas como se fossem plataformas, e, em vez das tochas que os operários haviam usado para trabalhar à noite, agora havia lampiões ao longo da superfície da trincheira e também mais abaixo.

Tudo aquilo contribuía para aumentar o clima de comemoração. O sinal costumava soar três vezes ao meio-dia para sinalizar a mudança de turno, mas hoje não haveria outro turno. Os operários estavam dispensados. Podiam ficar para assistir, claro, desde que ficassem do lado certo da cerca, mas também podiam passar seu tempo de folga bebendo cerveja em bares chamados Frango Bêbado, Laranja Curiosa ou Sol Nascente, ou então com suas famílias: a escolha era deles. Seja como for, pela primeira vez em dois anos não se ouviria o barulho das ferramentas no noroeste de Londres, nem o chacoalhar das locomotivas, nem o balançar dos baldes de couro destacados contra o horizonte. Nem o barulho incessante das esteiras.

Isso não queria dizer que não haveria operários no canteiro. “Queremos que os medalhões vejam trabalhadores de verdade, não aqueles malditos pés-rapados”, dissera Marchant, e, assim, um batalhão de operários falsos havia sido convocado. À primeira vista, esse novo grupo de trinta ou quarenta operários enganavam pela aparência, andando à maneira dos verdadeiros, mas olhando de perto ficava claro que eram mais inteligentes e mais sérios do que estes. Não só isso: enquanto aguardavam a chegada dos dignitários, não se ouvia nenhuma risada nem piada, e não se via nenhuma brincadeirinha de roubar o boné um do outro nem de montar jogos de críquete improvisados. O Fantasma sabia que aqueles operários de aparência poderosa serviam mais do que simples decoração: eram Templários.

Enquanto o dia se transformava em noite, constatou mais uma coisa: não seria capaz de tirar a vida de um inocente. E não permitiria que isso acontecesse.

53

Abberline ouviu falar do percurso, mas primeiro voltou para casa para checar como estava Aubrey.

– Acha que consegue ir? – perguntou.

– Não, Freddie, mas vá se tiver ânimo. Diga um oi à turma por mim. Você vai de uniforme, não é?

Abberline olhou para si mesmo.

– Imagino que nossos amigos vão ter mais com o que se preocupar do que ficar me procurando no meio das pessoas. Além do mais, com meu uniforme de policial, consigo passar pela multidão com mais facilidade. Ainda tem gente que respeita a lei. Ah, mais uma coisa.

Da gaveta de sua escrivaninha de tampo corrediço, Aberline retirou uma luneta naval. Ele a estendeu e em seguida a fechou com um barulhinho que o deixou satisfeito.

– Acho que posso precisar disso – disse ele, e depois saiu para a noite amena de setembro, sentindo um pouco de culpa por ter deixado Aubrey em casa, verdade seja dita; afinal, não fazia tanto tempo assim que ele, Abberline, é quem estava melancólico, e Aubrey é que o consolara. Como Abberline havia retribuído o favor? Exato. Não havia retribuído. Tinha saído para olhar embasbacado os medalhões fazendo uma viagem de trem quando devia na verdade estar investigando que artimanha Cavanagh estava aprontando. Sua melhor hipótese é que aquilo seria uma fraude, alguma espécie de esquema de

desvio de dinheiro. O problema era não saber – não saber como fazer Aubrey voltar em segurança para sua família.

Absorto em pensamentos, foi caminhando por uma rua lotada de tráfego, onde o ar parecia estalar com o barulho constante dos cavalos e das carruagens. Um ônibus passou, cheio de homens no deque superior, e para Abberline suas cartolas pareceram chaminés. À distância, chaminés verdadeiras, das fábricas, poluíam o East End com rolos de fumaça negra e espessa.

Como previsto, havia uma grande multidão em King's Cross, e ele agradeceu por estar de uniforme policial enquanto se acotovelava para abrir caminho até a cerca que circundava o canteiro de obras. *Hipócrita*, pensou. Você não é diferente deles usando seu próprio status quando lhe convém. A sua volta viu as pessoas que sempre compareciam a eventos como aquele: famílias carregando crianças nos ombros, curiosos, homens de terno e mulheres com toucas, um ar generalizado de expectativa. Abberline lhes deu as costas e segurou com as mãos os dois postes da cerca, sentindo-se um prisioneiro, enquanto olhava para a frente.

Que diferença. No lugar onde antes ficava a entrada da escavação, ele avistou uma nova estrutura de madeira com degraus que iam para baixo. Todo o canteiro tinha sido arrumado. Vagões de carga e carrinhos de mão estavam agora estacionados organizadamente na extremidade do local, e não havia mais nenhum monte de detritos à espera de remoção: apenas uma extensão vazia de lama, uma série de lampiões acesos e a trincheira em si, onde haviam pendurado lampiões também, de modo que ela quase parecia bela, como um parque de atrações.

Quanto ao túnel, tinha sido coberto em sua maior parte. O que passara tanto tempo sendo uma fossa na terra agora era uma autêntica linha ferroviária. Tudo fora coberto, exceto um pequeno trecho, situado próximo às escadas recém-construídas, que aguardava o processo de encobrimento. Mas, fora isso, Abberline estava diante de uma verdadeira ferrovia subterrânea.

Lá estavam eles, os homens que ajudaram a fazer aquilo acontecer – diversos figurões da Metrolitan Railway Company, que ele não reconheceu, e mais alguns rostos familiares: Cavanagh, Marchant e dois dos torturadores, o Sr. Smith e o Outro Sr. Hardy (aliás, isso era interessante, onde estaria o terceiro, o encantador

Sr. Hardy?). Uma coisa era preciso admitir em relação àquele bando assassino, pensou ele. Seja lá quais tenham sido suas tramas, seus esquemas, os crimes que perpetraram em nome da linha de trem subterrâneo, no fim, eles conseguiram. Conseguiram acabar a maldita construção.

Junto deles estava o rapaz indiano, o tal de Bharat Singh. Abberline voltou a luneta para aquele rosto belo e implacável. Havia algo diferente nele hoje, pensou o policial. Seus olhos pareciam nervosos. Abberline continuou olhando com a luneta enquanto as apresentações eram finalizadas e o grupo começava a atravessar a extensão de lama em direção à nova escada. Os operários da Railway Company começaram a bater palmas educadamente enquanto eles passavam.

Eles alcançaram a escada, mas, antes de descer, precisavam cumprimentar um grupo de contramestres. O Sr. e a Sra. Pearson foram chamados para a frente. Mais apertos de mão, quando eles foram apresentados aos contramestres por Bharat Singh.

Quando tudo isso terminou, Cavanagh agradeceu os contramestres e estes, de chapéus na mão, retiraram-se. Bharat fez menção de ir embora também, mas Abberline percebeu que Cavanagh levantou a mão, segurou o braço de Bharat e o conduziu até a escada.

Eles sumiram. Os contramestres de chapéu na mão se afastaram, os figurões da ferrovia ficaram ali parados consultando seus relógios e esperando a sua vez, e a fileira de operários ficou onde estava, como se fossem uma guarda de honra (ou quem sabe apenas uma guarda). Então, um silêncio estranho desceu sobre o canteiro, até que, do túnel, veio o assovio de uma locomotiva e grandes rolos de fumaça atravessaram as tábuas do trecho não coberto enquanto o maquinista punha fogo na caldeira.

O trem estava prestes a partir.

Mais além, perto da cerca, situava-se um local fechado onde as carruagens dos figurões foram estacionadas. Ali ficavam os motoristas, batendo papo, fumando cachimbo ou cuidando dos cavalos.

Embora não houvesse nada de incomum naquela cena, o olhar de Abberline fixou-se nela – para lá ele apontou sua luneta. Por algum motivo teve a certeza de haver visto algo de estranho, como se tivesse entrado num cômodo familiar onde um dos móveis tivesse sido tirado de lugar, sem que ele não soubesse disso.

Então, percebeu. Como tinha demorado tanto para notar? Ali de pé perto da cerca, com ar confiante e os olhos voltados para os acontecimentos que se passavam dentro do túnel, estava um homem de manto branco.

54

O Fantasma tinha visto o futuro. Era um futuro em que ele seria iniciado na Ordem dos Templários, e quanto mais confiavam nele, mais próximo ao círculo reservado ele ficava, e mais valioso se tornava para os Assassinos.

Isso significava que não o deixariam partir. Mesmo quando sua missão acabasse, eles o obrigariam a ficar, e ele teria de obedecer, porque a vida do inocente Charles Pearson teria comprado sua passagem até o purgatório.

Ele não estava preparado para fazer isso, portanto, resolveu que quando Cavanagh o dispensasse, ele seguiria até o vagão fechado, conforme o combinado, e ali comunicaria sua decisão a Ethan. Que ele estava fora.

Desarmaria Ethan, se fosse necessário. Ele o feriria, se fosse preciso. Mas terminaria aquela história agora.

O problema é que Cavanagh não o dispensou. O diretor o chamou até a escada:

– Sabe, mudei de ideia. Acho que você deveria ver isso.

E, então, desceu junto com o restante da comitiva.

Ele olhou para seu chefe sem entender. *Eu deveria estar me posicionando.* Entretanto, com um meneio rápido da cabeça, como se dissesse “não se preocupe”, Cavanagh ignorou aquilo. Por quê? Sua mente se pôs a pensar depressa. Haveria tempo, mais tarde? Que jogo seria aquele de Cavanagh? Seria tudo aquilo parte de um teste do valor do Fantasma?

Ou seria outra coisa?

Diante da plataforma improvisada estava uma locomotiva com dois vagões. O grupo dirigiu-se ao primeiro, com Cavanagh na frente de todos.

– Como podem ver, o nosso mais novo vagão é extremamente confortável – declarou Cavanagh, recebendo os Pearsons com um floreio. – Os compartimentos e apoios para o braço da primeira classe impossibilitam a superlotação, enquanto os assentos estofados em couro garantem que até mesmo os nossos passageiros da segunda classe desfrutem do maior conforto em todo o trajeto.

– Mas não há janelas – observou a Sra. Pearson com um toque de pânico.

– Ah, sim – disse Cavanagh. – Mas não é necessário janelas num trem subterrâneo, Sra. Pearson. Além do mais, os passageiros da primeira classe terão o benefício da iluminação a gás. O gás é transportado em longos sacos de borracha conservados em caixas no alto dos vagões, e assim que partirmos a senhora verá que a iluminação a gás fornece luz o suficiente para ler um jornal.

Eles se acomodaram em seus assentos. Os Pearsons e Cavanagh ficaram à frente, enquanto o restante da comitiva, mais aos fundos, perto de uma porta que dava acesso ao segundo vagão.

O Sr. Pearson tamborilou animadamente a ponta da sua bengala sobre as tábuas. O maquinista surgiu diante da porta aberta, fez um sinal de positivo com a mão enluvada, sorriu para os dignitários e, em seguida, fechou a porta e voltou a entrar na locomotiva. Os lampiões a gás tremularam, mas mantiveram a escuridão a distância, exatamente como Cavanagh dissera que aconteceria.

Com um estrondo metálico e um ruído alto, o trem iniciou a partida.

O Fantasma sentiu os olhos de Marchant sobre ele. Os capangas também estavam olhando para ele. Aqueles olhos eram os olhos de homens famintos pelo seu jantar. A ausência de um deles – até então inexplicada – começou a incomodá-lo. Do outro lado do vagão, os Pearson e Cavanagh entabulavam uma conversa educada, mas O Fantasma não estava escutando. Estava perguntando a si mesmo que malícia se escondia por trás dos olhares de seus colegas.

O trem estacionou em Farringdon Street e soltou um grande rolo de fumaça. Instantes depois, o maquinista abriu a porta do vagão e espiou dentro, a fim de conferir como estavam os passageiros e receber os elogios do Sr. e da Sra. Pearson pelo trajeto tranquilo. Pouco tempo mais tarde, eles já tinham partido

para a viagem de retorno até King's Cross. O Sr. Pearson enfiou a mão no bolso para pegar seu relógio e conferir o tempo da viagem.

Mas...

– Onde está meu relógio? – perguntou, tateando em busca dele, mas sem encontrá-lo.

O trem continuou em frente, barulhento.

– O que foi, querido? – perguntou a Sra. Pearson. Cavanagh havia inclinado o corpo para a frente fingindo preocupação. O Fantasma começou a sentir uma nova onda de pânico e ousou ter esperanças de que o Procurador de Londres houvesse simplesmente se esquecido de onde colocara o relógio de bolso, mas de alguma maneira sabia que a coisa ia além disso; sabia que, seja lá o que estivesse acontecendo, ele estaria envolvido.

Agora todos os olhares do vagão tinham se voltado para o Sr. Pearson, observando-o enquanto ele tateava sua barriga.

– Não, não. Meu relógio e sua corrente decididamente sumiram.

– Quando foi a última vez que se lembra de estar com ele, querido? – A voz da Sra. Pearson, que falava alto para sobrepujar o barulho da locomotiva, parecia tremer junto com o trem.

– Não consigo me lembrar.

– O senhor estava com ele na plataforma – gritou o Outro Sr. Hardy, do outro lado do vagão. Ele sorriu para O Fantasma, antes de continuar: – Se é que me permite dizer isso, senhor, mas eu o vi retirá-lo do bolso e olhar as horas.

– Ora, bem, é um alívio. Então, deve estar aqui em algum lugar... – O Sr. Pearson apoiou a bengala nas tábuas e se levantou, trêmulo, já lutando contra o movimento do trem.

– Charles, sente-se – repreendeu a Sra. Pearson. – Sr. Cavanagh, se pudesse ter a bondade de pedir que seus homens procurassem o relógio...

– Claro, madame.

Enquanto Marchant e os dois torturadores fingiam procurar a peça, O Fantasma pensava rápido, tentando desesperadamente encontrar uma solução. Sem dar na vista, conferiu os bolsos de seu paletó, para o caso de terem plantado o relógio nele; depois olhou para os dois torturadores, e pegou-os sorrindo zombeteiramente para ele.

Não, eles não haviam plantado o relógio nele. Ainda não.

– Nada de relógio por aqui – declarou Marchant, aprumando o corpo e apoiando a mão na estrutura do vagão.

O Fantasma, sabendo exatamente o que estava acontecendo, ficou sentado imóvel, como se assistisse a toda a cena através de um vidro. Cavanagh seguia o roteiro, fingindo preocupação com o pobre relógio perdido do Sr. Pearson.

– Preciso então pedir que vocês, homens, revirem os bolsos para vermos – disse ele. – Não, melhor ainda... Que revirem os bolsos uns dos outros.

Eles fizeram como ordenado. Desempenharam aquela farsa. O Fantasma estava quase duro de tensão, àquela altura, sabendo o que estava acontecendo, mas incapaz de fazer qualquer coisa.

Sentiu alguém puxar seu casaco.

– Ah, minha nossa, senhor – disse um capanga, não importa quem, porque a armadilha já tinha sido armada. – Acho que encontrei o relógio do Sr. Pearson. Estava no bolso do jovem Bharat.

Ele levou o relógio até o Sr. Pearson, que o identificou como seu e, com um olhar magoado ao Fantasma, guardou-o no bolso. Enquanto isso, Cavanagh se levantava, a própria imagem da fúria, um homem cuja confiança fora traída na pior circunstância possível.

– É verdade? – perguntou ele ao Fantasma com uma cara feia. – Você roubou mesmo o relógio?

O Fantasma não disse nada, simplesmente ficou olhando para ele, mudo.

Cavanagh virou-se para o Sr. e a Sra. Pearson.

– Sr. e Sra. Pearson, ofereço-lhes minhas mais sinceras desculpas. Isso é algo completamente sem precedentes. Prenderemos Bharat. Sra. Pearson, posso pedir que um dos meus homens a acompanhe até o vagão anexo a este, para que a senhora se afaste desse ladrãozinho? Temo que ele possa causar problemas.

– Sim, querida – disse o Sr. Pearson, com uma expressão preocupada. – É melhor você ir.

Marchant foi cambaleando pelo vagão em direção à Sra. Pearson e deu-lhe um sorriso dissimulado ao estender a mão para acompanhá-la para longe da confusão que supostamente estaria se armando. Ela saiu, obediente como um

cordeiro, lançando um olhar de medo e incompreensão para O Fantasma ao se afastar.

Agora, eles ficaram sozinhos.

Em seguida, o trem estacionou em King's Cross, Cavanagh sacou um punhal com cabo de madrepérola e cravou-o no peito do Sr. Pearson.

55

Cavanagh abriu a porta do vagão para chamar o maquinista, parabenizando-o pela viagem tranquila e dizendo que eles desceriam em breve.

E, então, fechou a porta e voltou até o lugar onde o Sr. Pearson estava caído, balançando as pernas fracamente enquanto a vida se esvaía dele. Cavanagh enfiara o punhal diretamente em seu coração antes de retirar a lâmina, e Pearson não emitira nenhum som; no vagão ao lado, sua esposa nem desconfiava de que o diretor da Metropolitan Railway acabara de matá-lo.

Antecipando que talvez O Fantasma esboçasse alguma reação, os dois torturadores o seguraram e o prenderam no assento. Cavanagh sorriu.

– Ah, meu Deus – disse –, o jovem rufião indiano acabou de matar Charles Pearson. – Limpou a lâmina no corpo de Pearson e guardou-a na bainha; depois, olhou para O Fantasma. – Você jamais teria feito isso, não é?

O Fantasma olhou para ele, tentando não entregar coisa alguma, mas sentindo que agora era tarde demais para isso.

– "Zarabatana", essa foi boa – disse Cavanagh. – Gostei. Você me dizer que queria usar uma zarabatana forneceu tudo o que eu precisava saber. Também forneceu tudo o que precisávamos saber, e mandei um grupo de homens para prender e possivelmente matar (não posso dizer que o que ele vai fazer tem tanta importância para mim) seu amigo e meu inimigo, Ethan Frye.

O trem pareceu relaxar enquanto a locomotiva soltava fumaça. O Fantasma pensou em Ethan. O guerreiro nato Ethan, especialista em múltiplas situações de combate. Mas ao mesmo tempo o descuidado Ethan, sujeito a cometer erros.

– Melhor que ele morra, Jayadeep, e o mesmo vale para você. Ah, isso o surpreende, não é mesmo? Que eu saiba seu nome. Que saiba seu nome, que saiba seu ponto fraco, que saiba que seu protetor estaria presente para assumir uma tarefa que você não teria tutano para cumprir. O jogo acabou, receio. Você jogou bem, mas perdeu. O Sr. Pearson morreu, os Assassinos foram aniquilados, e eu tenho meu artefato.

O Fantasma não foi capaz de esconder um novo olhar de surpresa.

– Ah, sim, tenho o meu artefato – sorriu Cavanagh, adorando aquele momento. – Ou melhor dizendo... – Ele esticou o braço para pegar a bengala do Sr. Pearson. – Agora eu o tenho.

Ele levantou a bengala e O Fantasma viu que o manípulo era uma esfera cor de bronze, com cerca de três centímetros de diâmetro. – Aqui – disse Cavanagh, e seus olhos estavam incendiados, os lábios repuxados por cima dos dentes, com uma expressão esquisita e feia de amor à primeira vista. – *Este* é o artefato. Foi recuperado pelos operários algumas semanas atrás e entregue ao Sr. Pearson como um sinal de sua afeição. E o Sr. Pearson gostou tanto dele que o transformou no manípulo de sua bengala. Porém, agora, o Sr. Pearson está andando com os anjos. E não vai mais precisar da bengala.

De pé diante do estacionamento de carruagens, Ethan Frye havia observado os dignitários descerem os degraus da escada, querendo entender por que haviam levado consigo O Fantasma – e tentou não dar importância a uma sensação de inquietude, com receio de que algo ali não estivesse cheirando bem.

Depois ele vira as grandes emissões de fumaça que o trem soltou ao sair de King's Cross, e aguardou até que ele fosse e retornasse de Farringdon Street, pacientemente, esperando a saída do Sr. e da Sra. Pearson, ousando acreditar que tudo continuaria de acordo com o plano. *Desculpe, Sr. Pearson*, pensou, e pegou a zarabatana escondida embaixo do seu manto.

Em algum lugar no meio das carruagens, Ethan estava sendo observado. Estava sendo observado por um homem que sacou um punhal que cintilou ao luar, e que em seguida sorriu, revelando um dente de ouro.

* * *

Ao se aproximar, Abberline percebeu que não era o único que abria passagem até o estacionamento. Do meio da multidão materializou-se um grupo de operários que também estava se dirigindo para lá. Ele parou e ergueu a luneta, inclinando o corpo para a frente por cima da cerca para mirá-la no homem de manto. Ele estava parado, sem desconfiar do perigo iminente, ainda à plena vista e, de alguma maneira, invisível. Abberline viu que ele segurava algo ao lado do corpo e que parecia... bom Deus, seria mesmo uma zarabatana?

Agora ele mirou a luneta no meio das carruagens. Os operários continuavam seu caminho até lá, e além disso...

Abberline conteve a respiração. Ora, se não era seu velho amigo Sr. Hardy. O torturador estava de costas para ele, mas mesmo assim era ele, sem sombra de dúvida. Abberline observou o Sr. Hardy trocar olhares com um dos operários e dar-lhe uma piscadela.

A armadilha estava prestes a ser ativada.

Abberline começou a andar mais depressa em direção ao estacionamento. Não se importava mais com homens de manto nem se eles estavam do lado bom ou do mau. O que importava para ele era mandar um cumprimento de Aubrey para o Sr. Hardy. Tinha o cassetete na mão enquanto abria passagem pela multidão e depois pulava a cerca do estacionamento das carruagens. Ziguezagueou por entre as carruagens estacionadas. Mais uma vez ficou feliz por estar com o uniforme de policial quando um dos operários que se aproximava viu-o e deu meia-volta, fingindo interesse em alguma coisa atrás de si. Agora ele estava a pouca distância de Hardy, e o torturador ainda estava de costas para ele, ainda observando o homem de manto. O que ele e o homem de manto tinham em comum é que ambos consideravam-se o caçador e não a presa, e foi por isso que Abberline conseguiu surpreender Hardy por trás sem ser notado.

– Com licença, senhor, mas posso perguntar o que está fazendo no estacionamento das carruagens?

– *Negócios* – respondeu Hardy, virando-se. – Não é da sua maldita conta o que eu...

Ele não chegou a dizer a palavra "estou".

Aliás, ele não voltaria a dizer a palavra "estou" novamente, porque Abberline bateu o cassetete em sua cabeça com toda a força que pôde. Foi um ataque poderoso, indigno de um representante da lei, porém Abberline agora tinha parado de pensar como um representante da lei. Estava pensando nas semanas de dor. Estava pensando nas cicatrizes deixadas pelas soqueiras de metal. Estava pensando em um homem que tinha sido abandonado como morto. E bateu com aquele cassetete com toda a sua força, e no instante seguinte o Sr. Hardy estava com a boca cheia de sangue e dentes, caído na terra a seus pés.

À sua direita, Abberline avistou um operário poderoso que vinha até ele, com os dentes à mostra e um porrete em uma das mãos. Viu outros operários se aproximando também, mas, por entre as carruagens, Abberline avistou o homem de manto, que percebeu a confusão às suas costas e começava a se virar, tenso. Ao mesmo tempo, Abberline sentiu o porrete do operário em sua têmpora e aquilo o derrubou, desorientado, com os olhos lacrimejando e a cabeça estourando de dor, a pouca distância de onde o Sr. Hardy já estava se pondo de joelhos, com o queixo num ângulo esquisito e os olhos inflamados de fúria – e um punhal que cintilou na escuridão em direção a Abberline.

Abberline saiu rolando pelo chão, mas viu-se preso entre as pernas e os pés de um dos operários. Olhou para cima e viu o homem, com uma lâmina na mão.

– *Deixe ele comigo* – disse Hardy, mas, por causa do seu ferimento, aquilo saiu mais parecido com *deixeligo*. O operário entendeu o que ele quis dizer e não fez nada enquanto Hardy, cuja parte inferior do rosto era uma máscara de sangue, saltava para cima de Abberline, com o cotovelo esticado para trás, prestes a apunhalá-lo.

– *Pare!* – ordenou o homem de manto, e Hardy parou no meio do golpe ao sentir o mecanismo da lâmina oculta do Assassino afundar na pele do seu pescoço.

– Mande seus homens pararem – disse Ethan.

Eles ouviram os reforços correndo depressa até lá.

Hardy disse alguma coisa, que com sua mandíbula quebrada saiu parecido com *vaprinfer*, mas Ethan Frye entendeu o que ele quis dizer e abriu a garganta do Sr. Hardy com sua lâmina, que emergiu manchada de sangue e brilhando por

baixo do queixo dele. Ao mesmo tempo, com a outra mão Ethan sacou seu revólver. Um tiro varou a noite, e o operário que estava segurando Abberline caiu por entre as carruagens. Ethan virou-se. Seu revólver tornou a disparar, e depois de novo e de novo, e mais corpos caíram por entre as carruagens. No primeiro tiro, o pânico já tomara conta da multidão, e seus gritos assustaram os cavalos. Os cocheiros, aterrorizados, atiraram-se no chão.

A munição de Ethan tinha acabado, mas o ataque fora interrompido, por isso ele correu até onde Abberline estava.

– Meu nome é Ethan Frye – disse ele, estendendo a mão para ajudar a levantar Abberline da terra. – E, pelo visto, eu lhe devo um favor. Não esquecerei disso, policial Abberline. A Irmandade gosta de pagar suas dívidas. Agora, se me dá licença, tenho um negócio urgente a tratar.

Com isso, ele pulou a cerca e disparou por cima da extensão de lama, em direção à entrada do túnel. Homens de terno se afastaram ao ver aquele vulto enlouquecido correndo pelas tábuas em sua direção. Mas, o que é mais importante, o esquadrão de operários também o viu chegar, mas como eram apenas quatro entre ele e a escada, não se preocupou muito e sacou a zarabatana escondida no seu manto. Sem parar de correr, pegou dois dardos em seu cinto, prendeu-os entre os dentes, trouxe a zarabatana para perto do primeiro, carregou-a e atirou.

O homem mais próximo caiu com um dardo envenenado no pescoço. Por deferência ao Sr. Pearson, Ethan confeccionara um veneno caro que era indolor e de ação rápida. Fora a picada no pescoço, o homem não sentiria nada. Se soubesse que acabaria tendo de usar aquilo contra os Templários, teria usado o veneno barato.

Recarregou a zarabatana, disparou o segundo dardo. Outro homem tombou. Um terceiro sacou um alfanje de dentro do paletó e começou a caminhar até ele, xingando Ethan. Sua boca brilhava de saliva e ele era lento. Ethan não se vangloriou em nada por se defender facilmente do primeiro golpe, antecipar com a mesma facilidade o segundo golpe e, depois, ir para cima do homem e cravar nele sua lâmina. Girou o corpo depressa para evitar a última tosse cheia de sangue do moribundo e enfrentar finalmente o quarto homem. Este era melhor, mais rápido, mais preocupante. Também tinha um alfanje e também veio para

cima de Ethan com um golpe que ele interceptou no mesmo instante. Trocaram mais dois golpes antes de Ethan aniquilá-lo.

Os outros operários estavam perto, mas ele atingiu a escada antes disso, sem se dar o trabalho de usar os degraus, descendo pelas vigas de madeira até suas botas encontrarem as tábuas da plataforma improvisada. Ali, à sua frente, estava o trem parado. Não havia nada de estranho à primeira vista.

Justamente nesse momento, sentiu a terra tremer. Um tremor inconfundível. O suficiente para desequilibrá-lo. As vigas do teto do túnel não concluído começaram a cair.

Dentro do vagão, O Fantasma viu Cavanagh inclinar-se e esmagar a bengala no chão, sacando a esfera antes de atirar o resto da bengala para longe. Sorrindo, o diretor exultante ergueu o artefato para inspecioná-lo melhor. Seus olhos gananciosos foram do globo de bronze para O Fantasma, os dois torturadores olharam para o globo, e até mesmo O Fantasma sentiu um tremor de algo indefinível no ar, como se o artefato houvesse encontrado seus adoradores e estivesse se exibindo para eles. Pensou em shows de luzes e em conhecimento profundo – mas viu, em vez disso, morte e destruição, grandes explosões em campos de batalha, e se perguntou o que ele teria ajudado a libertar no mundo. Sua missão fora recuperar aquele artefato, ou, no mínimo, impedir que caísse nas mãos do inimigo. Ele havia falhado.

– Estão sentindo? – perguntou Cavanagh então. A esfera parecia cintilar em sua mão, e, sim, a menos que todos estivessem tendo a mesma alucinação, estavam sentindo.

Era como se aquilo estivesse zumbindo.

De repente, a porta do vagão adjacente se abriu, e Marchant entrou novamente, batendo em seguida a porta e isolando-os da Sra. Pearson, a inocente Sra. Pearson, que sem dúvida estaria se perguntando quando eles iriam desembarcar.

– Ethan Frye está vindo – anunciou Marchant, sem fôlego. No mesmo instante, as ondas de energia que pareciam emanar da esfera aumentaram de intensidade.

– *O quê?* – exclamou Cavanagh.

– A Sra. Pearson queria sair, portanto, abri a porta. Então, vi Ethan Frye no alto da escada.

– Ele viu você?

– Estava de costas para mim. Estava de costas para...

A porta do vagão se abriu. Ao mesmo tempo, reagindo depressa, Cavanagh girou o corpo e sacou o punhal. Ouviram um grito breve junto à porta.

Ethan, pensou O Fantasma. Mas foi o corpo do maquinista que caiu dentro do vagão.

Todos eles sentiram. A terra parecia estar se mexendo. Ouviram um nítido rumor, e Cavanagh olhou para o objeto em sua mão com um olhar terrível, embriagado de poder. E teria sido imaginação do Fantasma ou o objeto brilhou com mais intensidade, quase se exibindo? *Olhem para mim. Veja, o que sou capaz de fazer.*

E, então, o mundo desabou.

56

O deslizamento fez com que os bancos de terra próximos se movessem. E embora os túneis tenham suportado a pressão, o teto improvisado acima do vagão saiu do lugar e desmoronou, caindo com força sobre ele. O teto do vagão rachou e cedeu, fazendo chover lascas de madeira nos que estavam dentro. Aquilo deu ao Fantasma a chance de que ele precisava. Ele se soltou dos torturadores.

– Ethan! – gritou, e saiu porta afora para entrar no vagão anexo, onde a Sra. Pearson estava sentada aos berros, aterrorizada, com as mãos sobre a cabeça, e, ao ver o indiano, começou a berrar ainda mais alto – e passaria o resto da vida berrando, acreditando que o indiano havia matado o seu marido.

O Fantasma escancarou a porta do vagão e saltou para a plataforma – e quase trombou com Ethan Frye.

– Mate-o! – gritou Cavanagh com uma voz que parecia ter saído das profundezas do inferno. – Matem os dois!

Os dois torturadores saíram depressa pela porta do vagão, bloqueando a passagem, enquanto operários chegavam por trás. O Outro Sr. Hardy enfiou a mão no paletó e sacou um revólver, que mirou no Fantasma.

Sem se alterar, O Fantasma foi para cima dele, desejando ter consigo uma lâmina, mas resolvendo que a ponta endurecida dos seus pés descalços teria de servir. Pareceu quase girar no ar ao saltar e derrubar o revólver com um chute, para, em seguida, dar outro chute no queixo poderoso no homem, que levou sua cabeça para trás.

A arma foi lançada para longe, e os dois homens se engalfinharam na plataforma, mas O Fantasma foi o primeiro a reagir. Chutou de novo, só que dessa vez na parte de baixo do queixo do Outro Sr. Hardy. Ouviu um barulho de algo se esmagando que significava que o homem ou estava morto ou nocauteado, e para O Fantasma, tanto fazia.

Enquanto isso, Ethan desfrutava da companhia do Sr. Smith. O segundo torturador havia sacado uma adaga de lâmina comprida e vinha para cima dele brandindo-a descuidadamente, sem a menor chance de vencer o Assassino no combate. Dito e feito: Ethan deu um passo para o lado, desviando-se, sentiu o clique reconfortante do mecanismo em seu antebraço quando sua lâmina saltou e, em seguida, enterrou-a no pescoço do homem.

De repente, o terremoto pareceu aumentar de intensidade. Ao mesmo tempo, Cavanagh irrompeu do vagão e saiu para a plataforma, ficando diante deles. Seu punhal ainda estava enterrado no maquinista, mas agora ele não precisava mais dele. Não agora, que ele tinha o artefato. A esfera cintilou e pareceu pulsar no mesmo ritmo dos tremores.

A seis metros dali, Ethan e O Fantasma trocaram um olhar amedrontado quando Cavanagh ergueu o artefato diante de si, como se o oferecesse aos deuses. Ouviu-se um grande gemido da madeira e, em seguida, um aumento repentino do dilúvio acima. À distância, era possível ouvir os gritos dos espectadores aterrorizados com o súbito terremoto – um terremoto que agora aumentava de intensidade, como se respondesse ao artefato cintilante. O rosto de Cavanagh abriu-se num sorriso maníaco e seus olhos se transformaram, até já não restar mais nenhuma humanidade no homem que passara a vida enterrando essa mesma humanidade em favor da ambição e da corrupção.

Ele não notou Marchant aproximando-se dele.

Não viu que Marchant havia retirado o punhal com cabo de madrepérola do corpo do maquinista.

– Crawford Starrick lhe manda seus cumprimentos – berrou o homem por cima do estrondo da abertura do túnel caindo ao redor deles, e, então, enterrou o punhal na axila de Cavanagh.

Os olhos do diretor se arregalaram de dor, espanto e incompreensão diante daquela mudança repentina no curso dos acontecimentos. O ritmo pulsante do

artefato desapareceu enquanto ele caía de joelhos, com a frente do terno já cintilando o brilho negro do sangue que escorria do seu ferimento. Ele olhou de Marchant para os dois Assassinos e depois tombou para diante. E talvez naquele último momento de sua vida um pouco de si mesmo tenha retornado, o suficiente para pensar em todo o mal que ele causara, e antes de abandonar este mundo com um ruído de sufocamento molhado à medida que seus pulmões se enchiam e ele afogava em seu próprio sangue, O Fantasma torceu para que o sipai sem nome estivesse presente para recebê-lo no inferno.

Os operários tomaram conta da plataforma atrás deles enquanto Marchant apanhava o artefato – e Ethan Frye dava um salto para a frente para roubá-lo de suas mãos. Tudo isso aconteceu num átimo de segundo antes de uma das vigas de madeira cair sobre o suprimento de gás localizado no topo do “vagão fechado” novinho em folha da Metropolitan Railway e este explodir em chamas.

57

Ethan e O Fantasma mergulharam no chão para se proteger, atirando-se para dentro do túnel. Atrás deles havia o incêndio, um pandemônio e muito barulho, e depois de um instante em que os efeitos posteriores da explosão passaram, ouviram Marchant berrando para os operários:

– Atrás deles! Atrás deles!

Então, eles deram meia-volta e seguiram na direção oeste, de volta para Paddington.

– Tenho algo para lhe contar – disse Ethan, enquanto eles corriam por entre os trilhos do trem, na mais completa escuridão. Seus sentidos aguçados os conduziram ao longo do túnel o mais depressa que eles se arriscavam a ir, até eles se encontrarem embaixo da saída de vapor em Leinster Gardens, e lá subiram até a superfície, onde estariam seguros. Dito e feito: o grupo de operários passou correndo logo abaixo. Eles nem sequer olharam para cima.

Por um momento houve silêncio, enquanto os dois homens tentavam e não conseguiam entender tudo o que havia acabado de acontecer.

– O que você tem para me contar? – indagou O Fantasma, os ombros subindo e descendo enquanto recuperava o fôlego, com medo do que estaria prestes a ouvir.

Ethan deu um suspiro.

– Isso tudo é minha culpa – disse. – Eu recebi um aviso.

– Como assim, *aviso?*

Ethan contou ao Fantasma sobre Ajay e observou a tristeza cobrir o rosto do rapaz.

– Como você pôde? – perguntou O Fantasma, por fim.

Ethan, desolado, respondeu:

– Achei que seria o melhor.

– Achou errado.

Novamente fez-se silêncio. Este foi rompido por Ethan, que disse, baixinho:

– Será que eu fui o único a cometer um erro de julgamento? Como eles puderam identificar você, Jayadeep?

O Fantasma lançou-lhe um olhar furioso:

– O que eu fiz foi pelo desejo de ajudar um companheiro. Não é assim que se faz? Não é assim que os Assassinos fazem?

– É. Mas se você se desculpar nesses termos então precisa me desculpar também, porque eu fiz o que eu fiz pelo bem de *todos* os homens.

– Você estava tão obcecado com o artefato quanto ele.

– Se eu estava obcecado, então era em garantir que não caísse nas mãos erradas, e, agora que o vimos em ação, eu sei que tinha razão em me preocupar.

Tinham dito ao Fantasma que ele veria shows de luzes ou um belo talismã na presença do artefato. Mas, em vez disso, o que ele viu foi completamente diferente.

– Bem, agora está em mãos erradas – disse.

– Mas não por muito tempo.

De lá de baixo veio um grito.

– Vamos, homens! Precisamos chegar ao túnel.

– Em breve o caminho estará livre – disse Ethan, tamborilando as mãos na terra, frustrado. – Porém, o artefato já deve estar na metade do caminho até Starrick.

O Fantasma não estava ouvindo. Que Ethan ficasse preocupado com artefatos, problema dele. Ele não se importava mais. Estava pensando sobre a ordem que tinha acabado de ouvir. "O túnel". Os Templários sabiam sobre Maggie – sabiam que uma maneira de chegar até ele era por meio dela, e chegando nele, chegariam a Ethan. Talvez o simples fato de possuírem o artefato não fosse o suficiente. Eles também desejavam trucidar os Assassinos.

– Preciso encontrar Maggie.

– Preciso encontrar o artefato – disse Ethan. – Da mesma maneira como a sua consciência lhe diz que você precisa ir até o túnel, eu preciso ir até lá.

– Então, vá em busca do seu precioso artefato – replicou O Fantasma, e, em seguida, se levantou.

Eram mais ou menos dez quilômetros de Leinster Gardens até o Túnel do Tâmisa, e além disso os Templários estavam na frente e iam de carruagem, mas O Fantasma era rápido, estava determinado e conhecia bem o caminho. Ele o percorreu em uma hora.

Mesmo assim, chegou tarde. Os carrinhos já estavam organizados ao redor do saguão octogonal de mármore da entrada do túnel. Havia vultos por ali, alguns deles segurando tochas acesas e lampiões. Ele viu outros vultos correndo, ouviu gritos e o som inconfundível de porretes e cassetetes sendo usados com raiva e os gritos de dor subsequentes. Os moradores do túnel estavam acostumados a que invadissem seu refúgio, mas não com tanta violência, não com tanta maldade ou determinação.

E estavam determinados a quê?

Capturar Maggie.

Mas ele não deixaria que fizessem isso. Nisso, ele não iria falhar.

O caos reinava, mas por entre uma floresta de corpos, O Fantasma avistou o Outro Sr. Hardy. O último sobrevivente dos torturadores estava ao lado de uma carruagem com o revólver em uma das mãos e a outra erguida diante do seu rosto, berrando ordens:

– Tragam a mulher, tragam a velha!

Nem sinal de Marchant. O Fantasma supôs que Ethan tivesse razão: o artefato estava agora a caminho de Crawford Starrick. *Boa sorte, Ethan. Você fez sua escolha.*

Depois de passar correndo por pequenos conflitos do lado fora, O Fantasma irrompeu no saguão octogonal. Perto da casa de vigia estava o grosso da confusão. Ele viu o cabelo grisalho de Maggie no meio de uma confusão de corpos, alguns deles dos moradores do túnel, alguns deles dos agressores. Ela

xingava alto enquanto os violentos Templários tentavam conduzi-la à força por cima da catraca. Os moradores do túnel tentavam salvá-la, mas não tinham equipamentos para isso. Os porretes e facas dos Templários agiam a torto e a direito, e os gritos de resistência se transformavam em gritos de dor que ecoavam pelos vidros do saguão octogonal. O Fantasma pensou ter visto ali o detetive particular Hazlewood, no meio da grande massa de pessoas – mas em seguida seu rosto desapareceu. Um segundo mais tarde, percebeu que as ordens do Outro Sr. Hardy haviam parado e, então, ouviu uma voz atrás dele, dizendo:

– Ora, ora, seu canalhinha...

O Outro Sr. Hardy era destro. Estava armado com um revólver Webley que puxa para a direita.

O Fantasma levou essas duas coisas em consideração quando se abaixou e girou o corpo ao mesmo tempo, atingindo a parte interna do braço de Hardy que segurava a arma e satisfeito ao ouvir o ar se abrir a uns bons quinze centímetros da sua cabeça, meio segundo antes de ouvir o tiro. Houve gritos. Um dos Templários caiu. Agora era um homem a menos para enfrentar, ele pensou, enquanto quebrava o braço de Hardy, pegava a adaga que ainda estava pendurada na bainha à cintura do torturador e em seguida cravava-a em seu peito.

O Outro Sr. Hardy tentou segurar O Fantasma, e seus olhos ficaram a milímetros de distância enquanto O Fantasma via a luz da vida morrer nos olhos dele – e experimentou uma onda de algo que era metade nojo e metade desespero, um grande vazio dentro de si, ao tirar uma vida.

Maggie já o avistara.

– Bharat! – berrou ela, do meio da confusão na catraca, e os criminosos Templários afastaram-se da confusão, viram O Fantasma sobre o corpo caído de seu chefe enquanto este tombava sem vida sobre o piso de mosaico, e rumaram para o ataque.

O Fantasma passava a adaga de uma mão para a outra, desorientando o primeiro criminoso que arremeteu para diante. Homem corajoso. Homem idiota. Morreu em segundos, e agora O Fantasma tinha duas lâminas, um alfanje e uma adaga, e usou ambas para abrir a garganta de um segundo atacante, depois girou o corpo e deu golpes para trás com o alfanje, abrindo a barriga de um

terceiro. Ele era um esgrimista experiente, bem versado em matar. Não extraía nenhum prazer disso: simplesmente era bom.

Àquela altura Maggie já tinha sido conduzida pelos moradores do túnel de volta até o santuário das escadas. Talvez porque os Templários tivessem percebido que o jogo terminara; ou talvez porque ver três de seus camaradas tombarem tão rapidamente sob as mãos do tal indiano descalço fez com que decidissem que a discrição era melhor do que a honra; ou talvez porque a morte do Outro Sr. Hardy tivesse lhes roubado a coragem que ainda lhes restava – não importa: o fato é que logo se ouviram gritos de "Hora de ir, homens, hora de ir", e os espancamentos cessaram. Os Templários saíram até o saguão e rumaram para suas carruagens.

Em questão de instantes, o saguão se esvaziou e, em seguida, a área externa também, e o túnel já não estava mais sob ataque.

O Fantasma ficou ali parado, os ombros subindo e descendo enquanto recuperava o fôlego. Deixou a adaga e o alfanje caírem no chão com um estrondo metálico seco que reverberou pelo recinto; depois, caminhou em direção à catraca, pulou-a e desceu as escadas.

A rotunda tinha sido tomada de gente, que soltou vivas para ele enquanto ele descia.

– Maggie – perguntou ele a uma mulher que conhecia, e ela apontou para o túnel.

– Eles a levaram para um lugar seguro, lá.

Então, a mulher roubou-lhe um beijo e deu-lhe um tapinha nas costas. Os moradores do túnel continuaram soltando vivas enquanto ele atravessava a rotunda e entrava no túnel propriamente dito, deixando para trás as pessoas, o choque e a empolgação da batalha.

Já havia decidido que não mais pertencia à Irmandade; e jamais voltaria a falar com Ethan novamente. Que os Assassinos e os Templários brigassem entre si. Ele ficaria ali, com seu povo. Ali era o seu lugar.

Um pensamento lhe ocorreu. A mulher dizendo: *eles a levaram para um lugar seguro.*

Eles quem?

Ele se lembrou de ter visto o rosto do detetive particular no meio da confusão. Começou a correr.

– Maggie! – berrou, disparando pelo túnel em direção ao leito que eles dividiam, onde ela fazia o fogo, preparava e distribuía sopa e recebia o amor que merecia como mãe do túnel.

Ele a encantou lá.

Ela estava caída no chão.

Quem a matou a esfaqueara várias vezes, retalhando seu vestido. Seu cabelo grisalho emaranhado estava salpicado de sangue. Seus olhos, que tantas vezes se iluminaram de fúria, alegria e paixão, na morte eram opacos.

Haviam prendido um bilhete em seu peito. “Consideramos que a dívida foi paga.”

O Fantasma agachou-se e abraçou Maggie. Colocou sua cabeça no colo e os moradores do túnel ouviram os seus gritos de sofrimento e desespero.

Parte Três:
Ascensão da Metrópole

58

Molhado, com frio e abatido pela melancolia, o Assassino George Westhouse tremia no desvio do pátio ferroviário de Croydon. Será que um manto negro cobria toda a Inglaterra? Ou estaria pairando apenas sobre ele? Há *uma tempestade a caminho*, pensou. Tanto literal quanto metaforicamente.

Era fevereiro de 1868, cinco anos e meio após os terríveis eventos da linha da Metropolitan. Depois do ocorrido, ele, Ethan Frye e O Fantasma haviam saído de cena, derrotados: O Fantasma se enfiara em seu buraco no Túnel do Tâmisa, uma prisão que ele impôs a si mesmo, onde sofria de arrependimentos e recriminação; George estava se preparando para enfrentar os problemas em Croydon; e Ethan fora treinar a próxima geração da resistência dos Assassinos – uma geração livre das desilusões e derrotas que assombraram seus antecessores. Uma nova geração, com novas ambições e entusiasmo. Uma nova maneira de fazer as coisas.

Pena, pensou George, *que Ethan jamais veria essa nova geração atuando*.

Ethan tinha acabado de completar 43 anos quando morreu algumas semanas antes, mas havia muito que sofria de pleurite. Durante as muitas horas passadas ao lado dele, George observara seu amigo definhar como uma fruta podre.

– Encontre o artefato, George – insistira Ethan. Mande Evie e Jacob fazerem isso. O futuro de Londres está nas mãos deles agora. Os gêmeos, você e Henry... são os únicos que restaram agora.

– Fique calmo, Ethan – dissera George, e se recostara na cadeira para esconder as lágrimas que lhe enchiam os olhos. – Você vai continuar aqui para

nos guiar. Você é invencível, Ethan. Tão resistente quanto aqueles trens infernais que transitam por Croydon dia e noite.

– Espero que sim, George. Realmente espero.

– Além do mais, o Conselho não confirmou nenhuma operação nessa área. Eles nos consideram fracos demais.

– Eu sei melhor do que qualquer conselho sobre o momento em que estaremos prontos, e o momento é agora: Henry vai preparar o esquema. Jacob e Evie vão agir.

– Bem, então é melhor você se apressar, melhorar logo e informar o Conselho pessoalmente, não é? – sugerira George.

– Com certeza, George, com certeza.

Mas Ethan se dissolvera num acesso de tosse tão forte que o lenço que segurava em frente à boca ficou manchado de sangue.

– Nós chegamos tão perto, George... – dissera ele em outra ocasião. Estava ainda mais fraco, definhando mais a cada dia. – O artefato estava a apenas alguns metros de distância de mim, tão perto quanto você está agora. Eu quase o peguei.

– Você fez o melhor que pôde.

– Então, o meu melhor não foi bom o suficiente, porque a operação falhou, George. Liderei uma operação que falhou.

– Havia circunstâncias fora do seu controle.

– Eu falhei com O Fantasma.

– Ele também cometeu muitos erros. Se ele aceita isso ou não, não faço a menor ideia; e se os erros dele contribuíram para que a operação falhasse, eu também não posso afirmar. Mas uma coisa é certa: a operação falhou. Agora precisamos nos concentrar em nos reagruparmos.

Ethan virou a cabeça para olhar para George. Tudo o que George podia fazer era evitar que o amigo se diminuísse novamente. É verdade que as conquistas de Ethan como Assassino jamais seriam celebradas como aquelas de Altaïr, Ezio ou Edward Kenway, mas sem dúvida ele beneficiara a Irmandade e era um homem que, mesmo quando se sentia derrotado, exalava sede de viver. Ethan sempre passava a impressão de ser, por dentro, alguém em conflito consigo mesmo, constantemente se debatendo, mas nunca parado, sempre tentando avançar.

Entretanto, agora a pele que outrora brilhava cheia de saúde estava pálida e sem viço; os olhos que cintilavam com ardor estavam abatidos e sem vida. Ethan não mais lutava para viver; estava percorrendo o longo caminho que o levaria à morte.

Primeiro ele havia sofrido com uma gripe. Depois, quando pareceu que a gripe fora curada, vieram dores no peito e uma tosse incessante. Quando ele começou a cuspir sangue, o médico foi chamado e o diagnosticou com pleurite. Benjamin Franklin morreu de pleurite, dissera o médico, tranquilamente. William Wordsworth também.

Mesmo assim, o médico assegurou à família que a pleurite era uma infecção nos pulmões e, desde que o paciente repousasse, havia a possibilidade de que o próprio organismo a derrotasse. Muitos pacientes se curavam da doença.

Apenas não Benjamin Franklin e William Wordswoth, só isso.

E também não o Assassino Ethan Frye. A cada dia que passava, a pleurite parecia escrever seu destino enfaticamente na pele de Ethan, e ouvi-lo tossindo, com um acesso que vinha do fundo de um peito que não mais funcionava como deveria, era algo terrível de presenciar. O som de sua tosse ecoava por todos os cantos da casa. Ethan escolheu ficar naquele período em um quarto no sótão – *não quero ser um peso para os gêmeos enquanto estiver doente*, dissera ele –, mas sua tosse descia as escadas até os cômodos abaixo, onde os gêmeos dividiam suas preocupações mordendo os lábios, baixando a cabeça e trocando olhares enquanto buscavam forças um no outro.

De certa maneira, a terrível história da doença de seu pai podia ser contada pelas reações deles: reviraram os olhos quando ele começou a adoecer, como se ele estivesse exagerando os males para ter alguém cuidando dele a cada segundo; depois, trocaram uma série de olhares silenciosos quando ficou terrivelmente claro que ele não se curaria dentro de alguns dias ou mesmo semanas.

Então, veio um período em que o som de sua tosse fazia com que eles estremecessem e seus olhos se enchessem de lágrimas; e, por fim, o momento em que passaram a desejar que aquilo acabasse logo, que o sofrimento de seu pai chegasse ao fim.

Ele limitava as visitas dos filhos ao seu quarto. Eles gostariam de estar ao seu lado dia e noite, da mesma maneira que Ethan fizera com sua amada Cecily.

Talvez aquela experiência o tivesse convencido de que o leito de morte de um ente amado não era um bom lugar para passar os seus dias.

Entretanto, algumas vezes, se estivesse se sentindo bem o suficiente, os chamava até lá para lhes dizer que deixassem de lado aquele ar preocupado (porque ele não estava morto ainda), e para dar instruções de como liderar a nova vanguarda da resistência contra os Templários. Ele informou-lhes que havia escrito uma carta ao Conselho, solicitando sua aprovação para o momento de colocar seus gêmeos em ação.

Ethan sabia que não lhe restava muito tempo. Sabia que estava prestes a deixar este mundo. Ele era como um jogador de xadrez, manobrando suas peças e preparando-as para uma jogada final que ele mesmo não estaria presente para liderar. Mas queria que tudo estivesse preparado para aquele momento.

Talvez fosse a sua maneira de acertar as contas.

O fato de o Conselho se recusar a dar sua bênção o deixava enfurecido. O Conselho suspendera qualquer decisão acerca da situação de Londres até que surgisse uma nova oportunidade que valesse a pena. Era aquele momento do xadrez em que o jogador não tem saída.

Certa noite, George o visitou. Como de costume, eles conversaram por algum tempo e, depois, como de costume, George adormecera, acolhido pelo calor do sótão. Acordou alarmado, como se um sexto sentido o tivesse trazido de volta à consciência, e encontrou Ethan deitado de lado com as mãos cruzadas sobre o peito, os olhos fechados e a boca aberta, de onde escorria um filete de sangue até os lençóis molhados de suor.

Com um pesar inimaginável, George se levantou e foi até o corpo. Arrumou-o na cama e puxou os lençóis até o queixo de Ethan, usando seu lenço para limpar o sangue da boca do amigo.

– Desculpe, Ethan – disse ele. – Desculpe por estar dormindo quando deveria estar ajudando a guiá-lo para o próximo mundo.

Ele desceu as escadas em silêncio e encontrou os gêmeos na cozinha. Evie e Jacob agora usavam seus mantos de Assassinos, como se reconhecessem que eram eles que carregariam a tocha dali em diante. Ambos estavam usando o manto naquela noite, inclusive com os capuzes, ali sentados à mesa um em frente

ao outro, enquanto uma vela solitária ardia e eles travavam o mesmo silencioso diálogo cheio de pesar que vinham tendo havia semanas.

George notou que eles estavam de mãos dadas e fitavam um ao outro por sob o capuz. Talvez já soubessem. Talvez tivessem sentido a mesma energia que havia acordado George. Eles o fitaram, parado na soleira da porta, e em seus olhares havia a terrível certeza de que seu pai estava morto.

Nenhuma palavra foi dita. George simplesmente se sentou com eles e então, ao amanhecer, foi para casa cuidar da tarefa de notificar o Conselho de que um de seus irmãos havia morrido.

Condolências chegaram à casa, mas, em concordância com as tradições dos Assassinos, o enterro foi um evento silencioso e simples. Contou com a presença apenas de Evie, Jacob e George, além do padre, que abençoou Ethan no túmulo. Das cinzas às cinzas. Do pó ao pó.

Durante algum tempo, eles existiram numa espécie de constante estado de limbo. Até que George recebeu notícias de que o artefato da Metropolitan estava próximo. Ele não tinha tempo de pedir a aprovação do Conselho para lançar uma operação para recuperá-lo. O Conselho provavelmente exigiria informações mais detalhadas. E ele sabia exatamente quais os desejos de Ethan. Seu amigo os confiara a ele em seu leito de morte.

Jacob e Evie estavam prontos. Entrariam em ação.

59

E então, no pátio ferroviário pertencente à siderúrgica Ferris, em Croydon, um mundo enegrecido por locomotivas que arrotavam fumaça, vagões que sacolejavam e freios guinchantes, George se encontrou com os gêmeos pela primeira vez desde o enterro de seu pai.

Como sempre, foi surpreendido pela aparência deles. Jacob tinha o carisma do pai, os mesmos olhos que pareciam dançar com um misto de malícia e determinação; Evie, por outro lado, era a cópia da mãe, só que ainda mais bonita. Tinha queixo erguido, bochechas cheias de sardas, olhos impressionantes e inquisidores e lábios carnudos que raramente se abriam num sorriso.

Jacob usava uma cartola. O capuz de Evie lhe caía por sobre os ombros. As roupas de ambos eram largas e ajustadas nos lugares certos: casacos acinturados abertos sobre discretos coletes de proteção e botas com solados silenciosos especiais e sutis biqueiras de aço. Nos antebraços, as lâminas, que manejavam com maestria (Evie ainda mais do que Jacob, segundo Ethan), e os dedos cobertos por protetores de aço articulados que faziam as vezes de soqueiras.

Enquanto o ar crepitava graças à tempestade que se aproximava, George os observou, por trás de um dos vagões de trem, caminharem em sua direção por entre os trilhos do pátio. Com tal garbo e aparência, era difícil imaginar figuras mais impressionantes, mais belas. Contudo, seu pai os ensinara muito bem. Assim como ele fora um mestre na arte de passar despercebido mesmo estando em plena vista, seus filhos também eram.

Eles se cumprimentaram, compartilhando seu pesar sobre Ethan sem trocarem uma única palavra. George os havia notificado por escrito a respeito da missão que os aguardava, alertando-os também sobre os perigos. Antes de morrer, Ethan contara muito pouco aos gêmeos sobre o Pedaço do Éden, que havia sido o foco de sua missão em 1862. Afinal de contas, não tinha sido um episódio muito glorioso da história da Irmandade. Eles sabiam que era um objeto extremamente poderoso e único, que não deveria ser subestimado. Além disso, havia muito pouco a ser dito antes do início da missão.

Aquela seria sua iniciação como Assassinos.

Eles se agacharam. Jacob, com a cartola apoiada de lado sobre a cabeça, era o mais impetuoso. Era irritadiço, de pavio curto, e quando falava era com o burburinho ruidoso das ruas. Evie, por outro lado, era a mais analítica e culta dos dois: seu exterior suave escondia um interior de aço.

– O ferro parte daqui – anunciou George, indicando as oficinas. – O Templário encarregado desse lugar é Rupert Ferris, nosso alvo número um. O alvo número dois é Sir David Brewster, que está de posse da tal bugiganga. Acham que conseguem?

Os gêmeos eram jovens, ávidos, destemidos e, talvez, pensou George – que, ao se virar, percebeu que ambos haviam escalado o vagão –, também habilidosos.

– Senhoras e senhores – anunciou George, sorrindo –, os implacáveis gêmeos Frye. Venham vê-los todas as noites em Covent Garden.

Evie o olhou como se dissesse “fique tranquilo”.

– George, sinceramente, estudei todas as plantas do laboratório e analisei todas as rotas.

– E eu tenho tudo de que preciso bem aqui – disse Jacob, acionando sua lâmina.

Ele se virou ao ouvir o apito de um trem.

– Jacob... – disse George.

– Mandarei suas saudações a Ferris – disse Jacob. Evie e ele estavam observando o trem, que deslizava pelos trilhos em sua direção. Eles se agacharam no teto do vagão onde estavam, prontos para saltar.

– Evie... – disse George, preocupado.

– Conversamos mais tarde, George, agora precisamos pegar o trem – disse ela. E então, os dois pularam, aterrissando no teto do vagão com toda a graça e agilidade de dois felinos predadores. Um aceno para George e pronto: a missão havia começado.

– Que o Credo os guie, seus sem-rumo! – gritou George, mas sem achar que o tivessem ouvido. Ele os observou afastarem-se com sentimentos misturados: inveja de sua juventude, graça e equilíbrio; preocupação, com receio de que talvez Ethan tivesse se enganado e os gêmeos ainda não estivessem prontos para uma missão (ou, pelo menos não uma missão desta magnitude)...

Mas, acima de tudo, esperança: esperança de que aqueles dois incríveis jovens Assassinos pudessem mudar a maré a seu favor.

60

– Pobre George, mais aterrorizado do que nunca! Os anos não lhe fizeram muito bem – comentou Evie com Jacob, gritando por cima do rugido da locomotiva.

– Evie Frye – brincou Jacob –, de quem você herdou isso?

– Da mesma pessoa que você, Jacob – retrucou ela, e eles trocaram um olhar, aquela comunicação quase sobrenatural que compartilhavam e por meio da qual ambos se lembravam e honravam o pai e a mãe. Tinham certeza de que agora eles só tinham um ao outro.

– Divirta-se! – disse Jacob.

Pelos trilhos que cruzavam prédios industriais e chaminés cuspindo uma fumaça sufocante, eles se aproximavam agora da siderúrgica. Jacob tirou a cartola, achatou-a e a escondeu sob o manto num movimento hábil, ao mesmo tempo em que cobria a cabeça com o capuz. Evie também puxou o seu capuz sobre a cabeça. Ambos estavam prontos.

– Não morra – disse ao irmão, e então observou, com o coração na mão, ele se agachar, as mãos ao lado do corpo no teto da locomotiva, os dedos estendidos.

Quando o trem ficou no mesmo nível da siderúrgica e os tijolos escuros se aproximaram deles, à medida que o trem se inclinava para fazer a curva, Jacob pulou – outro salto perfeitamente executado, até um parapeito no primeiro andar do prédio. Mais um segundo e ele já estaria lá dentro.

Ela observou o irmão entrar. A próxima vez em que teria notícias de Jacob seria quando ouvisse o barulho de uma explosão e o avistasse saindo correndo da siderúrgica, salpicado do sangue de Rupert Ferris. Naquele momento, entretanto,

ela apoiou um dos joelhos e as mãos enluvadas sobre o teto do vagão, enquanto o vento soprava seu capuz à medida que o trem abria caminho pelos arredores de Croydon e seguia em direção ao terminal de cargas, um pouco mais à frente. Ali, conforme as plantas enviadas por George, funcionava o laboratório onde supostamente era guardado o artefato. Onde Sir David Brewster vinha trabalhando no artefato, se as informações estivessem corretas. O que ela sabia sobre o tal objeto? Havia algumas informações fornecidas pelas antigas escrituras, mas estas tendiam a ser um pouco ambíguas. Seu pai, entretanto, tinha visto aquele objeto em ação. Ele falara sobre como brilhava, parecendo alimentar-se da energia de seu usuário, transformando algo sombrio e primitivo numa força verdadeiramente destrutiva.

– Deixe de fazer essa cara, Evie – dissera o pai, irritado. – Este não é o tipo de objeto que devemos admirar ou esconder. Deve ser tratado com a maior cautela, como uma arma de guerra que não podemos permitir que vá parar nas mãos do inimigo.

– Sim, pai – respondera ela, obedientemente.

Mas, se fosse sincera consigo mesma, a atração que o objeto exercia sobre ela era mais forte do que seu possível perigo. Sim, era algo a se temer, a se tratar com respeito. Apesar disso...

O terminal de cargas para onde o trem estava seguindo começou a ficar cada vez maior no horizonte, à medida que o trem se aproximava; então, Evie se virou e andou de lado pelo teto do vagão até chegar a uma janela. Ela a abriu e, alguns momentos mais tarde, entrou no vagão. Abaixou o capuz, afastou os cabelos do rosto e analisou o ambiente.

Estava entre caixas, todas elas marcadas com a inscrição "Indústrias Starrick".

Crawford Starrick. A simples menção de seu nome fazia com que Ethan, quando vivo, se calasse. Ele era o Grão-Mestre Templário, o homem que ela e Jacob haviam jurado derrubar. Não importava o que George dissesse, nem se o Conselho iria aprovar ou não: os gêmeos haviam decidido que o legado de seu pai seria mais bem honrado se eles derrubassem Crawford Starrick de sua posição, recuperassem o artefato, matassem os homens sob seu comando e

interrompessem suas práticas comerciais – estas eram as etapas de um caminho que eventualmente levaria à morte e à desonra de Crawford Starrick.

Naquele exato momento, a porta do vagão se abriu e Evie se escondeu. Um homem entrou, um mero borrão na escuridão, emoldurado pela porta aberta. Era um homem grande, pensou ela, e aquela impressão foi confirmada quando um pavio se acendeu e ele ergueu uma lanterna.

– Onde estão? – perguntou por cima dos ombros, se dirigindo a colegas que ela não podia ver. – Onde estão os suprimentos de Brewster?

Ali estava um nome que ela reconhecia. Brewster. Ela se agachou nas sombras, esperando. Esse homem seria a sua primeira vítima. A primeira pessoa que ela mataria. Evie flexionou o pulso, sentindo o peso reconfortante do mecanismo da lâmina em seu antebraço, suas partes individuais movendo-se silenciosamente, com facilidade. Lembrou a si mesma de que tinha sido treinada para isso. Ao mesmo tempo, lembrou-se de algo que seu pai lhe dizia sempre – que, não importa o quanto se treinasse, nada poderia prepará-lo para tirar a vida de outro ser humano. “Tirar dele tudo o que ele já foi e tudo o que ele poderia ser; deixar sua família sofrendo, iniciar uma onda de tristeza e luto e possivelmente revanche e recriminação que pode passar de geração em geração.”

Seu pai sabia que uma coisa era estar preparado, e outra era estar *pronto*.

E Evie estava preparada. Mas estaria de fato *pronta*?

Tinha que estar. Não havia escolha.

O homem começou a xingar o colega de covarde. Agachada atrás de uma caixa, Evie usou as duas mãos para puxar seu capuz para cima, deixando que o tecido se ajustasse sobre sua cabeça, confortando-se e fortalecendo-se com o simbolismo do ato. Depois, acionou sua lâmina.

Pronta, assobiou, baixinho.

– Quem está aí? – perguntou o homem, erguendo um pouco sua lanterna e dando mais dois passos para dentro do vagão.

Ficou em frente ao lugar onde estava Evie, e ela prendeu a respiração, esperando o momento certo. Seus olhos foram de sua lâmina até o ponto logo atrás da orelha do guarda, onde a arma entraria, cortando a superfície da cavidade do crânio e entrando no cérebro do homem, matando-o imediatamente. Seria uma morte indolor. Mas, ainda assim, uma morte.

Ela agora estava apoiada na ponta dos pés, com o salto das botas alçado no piso do vagão, e uma das mãos apoiada no chão. A outra, que trazia a lâmina preparada, estava pronta para agir. Ele era o inimigo, lembrou a si mesma. Era um homem que estava lado a lado com aqueles que planejavam perseguir e oprimir qualquer um que não tivesse os mesmos objetivos que eles.

E provavelmente não merecia morrer. Mas era o que iria acontecer, morreria a serviço de uma causa que era muito maior do que eles dois.

Com aquele pensamento ela atacou, saindo de seu esconderijo atrás das caixas. A lâmina encontrou seu alvo. A vítima soltou um grunhido baixinho, quase imperceptível, e então ela o ajudou a se deitar silenciosamente no chão sujo do vagão.

Ela o segurou enquanto ele morria. Aquele estranho. *Você foi o meu primeiro*, pensou ela, e silenciosamente fechou os olhos do homem em sinal de respeito.

"Nunca é pessoal", foi o que seu pai lhe dissera. Mas em seguida ele parou para acrescentar: "*Raramente* é pessoal."

Ela o deitou e o deixou ali. Não fora pessoal.

Agora, pensou, enquanto o trem parava no prédio do laboratório, *o que ela precisava era de uma distração*. Se conseguisse desengatar os vagões...

Em frente ao vagão estava o colega do segurança. Estava dormindo e ela o matou facilmente. Seu pai sempre lhe dissera que matar se tornava mais fácil com o tempo, e ele tinha razão. Ela mal deu atenção à segunda vítima. Nem pensou em fechar seus olhos ou lhe desejar o bem; deixou-o ali mesmo onde ele havia caído e continuou avançando pela locomotiva. No vagão seguinte, escondeu-se para evitar dois guardas que fofocavam.

– Sir David e a Sra. Thorne estão se dando bem? – perguntou um deles.

– Ela apareceu do nada, no pior momento, não? – respondeu o colega. – Aposto que as coisas não estão saindo como ela gostaria.

– Então, a situação não está muito boa para Sir David.

Lucy Thorne. É claro que Evie já tinha ouvido aquele nome. Quer dizer então que ela estava com Brewster?

Evie deixou os guardas passarem e andou rapidamente pelo último vagão, parando na junção entre a locomotiva e os vagões. Não tinha mais muito tempo; eles descobririam os corpos dos homens que ela matara. Grata pelas luvas que

usava, Evie afastou os pés, equilibrando-se, e puxou o pino de junção do trem e dos vagões. Enquanto o vento soprava e os trilhos passavam depressa sob seus pés, ela fez força, com um grunhido, e conseguiu soltar o pino.

Ela pulou para a locomotiva, com habilidade, observando os vagões se separarem. Às suas costas ouviu os gritos dos homens que estavam no pátio e corriam para investigar por que o trem havia se separado dos vagões. Enquanto isso, ela escalou até teto da locomotiva, tentando avaliar sua posição enquanto o trem parava com um guinchar dos freios e de metal. De um lado, a água do Tâmisa brilhava, escura. Do outro, via-se o tumulto no terminal de cargas, com seus guindastes, trilhos de manobras, filas intermináveis de prédios administrativos e...

Algo de fato muito interessante.

Agachando-se para não ser vista, a primeira coisa que ela enxergou foram dois vultos que reconheceu muito bem: Sir David Brewster e Lucy Thorne. Os dois observaram o caos repentino a sua volta antes de se virarem para continuar a caminhada em direção à carruagem e ao cocheiro que aguardavam em frente ao portão principal.

Evie saltou da locomotiva, satisfeita por sua distração ter sido impecável, e satisfeita também pela fumaça que pairava como um manto fúnebre sobre todo o local. *A industrialização tinha seus pontos positivos*, pensou ela, enquanto seguia os dois, ocultando-se nas sombras e aproveitando para dar uma boa olhada em seus inimigos.

Lucy Thorne estava toda vestida de preto: chapéu preto, luvas pretas e um vestido preto de crinolina com anquinha abotoado até o pescoço. Era jovem, atraente, o que não combinava com a permanente carranca que marcava suas feições. Caminhava como uma sombra, afastando as camadas de fumaça que pairavam pelo pátio como as velas de um navio na escuridão. Era como se ela mesma fosse uma escuridão que afastasse a luz.

Caminhando ao seu lado, Sir David Brewster tinha talvez três vezes a sua idade, o semblante impaciente, e bigodes pontudos. Embora mais velho do que Lucy Thorne, sem dúvida parecia intimidado, subjugado pela escuridão da mulher. Aquele homem era tido como o inventor do caleidoscópio e de algo que Evie conhecia como "estereoscópio lenticular", seja lá o que fosse aquilo. Um

homem nervoso, ou pelo menos nervoso naquele momento, obscurecido pela presença de Lucy Thorne. Esforçava-se para acompanhar o passo da mulher, enquanto falava com um forte sotaque escocês:

– Preciso de mais duas semanas com o objeto.

Irritada, Lucy Thorne respondeu:

– Suas práticas questionáveis estão começando a atrair atenção indesejada. Você já teve tempo mais do que suficiente, Sir David.

– Não sabia que você esperava que eu me comportasse como um cachorro adestrado.

– Permita-me lembrá-lo de suas obrigações para com a Ordem.

Brewer ficou exasperado.

– Srta. Thorne, você me pressiona demais!

Ao se aproximarem da carruagem, o cocheiro fez uma mesura e abriu a porta para a Srta. Thorne. Ela agradeceu com um leve e orgulhoso aceno de cabeça enquanto se sentava, arrumando a saia em volta do corpo. Antes de partir, debruçou-se pela porta aberta para falar uma última vez com Sir David:

– Sir David, retornarei amanhã. Se até lá você ainda não tiver descoberto o segredo do artefato, pode esquecer seus cachorros e cavalos. Vou deixá-lo à mercê dos lobos. Tenha um bom-dia.

E, com isso, a Templária ocultista fez um sinal para o cocheiro, que fechou a porta, deu uma piscadela impertinente para Brewster e sentou-se à frente da carruagem. Com um toque da rédea, os cavalos partiram, afastando Lucy Thorne do caos do terminal de cargas. Enquanto a carruagem se afastava, Evie observou Brewster soltar um grunhido de surpresa e, depois, voltar a atenção para um grupo de homens ali perto. O olhar de Evie foi na mesma direção, e o que ela viu foram vários guardas escoltando um homem de trajes espalhafatosos pelo pátio, que protestava em voz alta:

– Prometeram-me um passeio pelas instalações, meus senhores! Era apenas o que eu estava fazendo.

– Quem mandou você? – vociferou um dos Templários.

Outro interrompeu, dizendo:

– Ele é um dos espiões de Green.

Brewster, porém, já estava interrompendo os homens:

– Levem este homem para ser interrogado. Depois disso, quero que o levem ao laboratório.

Evie ainda estava observando o homem. Em seguida, seu olhar se desviou para o céu, que agora estava completamente negro e cheio de nuvens. O ar tinha uma instabilidade e um tom que faziam da tempestade que se aproximava, mais do que nunca, uma certeza. Percebeu que Brewster estava pensando o mesmo. Ele tinha se virado e caminhava em direção a algo que ela não tinha visto antes: um poste de metal, fincado no chão de terra. Seria algum tipo de condutor de eletricidade? Olhando novamente para as nuvens, Brewster saiu correndo e entrou por uma porta do prédio, deixando os ruídos atrás de si. Os primeiros pingos de chuva começaram a cair. Os homens ainda tentavam reconectar os vagões à locomotiva, sem entender como tinham se separado.

Evie, a causadora do caos, simplesmente sorriu enquanto passava pela mesma porta que Brewster. Assim que entrou, o primeiro relâmpago iluminou o céu com sua luz branca e ofuscante.

Uma vez lá dentro, colou o corpo à parede, afastando-se da luz das lâmpadas enquanto acionava sua lâmina. Seus olhos se moveram da maneira como ela sempre fora instruída a fazer: cobrindo cada parte do espaço, a fim de identificar perigos e áreas vulneráveis, raciocinando como a Assassina que era.

O que a esperava, entretanto, não era nada do que tinha imaginado.

61

Ela estava esperando encontrar um laboratório. De acordo com as plantas fornecidas por George Westhouse – as plantas que tanto estudara e memorizara em Crawley –, o lugar onde ela se encontrava *naquele exato momento* deveria ser o laboratório.

Mas não era: ela estava num galpão circular para reparo de locomotivas, um tipo de antecâmara, e não havia nem sinal de equipamentos de laboratório. Nem perigos. Nenhum ponto vulnerável.

Não havia nada.

Mas o que era aquilo? Ela ouviu um grito vindo de trás de uma porta e, depois de dar uma olhadela rápida no pátio lá fora, onde a chuva caía forte e os homens ainda gritavam e xingavam uns aos outros, Evie fechou a porta por onde entrara e foi até uma segunda, que estava entreaberta.

Ali ficou, controlando sua respiração enquanto espiava pela fresta. A cena que presenciou foi exatamente o que Brewer havia solicitado: um interrogatório. Os Templários tinham amarrado o visitante extravagante numa cadeira e lhe faziam perguntas.

Talvez o homem achasse que o levariam até um cavalheiro muito educado, que lhe pediria mil desculpas pelo inconveniente e pelo tratamento que havia recebido dos guardas, oferecendo-lhe um charuto e um uísque no escritório dos fundos, antes de punir os funcionários. Mas não teve essa sorte. Ele foi amarrado numa cadeira para que os seguranças brutos o enchessem de perguntas.

– Eu lhes pergunto, meus senhores – dizia o homem. – Então um cavalheiro não pode simplesmente vagar pelos trilhos?

– Como você entrou no laboratório? A entrada é escondida – rosnou um dos homens. Ele estava de costas para Evie, mas ela pôde ver que calçava um par de luvas negras. Os olhos do prisioneiro foram das luvas para o rosto do inquisidor, mas, se estava em busca de sinais de piedade ou compaixão, procurava no lugar errado.

– O que o senhor gostaria que eu explicasse em maiores detalhes?

A entonação da voz do homem tinha mudado agora, denunciando a certeza do seu destino.

– Quem o mandou aqui? – exigiu o inquisidor. Ele flexionou os dedos sob a luva. Evie ouviu a risada de um homem que não estava em seu campo de visão. Ele estava à espera do espetáculo que iria começar.

– Ora, fui eu mesmo, senhor. Vim com meus próprios pés.

Agora, o segundo brutamontes entrou em cena e ambos ficaram na frente do homem, bloqueando a visão de Evie.

– Me deixe cortar os dedos dele...

– Ainda não – disse o primeiro homem, interrompendo o companheiro. – Ainda não. – Voltou sua atenção ao prisioneiro. – Foi Green?

– Nem Green, nem Black, nem Brown – disse o homem na cadeira.

– Henry Green – disse um homem que Evie não pôde ver.

– Ah, Henry Green... quem é esse?

Em tom de ameaça, o homem disse:

– Sua alma está em jogo. Confesse, senão meu amigo aqui vai se divertir um pouquinho e você sairá com as mãos vazias.

Evie escutou o som inconfundível de uma faca sendo desembainhada.

E é claro que não poderia permitir que fosse utilizada. Flexionou os dedos dentro da luva, acionou sua lâmina e avançou para confrontar os homens.

Eram três. Esta missão estava se transformando num teste e tanto de suas habilidades, pensou Evie. E agora? Múltiplos oponentes.

Ela pesou as possibilidades, analisou tudo, e, então, atacou, dançando em direção ao brutamontes sorridentes à direita, mas no último momento abaixou-se inesperadamente e enfiou a lâmina no peito do homem do meio. Ela virou e se

levantou, com a lâmina em riste, e em seguida cravou-a, penetrando a couraça usada pelo Templário da direita. O último brutamontes, o mais lento, mal teve tempo de sacar a espada quando Evie flexionou o joelho e lhe deu um chute alto com a biqueira de aço de sua bota.

Droga!, pensou ela, observando seu oponente cambalear para trás. O casaco havia atrapalhado a altura ideal do chute e, em vez de nocautear o adversário, apenas tirara seu equilíbrio. Enquanto isso, ele já se recompusera e desembainhara a espada. Ela se equilibrou para esperar pelo golpe e ele atacou, demonstrando um pouco mais de destreza do que ela havia esperado.

Idiota. Amadora idiota. Evie virou a cabeça bem a tempo de evitar que a espada a atingisse no rosto. Olhou para trás rapidamente e ao mesmo tempo deu um tapa leve com a mão esquerda no braço direito para retrair sua lâmina. Depois, segurou o braço estendido do homem, num movimento que era metade um passo de dança, metade um abraço, mas completamente fatal, pois ela o finalizou com um murro no rosto usando sua manopla e, então, acionou a lâmina, enfiando-a no globo ocular do oponente.

Sangue e fluidos cerebrais e oculares escorreram pelas faces flácidas do homem enquanto ele caía no chão. Ela limpou o sangue que sujava sua lâmina e guardou-a, virando-se então para o homem preso na cadeira, que a olhava impressionado, mas, ao mesmo tempo, bem-humorado.

– Ah, muito obrigado – disse ele. – Eu estava em apuros quando, de repente, você me salvou.

– Onde está o laboratório oculto? – perguntou ao homem. Os brutamontes que ela acabara de derrotar estavam morrendo. Seus corpos tremiam, suas botas arrastavam-se no chão, o último fio de vida se esvaía lentamente deles, produzindo ruídos que serviam de pano de fundo para a conversa entre ela e o estranho na cadeira.

– Se você me desamarrar, poderemos conversar, senhorita – barganhou o homem.

Evie subiu na cadeira em que estava o homem com um pé de cada lado do assento e puxou sua mão para trás. O rosto dele se transformou numa mistura de medo e indecisão. Ele tinha visto a lâmina dela em ação. Tinha visto Evie em ação. Não tinha o menor desejo de ser vítima de nenhuma das duas. Este homem

já havia sido levado a acreditar numa falsa noção de segurança por um rosto bonito muitas vezes antes e não estava disposto a deixar isso acontecer novamente.

– Estou sem tempo – disse ela, caso suas intenções não fossem claras o bastante. – Fale agora.

– É lá embaixo – respondeu ele, engolindo em seco e inclinando o queixo em direção ao que parecia uma espécie de painel na parede do galpão das locomotivas. – É necessário ter uma chave. Um dos guardas pegou a minha, o desgraçado.

– Obrigada – disse ela, levantando-se para ir embora.

– Agora me desamarre.

– Você se meteu nessa – retrucou ela, balançando a cabeça. – Tenho certeza de que saberá se livrar sozinho.

Ele continuou falando depois que ela saiu:

– Não se preocupe, senhorita, ainda me lembro de um ou dois truques de outros carnavais.

Boa sorte, então, pensou ela, enquanto saía por uma porta diferente, procurando por outro guarda que pudesse ter a chave.

Ainda bem que os guardas Templários tinham a língua solta. Ela se escondeu nas sombras de uma passagem e escutou dois deles conversando sobre a chave em questão.

– O que você está fazendo? Deixe essa chave no bolso, senão a Srta. Thorne vai nos comer vivos!

– Vamos rápido então. Quero ver o artefato!

Eu também, pensou Evie Frye, enquanto fazia outra vítima e recuperava a chave.

Ela retornou ao galpão, decidida a libertar o prisioneiro se e quando a chave funcionasse no painel. Porém, era tarde demais: ele estava ausente e a cadeira, revirada, com as cordas atiradas pelo chão. Ela ficou tensa, atenta caso ele estivesse planejando atacá-la, mas não: ele realmente se fora. Então, voltou a atenção aos painéis e finalmente conseguiu entrar na parte mais secreta do prédio.

Lá dentro, as paredes eram escuras e úmidas. Abafavam o som da tempestade, mas, apesar disso, de alguma forma, parecia que ali os elementos da natureza se manifestavam de um modo ainda mais intenso do que do lado de fora.

Como era possível? Ela se lembrou do poste no pátio e pensou que talvez a energia estivesse sendo direcionada para o local. A energia necessária para colocar em funcionamento um laboratório subterrâneo, talvez?

Então, ela se deparou com ele. E, naquele momento, teve certeza de que estava exatamente no centro da energia canalizada da tempestade.

E de que o artefato estava por perto.

62

O calçamento de paralelepípedos agora estava para trás. Evie viu-se diante da porta, que se abria para um vasto espaço subterrâneo em que instrumentos científicos dividiam espaço nas mesas com bobinas de Tesla e para-raios – todos vibrando intensamente com a energia que recebiam.

Parecia muita coisa? No teto do laboratório havia uma série de plataformas e arneses pendurados. Partículas de luz pareciam estalar em volta deles, faiscando e brilhando, pintando todo o laboratório de um branco fosforescente.

No outro extremo, avistou o que parecia ser um grande tubo de inspeção e, ali dentro, viu: o artefato. O Sir David Brewster estava perto dele com um assistente, ambos debruçados sobre o que havia do outro lado da parede de vidro espesso, a Maçã Dourada. Mesmo de longe, Evie ficou fascinada pelo objeto. Anos e anos de pesquisa sobre os Pedaços do Éden e agora, ali estava um deles, um de verdade, bem diante dela.

Evie permaneceu perto da porta, mas, mesmo sendo iluminada pelos súbitos raios de luz, os homens estavam tão absortos no trabalho que nem perceberam sua presença. Ela se aproximou, em silêncio, ainda hipnotizada pela Maçã, e então conseguiu escutar a conversa entre Brewster e seu assistente.

– Por Deus, quando iluminada pela luz azul ela fica completamente transparente! – exclamou o cientista.

Brewster agora não se parecia em nada com o homem que ela vira antes, pequeno e intimidado pela sombra negra de Lucy Thorne. Agora era um homem

em seu próprio território, novamente no comando e confiante o bastante para soltar algumas farpas sobre Thorne.

– Que audácia a daquela mulher! – gritou ele por cima do zunido dos para-raios, o assobio das bobinas de Tesla e o sopro ritmado dos foles automáticos. – Seria melhor eu transportar o artefato para Edimburgo.

– Se o senhor não se importa que eu diga, acho que seria uma péssima ideia – retrucou seu assistente.

– Por quê? É a Maçã de Deus, não dela. Eu a mostraria em público. Darwin estaria acabado. Seria banido, para Galápagos, humilhado, onde ficaria com seus amados tentilhões.

– A Srta. Thorne arrancaria sua cabeça e o Sr. Starrick, o resto – disse o colega.

– Sabe, Reynolds, talvez valha a pena correr esse risco – exclamou Brewster.

– Sir David, você não pode estar falando sério.

– Foi só uma piadinha, Reynolds. Quando conseguirmos descobrir o segredo do artefato, o poderio dos Templários sobre Londres estará garantido. Os Assassinos cairão, e Darwin não passará de uma memória distante.

Quando se aproximou, caminhando pelos corredores (onde eles poderiam facilmente vê-la), Evie viu a Maçã brilhando. Mais forte agora. Iluminada por uma chuva de fagulhas cada vez mais forte.

Era hora de pegar aquele artefato.

Ela acionou sua lâmina e atacou, derrubando o assistente antes mesmo que Brewster percebesse sua presença. Seus olhos foram do seu assistente morto para Evie Frye com curiosidade, enquanto seu cérebro tentava entender aquela inesperada aparição.

Então, Evie deu um salto e o matou.

– Chegou a hora de descansar, Sir David Brewster – disse ela, pousando-o no chão.

– Mas eu ainda tenho tanto a descobrir.

As pálpebras do homem estremeceram. Sua respiração falhava agora.

– Não tenha medo – disse ela.

– Eu não estou com medo. Deus vai me proteger.

– Continuarei seus experimentos – disse ela. Viu claramente o caminho à sua frente: ela daria continuidade ao aprendizado que começara na biblioteca de seu pai, em Crawley. Sua missão seria localizar os artefatos, desvendar seus poderes e usá-los para o benefício da humanidade. Para trazer uma maré de benefícios, e não de malefícios.

– Você não conseguirá deter Starrick – disse Brewster, pousando a cabeça nos joelhos dela quando Evie se ajoelhou, segurando-o. – A Srta. Thorne já encontrou outro Pedaço do Éden, mais poderoso do que o último.

– Vou recuperá-lo também – garantiu Evie, e nunca teve tanta certeza de alguma coisa em toda a sua vida.

– Lutamos para conquistar aquilo que não podemos levar conosco – disse Brewster. – É a nossa natureza.

Então, ele morreu. Evie sacou seu lenço de bolso e, num ritual que lhe fora transmitido por seu pai – que ele explicou ser uma homenagem à própria cerimônia da pena de Altaïr –, usou-o para tocar o ferimento de Brewster, ensopando-o com seu sangue. Dobrou o lenço e o escondeu dentro de seu casaco.

Então, tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo: três guardas entraram apressados no laboratório.

Evie levantou-se, com a lâmina já acionada, e preparava-se para o confronto quando houve um súbito aumento da intensidade elétrica e o artefato pareceu aumentar de tamanho graças a um novo influxo de energia... e, depois, explodiu.

Evie estava imediatamente abaixo do vidro de inspeção e a proteção na qual o vidro estava a protegeu do impacto. Entretanto, os guardas não tiveram a mesma sorte. Foram salpicados de estilhaços e praticamente desapareceram numa névoa de partículas de sangue e escombros, quando os arneses e plataformas despencaram sobre eles. Evie correu em direção à porta no exato momento em que uma reação em cadeia começou, fazendo os para-raios se incendiarem e as máquinas explodirem ruidosamente.

Num instante ela já estava lá fora, grata por fazer parte do grupo que fugia da fábrica enquanto uma série de explosões a destruía.

63

– Que explosão foi aquela?

Ela havia se encontrado com Jacob na estação de trem, conforme combinado. Ele também parecia ter vivenciado muitas emoções naquele meio tempo. Agora ambos estavam cobertos de sangue.

– O Pedaço do Éden explodiu e mandou pelos ares o laboratório – explicou Evie, sem mais delongas.

Jacob fez uma careta.

– Aquele pedaço hiperbólico de metal mágico? Estou chocado.

Ela revirou os olhos. Todas as noites que passara lendo para ele, transmitindo-lhe conhecimentos... realmente, não serviram para nada.

– Só porque você nunca deu valor aos artefatos não sig...

A antiga discussão estava prestes a recomeçar, mas George Westhouse apareceu.

– Tudo ocorreu conforme o planejado? – perguntou o Assassino mais velho, sarcasticamente.

– Houve algumas... complicações – respondeu Evie, envergonhada.

– O laboratório explodiu – afirmou Jacob, arqueando as sobrancelhas em direção à irmã. *Se quiser culpar alguém, culpe-a.*

– Você descarrilhou um trem – lembrou George Westhouse a Jacob.

– Ah, é mesmo? – disse Evie.

Jacob deu de ombros:

– Bem, o trem descarrilhou e por acaso eu estava nele. Matei meu alvo.

Portanto, Rupert Ferris, da Siderúrgica Ferris, uma organização que além de estar nas mãos dos Templários utilizava mão de obra infantil, estava morto.

– Brewster também passou desta para melhor – disse Evie.

– Bem, em linhas gerais, a missão foi bem-sucedida, apesar de vocês dois – disse George.

– E quanto a Londres? – perguntou Jacob. Evie olhou para o irmão. Para ela, os eventos daquela noite haviam sido uma epifania, um sinal que indicava o caminho a seguir. Será que seu irmão sentia o mesmo?

– Que tem Londres? – perguntou George, cauteloso.

– Estamos perdendo tempo aqui – disse Jacob, indicando o pátio da ferrovia em volta deles e os subúrbios. A cidade de Londres estava próxima... mas, ao mesmo tempo, tão fora de alcance.

– Você sabe tão bem quanto eu que Londres está nas mãos dos Templários há cem anos. O poder deles sobre a cidade ainda é muito grande. Paciência.

Ethan tinha uma opinião diferente quanto a isso, lembrou-se George, vendo as crenças de seu amigo tão vivas em seus filhos.

– Mas os Templários encontraram outro Pedaço do Éden – anunciou Evie.

George deu de ombros.

– Sir David está morto. Portanto, eles não sabem como usá-lo. O Conselho nos dirá o que fazer, e esta é uma sábia recomendação que seu pai aprovaria. Vejo vocês dois novamente em Crawley.

Os gêmeos observaram George se afastar com o coração pesado. O fogo que ardia dentro deles foi apagado quando George mencionou o Conselho. O que ambos sabiam, claro, é que seu pai certamente não concordaria com a opinião dos Assassinos anciãos. E o que ambos sabiam era que não tinham a mínima intenção de obedecer nem a George Westhouse nem ao Conselho.

Um trem começou a se aproximar, apitando.

– O que nos impede? – perguntou Jacob, fazendo sinal em direção à locomotiva. – Londres precisa se livrar do poderio dos Templários. Que se dane Crawley.

– Papai iria querer que ouvíssemos...

– Ah, *papai*. Você poderia levar o legado dele adiante em Londres!

– E libertar as gerações futuras de uma cidade dominada pelos Templários. Sabe de uma coisa, Jacob Frye? Talvez você esteja certo.

– E então? Vamos?

– Sim, vamos.

Com isso, ambos saíram em disparada e embarcaram no trem, em direção a Londres.

Lá, procurariam Henry Green, “O Assassino que toma conta de Londres.”

Não sabiam absolutamente nada sobre a verdadeira história dele.

64

Depois dos acontecimentos na linha da Metropolitan, O Fantasma ficou escondido no Túnel do Tâmisa por mais de um ano.

Lá, continuou sendo uma presença que tranquilizava os outros moradores do túnel – muito embora, na verdade, pouco fizesse por eles além de atuar como um protetor. Passou a maior parte do ano sentado ou deitado em sua alcova, sofrendo por Maggie e pelos outros inocentes que perderam a vida na operação que falhou ao tentar recuperar o Pedaço do Éden. Ele amaldiçoou a velha disputa por aqueles artefatos, desdenhando igualmente de Assassinos e Templários e de suas obsessões por bugigangas.

Ethan fora procurá-lo no túnel, mas O Fantasma mandara seu antigo mentor embora. Não tinha a mínima vontade de ver Ethan Frye.

George também foi até lá e explicou que a Irmandade precisava de um representante em Londres.

– Posso lhe oferecer outra missão secreta, Jayadeep. Algo mais adequado aos seus talentos.

O Fantasma rira ao ouvir aquelas palavras. Não tinha sido esse o mesmo discurso de Ethan Frye tantos anos antes, em Amritsar? *Algo mais adequado aos seus talentos*. E veja o que aconteceu.

– Você teria apenas de criar uma identidade falsa, um disfarce. Só isso – continuou George. – Não precisa se infiltrar em parte alguma, muito pelo contrário. Queremos que o seu disfarce seja tão bom que não atraia nenhuma atenção, mas não tão impenetrável a ponto de impedir que você monte uma rede

de espiões e informantes. Você será um receptáculo, Jayadeep. Um compilador de informações, só isso. E você leva jeito para esse tipo de coisa – disse George, indicando o túnel em volta deles. – As pessoas confiam em você. Acreditam em você.

O Fantasma levantou a cabeça, que estava apoiada nos braços cruzados sobre os joelhos.

– Não sou um líder, Sr. Westhouse.

George inclinou-se para baixo, fazendo uma careta de dor quando seus velhos ossos reclamaram, mas, ao mesmo tempo, desejando se sentar ao lado de Jayadeep, coincidentemente imitando o gesto de Ethan quando ele sentou-se ao lado do Fantasma na Escuridão.

– Você não vai ser um líder. Não no sentido tradicional – disse George. – Terá que inspirar as pessoas, como já sabemos que você pode fazer. A Irmandade precisa de você, Jayadeep. Precisávamos de você antes e precisamos de você agora.

– Mas eu falhei com a Irmandade.

George soltou um grunhido impaciente.

– Ora, pare de sentir pena de si mesmo, homem! Você não tem mais culpa do que Ethan ou eu mesmo, ou mesmo do que o Conselho, que mais parece permitir que o inimigo se fortaleça, sem oposição. Eu lhe peço, me faça ao menos um favor: ao menos pense a respeito.

O Fantasma fizera que não.

– Precisam mais de mim aqui neste túnel do que em qualquer guerra.

– Em breve este túnel deixará de existir – retrucou George. – Pelo menos não da maneira como é hoje. Ele foi comprado pela East London Railway Company. Olhe ao redor, não há mais ninguém aqui. Não há mais pedestres, nem comerciantes para servi-los. Somente os desesperados vêm passar a noite aqui. Restam apenas você e alguns bêbados, que dormem aqui até o porre passar, quando, então, podem voltar para casa e mentir para suas mulheres dizendo que foram roubados e estão sem dinheiro. Mas você tem razão: eles já precisaram de você um dia. Porém, não precisam mais. Se quer se colocar a serviço da humanidade, então devote suas habilidades ao Credo.

O Fantasma negou. Continuou a definhar com o passar dos meses, até que um dia recebeu uma nova visita.

E foi estranho, porque ele passara tantas noites naquele túnel sonhando com eles e com sua casa que, quando sua mãe e seu pai apareceram em carne e osso, achou que aquilo também fosse um devaneio. Achou que estivesse sonhando acordado, tendo alucinações com as imagens de Arbaaz e Pyara de pé na sua frente.

Havia uns cinco anos que os vira pela última vez, mas eram tão luminosos quanto a lembrança que guardava. A escuridão fétida do túnel parecia fugir de suas imagens, como se os dois emanassem luz própria, vestidos com os coloridos trajes de seda usados pela Irmandade na Índia. A corrente de ouro que ia da narina de sua mãe até a orelha brilhava à luz alaranjada de uma lanterna. Não admira que de início ele tenha pensado estar sonhando. A aparição deles era etérea, quase sobrenatural. Uma lembrança transformada em realidade.

O Fantasma notou a presença de outras pessoas na escuridão e reconheceu Ethan e George. Então, não era sonho. Ficou de pé, atordoado, procurando apoio nas paredes úmidas do túnel. Sentiu-se tonto por levantar assim tão repentinamente, fraco por tanto tempo sem cuidados, os joelhos não suportando o peso do corpo. Então, seu pai se inclinou para segurá-lo. Ethan fez o mesmo, e os quatro Assassinos guiaram Jayadeep para fora do túnel. Para fora da escuridão.

65

Seu pai e sua mãe estavam temporariamente hospedados em um apartamento na Berkeley Square. Lá, O Fantasma dormiu numa cama pela primeira vez em muitos anos, alimentou-se bem e recebeu cada beijo de sua mãe como uma bênção.

Entretanto, entre O Fantasma e seu pai pairava uma névoa. Teria sido Arbaaz quem prendera Jayadeep e o levara até a Escuridão? O que teria feito Arbaaz – ou deixado de fazer – com relação à sentença de morte dada a seu filho?

Essas perguntas jamais foram feitas, nem respostas foram oferecidas. As dúvidas e suspeitas permaneceram latentes. Dessa maneira, naturalmente O Fantasma gravitava em torno da mãe, que era um elo entre os Assassinos mais velhos e o jovem rebelde. Foi ela quem lhe disse que ele não retornaria a Amritsar, pelo menos não naquele momento. Talvez nunca mais. O aparecimento dele em Amritsar levantaria perguntas demais e, de qualquer maneira, as necessidades da Irmandade seriam mais bem atendidas se ele permanecesse em Londres.

O Fantasma percebeu o dedo de Ethan Frye e George Westhouse naquela decisão, mas sabia que a mãe concordava que a própria presença de Mir em Londres era um risco, e que levar Jayadeep para casa seria um risco maior ainda.

É claro que considerou a hipótese de abandonar tudo. Mas ainda era um Assassino, e não se podia dar as costas para uma crença. O Fantasma vira o terrível potencial do artefato, e sabia que ele deveria ser recuperado. O fato de ter falhado anteriormente não mudava isso em nada.

Um dia, durante aquele doce período em Berkeley Square, sua mãe convidou O Fantasma para uma caminhada, somente os dois. Eles caminharam pelas ruas cheias de londrinos que a olhavam como se ela não fosse apenas de outro país, mas de outra espécie. Os mantos dela eram de seda, mas não tinham adornos, e contrastavam fortemente com as crinolinas, os espartilhos, os chapéus excêntricos e as sombrinhas das mulheres locais. Apesar disso, nenhuma outra mulher chegava aos pés da beleza de sua mãe. Ele nunca se sentira tão orgulhoso dela quanto naquele momento.

– Você sabe, creio, dos planos que o Sr. Frye e o Sr. Westhouse têm para você, não é mesmo? – perguntou ela, enquanto caminhavam. Seus braços estavam relaxados, os ombros retos, o queixo erguido, devolvendo cada olhar que lhe dirigiam com grande dignidade.

– Eles querem que eu seja algo que não sou, mãe.

– Eles querem que você seja algo que você definitivamente *é* – insistiu ela. – Um motivo de honra para a Irmandade.

Ele deixou o orgulho de lado por um instante e abaixou a cabeça, imerso em lembranças.

– Não. Não fui isso e receio que jamais serei.

– Ora, pare com isso – repreendeu a mãe. – Que monte de bobagens! Será que nós o criamos para aceitar a derrota de braços abertos? Será verdade que olho em seus olhos e não vejo nada além de desistência? Você vai consumir toda a minha paciência se continuar com tanta pena de si mesmo.

– Pena de mim mesmo? De verdade? Você acha que tenho pena de mim mesmo?

Ela inclinou a cabeça, sorrindo.

– Talvez um pouquinho, querido. De leve.

Ele pensou a respeito e respondeu amargamente:

– Entendo.

Eles continuaram a caminhada, distanciando-se um pouco das ruas principais e seguindo em direção às partes mais insalubres da cidade.

– Magoei seus sentimentos – disse ela, depois de alguns instantes.

– Ninguém gosta de pensar que é uma criança emburrada – admitiu ele.

– Você nunca foi uma criança emburrada, e, vindo até aqui, percebi que meu menino virou um homem.

Ele riu, meio sarcástico.

– Um homem e tanto. Incapaz de completar sua iniciação.

– Lá vem você de novo...

– Desculpe, mãe.

Eles caminharam por ruas laterais até chegarem ao bairro de Whitechapel. Ali, em frente a uma loja, sua mãe parou, virou-se para ele e segurou o rosto do filho entre as mãos.

– Você é muito mais alto do que eu agora.

– Sim, mãe.

– Entende? Você é um homem agora. Um homem pronto para deixar para trás conceitos como autocensura, culpa, vergonha e quaisquer outras emoções nocivas que estejam enchendo essa sua cabeça e dar o próximo passo em direção à nova fase do seu destino.

– É esse o seu desejo?

Ela abaixou as mãos e se virou, rindo.

– Ah, agora sim, Jayadeep! Querido Jayadeep, meu doce menino, nascido do meu ventre, amamentado no meu seio. Que mãe sonha em ver seu filho se transformar num matador?

– Um Assassino, mãe. Um grande Assassino, não um grande matador.

– Você pode ser um grande Assassino sem ser um grande matador, Jayadeep. É o que desejo para você *agora*. É por isso que estamos aqui. Já que você aceitou sua nova vida, eu lhe dou as boas-vindas a ela.

Sua mãe indicou a loja em frente à qual estavam parados. Os olhos dele se voltaram para o lugar, uma vitrine encardida repleta de tralhas empoeiradas.

– Uma loja de bugigangas? – questionou ele.

– O lugar perfeito para uma mente curiosa como a sua – respondeu ela.

– Nossa, então eu devo me tornar um dono de loja – disse ele, sem emoção.

– Vamos entrar?

Ela retirou uma chave de dentro do manto e, instantes depois, entraram na loja entulhada de objetos, que era, de certa maneira, reconfortante. No seu interior parecia haver uma aura de mistério, e, quando eles fecharam a porta,

abafaram completamente os sons da rua. A poeira dançava contra o brilho da luz do sol que entrava pelas janelas, obscurecidas por pilhas de quinquilharias. Havia prateleiras e mais prateleiras repletas de objetos variados, que formavam variadas sombras. Ele gostou do lugar imediatamente.

Mas, mesmo assim... era uma loja.

– Acredito que foi Napoleão quem disse que a Inglaterra era uma nação de comerciantes – disse a mãe, sorrindo. Percebeu que ele estava intrigado e que gostara demais do lugar para simplesmente negar a oferta. – Nada mais adequado, então, do que se tornar um.

Eles caminharam por um corredor estreito por entre prateleiras forradas de todo tipo de enfeites e miudezas. Ali havia uma cheia de livros empoeirados; acolá, outra, que parecia prestes a cair sob o peso das louças empilhadas. Ele viu flores secas sob placas de vidro, e percebeu que ainda sabia o nome de cada uma delas, graças às lembranças de sua mãe em Amritsar. Ela viu que ele estava olhando, e ambos se entreolharam. Com que cuidado, pensou Jayadeep, haveriam escolhido cada objeto daquela loja? Afinal de contas, sua mãe evidentemente já estivera ali antes. Caminharam pelo corredor e ela mostrou-lhe mais coisas que achava que seriam interessantes para ele. Uma delas era uma bandeja cheia de peças de relógios, que o empolgou imediatamente. Aquilo o transportou para momentos esquecidos de sua infância, quando ele passava horas debruçado sobre relógios e brinquedos de corda quebrados. Mais adiante, uma mesa sofria sob o peso de uma infinidade de bolas de cristal, como se a loja tivesse sido visitada por um grupo de videntes, e ele se lembrou de como era fascinado por aqueles objetos quando criança.

Ela o guiou até os fundos da loja. Abriu uma cortina pesada e o convidou a entrar no escritório que ficava ali atrás. Pegou um herbário e o entregou ao filho.

– Tome. É uma espécie de passatempo dos ingleses.

Ele o abriu e viu que estava vazio.

– Para que você o encha – explicou ela.

– Eu me lembro de colher flores com você, mãe, em Amritsar.

– Todas têm um significado, você sabe.

– Você sempre me dizia isso.

Ela riu e, enquanto ele colocava o livro na mesa, abriu os braços para o ambiente ao seu redor.

– O que você acha? – perguntou a ele.

Ele olhou para a mãe, pensando que seu coração se partiria de tanto amor.

– Eu gosto – respondeu.

Numa mesa do escritório havia roupas dobradas e um pergaminho, que ela entregou ao filho.

– Esta é a escritura. A loja pertence a você agora.

– Henry Green – leu O Fantasma, desenrolando o pergaminho. – Este vai ser meu nome agora?

– Você sempre gostou do nome Henry. Além disso, está usando um chapéu verde, e Green quer dizer verde em inglês – brincou Pyara. – E é um nome bem inglês, adequado para um comerciante. Bem-vindo à sua nova vida, Henry. Daqui você vai gerenciar a ofensiva dos Assassinos na cidade e controlar sua rede de informações. E, quem sabe? Talvez nesse meio-tempo consiga vender um artigo ou outro. Agora... – Ela pegou as roupas dobradas. – Um traje do qual você pode se orgulhar.

Para respeitar sua intimidade, ela virou-se de costas enquanto ele trocava de roupa e depois se voltou para admirá-lo. Ele ficou ali, os trajes brilhantes com detalhes dourados, sandálias macias e uma cinta peitoral de couro.

– Chega de pés descalços, Jayadeep. Ou melhor, Henry – disse a mãe. – Um último detalhe para completar a transformação...

Ela pegou uma caixa que também estava na mesa. Henry já a tinha visto antes e sabia exatamente o que continha. Estendeu as mãos com uma mistura de gratidão e nervosismo. Com certeza era sua antiga lâmina. Ele a prendeu ao pulso, gostando da sensação de tê-la ali novamente, depois de tanto tempo.

Já não era mais O Fantasma. Agora era Henry Green.

66

De volta aos gêmeos...

– Dois Assassinos – disse Henry do alto de um prédio, olhando a cidade. – Da mesma altura. Uma mulher e um homem. Na casa dos vinte anos de idade, e ambos com um sorriso malicioso. Vocês devem ser os gêmeos Frye.

Ele observou os dois com atenção imediata: sim, os sorrisos se pareciam muito com o de Ethan. Fora isso, pareciam ter características opostas: Jacob era arrogante, impaciente, e precisava ainda de certo refinamento. Evie, por outro lado...

– E você é... – disse ela.

O manto de Henry ondulava ao sabor do vento, e ele se curvou levemente numa mesura, saudando-os.

– Henry Green ao seu dispor, senhorita. – Fez uma pausa. – Meus pêsames pela morte de seu pai.

– Obrigada – disse ela, e seus olhos se encheram de pesar antes de encontrarem novamente os dele. Henry perdeu-se naquele olhar por alguns instantes, sem vontade de desviar os olhos.

– O que pode nos dizer a respeito de Crawford Starrick? – perguntou Jacob, finalmente, e foi com alguma relutância que Henry voltou a atenção para o outro gêmeo, meio irritado por ter de tirar os olhos de Evie e encarar seu irmão.

– Suponho que o Conselho deseje notícias – respondeu, voltando a si.

– Devemos libertar Londres dos Templários. Para que seus habitantes tenham um futuro melhor. – A convicção iluminou o rosto dela. Dançou em

seus olhos, o que a deixou ainda mais linda, se é que isso era possível.

– Ainda bem que o Conselho ouviu a voz da razão e enviou você para nos ajudar.

– Sim, ainda bem – disse Jacob, num tom de voz que Henry reconheceu. Era o mesmo dos jovens clientes que o consideravam um tolo lojista indiano.

Apesar disso, ele continuou:

– Receio não ter boas notícias. Hoje, Starrick está no topo da mais sofisticada infraestrutura Templária jamais construída no mundo ocidental. Seu alcance se estende por toda a cidade de Londres. Por todas as classes, todos os bairros, nas indústrias, entre as gangues...

Jacob se envaideceu.

– Sempre achei que eu daria um excelente líder de gangue. Seria duro, mas justo. Estabeleceria um código de vestimenta rígido, unindo uma miríade de pessoas sob um único nome. Evie, é isso! Temos de trazê-los para o nosso lado.

Evie lhe lançou um olhar de reprovação.

– Ah, é? Da mesma maneira que você fez com aqueles caras da taverna Oakbrook, quando os atirou no rio?

– É diferente. Eles ganharam de mim no uíste. – Ele olhou ao longe, pensativo. – Já posso até ver. Vamos nos chamar As Torres.

– É. Você também nunca foi bom no xadrez – retrucou ela, olhando de soslaio para Henry, como se pedisse desculpas pelo irmão.

– E você por acaso tem um plano melhor? – perguntou Jacob.

Os olhos dela fitaram os de Henry, cujo espírito era semelhante ao seu.

– Encontrar o Pedaço do Éden.

Jacob soltou um muxoxo contrariado.

– Bem – disse Henry, pigarreando. – Agora você chegou no ponto derradeiro.

67

Depois, Henry os convidou até sua loja. Nada mudara desde que sua mãe lhe entregara a chave, anos atrás. Os negócios da loja não iam de vento em popa, mas isso não tinha importância. Vender bugigangas não era o principal objetivo de Henry, e seu outro negócio, o de fazer pesquisas sobre os artefatos e monitorar as atividades dos Templários mediante uma rede crescente de informantes, estava florescendo. George Westhouse tinha razão: Henry usou os mesmos talentos inatos que o fizeram cair nas graças dos moradores do túnel para cortejar os pobres e oprimidos de Whitechapel. Ele conquistara sua afeição sem chamar a menor atenção: dera um pouco de proteção aqui e ali, uma lição em um ou dois agiotas, fez um cafetão enxergar que o que estava fazendo era errado, fez um pai violento lembrar-se de suas responsabilidades... Conseguira fazer tudo isso por meio de ameaças e insinuações. Deixar em desuso habilidades de combate não o incomodava, afinal, ele nunca fora um guerreiro. Sua gangue era diferente das outras que perambulavam o East End – e que eram o modelo de como Jacob desejava que fossem suas "Torres", construídas sobre princípios de hierarquia, poder e violência. A gangue de Henry seguia princípios mais benignos. Seu líder conquistara sim o seu respeito, mas também seu amor.

– Ao longo dos anos, consegui estabelecer um bom número de conexões por toda a cidade – foi tudo o que ele lhes disse naquele momento.

– Esplêndido! – respondeu Evie. – Precisaremos de uma ajuda focada...

– Ajuda focada? – zombou Jacob. – Não, precisamos é dominar as gangues de Starrick para enfraquecer seu controle.

– Você não está pensando alto o suficiente – exclamou Evie, exasperada. – Starrick tem influência em todos os ramos da sociedade. Precisamos fazer o mesmo.

– Entendo, Evie. Precisamos das Torres.

Ela balançou a cabeça, repetindo uma máxima.

– Você não vai montar uma gangue chamada As Torres. Precisamos localizar o Pedaço do Éden.

– Não. Precisamos tirar Londres das mãos de Starrick. Basta que você me diga quais são meus alvos...

– Não.

– O quê?

– Ainda não é o momento.

– Eu não vim até aqui para comprar bugigangas.

– Primeiro entenda a dança; somente depois disso se torne um dançarino – disse ela, citando uma frase que havia sido repetida para eles muitas vezes ao longo de suas vidas.

– Ah. Quer dizer então que você vai continuar do ponto onde papai parou?

– Alguém precisa fazer isso.

68

– Oi, Freddie. Bom ver você.

Abberline estava sentado na sala de estar da casa do Sr. e da Sra. Aubrey Shaw em Stepney e lembrou-se do dia em que recebeu a mais calorosa recepção da Sra. Shaw e de seus dois filhos. O dia em que desejou com todas as suas forças que tivesse notícias melhores para lhes dar.

Agora a situação era a mesma, com a diferença de que...

– Aceita uma xícara de chá, Freddie?

Sem esperar por uma resposta, a Sra. Shaw saiu da sala, deixando os dois homens a sós.

– Ora, ora – repetiu Aubrey. – Bom ver você, Freddie. Sargento Frederick Abberline, em carne e osso. Freddie Caxias finalmente se deu bem, não é? Eu sempre soube que você chegaria lá, colega. De todos nós, você era o único que eu tinha certeza que se daria bem na corporação.

Aubrey agora tinha um açougue em Stepney Green. Abberline descobriu que era bom ter um amigo açougueiro. Especialmente quando se tratava de cultivar contatos, porque, era verdade, ele havia se dado bem na corporação. Um homem chamado Ethan Frye o havia apresentado a outro homem, chamado Henry Green, que Abberline reconheceu ser o indiano das escavações. Ele jurou manter esse segredo e ficou feliz em manter a palavra. Afinal de contas, Ethan Frye lhe salvara a vida. Ele e Henry haviam batido de frente com Cavanagh e seus amigos – e, na opinião de Abberline, isso os colocava no mesmo time que o dele.

E era curioso, porque Abberline nunca fora fundo para saber o que havia acontecido no canteiro das escavações da Metropolitan. O "poderoso objeto" sobre o qual Ethan lhe falara, bem, Abberline havia imaginado que fosse algum tipo de arma, algo que provocara uma explosão. Para que propósito, ele não fazia a mínima ideia. Mas Cavanagh morreu, e seus três guarda-costas também. E o escriturário? Bem, descobriram que no final das contas ele trabalhava para terceiros, e foi então que as coisas se complicaram. Foi quando Ethan explicou algo acerca de inimigos de eras passadas, homens que vivem armando maneiras de assumir o controle da vida dos demais.

E isso foi o bastante para Abberline. O suficiente para convencê-lo a parar de fazer perguntas, porque, de alguma maneira, algo de que ele havia se convencido há muito tempo – que existem forças além do nosso controle nos manipulando – havia se conectado com algo em que Aubrey acreditava veementemente: que às vezes simplesmente não existem respostas.

Então, Frederick Abberline havia aceitado que algumas coisas ele não podia mudar, mas jurou lutar pelas coisas que podiam ser mudadas, e agradecia pelo fato de saber distinguir uma da outra. Enquanto isso, Henry Green havia construído uma comunidade de informantes leais em Whitechapel. Abberline se juntou à sua gangue, alternando-se no papel de receptor e de fornecedor das informações.

Em suma, aquilo era o que se poderia chamar de uma relação *mutuamente benéfica*. E, pela primeira vez desde a confusão na Metropolitan, o novo sargento Abberline pensou que estava fazendo progressos. Estava fazendo um pouco de bem para o mundo.

Ora, ele tinha até mesmo conhecido uma mulher, Martha, por quem se apaixonara e com quem se casou... então, infelizmente, sua sorte chegara ao fim.

– Freddie, tem alguma coisa errada? – perguntou Aubrey. O sorriso em seus lábios morrera ao ver as feições do amigo. – Você não veio aqui simplesmente me visitar, não é? Você veio aqui para me contar alguma coisa. É sobre você e Martha? Vocês se separaram?

Freddie retorceu as mãos entre os joelhos. Ele havia se tornado adepto dos disfarces. Sua penetração em Whitechapel muitas vezes dependia de suas

habilidades de passar despercebido, de se mesclar na multidão. Em algumas ocasiões, isso tinha se mostrado de grande valor para a gangue de Henry.

Naquele momento ele desejava ter um disfarce, para que não se sentisse tão vulnerável.

– Não, Aubs, e não posso nem expressar o quanto eu gostaria que tivéssemos nos separado, porque assim minha querida Martha ainda estaria viva.

– Oh, Freddie! – exclamou a Sra. Shaw, parada à soleira da porta. Ela correu para dentro da sala, colocou uma bandeja com coisas para o chá na mesinha de centro e foi até Abberline, ajoelhando-se e pegando suas mãos.

– Sentimos muito, muito mesmo, não é Aubrey?

Aubrey se levantou, triste.

– Minha nossa. E vocês dois se casaram há apenas alguns meses.

Abberline pigarreou.

– Ela foi levada pela tuberculose.

– É uma grande pena, Freddie. Eu e Aubrey sempre achamos que vocês eram perfeitos juntos.

– E éramos, Sra. Shaw. Éramos mesmo.

Eles ficaram sentados por alguns instantes, sem saber o que fazer. A Sra. Shaw serviu o chá, e, depois, os três ficaram em silêncio por mais alguns momentos, os Shaw ajudando Abberline a lamentar a morte da mulher.

– E agora, Freddie? – disse Aubrey.

Abberline colocou a xícara e o pires na mesinha. Apenas as folhas de chá saberiam o que o destino lhe havia reservado.

– Só o tempo dirá, Aubrey. Só o tempo dirá.

69

Semanas se passaram. Os gêmeos imprimiram sua marca em Londres. Apesar dos protestos de Evie, Jacob de fato formou sua gangue, As Torres, e a transformou numa força importante da cidade. No processo, liberaram os garotos de rua da opressão, Jacob assassinou o líder de uma gangue, Rexford Kaylock, os gêmeos criaram um esconderijo num trem, e conquistaram a confiança de Frederick Abberline, que prometeu fazer vista grossa para suas atividades.

E, embora a atenção de Jacob estivesse concentrada em construir a reputação de sua gangue, Evie havia se lançado às investigações sobre o Pedaço do Éden.

– Ah, outra noite emocionante para Evie Frye, em casa – comentou Jacob ao ver a irmã às voltas com cartas, mapas e outros documentos variados. Talvez no momento ele não tivesse percebido que ela também estava calçando sua manopla.

– Na verdade também estou de saída – disse ela, com certo orgulho. – Encontrei o Pedaço do Éden.

Como sempre, Jacob não deu muita importância e revirou os olhos.

– Ah, é? E o que ele faz? Cura os doentes? Neutraliza balas? Controla as multidões?

– Os artefatos são objetos perigosos, Jacob. Especialmente se estiverem nas mãos dos Templários.

– Você parece o papai falando.

– Bem que eu queria.

Ela chamou a atenção do irmão para uma foto de Lucy Thorne que estava sobre a mesa. Evie notou que vinha olhando para aquela foto com frequência cada vez maior nos últimos dias, lembrando-se da figura ameaçadora que vira no terminal de cargas.

– Lucy Thorne está aguardando uma entrega esta noite. Ela é a especialista de Starrick em ocultismo. Tenho quase certeza de que irá receber o Pedaço do Éden que Sir David Brewster mencionou.

Jacob sentiu o cheiro de ação.

– Isso está me parecendo uma aventura. Posso ir com você?

– Promete que não vai se desviar da missão?

– Juro.

Pouco tempo depois, eles estavam nas docas, onde se deitaram no teto de um armazém com vista para a principal área de estiva, a fim de observar as caixas que estavam sendo descarregadas lá embaixo.

Lá está ela, pensou Evie, empolgada. Lucy Thorne. A ocultista estava vestida de preto, sua cor habitual. Teria sofrido com a perda do Pedaço do Éden de Brewster?

As palavras de Lucy Thorne chegaram até eles enquanto ela chamava a atenção de um dos trabalhadores.

– O conteúdo desta caixa vale mais do que a sua vida e de toda a sua família! – explodiu ela, apontando um dedo magro para uma caixa específica. – Você me entendeu?

O homem havia entendido. Ele redobrou o cuidado, e, então, se voltou para Lucy Thorne.

– Agora, Srta. Thorne, temos alguns papéis enviados pelo Sr. Starrick. Se a Senhorita puder me acompanhar por aqui...

Ela seguiu o homem relutantemente. Jacob e Evie analisaram a situação.

– Seja o que for que ela estava esperando, está naquela caixa – disse Evie.

Ambos correram os olhos pelas docas e avistaram guardas Templários armados sobre os telhados. Enquanto isso, a caixa, que de repente havia se tornado tão preciosa para eles quanto era para Lucy Thorne, foi colocada junto

com as demais numa charrete puxada por um cavalo. Um guarda segurava as rédeas. Outros dois guardas ali perto fofocavam sobre a assustadora chefe, ao mesmo tempo em que especulavam o que poderia haver de tão precioso dentro daquela caixa.

Jacob tirou a cartola e cobriu a cabeça com o capuz, seu ritual antes de entrar em ação, e, em seguida, depois de piscar um olho para Evie, partiu para cuidar dos guardas nos telhados.

Ela o observou se afastar antes de sair também. Foi silenciosamente para o beiral do telhado, deixou o corpo cair, e agachou-se perto de uma caixa d'água posicionada sob um cano pingando. Mesmo fitando o homem que guardava a charrete, ela continuava atenta às atividades de Jacob. Ele caminhava em direção a um sentinela desavisado. Sua lâmina se ergueu e o homem caiu em silêncio: um assassinato perfeito. Evie parabenizou-o baixinho sussurrando entre os dentes.

As palavras se congelaram em seus lábios, porém. O segundo sentinela armado viu seu colega cair e estava apontando o rifle.

Enquanto Jacob saia correndo pelo telhado, movendo-se mais depressa do que o tempo que o guarda levaria para mirar e puxar o gatilho, Evie disparou de trás da caixa d'água. Subiu ao telhado e parou atrás dos dois homens que estavam na retaguarda, ambos de costas para ela. Girando em torno do próprio corpo, deu um chute no pescoço do primeiro homem.

Dessa vez, ela foi esperta e se lembrou de desabotoar o casaco. Seu chute lançou o homem para frente, e ele bateu o nariz e a boca nas caixas, deixando manchas de sangue antes de tombar no chão de terra.

Enquanto isso, Evie já tinha se inclinado para a esquerda e, com a manopla, desferiu um murro na lateral da cabeça do segundo guarda. Ele tinha aproximadamente meio segundo de vida, e o passou sentindo-se tonto e desequilibrado, antes de Evie levar o cotovelo para trás, acionar a lâmina e enfiá-la em sua têmpora. A essa altura, o terceiro sentinela já escapara, e os atiradores no telhado estavam mortos. Mas era tarde demais. O alarme fora dado e, quando ela saltou para dentro da charrete e usou sua lâmina para retirar o prego que fechava a caixa, Jacob pulou do telhado do armazém e veio correndo em sua direção.

– Acho melhor irmos embora – disse ele, e jamais tivera tanta razão na vida. As docas estavam em alvoroço. As portas dos armazéns foram escancaradas e de dentro deles saíam homens com chapéus-coco, capangas raivosos metidos em ternos de tweed, empunhando armas ou espadas. Quando as atividades de Jacob e Evie na cidade começaram a chamar a atenção dos Templários, eles contrataram os homens mais implacáveis, mercenários e sedentos de sangue que conseguiram encontrar, e lá estavam eles, se atropelando, com Lucy Thorne lhes dando as direções, aos berros.

Os capangas saíram correndo da sala de reuniões, com Lucy Thorne berrando-lhes ordens às suas costas. Segurando suas saias, ela saiu apressada da reunião, completamente fora de si de tanta raiva, e descobriu que sua preciosa carga estava sendo roubada. Ficou vermelha de raiva, e sua voz parecia mais um guincho:

– Atrás deles, atrás deles!

Evie olhou rapidamente para o rosto da mulher. Ambas trocaram um olhar furioso. E a perseguição começou.

Com Jacob no controle das rédeas, a carruagem saiu voando das docas e entrou na área de descarte que ficava do lado de dentro. Em cima da charrete, Evie se segurava firme. Seu capuz tremulava com o vento à medida que os cavalos ganhavam velocidade. Ela queria gritar para que Jacob fosse mais devagar, mas, de dentro das docas, surgiu uma segunda carruagem, repleta de Templários.

A bordo vinha Lucy Thorne, parecendo um corvo com asas de crinolina. Embora ela não tivesse perdido completamente sua tranquilidade sombria, com certeza estava abalada, sabendo que deixara sua preciosa carga cair nas mãos erradas. Apontava e berrava, e suas palavras exatas se perderam no vento, mas o significado mesmo assim era bastante claro: peguem os gêmeos.

As carruagens saíram a toda velocidade das docas e viraram à esquerda na Ratcliff Highway. Prédios altos, lojas e cortiços se enfileiravam dos dois lados da rua, as janelas olhando impassíveis para a rua movimentada pelo tráfego intenso das docas. Ratcliffe Highway, uma rua já conhecida por sua violência, naquele momento estava testemunhando mais um pouco dela.

O chocalhar das duas carruagens sobre os paralelepípedos era quase ensurdecedor, e Evie teve medo de que as rodas se soltassem. Enquanto isso, tentava desesperadamente entender o que via dentro do caixote – documentos secretos e um livro com o brasão dos Assassinos –, ao mesmo tempo em que lutava para se segurar. Um tiro soou e ela escutou uma bala passar assobiando ao lado de sua bochecha. Olhou instintivamente para Jacob, para checar se ele estava bem.

Sim, estava. Seu capuz balançava ao sabor do vento, os braços abertos enquanto segurava as rédeas, gritando insultos sem parar por sobre os ombros e atiçando os cavalos.

À frente deles, os pedestres saíam do caminho, e os comerciantes se jogavam sobre suas cargas para evitar que seus produtos fossem pelos ares. Cocheiros acalmavam seus cavalos e brandiam os punhos, irritados, mas, apesar disso, as carruagens seguiam a toda velocidade.

Outro tiro. Evie se encolheu, mas viu o tiro atingir uma parede de tijolos próxima deles, arrancando-lhe uma lasca. Agora, o que lhe chegava aos ouvidos, mais alto do que o ruído das rodas ou dos gritos aterrorizados dos pedestres, eram as ordens desesperadas de Lucy Thorne. Ela virou a cabeça, e novamente as duas trocaram olhares. Lucy Thorne parecia fervilhar de tanta raiva da jovem Assassina. Seja lá o que estivesse dentro daquele caixote, era importante para ela, importante para os Templários – e, portanto, importante para Evie.

Se conseguisse manter o caixote em seu poder.

E era um grande "se". Jacob dirigia o mais rápido que podia, mas seus perseguidores estavam se aproximando cada vez mais, e ficaram quase ao lado deles. Evie viu os homens sacarem suas pistolas – e então lembrou que, graças a Henry Green, ela agora tinha uma pistola também.

Apoiando uma das mãos no caixote, ela puxou a Colt de dentro de sua jaqueta, mirou no homem que estava mais perto, e atirou.

Evie não era tão boa com uma arma de fogo quanto era com uma lâmina, mas o tiro foi bom, apesar disso. Teria aberto um buraco na testa do homem se a carruagem dele não tivesse subitamente saltado quando as rodas bateram num buraco. Ainda assim, ele levou a mão ao ombro e gritou, deixando a arma cair, e por pouco não foi arremessado ao chão.

Enquanto isso, a carruagem dos Templários havia se desviado perigosamente do curso e o cocheiro tentava desesperadamente evitar que ela virasse. Até mesmo Lucy Thorne havia parado de gritar e se agarrava, tentando salvar a própria pele, o chapéu agora era uma distante lembrança, os cabelos completamente revoltos.

A outra carruagem tentou bater neles. Mais tiros foram disparados. Em seguida, Evie viu os brutamontes Templários se preparando para saltar da sua carruagem para a deles. As ordens de Lucy Thorne se tornavam cada vez mais ameaçadoras à medida que ela começava a imaginar os Assassinos fugindo com seus documentos.

– Olhe! – disse Jacob, apontando. À distância, chacoalhando pela ferrovia de Blackwall, vinha o trem que ele e Evie haviam transformado em seu esconderijo.

Ver o trem fez com que Jacob tivesse uma ideia. Eles poderiam dobrar na Rosemary Lane e, então, se executassem tudo no tempo correto, estariam na posição perfeita para pular da carruagem para o trem.

Os gêmeos, com sua conexão excepcional, pareceram escolher esse plano sem precisar trocar sequer uma palavra.

Chegaram à junção da Ratcliffe Highway com a Rosemary Lane, e Jacob puxou os cavalos para a direita, já começando a se levantar, tentando controlar os animais ao mesmo tempo em que se preparava para saltar.

Ficaram bem ao lado do trem. Evie não tinha escolha a não ser pular. Gritando, frustrada, agarrou o caderno com o brasão dos Assassinos – era tudo o que conseguiria levar com ela –, guardou-o em seu casaco e, então, enquanto seu irmão pulava da carruagem para a porta aberta de um dos vagões, ela o imitou.

Os dois aterrissaram com força – Jacob, exuberante, corado de excitação; Evie, o exato oposto. Tudo o que conseguira pegar era o caderno amassado. E, para ela, aquilo não era o bastante.

70

Jacob e Evie continuaram a deixar sua marca em Londres, e elevaram os Assassinos à melhor posição que já haviam alcançado nos últimos cem anos. Distribuíam remédios para os doentes em Whitechapel e, assim como Henry, estavam conquistando corações e mentes.

E, é claro, os Templários não estavam nem um pouco felizes. O Grão-Mestre Crawford Starrick estava recebendo notícias sobre as atividades dos Assassinos, e o fazia sentado à mesa de mogno do seu escritório.

– Frye pretende colocar toda a cidade de Londres em perigo, entregando-a às massas – dissera-lhe seu tenente, James Brudenell.

– Ou talvez ele não pretenda nada – comentou Philip Twopenny, enquanto Starrick colocava um torrão de açúcar em seu chá. – Talvez ele simplesmente se contente em ficar brincando com as nossas vidas.

Starrick levou a xícara de chá ao nariz, inalando aquele perfume. Seu bigode tremeu.

– Cavalheiros – disse ele –, este chá me foi trazido de navio da Índia, depois levado do porto para uma fábrica, onde foi embalado e colocado numa carruagem, que o trouxe até a minha porta. Em seguida, foi guardado na despensa e trazido até aqui para mim. Tudo isso foi feito por homens e mulheres que estão a meu serviço, que têm dívidas comigo, Crawford Starrick; que me dedicam seus empregos, seu tempo, as próprias vidas que eles levam. Trabalharão em minhas fábricas, e o mesmo se pode dizer de seus filhos. E vocês vêm até mim com essa conversa sobre Jacob Frye? Essa mancha insignificante

que chama a si mesmo de Assassino? Vocês desrespeitam a própria cidade que trabalhou dia e noite para que pudéssemos beber isso. Esse milagre. Esse chá.

Lucy Thorne entrou no aposento. Ocupou o lugar ao lado do seu mestre. A figura descabelada terrível que se vira sobre a carruagem já não estava mais ali. Seu chapéu estava na cabeça, sua serenidade, recuperada.

– Estou chegando ao final da minha pesquisa – anunciou ela. – Nossa amada Londres não vai sofrer por muito mais tempo nas mãos desse tolo inconveniente.

– E quanto a essa irmã, de quem tanto ouço falar? A tal de Srta. Frye? – perguntou Starrick.

Lucy Thorne apertou os lábios.

– A Srta. Frye será liquidada muito em breve.

71

Sem desconfiar das forças que tramavam contra eles, a pesquisa de Evie e Henry continuava na loja dele e no esconderijo dos dois.

– Pode até ser que você não tenha encontrado um Pedaço do Éden – disse-lhe Henry, tentando consolá-la –, mas isto aqui é inestimável.

Ela o olhou, agradecida, e os dois se entreolharam por um instante antes de Evie pigarrear de um jeito estranho e desviar os olhos. Juntos, foram mais uma vez conferir as anotações do caderno resgatado da caixa, até que Henry topou com algo.

– Olhe, aqui diz que os Assassinos de Londres encontraram um sudário.

Um sudário.

Evie se aproximou para ler por cima do ombro de Henry. Mais perto do que seria necessário. E os dois sabiam disso. Os dois ficaram em contato, enquanto pequeninas descargas elétricas atravessavam seus corpos.

– Acredita-se que o Sudário do Éden seja capaz de curar qualquer ferimento – leu Evie. – Se os Assassinos tivessem encontrado algo assim, com certeza meu pai saberia.

Não, ele estava obcecado com o artefato da Metropolitan, pensou Henry. A menina de seus olhos era a Maçã. – Devemos ter deixado passar alguma coisa despercebida – disse.

Como se aquilo fosse uma deixa, Evie percebeu como os documentos inseridos no caderno se uniam, formando um mapa. Ela os pegou e se preparou para ir embora.

– Você não vem? – perguntou a Henry.

Ele ficou sem jeito.

– Trabalho de campo não é minha especialidade.

– Encontramos uma pista para um objeto antigo... não quer segui-la?

Ele queria, obviamente. E também queria ficar com Evie.

– Bem, colocando a coisa dessa maneira, não há como recusar.

Os dois seguiram o mapa, animados com a nova descoberta e também por estarem na companhia um do outro. O mapa os conduziu até uma das áreas mais abastadas da cidade, onde as ruas eram menos movimentadas, e as casas, maiores. Algo passou pela cabeça de Henry. Estariam seguindo na direção da Queen Square?

– Sabe, acho que talvez este mapa esteja nos levando até a mansão de Kenway – observou ele.

– Kenway? O pirata?

– Mestre Assassino e pirata, isso mesmo.

– É surpreendente que vocês ainda não tenham revistado essa casa. Afinal de contas, Kenway era um Assassino.

– O filho de Edward, Haytham, juntou-se aos Templários. Agora a casa é deles.

– Quer dizer que os Templários são donos de uma casa onde existem tesouros dos Assassinos guardados... que eles nunca conseguiram encontrar?

Henry deu um sorriso breve.

– Ah, talvez sejamos melhores do que eles em esconder coisas.

Eles chegaram à praça, que até mesmo Henry sabia ter mudado ao longo dos anos. Antes chamada de Queen Anne's Square, costumava ter mansões por todos os lados, entre elas a de Kenway, e, embora a estátua da praça continuasse no mesmo lugar, e a cervejaria da esquina – chamada The Queen's Larder – continuasse em funcionamento desde tempos imemoriais, as mansões tinham sido transformadas em hospitais, instituições de caridade, livrarias e gráficas.

Poucos daqueles edifícios eram usados como residências agora, e a mansão de Kenway era um deles. Era ali que Edward Kenway havia residido quando

retornou de suas viagens em alto-mar. Seu filho, Haytham, sagrou-se Templário – uma história longa e tumultuosa que colocou pai contra filho.

Jennifer Scott, filha de Edward e meia-irmã de Haytham, viveu anos ali, xingando igualmente tanto Assassinos quanto Templários, embora continuasse a desfrutar dos benefícios de suas relações com ambos – sendo que um desses benefícios era nada mais, nada menos que aquela casa grandiosa na Queen Square.

Ali Jennifer permaneceu, manifestando de vez em quando sua opinião de que já estava na hora de Assassinos e Templários entrarem em acordo, até morrer em idade avançada – quando, então, os Templários londrinos (e provavelmente também os Assassinos) soltaram um suspiro aliviado.

Agora, Evie e Henry entravam na praça, passando pela Roman Catholic Aged Poor Society e pela Society of St. Vincent De Paul. Evie subitamente parou e puxou Henry para um dos cantos da cerca de ferro que delimitava a praça.

– Olhe! – disse ela, sussurrando em seu ouvido.

Uma carruagem estava estacionada em frente à mansão de Kenway. Dela saía a figura inconfundível de Lucy Thorne.

– Estarei em meu gabinete – ouviram Lucy dizer a seu companheiro. – Não quero ser perturbada, a menos que cheguem notícias do caderno perdido.

No segundo seguinte, os dois Templários entraram na mansão, e Evie e Henry trocaram um olhar preocupado. Entrar ali seria um desafio. Ficar longe das garras de Lucy Thorne, outro.

Entretanto, agora eles já tinham ido longe demais.

72

Acima deles as janelas estavam abertas. Isso não era nenhum problema para dois Assassinos. Eles escalaram a parede rapidamente e caíram no que parecia ser uma sala de música completa, com piano de cauda e tudo, e viram-se diante de um retrato de Edward Kenway, em que ele aparecia posando de pé com um jovem Haytham. Outros quadros davam pistas da longa história de navegações encerrada naquela mansão.

Henry aproximou a boca do manto de Evie, que, com um dedo, puxou o capuz para trás.

– O que estamos procurando? – perguntou ele, num sussurro.

Ela correu os olhos pelo lugar.

– Não sei ao certo. – Os dois começaram a conduzir uma busca e descobriram que havia várias notas musicais escondidas pela sala.

– O que os Templários não estarão vendo? – perguntou Henry, quase que para si mesmo.

– Algo que apenas nós conseguimos ver.

– Edward Kenway era um pirata. Onde um pirata esconderia seu tesouro?

– Eu esconderia o meu numa biblioteca – retrucou Evie, e Henry deu um risinho.

– O meu seria *a própria* biblioteca – disse ele, e os dois trocaram outro olhar. Eram espíritos semelhantes.

– Esse piano é lindo.

– Você sabe tocar?

– Não, mas gostaria de saber. Adoro o som. E você?

– Um pouquinho. O bastante para me fingir de jovem dama da sociedade, se preciso for.

– Adoraria ouvir você tocar quando tiver uma chance – disse ele, e notou que ela corou um pouco.

Depois, ele caminhou até onde estava o piano.

– Algumas dessas teclas estão mais levantadas do que as outras – disse ele, e observou-as de perto, tentando encontrar algum motivo para a forma quase imperceptível com que determinadas teclas estavam numa posição mais destacada que outras.

Tentou uma, *tim.* O som assustou Evie, e ela olhou para ele, prestes a ralhar por causa do barulho, quando, de repente, o piano começou a tocar sozinho. Eles se esqueceram de entrar em pânico quando, naquele instante, parte do chão se abriu e revelou uma escada que descia para algum porão até então oculto.

Então, era ali que devia ficar o esconderijo de Kenway.

– Não é exatamente sutil, certo? – comentou Henry.

Evie revirou os olhos.

– Está na cara que Kenway adorava um barulho.

Eles desceram e se viram no esconderijo de Kenway, prendendo o fôlego enquanto começavam a dar conta das parafernálias escondidas ali, acumuladas ao longo de toda uma vida.

– Isso é incrível. Acho que esse deve ser o *Jackdaw* – disse Henry, com os olhos brilhantes ao ver uma réplica do lendário brigue pirata de Edward Kenway. – E pensar que tudo isso esteve escondido por um século!

Mas Evie tinha ido até uma mesa alta no centro da caixa-forte, e seus olhos se desviaram até um documento e um disco entalhado. Examinou o pergaminho.

– A história dos Assassinos de Londres... Caixas-fortes... Esconderijos... Uma chave escondida. – Então, empolgada, completou: – É isso!

Henry foi até ela e, mais uma vez, os dois desfrutaram da súbita proximidade entre eles antes de o momento ser interrompido pelos sons que Lucy Thorne fazia na sala de música logo acima.

– Vocês disseram que ouviram música! – eles ouviram ela vociferar para guardas que eles não conseguiam ver. E, em seguida: – Não havia nenhuma

abertura aqui antes.

Evie e Henry se entreolharam. *Ops.* Henry encontrou um ferrolho e o fechou, causando espanto geral nos presentes acima deles.

– Ajudem-me a bloquear a passagem! – gritou Lucy Thorne, sentindo que aquela porta recém-aberta seria crucial para seu progresso.

A porta se fechou, e Evie e Henry ficaram sem saber o que fazer então.

Uma saída. Tinha de haver uma saída. Juntos, tatearam as paredes com a ponta dos dedos até que, com um pequeno grito de triunfo, Henry a encontrou: um painel na parede que se abria e revelava uma escada de pedra em espiral, que descia fora do alcance das luzes. Sem perder tempo, os dois começaram a seguir por aquela passagem abaixo da mansão, agradecidos por fugir das garras de Lucy Thorne, mas um pouco desapontados.

– Uma câmara inteira repleta com a história dos Assassinos teve de ser deixada para trás mais uma vez... – lamentou-se Evie.

– Nós teremos de encontrar algo ainda melhor, ou então lutar por aquele tesouro novamente, depois – retrucou Henry.

Ela soltou um muxoxo.

– *Nós?* Pensei que você preferisse não se envolver no trabalho de campo...

– Eu... Bem, eu estava pensando em você e seu irmão. Fornecerei assistência no planejamento. Lá do trem.

– Jacob saiu por aí para fazer suas pilhagens – disse ela. – Tem uma vaga aberta, caso você queria ampliar seus horizontes.

– Vou pensar no assunto – disse ele.

– Pense – retrucou ela, com um sorriso zombeteiro gentil. – E vamos voltar à superfície.

73

– Então, as pistas que vocês descobriram na mansão de Kenway levam até aqui...

Jacob apontou de um jeito meio desdenhoso para a imensa coluna que se erguia a partir do chão embaixo deles. Mesmo estando no alto de um morro para olhá-la, continuavam sendo minúsculos em comparação. O Monumento ao Grande Incêndio de Londres, construído perto do local em Pudding Lane onde o incêndio de mesmo nome se iniciou em 2 de setembro de 1666, era um tributo impressionante a esse acontecimento histórico.

Por alguns instantes, os gêmeos se limitaram a ficar olhando para ele, indo da base esculpida à coluna nervurada e em seguida ao topo, onde uma espécie de cabine gradeada fora construída para impedir suicídios. Maior torre do mundo, ela apequenava os edifícios que a cercavam e, num dia límpido, era possível vê-la do outro lado da cidade. De perto, era de tirar o fôlego.

Evie desejou que Henry estivesse ali; depois, se repreendeu pelo pensamento desleal. Afinal de contas, Jacob era seu irmão, seu irmão gêmeo com quem ela compartilhava uma comunicação quase sobrenatural. Coisas que salvaria de um incêndio? Em primeiro lugar, sua lâmina; em segundo, seu irmão. E num bom-dia, se Jacob estivesse sendo uma companhia especialmente agradável... bem, ela talvez até o salvasse primeiro.

Hoje, entretanto, não era um desses dias. Jacob não estava sendo uma companhia agradável. Pelo contrário: preferia zombar dela e satirizá-la a cada chance que aparecia, e, mais especificamente (pelo menos é o que parecia), zombava do afeto crescente entre ela e Henry Green.

Henry, claro, não estava ali para se defender. Estava na loja, revisando o material, e, portanto, Jacob se aproveitava da sua ausência.

– Ah, claro, Sr. Green – dizia ele, imitando a irmã –, essa ideia é fabulosa. Ah, por favor, Sr. Green, venha dar uma olhada neste livro e fique aqui bem pertinho de mim, Sr. Green.

Ela ficou irada.

– Eu não... – E, em seguida, se recompôs. – Bem, talvez você não tenha nada melhor para fazer, mas *eu* estou muito ocupada protegendo os Assassinos.

– Ah, é mesmo? Como é mesmo aquilo que Papai costumava dizer...?

– "Não deixe seus sentimentos pessoais comprometerem a missão"? – Evie revirou os olhos.

– Exatamente – disse seu irmão. – Mas, enfim, não importa, estou indo embora. Se achar mais coisas impossíveis para você perseguir eu aviso.

Para demonstrar seu escárnio, ele abaixou o capuz, retirou o chapéu que estava guardado entre suas roupas e, em seguida, o fez rolar ao longo do braço, até ir parar no alto da sua cabeça.

Depois disso, saiu.

Ela observou Jacob se afastando, quase tão feliz por ele estar indo embora quanto lamentando a tensão entre eles, e depois foi até o monumento. Na sua base havia um pequeno espaço de encaixe de formato familiar. Com certeza, o disco que ela retirara da mansão de Kenway se encaixaria ali perfeitamente. Ao inseri-lo, a rocha pareceu rachar, apenas o suficiente para se abrir, e ela subiu uma escada espiralada que surgiu dentro do monumento. Não era a escada comum, usada pelos visitantes, pelos suicidas e por James Boswell, que aparentemente sofreu um ataque de pânico na metade do caminho até o topo, depois se recompôs, conseguiu ir até o fim, e, então, declarou que a vista era abominável. Não: aquela escada que ela estava usando era apenas para aqueles que estivessem de posse daquele disco.

Como era de se esperar, quando ela alcançou o topo, a 62 metros de altura, duas coisas a esperavam. Primeiro, a vista: ela ficou parada, açoitada pelo vento, enquanto olhava boquiaberta para o panorama de chaminés e torres pontiagudas, um horizonte de indústrias e devoção. Segundo, ela encontrou outro disco, este maior e com uma fenda. Comparou os dois discos que tinha na

mão e, então, num impulso, decidiu tentar encaixar o primeiro na fenda do segundo.

E coube. Perfeitamente. Ainda açoitada pelo vento, ela olhou impressionada para aquilo, enquanto uma imagem começava a se formar. Se o lugar onde estava agora era o marco mais conhecido de Londres, então, o que ela via apontava para o segundo marco mais conhecido da cidade, também projetado por Sir Christopher Wren: a Catedral de São Paulo.

Pouco tempo depois, ela já estava a caminho da catedral, desejando ter parado ou para chamar Jacob ou, de preferência, Henry, mas sabendo que não teria como localizá-los ao certo. Subiu até o teto da grande catedral, o que não foi um problema para uma mulher com suas habilidades.

Ali, na estátua de São Paulo, ela inseriu a peça formada pelos dois discos em uma ranhura na rocha. Depois – estaria realmente sentindo aquilo? –, uma porta bem abaixo dela se abriu, e, sem perda de tempo, ela desceu. Começou a caminhar por uma catacumba da capela.

Era um salão amplo, dominado por uma mesa em seu centro. Em uma das paredes havia um símbolo dos Assassinos. Ah, então era uma catacumba dos Assassinos! Do outro lado do salão ela via uma janela de vitral, enquanto, pendurada em uma alcova, estava o que Evie de início acreditou ser uma bela joia. Ela se aproximou e examinou uma corrente decorada com elos e pequeninas e intrincadas esferas, mais ou menos do tamanho de pérolas, mas inscritas com hieróglifos estranhos e angulosos, bem como um pingente, que ela segurou na palma da sua mão. Nele também havia algo de infinitamente precioso, como se tivesse sido fabricado por um joalheiro que não pertencia a esse mundo ou a essa era. Um arrepio de empolgação atravessou seu corpo quando se deu conta de que o que tinha nas mãos era, muito provavelmente, algo da Primeira Civilização. Uma espécie de chave de algum tipo. Havia uma frase inscrita em latim, cujo significado era: “O remédio é pior do que a doença.” Ela pegou a joia e revirou-a nas mãos. Não era nada que ela reconhecesse de suas leituras. Nada que pudesse lhe dar uma pista de quando e onde havia sido feita. Talvez, se tivesse os livros ali...

Ela a pendurou ao pescoço, justamente quando a porta se abriu e por ela entrou Lucy Thorne.

– Bom dia, Srta. Frye. Isso fica comigo – disse a Templária. Toda vestida de preto e com uma expressão predadora, ela atravessou o salão em direção a Evie. Vinha sozinha, absolutamente confiante em seu poder.

Evie deixou a chave cair sobre o peito. Ergueu o capuz do manto e, então, com as mãos ao longo do corpo, ficou parada, relaxada mas alerta.

– Você quer que o sudário cimente seu próprio poder – disse. – Mas e se você não puder controlá-lo?

Lucy apertou os lábios.

– E por que *você* iria querer o Sudário? Apenas para manter os Templários longe dele? Que coisa típica dos Assassinos: deter o poder da vida eterna mas ter medo demais para usá-lo!

Lucy havia parado a poucos passos de Evie, mas ficara distante o bastante para não poder ser atacada. As duas se mediram de alto a baixo. Evie não avistou nenhuma arma, mas quem poderia dizer o que estaria escondido nas dobras volumosas do traje funéreo da sua oponente?

– Vida eterna – disse ela, com todos os músculos em estado de alerta. – É isso o que você acha que o Sudário oferece?

– O que eu acho ou deixo de achar não é da sua conta – retrucou Lucy, cujos olhos deixaram transparecer suas intenções um segundo antes de ela se mexer. Num movimento muito veloz, sacou uma lâmina da bota e saltou, com o corpo e a mão que segurava a faca estendidos, numa ação que quase tomou Evie de surpresa.

Quase era a palavra certa. A jovem Assassina deu um salto para trás, acionou sua lâmina oculta quase ao mesmo tempo que sua oponente, e ficou feliz ao ver a expressão do rosto da outra se transformar de imediato. Se Lucy Thorne achou que aquilo seria moleza, cometera um erro crasso, pois uma Templária com uma adaga não era páreo para Evie Frye. Pode ser que a outra tivesse confiado num ataque rápido, mas um ataque assim se baseava no elemento surpresa e, sem esse elemento, nada restava a Lucy a não ser o desejo de vencer e o instinto de sobrevivência. E nem uma coisa nem outra eram o bastante para fazê-la derrotar Evie.

Suas lâminas se chocaram. O som metálico ricocheteou pelas paredes de pedra. Com os dentes à mostra, Lucy tentou atacar mais uma vez, porém Evie

desviou-se com facilidade, medindo sua oponente e esperando a oportunidade de desferir seu golpe mortal.

Lucy Thorne, entretanto, não estava vencida. Quando Evie se aproximou, ela abriu a mão e um globo surgiu do centro de seu pulso. Por um estranho e louco instante, Evie pensou que Lucy Thorne a estivesse atacando com um Pedaço do Éden, até que percebeu o que era aquilo, na verdade: uma bomba de fumaça.

Cega e momentaneamente desorientada, Evie cambaleou para trás, colocou a lâmina numa posição defensiva e recuperou o equilíbrio, preparada para enfrentar um contra-ataque. Que, obviamente, veio. Lucy Thorne era inferior no combate, mas era empenhada e, além de tudo, corajosa. *Minha nossa*, pensou Evie, *como aquela mulher era corajosa!* Através da fumaça da bomba, Lucy atirou-se para frente golpeando com a adaga, mais na esperança do que na confiança de acertar e, por conta da neblina e da ferocidade de seu ataque, quase foi bem-sucedida.

Quase era a palavra certa.

A fumaça se enovelou quando Evie girou rapidamente para um dos lados, empinando o peito e girando os ombros para trás. Abaixou a lâmina e, com isso, atirou a adaga de Lucy para longe de sua mão. No instante seguinte, deu um rodopio e trouxe seu ombro direito para a frente num movimento nada digno de uma dama, mas bastante digno de Evie Frye: um soco giratório que acertou em cheio o maxilar de Lucy Thorne, fazendo os seus globos oculares quase saltarem das órbitas e seus dentes chacoalharem enquanto ela cambaleava para trás. Evie embainhou a lâmina, deu um passo adiante e agitou sua mão escondida na manopla.

O movimento foi certeiro e fez com que ganhasse a luta. Porém, talvez Evie tivesse um pouquinho demais da natureza do pai e do irmão. Talvez fosse confiante demais. Porque o fato é que o soco foi muito forte e, em vez de jogar Lucy Thorne no chão, fez com que ela saísse voando pelos ares em direção a uma vidraça atrás de si, os braços abertos girando loucamente.

Evie viu o que ia acontecer e percebeu seu erro, mas já era tarde demais. Ela deu um salto para a frente e, na pressa, perdeu o apoio. Seus dedos não conseguiram segurar Lucy Thorne. Por um átimo de segundo as duas se agarraram, tentando evitar o inevitável.

Não conseguiram. A vidraça se estilhaçou ao redor de Lucy Thorne. Ela parecia estar caindo para uma morte certa, mas, então, uma de suas mãos desesperadas encontrou a chave em volta do pescoço de Evie e aquilo, de repente, foi o que impediu sua queda. Evie viu-se presa também, gritando de dor quando a corrente afundou em sua carne.

– Ah, está vindo comigo? – zombou Lucy Thorne, e mais uma vez Evie foi obrigada a admitir algo: que sua oponente era valorosa.

Mas...

– Tenho outros planos, na verdade – retrucou Evie. Sacou a lâmina e cortou a corrente, liberando Lucy Thorne... mas soltando a chave.

Com um berro, a Templária caiu e Evie foi atirada de volta para o salão. Ela se levantou, tossindo e ofegando, e em seguida arrastou-se para checar a vidraça quebrada e a rocha lá embaixo.

Lucy Thorne não estava mais em parte alguma.

– Droga! – exclamou Evie.

74

Evie ficou sentada, lamentando-se. Sim, estava feliz em saber do progresso de Jacob. Ele conseguira se livrar do banqueiro Twopenny, obstruindo as finanças dos Templários – o que já era bom. Além disso, outras operações menores do irmão também se mostraram eficientes.

O trabalho de Evie, entretanto, não obtivera o mesmo êxito.

Por um lado, ela tivera a chance de passar mais tempo com Henry Green, e nem mesmo os chiliques de Jacob conseguiram diminuir esse prazer específico: ela e Henry estavam ficando cada vez mais próximos.

Mas, por outro, suas investigações renderam poucos motivos de comemoração. Quanto mais os dois se enterravam nos livros e se debruçavam sobre o material que Evie roubara da caixa, menos sabiam. Pelo menos essa era a impressão que tinham.

Ela refletiu sobre o que Lucy dissera: que o sudário conferia vida eterna. Eles já sabiam que o Sudário do Éden, citando o texto, "supostamente seria capaz de curar até mesmo o mais grave dos ferimentos". Mas... vida eterna?

E agora, ainda por cima, Lucy Thorne estava de posse da chave de Evie.

– De que vale uma chave, se não se sabe que fechadura ela abre? – perguntou, certo dia, enquanto ela e Henry passavam mais uma tarde infrutífera à luz de velas e às voltas com textos misteriosos.

– Eu me arrisco a dizer que a Srta. Thorne está na mesma situação que você – afirmou Henry secamente, sem sequer se dar ao trabalho de levantar a cabeça do diário que estava lendo.

Fazia sentido. Evie reconheceu isso com um suspiro e o coração pesado, voltando os olhos para seu próprio trabalho. E, então, justamente naquele momento, ela percebeu. O que estava à sua frente era...

– Henry! – disse, rapidamente, e colocou a mão no seu braço. Mas, com a mesma rapidez, retirou-a e pigarreou devido à súbita vergonha. – Aqui. É isso!

Henry viu a imagem de uma chave abaixo do dedo dela. *Então era isso*. Empolgado, esticou a mão para uma pilha de livros e pegou um deles. Sua mente já tinha começado instantaneamente a fazer conexões.

– É igual à da coleção da Rainha – declarou Henry, folheando as páginas. Encontrou o que procurava e olhou para Evie com os olhos brilhantes de empolgação. – Fica guardada na Torre de Londres.

75

Horas depois, com a cidade escondida atrás de uma cortina de neblina e escuridão, Evie Frye agachou-se nas ameias de um muro que dava para o pátio interno da Torre de Londres. À sua esquerda estavam as janelas escuras da Torre Lanthorn, cujo interior fora destruído por um incêndio em 1774 e ainda precisava de reparos. Por aquele motivo, ainda continuava sendo um reduto desabitado, mal iluminado e basicamente não vigiado nos arredores da Torre: perfeito para Evie refletir sobre o que fazer.

Ali agachada, podia ver o complexo central onde ficava a Torre Branca – "o torreão", que se destacava com relação às estruturas menores ao seu redor. Aqui e ali, no entorno, viam-se os vultos familiares dos Yeoman Warders, os guardiões da Torre de Londres, que a vigiavam dia e noite. Entre eles devia estar um homem que Henry considerava um aliado. A próxima tarefa de Evie era encontrar esse homem.

Ali, observando agachada, alongou os músculos. Estava esperando havia quatro horas, o que lhe dera a grande oportunidade de analisar os movimentos dos guardas. Percebeu que havia dois grupos distintos. Algo estava prestes a acontecer, pensou. E tinha quase certeza do que era.

Então, sua atenção se desviou para a chegada de Lucy Thorne.

Evie encolheu-se ainda mais nas sombras quando sua nêmesis saiu de uma carruagem e atravessou o pátio, indo até os primeiros degraus da escadaria da grande masmorra. A Templária correu os olhos pelos muros que rodeavam o

pátio interno, e Evie conteve a respiração quando aquele olhar passou por onde ela estava escondida. Então, Lucy Thorne subiu a escada e entrou no torreão.

Evie decidiu esperar um pouco mais por uma boa oportunidade. Lá embaixo, acontecia a Cerimônia das Chaves, mas o que ela estava observando era outra coisa. Distantes da cerimônia, dois guardas arrastavam um policial para longe. O homem protestava com veemência, mas seus palavrões eram ignorados.

Bem, nem tão ignorados assim. Embaixo deles havia outro guardião da Torre. Evie o viu fitar a cena de mau humor, enquanto o policial era arrastado à força até o Quartel de Waterloo, no lado oeste do complexo.

O olhar daquele homem. Era ele. Era o homem que ela procurava.

Incitada a entrar em ação, ela desceu até o pátio e aproximou-se do guarda, que ainda era a própria imagem da indecisão. Das sombras ela atraiu sua atenção com um assobio baixo, identificou-se como amiga de Henry e percebeu um olhar de confiança agradecida tomar conta do rosto do homem.

– Graças aos céus que você veio – disse ele, e começou a contar sua história.

O que surgiu foi um resumo de como os Templários estenderam seus tentáculos dentro da própria hierarquia da Torre. Vários dos guardas eram impostores da organização. Muitos ainda permaneciam leais à Coroa, mas a fofoca e a suspeita imperavam, e o equilíbrio do poder vinha sendo perturbado.

– Aquela tal de Thorne entrou na Capela de São João Evangelista. – Com o polegar ele apontou para o torreão, onde se via a abside da capela. – Posso ajudar você a entrar, se quiser.

Ela assentiu. *Faça o melhor que puder.*

– Certo. Para que funcione, você precisa fingir ser minha prisioneira.

E, com isso, ele segurou o braço de Evie e marchou com ela pelo pátio em direção ao Quartel de Waterloo, conduzindo-a até o salão de entrada principal.

Imediatamente, ela percebeu a extensão da infiltração dos Templários, que zombavam dela enquanto ela era levada pelo quartel.

– Que beleza ver uma Assassina presa, para variar! – gritaram os guardas.

Atiçando, provocando-a.

– Os Templários é que dominam Londres, Assassina. Não esqueça.

O aliado levou-a até um corredor e, dali, para o bloco de celas. Fechou a porta na parte externa do quartel, isolando-os dos guardas.

Ali, duas sentinelas montavam guarda na porta situada na extremidade do lugar. Tal como os outros, as sentinelas também a provocaram. Agora, porém, Evie Frye fez com que engolissem suas palavras. Fingindo libertar-se de seu captor, ela deu um salto para a frente, assumiu posição de ataque e, no mesmo instante, acionou sua lâmina, enfiando-a em seguida por baixo da túnica de um dos guardas espantados. O segundo nem teve chance de revidar: ainda abaixada, Evie arremeteu a lâmina para a frente e o esfaqueou rapidamente na coxa. Em seguida, aproveitando que ele se dobrava de dor, enfiou a lâmina no espaço entre sua clavícula e seu pescoço. Ele gorgolejou e caiu morto sobre o chão de pedra.

Seu aliado observou tudo, fez um sinal de positivo e, com a garantia silenciosa de que organizaria um revide, foi-se embora. Em questão de instantes, ela ouviria os sons de uma batalha sendo travada lá fora.

Enquanto isso, porém, sua breve luta com as sentinelas se desenrolara ao som de gritos angustiados do outro lado da porta trancada da cela. O policial tentava fazer notar sua presença havia algum tempo já, e, pressentindo que acontecia algum combate a pouca distância dali, gritou:

– Tem alguém aí? – A voz dele saiu abafada pela porta espessa.

Ela foi até lá, tocou a ponta dos dedos na madeira e aproximou os lábios para responder:

– Sim, uma amiga.

– Ah, que bom. Diga-me então, minha amiga. Pode me tirar daqui?

Evie era ótima em arrombar fechaduras. Seu pai a treinara bem, e ela abriu aquela rapidamente. Viu-se diante da presença grata de um policial agitado e de rosto vermelho.

– Obrigado – disse ele. – É uma traição, isso é o que está acontecendo. E uma profanação da capela. A Srta. Thorne me disse para ficar agradecido por eles não terem me matado logo de cara. Teve essa cara de pau!

– Ela está procurando um objeto de grande poder – contou-lhe Evie. – Não podemos permitir que o roube.

O policial ficou espantado.

– Então não são as Joias da Coroa?

Evie fez que não.

– Não, é algo bem mais importante.

O amigo de Henry garantira a segurança no quartel: os corpos empapados de sangue ali caídos eram prova disso. A seção oeste do lugar agora estava dominada. Do lado de fora, o policial falou aos seus homens:

– Certo, cavalheiros. Estamos enfrentando um inimigo que jamais imaginaríamos enfrentar, e temos traidores em nosso seio.

Depois, delineou um plano de ação e uma série de sinais para indicar o momento em que deveriam atacar os servos Templários.

Os homens se dispersaram e então, a um sinal de Evie, iniciaram o ataque. Nas faixas dos pátios interno e externo e no pátio localizado em frente ao torreão, os policiais investiram rapidamente sobre os guardas Templários. Houve conflitos aqui e ali, mas Evie percebeu que a luta seria curta e facilmente vencida. Nem precisou acionar sua lâmina ao entrar na Torre Branca.

Lá, saiu correndo rapidamente e subiu a escada. Bateu à porta, rezando para que quem estivesse ali dentro ainda não tivesse notícias da rebelião que estava acontecendo lá fora.

Tensa, ficou parada esperando, prestes a despachar o infeliz que atendesse à porta. Contudo, ninguém veio. Preparou-se para o pior e tentou girar a grande maçaneta: descobriu que a porta estava aberta. Então, ela entrou.

Droga.

Na mesma hora ela sentiu a ponta de uma lança em seu pescoço e percebeu que tinha entrado numa armadilha. Ao mesmo tempo, o gume afiado de uma espada Wilkinson foi colocado sobre seu antebraço, logo acima de sua manopla, impedindo-lhe qualquer movimento. Ela sentiu uma gota quente de sangue descer pela gola de seu casaco, mas aquela dor não era nada comparada à humilhação de ter sido apanhada com tanta facilidade.

– Ora, ora. Parece que apanhamos uma Assassina – zombou um dos três homens. – Só que, agora, para valer. Nada de dominar seu guarda dessa vez. Nada de libertar o policial para que ele convoque seus homens. Vamos levar você direto até a Srta. Lucy Thorne e ver o que ela quer fazer com você.

Ela quer me matar, pensou Evie. O que Lucy Thorne quer fazer é me matar. Mas, enfim, dizem que a última a morrer é a esperança, e a de Evie era a seguinte: Lucy devia estar na capela naquele exato momento, procurando o Sudário. *Claro*, pensou Evie. *Se me levarem até Lucy Thorne, só ficarei ainda mais perto dele*.

Assim, com esse pensamento, arquivou rapidamente quaisquer planos de fuga. Relaxou, permitindo que a lâmina da lança continuasse exatamente onde estava, e a espada, idem. A última coisa que desejava era atrair a atenção para sua manopla.

Não: em vez disso, fez tudo o que mandaram. Eles a conduziram até a capela.

Bateram à porta e entraram, encontrando ali dentro Lucy Thorne, que ficou espantada com aquela visita e pareceu estranhamente perturbada. Era óbvio que ainda não havia encontrado o Sudário do Éden, e, ao voltar o rosto para Evie, flanqueada pelos guardas na porta da capela escura, suas bochechas estavam coradas.

– Bem-vinda, Srta. Frye – cumprimentou ela, num silvo de ódio. – Você se importaria de me dizer onde está o Sudário?

Evie não disse nada. Não havia nada que pudesse dizer.

– Como preferir – disse Lucy. – Vou encontrá-lo sem sua ajuda e depois vou estrangulá-la com ele. – Ela percorreu o salão passando as mãos pelos painéis da parede e pressionando o ouvido à madeira, em busca do som oco que denunciaria a existência de compartimentos secretos.

Enquanto isso, Evie se preparava para lutar, analisando o inimigo. Na capela havia quatro oponentes, mas Lucy Thorne já havia lutado uma vez com Evie e perdido. O pior a enfrentar seriam os guardas – mas estes, estavam distraídos, achando que, uma vez que entregaram Evie a Lucy Thorne, seu trabalho já estava encerrado.

Evie deixou o braço pender minimamente e, assim, livrou-se da ameaça imediata da espada Wilkinson. Depois, de uma só vez, caiu sobre um dos joelhos, acionou sua lâmina e enterrou-a na virilha do homem mais próximo dela.

Foi feio, mas resultou numa bela quantidade de barulho e de sangue, e, como a ensinaram, uma bela quantidade de barulho e de sangue é um elemento surpresa de grande ajuda quando se deseja realizar um ataque bem-sucedido.

O guarda caiu no chão aos berros, e seus companheiros começaram a gritar. A lança, porém, àquela altura já estava longe do pescoço de Evie, que, apoiando a mão enluvada no chão, girou o corpo para enfrentar o segundo homem. Foi como se ela tivesse lhe dado um soco no estômago, só que com a lâmina e a

manopla: o golpe fez o homem sair voando pelo salão segurando o ferimento na barriga, que em questão de segundos começaria a sangrar.

Quando chegou a vez do terceiro homem, contudo, ela não teve tanta sorte. Apesar de ele não conseguir empunhar a espada novamente, apanhou o cabo da lança caída e se pôs a brandi-lo. Acertou em cheio a lateral da cabeça de Evie. Ela cambaleou, sabendo que a falta de dor naquele momento significava uma agonia atroz mais tarde, e começou a brandir sua lâmina para todos os lados.

Conseguiu rasgar as roupas dele e abriu um corte em sua pele, mas aquilo não era nem de longe o bastante para liquidá-lo. Ele saiu correndo para o lado: era mais ágil do que aparentava ser, e tentou atingi-la de novo com o cabo da lança, mirando mais uma vez a lateral da cabeça dela.

Agora, entretanto, ele errou o golpe... mas ela, não. Seu golpe foi certeiro: ela enfiou a lâmina no coração do homem e ele caiu, praticamente morto antes mesmo de atingir o chão. Os outros dois homens retorciam-se, gemendo, na agonia ruidosa dos estertores da morte, e Evie lançou-se sobre Lucy Thorne com a lâmina em riste. Atirou longe a adaga que a outra tinha sacado e deliciou-se com o olhar de surpresa e medo no rosto da sua adversária, sabendo que a batalha estava ganha e permitindo-se um sorriso de satisfação sombria ao sentir que sua lâmina atingia o alvo.

Agora, finalmente, Lucy Thorne jazia moribunda no chão. Evie olhou para ela, quase surpresa com sua própria falta de piedade.

– Você estava atrás de um objeto de cura apenas para aumentar seu próprio poder – declarou, pura e simplesmente.

– Meu não: nosso. Vocês são tão limitados! Conquistam poder e nunca o utilizam, quando nós seriamos capazes de melhorar as condições da humanidade. Espero que vocês jamais encontrem o Sudário. Vocês não fazem ideia do que ele é verdadeiramente capaz de fazer.

Curiosa, Evie inclinou-se para perto da mulher.

– Ah, é? Então me diga.

Foi como se, no último instante, Lucy Thorne mudasse de ideia.

– Não. – Sorriu, e morreu.

Evie enfiou a mão no bolso em busca de seu lenço, que cuidadosamente manchou com o sangue de Lucy Thorne. Dobrou-o e o recolocou no lugar.

Depois, apanhou a chave e olhou sem o menor interesse em volta da Capela de São João. Os guardas jaziam em poças de seu próprio sangue; Lucy Thorne parecia quase serena. Evie lhes prestou respeito silencioso, e, então, saiu andando pelos corredores mal iluminados do torreão até chegar à entrada. Ali, ficou no alto na escadaria e olhou para o pátio, onde o policial e o guarda aliado de Henry Green reuniam seus homens, agora que a batalha estava ganha.

O Sudário não estava ali, pensou. A Torre de Londres, entretanto, tinha sido devolvida à Coroa, e isso significava ao menos um serviço bem executado da parte de Evie Frye.

Voltando à base, ela pensou nas últimas palavras de Lucy Thorne. É verdade, Evie pensara que o Sudário fosse um objeto de cura. Ingenuamente, talvez, dado o interesse dos Templários por ele. Mais tarde, porém, descobriu que ele era capaz de conferir a vida eterna... E agora isso. Seria possível que Lucy Thorne soubesse de algo que Evie não sabia? Ainda pensando no assunto, ela se lembrou de uma coisa que lera certa vez, havia muito tempo. E, então, assim que teve oportunidade, Evie escreveu uma carta para George Westhouse.

76

Crawford Starrick não se lembrava de quando tinha sido a última vez que havia tomado o seu amado chá. Sua vida, em geral tão organizada, virara um caos. O estresse agora era aparente.

Não somente os esforços de Lucy Thorne em encontrar o Sudário tinham sido impedidos, em grande parte devido à interferência de Evie Frye, como também o outro gêmeo Frye (Starrick sentia angústia só de pensar no nome dele), o tal de *Jacob*, também vinha causando problemas. Agentes Templários vinham sucumbindo à sua lâmina; os planos que a Ordem levara anos para organizar agora começavam cair por terra. Starrick passara a temer o som de gente batendo à porta do seu gabinete, pois sempre que um de seus homens vinha até ali era para trazer mais notícias ruins: outro membro da Ordem assassinado, outro esquema neutralizado.

Levantou a cabeça, que apoiara nas mãos, e olhou para o escrevente nervoso que estava sentado do outro lado da sua mesa desorganizada, aguardando pacientemente seu ditado. Starrick respirou fundo, de um jeito que mal se distinguia de um suspiro, e disse:

– Anote isso. Depois, quero que sele essa carta e aguarde minhas ordens.

Fechou os olhos, recompondo-se, e começou a ditar.

– Srta. Thorne. Você me deu os meios necessários para garantir o futuro de Londres. A cidade lhe agradece. A Ordem lhe agradece. Eu lhe agradeço. O Sudário, entretanto, só pode ser usado por um único indivíduo. Portanto, a partir de agora, dissolvo nossa sociedade. Prometo garantir-lhe renda até uma

idade avançada, mas é o máximo que posso fazer. Que o Pai da Compreensão a guie e oriente.

Pronto, estava feito. Starrick ficou ali parado, escutando o roçar da caneta do secretário sobre o papel, enquanto suas palavras eram obedientemente transcritas. Sim, pensou ele, o Sudário só pode ser usado por um *único indivíduo*. Ele relaxou quase ao ponto de dormir, sabendo que era seu destino ser esse *indivíduo*.

Uma batida à porta o afastou daquelas reflexões e imediatamente ele sentiu a mandíbula se tensionar, a realidade intrometer-se com a promessa de mais notícias ruins, mais confusão armada pelo clube mirim dos Frye.

Pelo menos nessa questão ele estava certo.

– O que foi? – inquiriu, rispidamente.

O assistente entrou e pareceu nervoso. Com uma das mãos remexia a gola do casaco, alargando-a.

– É a Srta. Thorne, senhor... – disse ele, com voz trêmula.

– E que tem ela?

– Lamento, senhor, mas ela está morta.

Uma coisa que seus assistentes haviam aprendido – ou sido obrigados a aprender – é que nunca era possível prever as reações de Starrick. Os dois assistentes ali presentes seguraram a respiração enquanto os ombros de Starrick subiam e caíam, e ele levava as mãos ao rosto, refletindo sobre aquela notícia.

De repente, ele espiou por entre os dedos.

– Onde está a chave? – inquiriu.

O assistente pigarreou.

– Não encontraram nenhuma chave no cadáver dela, senhor.

Os dedos de Starrick se fecharam em punho enquanto ele refletia sobre aquele acontecimento novo e ainda pior. Depois, voltou a atenção para uma tigela na mesa, que começou a revirar entre as mãos. Seu rosto ficou vermelho. Seus homens já sabiam o que iria acontecer: outra de suas explosões. Dito e feito: o gabinete estremeceu com seus gritos frustrados, e seu cabelo, em geral tão bem arrumado com vaselina, estava em desalinho enquanto ele levantava a tigela bem alto, prestes a atirá-la sobre a mesa, até que...

Parou de berrar. Com um cuidado exagerado, recolocou a tigela sobre a mesa.

– O Sudário será meu – disse, mais para si mesmo do que para seus assistentes. – Ainda que, para isso, eu seja obrigado a convocar o próprio fogo dos infernos.

77

– Por favor, me diga: para onde vamos? – perguntou Evie enquanto ela e Henry atravessavam os portões de ferro e se dirigiam aos bancos localizados do outro lado de uma praça arborizada.

Na verdade, ela estava gostando do passeio. Passar tempo ao lado de Henry era um antídoto abençoado para a rotina de matança em que havia se transformado sua vida. Seu pai sempre a advertira para não se habituar àquela realidade. "Uma máquina de matar é uma máquina, e nós somos Assassinos, não máquinas", dizia ele, fazendo com que ela prometesse que jamais perderia a empatia. Que jamais se esqueceria de sua humanidade.

Na época, ela nem imaginava como isso poderia acontecer. Afinal, tinha sido educada para respeitar a vida. Como seria capaz de não sentir nada ao tirar a vida de alguém? Mas, obviamente, o inevitável aconteceu, e ela descobriu que uma das maneiras de lidar com chacinas era distanciando-se delas, impedindo que atingissem as regiões de seu cérebro que desejavam refletir sobre o assunto. E, cada vez mais, descobria que aquilo era simples de fazer – e, portanto, às vezes sentia receio de, com aquele mecanismo de sobrevivência, perder a noção de quem ela realmente era.

Henry era alguém que impedia que isso acontecesse. O que Evie sentia em relação a ele a ajudara a se centrar, e a relutância de Henry de pegar em armas servia para lembrá-la de que existiam outras maneiras de servir a Irmandade. Ele lhe contara como era sua vida antes de conhecê-la. Ela sabia que, um dia, ele esteve na mesma posição em que ela estava agora e abandonara tudo. A alma dele

estava em frangalhos, mas sua essência continuava intacta. Ele era um exemplo de como aquilo era possível.

Mesmo assim, agora vinha a fase seguinte da missão de reconquistar Londres, e, fossem quais fossem seus sentimentos por Henry, ela teria de guardá-los para si, por enquanto. Restaurar a Irmandade era a prioridade máxima para Evie agora.

Agora, estavam perto. Muito perto. Desde o episódio da Torre de Londres, os gêmeos vinham atacando sem piedade o cerne das operações dos Templários. Eles os atingiram no seu ponto mais dolorido: a carteira. Depois de neutralizar Twopenny, Jacob dera fim a um esquema de falsificação, e ajudara a restaurar a ordem na cidade. Também pusera um ponto final nas atividades de Brudenell, que tentava impedir a aprovação de leis prejudiciais à Ordem.

Cada operação bem-sucedida foi acompanhada de um aumento da consideração em relação aos Assassinos da parte dos moradores do East End e também de quem morava nas regiões mais além. A gangue de Henry crescia exponencialmente. Os Templários podiam até ter dominado Londres infiltrando-se em seus médios escalões, mas os Assassinos agora a reclamavam atuando de baixo para cima. Os garotos de rua que enxameavam as ruas faziam frente aos Assassinos e estavam dispostos a ajudar de todas as maneiras possíveis; os miseráveis de mais idade tinham mais cautela e mais medo, mas, mesmo assim, ofereciam sua aprovação tácita. Quando voltava para sua loja, Henry sempre encontrava presentes de pessoas agradecidas deixados à sua porta.

Tudo isso era ótimo, claro. Mas, na cabeça de Evie (embora não na de Jacob), vinha em segundo lugar em relação ao Sudário. Eles tinham recuperado a chave, sim; porém, ainda precisavam descobrir onde ele estava escondido. Sabiam onde *não* estava: não estava na Torre de Londres. Mas onde poderia estar?

Portanto, ela voltou a perguntar para Henry:

– Aonde vamos?

– Descobri uma carta do príncipe consorte no meio das pesquisas de Lucy Thorne – respondeu ele. – Datada de 1847.

O príncipe consorte. O príncipe Albert, por quem a rainha Victoria ainda estava de luto.

– 1847? – repetiu ela.

– O ano em que o príncipe começou as reformas do Palácio de Buckingham – explicou ele.

– Você está achando que ele construiu uma cripta para guardar o Sudário? – perguntou Evie, empolgada.

Henry assentiu, sorrindo, satisfeito com a aprovação de Evie.

– E, uma vez que nenhum mapa do Palácio contém um lugar chamado "cripta secreta"...

Agora eles estavam perto dos bancos, onde estava sentado um homem de aparência bastante peculiar. Um cavalheiro indiano, cujo rosto redondo e bem alimentado dava-lhe uma aparência de menino. Apesar disso, ele tinha certa beleza. Tinha porte. Usava roupas de seda. Seda cara.

Ele dobrou seu jornal, colocou-o de lado e levantou-se para recebê-los.

– Sua Alteza – disse Henry, com uma reverência curta. Uma reverência de certa maneira hesitante, se Evie não se enganava. – Deixe-me que apresente Evie Frye. Srta. Frye, este é o marajá Duleep Singh.

Evie e o Sr. Singh se cumprimentaram antes de o rosto do Sr. Singh assumir uma expressão grave e ele se virar para Henry.

– Meu amigo, as plantas que me pediu foram removidas.

– Removidas? – Henry ficou espantado. – Por quem?

– Pelas forças de Crawford Starrick. Ou por alguém contratado por ele.

O Sr. Singh viu o desapontamento nos rostos de Evie e Henry.

– Sim, achei mesmo que talvez o senhor pudesse reconhecer tal nome. Sei onde elas estão, mas estão muito bem protegidas.

Evie atirou os ombros para trás.

– Essa parte não será um problema.

O Sr. Singh olhou-a de alto a baixo.

– Foi o que pensei.

Pouco tempo depois, Henry e Evie estavam agachados em um telhado, após apostarem uma corrida para ver quem chegava primeiro ao topo (Evie ganhou). Estavam diante de uma fortaleza que sabiam pertencer aos Templários.

Lá estavam guardados os documentos que buscavam, levados por Crawford Starrick – que obviamente havia chegado à mesma conclusão que eles.

Starrick, contudo, ele não tinha a chave: a chave estava com os Assassinos. E agora eles queriam os documentos.

O problema número um eram os guardas, embora Evie achasse que não estavam em grande número. Henry contou os que estavam às janelas da fortaleza – que, apesar de ser pequena, era muito bem guardada.

– Precisamos de um plano – disse Evie, simplesmente.

– Posso distrair os guardas enquanto você tenta encontrar uma maneira de entrar – sugeriu Henry, e ela olhou para ele.

– Sério? – perguntou ela, com um misto de preocupação e surpresa, sem saber se ele estava pronto.

Em seguida ele disse (teria sido imaginação dela ou ele corara ao dizer aquilo?):

– Por você, Evie, com certeza.

– Bem – disse ela –, quando eu estiver lá dentro, encontrarei alguém que possa me dizer onde as plantas estão guardadas.

– E nos encontramos mais tarde – disse ele, virando-se para ir embora.

– Tome cuidado – alertou ela baixinho para as costas dele.

Ele forneceu justamente a distração que ela necessitava: os guardas mais próximos começaram a se dispersar com o barulho, e ela aproveitou a chance para escalar a parede e entrar pela janela do primeiro andar. Era o centro administrativo no qual, se ela não estivesse redondamente enganada, estariam guardadas as plantas.

Ou ela estava redondamente enganada ou as plantas estavam guardadas em outro lugar. Ela olhou rapidamente em volta do gabinete onde havia entrado, mas ali não havia nada. *Certo,* pensou*, agora é partir para o Plano B. Encontrar alguém e interrogá-lo.*

Foi até a porta do gabinete e escutou com cuidado os sons que vinham do corredor. Satisfeita, esperou, e então, quando um guarda solitário passou por ali, abriu a porta, deu-lhe um soco rápido na garganta, aplicou-lhe uma chave de braço com a mão direita, arrastou-o para dentro do gabinete e fechou a porta.

Ele ficou caído esparramado no chão, lutando para respirar por causa da dor e mal acreditando ao ver quem o tinha atacado. Num segundo, Evie já estava sobre ele, que a olhou aterrorizado e balbuciou:

– Eu juro, senhorita, não sei para onde o levaram!

Ela segurou a gola dele com uma das mãos. Tinha preparado a manopla para lhe dar um soco ainda mais dolorido, mas parou. *Para onde o levaram?*

– Levaram quem? – perguntou, rispidamente.

– O homem que estava vestido igual você. Os guardas o levaram daqui... – respondeu o homem.

Droga.

– Henry. – Ela se recompôs. – As plantas que vocês roubaram. Onde estão?

Ele balançou a cabeça, furiosamente.

– Não sei nada sobre isso.

Ela acreditou nele e, depois de um soco rápido no maxilar, deixou-o ali caído inconsciente. Agora precisava tomar uma decisão. Continuar a busca pelas plantas? Ou salvar Henry?

Mas, na verdade, não havia decisão nenhuma a tomar.

78

Na rua, Evie recebeu sua primeira notícia quando topou com um dos meninos de rua informantes de Henry.

– Pegaram ele, senhorita! – disseram. – Levaram o Sr. Henry. Não pudemos fazer nada. Eles o arrastaram pra longe daqui numa carruagem vermelha. Mas não vão longe, não. Uma das rodas está quase caindo. Dá para ver pelos rastros da carruagem. Parece toda solta.

Ela agradeceu aos meninos e aos céus pelo fato de os Assassinos poderem contar com o apoio do povo. Queria ver os Templários tentarem rastrear uma carruagem pelas ruas de Londres sem os olhos e ouvidos das pessoas ajudando! Queria só ver.

Então, ela seguiu os rastros da carruagem, caminhando depressa pelas ruas movimentadas – parecendo apenas mais um rosto apressado na multidão –, até se aproximar de Covent Garden, onde encontrou a carruagem abandonada.

Entrou correndo na praça, esperando avistar Henry e seus captores, mas não havia sinal deles. Um comerciante que estava por perto olhou-a com admiração, e, portanto, ela correu até ele – era hora de usar seus encantos femininos.

– O senhor viu uns homens saindo daquela carruagem? – perguntou, com o sorriso mais doce que conseguiu dar.

Ele deu um sorriso bobo.

– Sim, tiraram alguém de dentro da carruagem. Era um homem que estava muito bêbado, ora, com certeza estava. Levaram ele lá para o cemitério da igreja. Será que ele queria um lugar tranquilo pra descansar?

Ao lado havia uma banca que vendia óleos.

– Ei – gritou o vendedor, retirando o boné para Evie. – Eu vi eles arrastando alguém da carruagem depois que a roda caiu. Disseram que ele batera a cabeça. Não sei por que precisavam levar o homem para a igreja, mas que levaram, levaram.

Os dois apontaram para o outro lado da praça, onde ficavam os familiares pórticos e colunas da Igreja de São Paulo. Apesar dos edifícios altos que havia por todos os lados, a igreja ainda assomava sobre a praça. Em um dia comum, aquela teria sido uma visão impressionante, admirável. Hoje, entretanto, Evie olhou para aquilo e viu um mausoléu. Viu o terror.

Agradeceu aos seus dois admiradores, cruzou a praça, e seguiu até o cemitério da igreja, localizado nos fundos. Olhou para o igualmente impressionante pórtico situado ali enquanto caminhava pelo cemitério sombreado, primeiro depressa, depois, com mais cautela ao ouvir vozes distantes.

Agora estava nos fundos do cemitério, onde os arbustos eram espessos e descuidados. Topou com o que só poderia descrever como um acampamento templário. No meio estava Henry, amarrado a uma cadeira, com guardas ao seu redor. Chocada pela visão daquilo, pensou que ele pudesse estar morto. A cabeça dele balançava inerte sobre seu peito. Entretanto, a conversa dos captores não sugeria que o tivessem matado.

– Por que vocês trouxeram ele para cá? – perguntou um dos homens.

– Esse homem é um Assassino – respondeu o colega. – Não queríamos que ele escapasse antes que você pudesse interrogá-lo, certo?

O primeiro guarda estava ansioso e inquieto com alguma coisa.

– Ele ficaria mais seguro onde estava antes. Eu disse para a gente não vir para cá!

– Não teve outro jeito. Agora vá acordá-lo.

Enquanto o segundo guarda sacudia Henry para tentar acordá-lo, Evie entrou em ação, disparando das sombras com a lâmina já acionada. Acabou depressa com seus oponentes. Não tinha a menor vontade de prolongar a briga, nem em prol da dignidade do inimigo nem do seu orgulho próprio. Simplesmente liquidou o assunto, rapidamente e sem piedade.

Quanta diferença da Assassina imatura que havia iniciado aquela missão.

Somente depois que estavam caídos no chão é que ela foi até Henry e o desamarrou depressa.

– Eles machucaram você? – perguntou.

Ele fez que não.

– Estou bem. Escute, eles acabaram de mandar alguém esconder as plantas arquitetônicas em outro lugar. Você já conseguiu pegá-las?

Agora foi a vez de ela dizer que não.

– Minha captura perturbou seus planos – retrucou ele, enquanto os dois fugiam dali. – Desculpe.

Desolados, voltaram para a base.

79

Crawford Starrick estava se preparando para uma festa. Uma festa muito importante, para a qual ele tinha grandes planos.

Um empregado entrou e se pôs a arrumar seu paletó social e seu colete, tirando o pó dos seus ombros, ajeitando sua gravata.

Enquanto isso, Starrick se admirava no espelho, escutando o som da própria voz ao opinar:

– A ordem engendrou desordem. O mar se levanta, inunda os bares e elimina os postes das ruas. Nossa cidade perecerá. Twopenny fracassou, Lucy fracassou, Brudenell, Elliotson, Attaway. Todos entraram na escuridão da noite. Agora cabe a mim. Os Assassinos trouxeram a fúria da natureza até nossos lares. Os homens se transformaram em monstros e nos atacam, com os dentes arreganhados. Nossa civilização precisa sobreviver a esse massacre.

O serviçal terminou seu trabalho e Crawford Starrick virou-se para ir embora.

– Para impedir o retorno da idade das trevas... devo começar do zero. Londres precisa renascer.

80

Eles estavam brigando mais uma vez, Jacob e Evie. Ao vê-los brigar, Henry percebeu que seus sentimentos estavam confusos. Se, por um lado, odiava ver os gêmeos se engalfinhando, por outro, sentia que estava se apaixonando por Evie Frye e desejava tê-la só para si.

Era egoísmo, sim. Mas era verdade. Não valia a pena negar. Ele queria Evie Frye só para si, e, se ela estava se desentendendo com o irmão, as probabilidades de que esse dia chegasse mais rápido eram maiores.

Enquanto isso, a discussão prosseguia inflamada.

– Starrick vai atacar! – disse Evie. – O Pedaço do Éden está escondido em alguma parte do Palácio de Buckingham.

– Que ele o apanhe! – retrucou Jacob. Continuava muito arrogante, observou Henry. De certa maneira, tinha direito de sê-lo: boa parte de suas missões foram muito bem-sucedidas. Seu último triunfo fora assassinar Maxwell Roth. Henry se lembrava de uma época em que folheara os documentos cheios de nomes de Templários, fornecidos por Ethan. Agora, graças a Jacob, a maioria dessas pessoas ou estava fora do páreo ou incapacitada. Era um feito e tanto.

Porém, Evie estava tão obcecada em encontrar o Sudário que não conseguia ver nada além da destruição causada pelo irmão.

– Estou vendo o que você aprontou pela cidade – dizia ela ao irmão agora. – Você está sofrendo uma das consequências do excesso de pressa, que é a redução da agilidade.

Ele a rodeou.

– Ah, não venha citar papai para cima de mim!

– Não é papai, é Platão – retrucou ela, corrigindo-o intimidadora. – Lamento muitíssimo que essa operação não envolva ninguém que você possa aniquilar. Papai tinha razão. Ele nunca aprovou seus métodos.

– Evie, Papai morreu...

Agora era hora de Henry intervir.

– Já chega! Acabei de receber uma notícia de meus espiões. Durante o baile do palácio desta noite, Starrick planeja roubar o Pedaço do Éden e depois eliminar todos os chefes da Igreja e do Estado.

Isso mudava as coisas de figura.

Jacob e Evie se entreolharam e souberam que, graças a essa última cartada de Starrick – uma tentativa final e desesperada de recuperar o que os gêmeos tinham arrancado dele –, sem querer ele sincronizara a obsessão de Evie com o Sudário e a necessidade de Jacob de estabelecer o seu domínio por meios mais tradicionais.

A compreensão daquilo foi o que os afastou um do outro. Uma compreensão cheia de ressentimentos, mas, mesmo assim, uma compreensão.

– Uma vez mais, em nome dos velhos tempos? – perguntou Jacob, erguendo uma sobrancelha, e por um instante ela se lembrou de como as coisas eram entre eles antes e lamentou que aquilo houvesse terminado. Quem poderia adivinhar que, ao cumprir os desejos do pai, eles acabariam se distanciando um do outro?

– E depois acabou – concordou ela, com o coração duro.

– Concordo com todo o prazer – disse ele, e em seguida acrescentou: – Então, qual é o plano?

O plano envolvia valer-se do relacionamento entre Benjamin e Mary Anne Disraeli para roubar convites para o baile... de ninguém menos que os Gladstones.

Evie tratou de arranjar um novo encontro com Singh, enquanto Jacob foi encarregado de roubar os convites – tarefa para a qual ele tinha as habilidades ideais. Depois de roubar convites da estupefata Catherine Gladstone, Jacob também roubou a carruagem dos Gladstones. Decidiram que o fato de o convite informar que "as espadas devem ser deixadas à porta" era um problema que deveria ser deixado a cargo de Frederick Abberline, que prometeu infiltrar todas

as armas de que eles precisassem dentro do palácio. Para isso, Jacob teria de roubar um uniforme da guarda. Naquele meio-tempo, Evie reuniu-se com Duleep Singh, que informou que as plantas foram removidas do arquivo pessoal da rainha e levadas para a Sala de Estar Branca do palácio.

Agora ela sabia onde estavam os documentos. Agora, graças a Jacob, eles tinham uma carruagem. E meios de infiltrar armas no palácio. E convites.

O jogo havia começado.

81

Antes de partir, Evie estudou as plantas disponíveis do palácio: o frontão na face oeste por onde entrariam, a ala oeste, onde o terraço para o baile em breve seria palco das danças, e o interior, os cinco andares e os mais de setecentos cômodos.

Havia apenas um no qual ela estava interessada, porém: a Sala de Estar Branca. Era para lá que iria assim que possível. Iria à Sala de Estar Branca, roubaria as plantas, localizaria a cripta e encontraria o Sudário.

Ela e Jacob estavam agora dentro da carruagem dos Gladstone, segurando firme os convites do casal ao se juntarem à procissão de carruagens a caminho do palácio pelo lado oeste da alameda frontal. Seria imaginação de Evie ou havia certa empolgação no ar? Afinal, a rainha quase não havia feito aparições em público desde a morte do príncipe consorte, Albert, e, como resultado, fora alvo de certa ridicularização. Contudo, segundo os boatos, estaria presente no baile daquela noite.

Ao chegarem à entrada principal, Evie imediatamente percebeu que a aparição da rainha provavelmente não seria o único ponto alto daquela noite. A carruagem passou pelo Sr. e pela Sra. Gladstone, que estavam discutindo com os guardas do palácio, trajados com seus chapéus de pele de urso e armados de rifles com baionetas. O casal Gladstone, irado, não estava para brincadeiras, mas os guardas também não. As duas partes pareciam ter chegado a um impasse. Evie escorregou um pouco para baixo no assento da carruagem ao passarem: felizmente não foram notados pelo casal Gladstone, que ainda estava muito ocupado em alternar ameaças e súplicas aos guardas da rainha.

Agora longe de vista, a carruagem se pôs a atravessar o caminho de pedra e passou pela colunata do frontão, chegando então ao pátio diante do palácio. No começo da fila, lacaios de libré impecavelmente trajados ou gritavam ordens irritadas aos cocheiros das carruagens ou abriam as portas destas, para que os convidados distintos pudessem sair e rumar até o saguão da recepção. Lá, subiriam a monumental escadaria e, então, seguiriam até o salão de baile ou até o terraço. A festa já estava em pleno vapor.

Enquanto esperavam sua vez de adentrar a alta sociedade, Jacob e Evie se entreolharam dentro da sua carruagem. Era um encorajamento mútuo. *Boa sorte*. *Cuide-se*. Todas essas mensagens estavam presentes no olhar que trocaram.

– Eu vou procurar o Pedaço do Éden – avisou ela ao irmão.

Ele apertou os lábios.

– Como queira. Vou encontrar Freddie.

E, então, a porta da carruagem foi aberta e eles viram um lacaio fazer-lhes uma mesura com expressão neutra. Depois, subiram os degraus que os levaram às portas abertas do palácio, também flanqueadas por lacaios de libré, enquanto um fluxo contínuo de convidados adentrava o lugar.

Bem, pelo menos eles tinham conseguido se misturar bem: Jacob usava um fraque; Evie, um vestido longo de cetim adornado com rendas, com corpete justo e armação de metal, e sapatos de cetim. Evie se sentia completamente amarrada, como um peru sendo preparado para a ceia de Natal. Mesmo assim, conseguiu não dar na vista, isso era certo: ainda que a maioria das outras mulheres estivesse usando colares de diamantes, Evie trazia ao pescoço a chave da cripta. Tinha passado por poucas e boas para conseguir aquela chave e agora não se arriscaria a perdê-la de vista.

No exato instante em que saíam da carruagem, ouviram um grito a certa distância dali.

– Ei! Aquela carruagem é minha! – Era o grito indignado do futuro primeiro-ministro, Gladstone. Felizmente, ninguém o ouviu.

Então, eles se separaram. Jacob saiu para encontrar Abberline, apanhar armas e tentar impedir os planos de Starrick de fazer uma chacina entre os membros da alta sociedade, enquanto Evie precisava encontrar a Sala de Estar Branca. Como os outros convidados, ela dirigiu-se à escadaria, juntando-se propositadamente à

multidão sem chamar muita atenção enquanto era arrastada numa maré de sedas, fraques, conversas educadas e fofocas apressadas. Sorria e assentia se lhe dirigiam a palavra, representando com perfeição seu papel de jovem debutante.

Ao deixar o fluxo de pessoas e entrar num corredor à esquerda, ouviu alguém bem-intencionado falar às suas costas: “Minha cara, o salão de baile fica para lá.” Entretanto, fingiu que não tinha ouvido e desapareceu de vista, caminhando silenciosamente pelo luxuoso carpete Axminster com seus sapatos de cetim e entrando cada vez mais no palácio.

Andava em total silêncio, como um espectro, com todos os seus sentidos alertas para ouvir qualquer possível aproximação dos guardas antes que a avistassem. Dito e feito: ouviu o som de passos que se aproximavam e de um murmúrio de vozes, e entrou em um gabinete. Era pouco mobiliado, e sua única fonte de luz vinha das venezianas fechadas. Ela ficou parada junto à porta e abriu uma fresta, para ter certeza de que os guardas já tinham passado.

Depois que eles já estavam de costas para ela, Evie espiou pela fresta e deu uma boa olhada nos homens. Usavam a mesma farda dos guardas reais, mas havia algo de estranho neles. Algo menos disciplinado, menos elegante.

Impostores.

Claro. Starrick havia infiltrado gente na guarda do palácio, colocando seus homens tanto ali dentro quanto lá fora. De que outra maneira poderia esperar levar a cabo o que basicamente seria um massacre? Ela engoliu em seco, torcendo para que naquele exato momento Jacob tivesse recebido essa mesma notícia de Abberline.

Saiu do gabinete e voltou para o corredor coberto pelo Axminster, que percorreu apressadamente. Encontrou a Sala de Estar Branca e entrou. Ali, procurou as plantas de que precisava, sempre com um ouvido atento ao que estivesse acontecendo do lado de fora.

Encontrou-as. Abriu-as sobre uma mesa e mordeu os lábios de empolgação com aquele achado. Diferentemente das plantas do palácio que ela havia estudado, aquelas continham *tudo.* Todos os cômodos, todos os corredores e passagens. Eram as plantas pessoais do príncipe consorte.

E...

Ela segurou a respiração.

Ali estava a cripta.

Como queria que Henry estivesse ali para ver isso! Deleitou-se imaginando a reação dele. Na verdade, pensou melhor, ela se deleitou foi com a ideia de passar muito mais tempo ao lado dele depois que tudo aquilo tivesse terminado.

Isso, porém, teria de ficar para depois. No momento, a única coisa que podia fazer era torcer para que Jacob conseguisse neutralizar a ameaça imposta pelos homens de Starrick, a fim de que ela pudesse se concentrar em ir até a cripta. Quando estava prestes a sair, viu-se no espelho de corpo inteiro que havia num dos lados da sala de estar, ajeitou-se, alisou o vestido, e, então, com as plantas escondidas no decote, saiu dali e entrou no corredor. Parou mais uma vez para evitar as sentinelas do caminho, e, então, rapidamente voltou a se misturar no fluxo de convidados, novamente anônima e invisível. Agora, a cripta...

Justamente naquele momento, uma voz a fez parar onde estava.

– Ah, aí está você!

Droga. Era Mary Anne Disraeli, amiga e aliada, alguém de quem não seria fácil se livrar.

– Estou *morrendo* de vontade de apresentar alguém a você – exclamou a Sra. Disraeli, e sem dar margem a nenhum argumento, tomou Evie pelo braço e a conduziu por entre os convidados. Atravessaram o salão de baile e foram até o terraço. Ali estava uma mulher que Evie Frye reconheceu. Era uma mulher tão famosa, de fato, que, por um instante, a jovem Assassina nem sequer conseguia acreditar em seus próprios olhos.

– Vossa Majestade – disse Mary Anne Disraeli, apertando discretamente o braço de Evie para lembrá-la de que devia fazer uma reverência –, peço licença para apresentar-vos Evie Frye.

Sua Alteza, trajando o vestido negro que agora era seu costume e uma expressão à altura dele, olhou para Evie com um misto de desinteresse e desgosto, e, então, de modo bastante inesperado, perguntou:

– Foi você a responsável pelos infortúnios de Gladstone?

Evie ficou lívida. O jogo acabara: eles tinham sido desmascarados.

– Vossa Majestade, eu vos peço desculpas... – gaguejou.

Contudo... a rainha estava sorrindo. Aparentemente, os “infortúnios” de Gladstone a haviam divertido muitíssimo.

– O bolo está especialmente bom – disse ela a Evie. – Aproveite o baile.

Com aquilo, virou as costas e se foi, acompanhada por um lacaio de libré. Desnorteada, Evie simplesmente ficou ali, boquiaberta, percebendo tarde demais que havia se transformado no centro das atenções. Agora estava à vista de todos, e não mais oculta.

Sem perda de tempo, fez menção de ir embora, porém o estrago já estava feito: alguém segurou seu antebraço – e dessa vez não era a mão simpática de Mary Anne Disraeli, que àquela altura já havia saído para socializar um pouco mais. Não: essa mão era o aperto firme e ameaçador de Crawford Starrick.

– Poderia me dar o prazer desta dança... Srta. Frye? – perguntou ele.

Era uma quebra de protocolo que atraiu murmúrios de espanto dos convidados ao redor, mas Crawford Starrick não pareceu dar a mínima para aquilo enquanto conduzia Evie até o meio do terraço, justamente quando a orquestra começava a tocar uma mazurca.

– Sr. Starrick – disse Evie, acompanhando-o na dança e torcendo para que sua voz tivesse um tom de maior propriedade do que aquilo que ela estava sentindo –, o senhor já se divertiu o suficiente. Agora, porém, o jogo acabou.

Starrick, contudo, não estava ouvindo. De olhos semicerrados, parecia enlevado pela música. Evie aproveitou aquela oportunidade para examinar seu rosto. Com satisfação, notou o cansaço e a ansiedade estampados nas olheiras e nas rugas em volta de seus olhos. As atividades dos Assassinos realmente haviam exaurido o Grão-Mestre dos Templários. Qualquer outro líder talvez tivesse pensado em capitular naquela situação, mas não Crawford Starrick.

Ela se perguntou em que estado estaria a mente dele – era um homem tão consumido pela ideia de vitória que era incapaz de admitir a derrota.

– Um, dois, três – disse ele, e ela percebeu que ele estava fazendo gestos em direção aos telhados que ficavam logo acima do terraço lotado. Olhou para onde ele estava olhando: sim. Ali estavam eles, os homens que, apesar de trajados com a farda da guarda real, evidentemente eram Templários, cerca de meia dúzia. Enquanto observava, eles abaixaram os rifles e apontaram para o pátio abaixo, aguardando um sinal.

O massacre estava prestes a começar.

– O tempo é uma coisa maravilhosa, Srta. Frye – disse Starrick. – Cura todas as feridas. Podemos cometer erros dançando, mas a mazurca termina e, então, podemos recomeçar. O problema é que as pessoas esquecem e cometem os mesmos erros sem parar.

Evie correu os olhos pelos homens postados nos telhados, sabendo que os tiros poderiam começar a qualquer segundo. O que ele estava esperando?

Então, ele lhe contou o que era:

– Esta dança está quase no fim. Logo, as pessoas vão se esquecer da geração que está aqui neste terraço, da desgraça que vocês quase fizeram recair sobre Londres. Quando a música parar, Srta. Frye, seu tempo terá terminado e o meu começará novamente.

Então era este o sinal que os homens estavam esperando.

A orquestra continuou a tocar.

82

Quando a mazurca terminasse...

Evie olhou mais uma vez para os telhados, e seu coração deu um pulo quando ela viu a figura familiar de Jacob, agora trajando suas roupas de Assassino, seguir até um dos atiradores e abrir-lhe a garganta.

Ela conhecia seu irmão. Sabia que se tinha algo em que ela podia confiar era que ele executaria bem a sua missão.

E foi o que ele fez. Quando a dança terminou, os telhados já estavam vazios e Starrick subitamente despertou de seus devaneios. Furioso, depois frenético, olhou para os telhados, viu que não havia ninguém, e, então, viu o rosto sorridente de sua parceira de dança dizendo:

– Tenho a impressão de que alguém está prestes a interromper...

Ele arreganhou os dentes.

– Então, é com pesar que vou deixá-la.

Ele foi rápido. Arrancou a chave de seu pescoço antes que ela tivesse a chance de impedi-lo. Então, virou as costas e saiu apressado, deixando Evie boquiaberta, segurando o pescoço. À sua volta, ouviu gritos ultrajados.

– Você viu isso? Viu só o que ele fez?

Ela saiu rapidamente atrás de Starrick, mas já o perdera de vista no meio do burburinho. Às suas costas o escândalo aumentava, mas ela abaixou a cabeça e foi até a beirada do terraço, grata por ver Jacob aproveitar-se do tumulto repentino para aparecer.

Ela retirou as plantas do decote e atirou-as nas mãos do irmão.

– Está aí – disse, sem fôlego. – A localização da cripta. Vá.

Ele olhou para os papéis, com a testa franzida.

– Assim? Sem ter um plano?

– Não há tempo para planos. Eu encontro você assim que me livrar disso – e apontou para o odioso vestido. Apanhou sua manopla, que Jacob lhe estendia, e um alforje onde estava seu traje de Assassina. Depois, saiu para encontrar um lugar apropriado para fazer sua transformação.

Jacob saiu correndo. Segundo a planta, a cripta ficava perto das adegas, e presumivelmente fora construída na mesma época, antes de ser eliminada das plantas oficiais do palácio e transformar-se num segredo. Sua porta ficava oculta – à primeira vista, seria apenas mais uma parte do painel ornado. Quando Jacob chegou até lá, porém, viu que estava entreaberta, sem dúvida com a ajuda da chave que Crawford Starrick roubara de Evie.

Agora a festa fazia um tempo tinha ficado para trás. Provavelmente as pessoas ainda deviam estar segurando as próprias pérolas, com medo, depois do que viram acontecer entre Evie e Starrick. Aquela área do palácio estava deserta e silenciosa.

Mas não tão silenciosa assim. Enquanto seguia por um túnel estreito em direção à cripta, Jacob ouviu o som abafado de uma explosão à sua frente. Starrick tinha explodido a entrada da cripta.

Jacob ficou tenso. Ouviu os nós de seus dedos estalarem. Sua lâmina fez menos barulho quando ele flexionou o antebraço para acioná-la.

Agora com ainda mais cautela, ele foi caminhando em direção à porta arrombada da cripta. Entrou e viu-se num cômodo de arquitetura medieval. Ah, então era mais antiga do que as adegas, que datavam da época da reforma do palácio, nos anos 1760. Jacob teve a impressão de que na verdade o palácio é que havia sido construído em cima da cripta.

Sem querer, reprimiu um sorriso. Como Evie teria adorado fazer aquela descoberta sozinha.

No centro da cripta estava o Grão-Mestre Templário. Tinha aberto uma caixa que encontrou ali. Era um baú, de um tipo que Jacob jamais vira antes. Tratava-

se de um recipiente retangular cinza-escuro de aparência futurista, entalhado com estranhas endentações angulares, inscrições e alças. Por um segundo, ele só conseguiu ficar olhando para aquilo, tão fascinado pelo objeto quanto Starrick. Só de olhar para aquele baú já ficava convencido de que havia algo de sobrenatural e misterioso nele. Talvez Evie tivesse razão em dar tanta importância àqueles artefatos.

Crawford Starrick estava de fraque, mas nos seus ombros jazia um manto de linho brilhante que parecia exalar a mesma espécie de energia contida e ameaça que o baú. Enquanto Jacob observava, as imagens do tecido dourado pareciam se formar e se desmantelar, e cores diferentes cintilavam. Dentro do baú, havia coisas que pareciam bugigangas decorativas, que ou também detinham muito poder ou refletiam o poder do baú. Não importa: Jacob estava hipnotizado, tomado por uma fé profunda, sentindo o chamado daqueles artefatos. Até que, com esforço, sacudiu a cabeça para se livrar daquele encanto, tornou a pregar um sorriso no rosto e deu um passo à frente para cumprimentar o Grão-Mestre.

– Não somos grandinhos demais para acreditar em magia? – perguntou.

Starrick olhou para ele com a mesma expressão intrigante que Evie Frye tinha visto na dança. Só que, agora, o enlevo de Starrick era quase beatífico.

– Ora, ora – disse ele, com um sorriso. – Permita certas indulgências a um velho.

– Não permito nada – retrucou Jacob, com ar divertido, dando mais um passo à frente.

Starrick não fez nada para se defender: apenas sorriu, complacente. O sorriso dos verdadeiros sábios.

– Os jovens acham que podem deixar sua marca no mundo, um mundo que foi construído apenas para explorá-los.

Jacob balançou a cabeça e se empertigou, assumindo a estatura de um líder de gangue.

– Eu não acho que vou deixar minha marca, meu velho. Eu sei que vou.

O rosto de Starrick se endureceu: ele havia voltado ao aqui e agora, extraindo o poder imemorial de seu achado.

E, então, Jacob atacou.

83

Henry tinha se decidido. Ia abandonar os Assassinos, para quem ele havia se transformado num estorvo, e abandonaria Evie, para quem ele era um fardo. Tinha passado a vida inteira tentando escapar da certeza de que era inadequado como Assassino. Quando foi aprisionado na Igreja de São Paulo, em Covent Gardens, Henry entendeu que já não era mais possível fazer isso.

Tomado de lembranças, ele fechara a loja e apagara as luzes da entrada. Depois, entrou em seu local de trabalho, atrás da cortina. Os relógios tiquetaquearam, e ele se perguntou o que Evie estaria fazendo agora. Sem dúvida, ela e Jacob deviam estar chegando ao Baile da Rainha. Quando voltassem, seria o fim da linha. Aquela batalha seria definitiva, não importava se eles a ganhassem ou a perdessem: ou os Assassinos mais uma vez entrariam em ascensão, colocando um fim ao domínio dos Templários em Londres, ou teriam de recuar, reagrupar-se e repensar suas estratégias.

E quanto a Henry? Ele sentou-se na mesa central, tendo documentos e inscrições espalhados à sua volta, mapas e plantas que ele e Evie tanto estudaram, e apoiou o rosto entre as mãos, lembrando-se de quando era criança e dos anos que passara sendo O Fantasma. Uma vida de ilusão, sonhos estilhaçados e fracasso.

Já havia anos desde a época em que ele considerara deixar a Irmandade. *Não se pode virar as costas para o que se acredita*, pensara ele, então.

Sim, decidiu ele agora. Sim, se pode.

Puxou um papel em branco e pegou a caneta-tinteiro.

“Querida Evie”, escreveu.

Então, foi interrompido por um ruído na frente da loja. E outro.

Uma batida.

Henry levantou-se, pegou sua lâmina e prendeu-a no braço, enquanto atravessava a cortina. Seus pés descalços não produziram o menor barulho sobre o assoalho quando ele atravessou a bagunça da loja e foi até a porta. Sacudiu a manga da camisa e escondeu a lâmina; depois, observou com atenção pela vidraça da porta, na qual viu um vulto que reconheceu imediatamente.

– Entre – disse ele, abrindo a porta e olhando para um lado e para o outro da rua movimentada de Whitechapel.

Saindo da noite agradável do lado de fora para adentrar a atmosfera escura e opressiva da loja de Henry, estava George Westhouse.

– Você está armado – comentou, à guisa de cumprimento. Tinha olhos treinados.

– Encurralamos os Templários – retrucou Henry. – E você sabe o que faz um rato encurralado.

– Ataca donos de lojas? – disse George.

Henry tentou dar um sorriso forçado, mas os sorrisos nunca lhe vinham com a naturalidade necessária, e os músculos de seu rosto recusaram-se a obedecer. Então, ele fechou os ferrolhos, virou-se e conduziu George por entre as prateleiras bambas até seu escritório. Ali, afastou para um lado a carta que tinha começado a escrever e dirigiu George até uma cadeira, cuja ocupante anterior tinha sido Evie Frye.

George trazia um pequeno alforje de couro que pousou sobre a mesa assim que se sentou.

– Poderia me atualizar sobre os acontecimentos da cidade? – perguntou.

Henry contou como, com a ajuda da sua rede de informantes, Jacob organizara as gangues do East End e depois conduzira uma série de operações contra os Templários, enfraquecendo-os muitíssimo; como ele e Evie haviam descoberto a provável localização do último dos Pedaços do Éden; como Jacob e Evie estavam naquele exato momento no Baile da Rainha e Evie iria procurar a cripta onde o sudário estava guardado...

Ao ouvir falar naquele artefato, George ergueu as sobrancelhas.

Sim, pensou Henry, mais desses malditos artefatos. Mais mortes em nome de bugigangas.

– E você contou com um cúmplice na forma de Evie Frye, presumo.

– Estávamos buscando esse Pedaço do Éden por motivos diferentes – concordou Henry. – Ela queria vê-lo de perto. Queria presenciar os poderes da Primeira Civilização. Eu já tinha passado por isso, portanto, apenas queria garantir que esse poder não caísse nas mãos dos Templários.

– *Estávamos*, diz você...

– Desculpe, não entendo.

– Você disse que vocês estavam buscando o Pedaço do Éden por motivos diferentes. O que o faz pensar que esses acontecimentos pertençam ao passado?

– Tenho plena confiança nos gêmeos. Mesmo que Evie não consiga recuperar o Sudário, tenho certeza de que Jacob neutralizará Crawford Starrick. De um jeito ou de outro, o Pedaço do Éden por enquanto estará a salvo.

– E é só por isso, então? – George apontou para o outro lado da mesa, onde estava a carta que Henry começara a escrever para Evie. – Nada mais?

Henry olhou para ele.

– Não – respondeu. – Nada mais.

George assentiu, sabiamente.

– Bem, então está bem. Muito bem. Porque, sabe, como Ethan lhe disse, e como sua mãe também lhe disse, os Assassinos precisam tanto das mentes analíticas quanto dos guerreiros.

Henry evitou os olhos de George.

– Um verdadeiro Assassino deve ser as duas coisas.

– Não, não. – George balançou a cabeça. – O que você está descrevendo não é uma pessoa, é um autômato. Nossa organização (qualquer organização, aliás) precisa de uma inteligência, Henry. É algo importante. Talvez tenhamos demorado para perceber isso a tempo, mas continua sendo verdade: é algo vital. Gostaria que você se lembrasse disso.

Henry assentiu.

– Bem, agora que isso ficou claro, talvez seja melhor eu passar para o meu próximo assunto...

George abriu o alforje, retirou de lá um livro encadernado em couro e o deslizou pela mesa em direção a Henry.

– Evie entrou em contato comigo a respeito disso. Um livro que ela se lembrava vagamente de ter visto na biblioteca do seu pai, que pode ou não conter informações sobre o artefato que vocês estão buscando.

Henry franziu a testa, sem entender, e George deu de ombros.

– Sim, tudo bem. Eu sabia a respeito do Sudário. Só queria ouvir tudo da sua própria boca. Bem, da boca de *outras* pessoas.

Curioso, Henry apanhou o livro, abriu-o, e, logo, em seguida sentiu uma antiga empolgação. Ali havia o que pareciam ser diversos relatos obtidos ao longo dos séculos, detalhes de batalhas, assassinatos realizados, tesouros conquistados e perdidos, tudo aquilo em referência aos primeiros anos da Irmandade na Inglaterra.

Teria Evie topado com algo a respeito do Sudário? Algo que não fizera sentido para ela no momento, mas que agora passara a fazer?

George observou o rosto de Henry com um sorriso.

– Olhe, deu muito trabalho para achar, isso eu garanto – disse ele. – Espero que seja útil. – Ele se levantou para partir. – Tenho certeza de que você vai querer ler isso imediatamente, vou deixá-lo a sós. Você se saiu bem, Henry. Seus pais ficarão orgulhosos. Ethan ficaria orgulhoso.

Depois de trancar a porta após a partida de George, Henry voltou ao livro. Eles sabiam que o Sudário supostamente conferiria a vida eterna, e a partir disso Evie supôs que o artefato teria propriedades curativas.

Entretanto, ela também passara a acreditar que o artefato continha, além disso, um poder maior e mais sombrio, talvez. Sua curiosidade despertou-lhe uma lembrança: a mesma lembrança que a levara até este livro.

Henry folheou mais depressa agora, já antecipando o que iria encontrar, até topar com uma entrada específica, que tratava de um... sim. De um sudário. Estava escrita de maneira bastante enigmática, mas confirmava que a peça de fato conferia a vida eterna a quem a usasse.

O relato, contudo, mencionava mais uma coisa além daquilo. Um lado negativo para contrabalançar o positivo. O lado ruim (ou talvez, para alguns, o

lado bom) de usar o Sudário é que ele extraía energia de quem quer que a pessoa que o estivesse usando tocasse.

O relato terminava concluindo que não se sabia mais nada a respeito daquele manto, que o que estava escrito ali podia não passar de mero boato ou conjectura. Ainda assim, foi o bastante para Henry pensar em Evie... Evie, que iria até a cripta sem conhecer o verdadeiro poder daquele objeto.

84

Finalmente Evie estava com suas roupas normais. Atirou o odiado vestido para o lado e ajustou os fechos da sua manopla enquanto vestia o casaco. Mais uma vez viu seu reflexo, agora numa janela da pequena antecâmara que escolhera para aquela troca rápida de roupas, mas dessa vez ficou completamente satisfeita com o resultado.

Chega daquela fineza impostora. Aquela era ela de verdade. A filha do seu pai.

Agora, para a cripta. Tal como Jacob, deixou o barulho animado da festa para trás e correu na direção da localização da cripta, e, assim como ele, ao chegar, desceu pelo túnel, e fez uma última checagem em si mesma ao se aproximar da porta aberta da cripta.

De dentro, vinham ruídos de uma luta. O som inconfundível de dor de Jacob. Já tinha acionado sua lâmina ao atravessar o portal, e topou bem a tempo com Starrick, envolto no manto, segurando Jacob com uma das mãos.

Ficou parada, boquiaberta, por um instante. Não era possível. Um homem da idade de Starrick contendo Jacob? Porém, ali estava. Extraindo poder do Sudário, era como se Starrick também estivesse extraindo forças de Jacob ao mesmo tempo.

– Você não entende – ela o ouviu dizer, enquanto mirava um baú elaboradamente decorado. Dentro, havia coisas parecidas com joias que começaram a se levantar sozinhas, brilhando de um jeito malévolo na escuridão da cripta. Como guardiões, eles se puseram a girar em torno do Grão-Mestre,

como se estivessem delimitando um perímetro de proteção ao seu redor e de sua vítima.

Ela estava prestes a descobrir o quanto eram poderosos, pois, depois de dar vários passos para o interior da cripta, virou-se de repente ao ouvir um ruído atrás de si. Um guarda havia entrado e, já sem fôlego, começou a dirigir a palavra a Starrick.

– Senhor, está...

Contudo, não terminou a frase. O movimento repentino à porta pareceu atiçar os guardiões, e de uma delas veio um raio, que atingiu o rosto do guarda e o lançou para trás, morto antes mesmo de cair no chão.

Enquanto o rosto queimado do homem se sacudia, ela percebeu que a causa daquilo fora o movimento. O movimento súbito os lançara à ação. Ficou onde estava, com um olho pregado nos insetos pairantes, mas ao mesmo tempo monitorando o centro do aposento, onde Starrick tinha seu irmão aprisionado e sugava-lhe a vida.

Agora, a situação estava desesperadora, Jacob mal conseguia suportar mais.

– Londres em breve estará livre do seu caos – rugiu Starrick, de olhos arregalados e enlouquecidos, atirando saliva para os lados. – Esta cidade era um porto seguro. Uma luz para toda a humanidade. Vocês desejavam destruir a própria estrutura da sociedade. Que alternativas propunham em troca? Um cenário de caos completo?

Liberdade, pensou Evie, mas ficou quieta. Dirigiu seus esforços, em vez disso, para seu irmão, sentindo a dor dele como se fosse a sua própria.

– Jacob, resista! – gritou, e ouviu sua voz soar com desamparo e frustração. Os olhos de seu irmão se arregalaram, os tendões de seu pescoço pulsaram com tanta força que poderiam explodir.

– Evie... – conseguiu dizer com voz fraca. – Não se aproxime.

– Você não sabe como utilizar este artefato! – gritou Evie para Starrick. – O Sudário não foi feito para você.

Starrick, porém, não escutou. Estava fazendo ainda mais pressão no pescoço de Jacob, e o poder dele aumentou ao fazer isso. Ele deu um sorriso feroz ao partir para o derradeiro aperto mortal.

Ao mesmo tempo, como se pressentissem que os acontecimentos estavam chegando a uma conclusão, os guardiões parasitas recuaram, e sua luz pulsante diminuiu de intensidade. Evie aproveitou a chance para saltar para frente com um grito desafiador. Atacou com a lâmina, mas Starrick gozava da ajuda dos artefatos, e pareceu desviar-se facilmente do golpe. Pelo menos ela conseguira tirar o equilíbrio do agressor, e no instante seguinte Jacob estava rolando pelo chão de pedra, ofegante, segurando o pescoço com força, finalmente livre do aperto de Crawford Starrick.

Tomada de repente pela energia combinada do manto, do baú e dos artefatos, Evie ficou desorientada, e em seguida foi dominada por Starrick, que a segurou da mesma maneira como antes havia contido Jacob.

– Ah, mais uma Frye para eu me alimentar! – gritou ele, triunfante. Seu olhar enlouquecido atravessou Evie. Quando eles dançaram juntos, ela teve dúvidas quanto ao estado mental daquele homem, mas agora já não tinha mais nenhuma. O que quer que houvesse restado de Crawford Starrick devia estar ali em algum lugar, mas muito enterrado: ele mesmo estava em outra parte.

– Admiro sua coragem – disse ele, salpicando-a de saliva. – Mas agora não há muito o que fazer. Como o próprio Jesus, sou imortal. Admire o poder do Sudário.

– O Sudário ficava melhor em Jesus – conseguiu retrucar ela com voz fraca, mas se Starrick ouviu, preferiu ignorar, e continuou a ladainha.

– Eu começarei tudo outra vez. E esta nova Londres será ainda mais magnífica. Primeiro vocês cairão; depois, a rainha.

Em volta dela, os guardiões começaram a orbitar com urgência ainda maior. Era como se respondessem ao aumento da intensidade emocional de Starrick. Ou talvez (o que era mais provável) estivessem de alguma maneira inextricavelmente conectadas aos impulsos enviados pelo Sudário que ele usava, extraindo energia de sua excitação.

Seja como for, Jacob já tinha conseguido se levantar agora. Os parasitas, entretanto, impediam que chegasse mais perto. Agora era ele que a estimulava a aguentar firme e resistir à escuridão do aperto mortal de Starrick. Os parasitas emitiam raios, mantendo Jacob longe.

– Nenhum plano ou força é capaz de me derrotar – delirava Starrick. – A história está ao meu lado. Londres merece um governante que estará sempre atento, que impedirá a cidade de cair num caos.

– Caos que você está prestes a causar! – berrou ela, e se aproximou, esperando desviar-se dos guardiões e atacar Starrick.

Mas ela foi lenta demais. Um raio de energia a atingiu e lançou-a contra a parede. Starrick se recompôs e, com uma explosão quase inacreditável de força, saltou sobre ela, apertando seu pescoço.

Agora, o Grão-Mestre dos Templários estava contendo tanto Jacob quanto Evie. O poder da energia do Sudário parecia fluir através do linho pelos braços dele, indo até suas mãos, que viraram praticamente garras e seguraram os gêmeos com mais força ainda. Elas os levantaram, como se fossem troféus. Apertando sempre. Os dois ficaram dependurados, impotentes, os ombros para trás, os queixos para a frente, os maxilares mexendo-se numa agonia tão intensa que não os deixava nem mesmo gritar.

Evie sentiu que sua força vital estava sendo extraída de dentro dela. Estava sem fôlego, com a visão nublada. Seus músculos recusavam-se a reagir a qualquer mínimo sinal fraco de resistência enviado pelo seu cérebro. As mãos semelhantes a garras de Starrick apertavam sua garganta, mas era como se ele estivesse enfiando uma lança em seu pescoço.

– Saiam. Da. Minha. Cidade – vociferou ele, e aquelas, percebeu Evie, seriam as últimas palavras que ela ouviria, pois o aperto aumentou. Sua consciência começou a ceder. Pensamentos atravessaram sua mente moribunda. Arrependimento de jamais ter tido a chance de dizer a Henry o que sentia por ele, nem de visitar Amritsar com ele. De não ter feito as pazes com Jacob. De dizer ao irmão que o amava. De pedir desculpas pelas coisas haverem terminado assim.

85

No começo, ela achou que estivesse alucinando. Claro que o vulto à porta devia ser uma imagem projetada pela sua cabeça no momento da morte, um produto desfocado de um desejo. Ela o levaria consigo, decidiu; em vez da imagem de Starrick sorrindo, insano, seria aquela imagem que ela carregaria consigo para o outro mundo.

A imagem de Henry.

Ela viu a mão dele erguer-se e cair. Luz refletida na prata. Algo girando pela cripta na direção deles.

E, então, Starrick soltou um grito de dor, e sua mão relaxou o bastante no pescoço de Evie para que ela pudesse ver o cabo de uma lâmina saindo de seu peito e o sangue já se espalhando pela sua camisa.

Uma voz familiar. Henry. Ele tinha vindo. Era mesmo ele ali na porta, resplandecente em seu manto, acionando a lâmina, movendo-se em direção a onde Starrick tentava, sem conseguir, continuar estrangulando os gêmeos.

Os guardiões parasitas, pensou ela, mas não foi capaz de dizer. *Henry, cuidado com os guardiões.*

Ela viu um deles parecer tremer de fúria e depois lançar um raio de energia que atingiu com força o ombro de Henry, o bastante para fazê-lo cair inconsciente no chão de pedra. Ao mesmo tempo, os gêmeos se libertaram, rolando pelo chão ofegantes enquanto se punham em posição de defesa, acionando as lâminas.

Nem precisavam se preocupar. Starrick parecia liquidado. Talvez os parasitas ainda respondessem a ele, mas isso não duraria muito tempo.

– Você está enfraquecendo! – berrou Jacob, em triunfo. Desviou-se de um dos raios dos parasitas. – Não consegue mais sustentar isso.

Ele estava certo. O sangue já se espalhava pela frente da camisa de Starrick, e o Grão-Mestre já estava mortalmente pálido. Os parasitas brilharam com menos intensidade, seus rastros de luz já eram mais vacilantes. – O Sudário não vai mais proteger você! – gritou Evie.

Starrick mostrou dentes sujos de sangue.

– Você está enganada – retrucou ele. – As pessoas desta cidade irão fornecer-me energia.

Mas o poder que o Sudário estava lhe conferindo antes agora começava a diminuir.

– Esta cidade é maior do que você jamais será! – disse Evie.

Ela e Jacob prepararam-se para atacar, e quando Starrick se desviou, o Sudário pairou para longe dele e caiu sobre o chão da cripta, liberando-se de seu hospedeiro.

Ao mesmo tempo, os parasitas pareceram perder energia, como se agora elas também reconhecessem que a batalha havia terminado. Retornaram ao baú ornado da Primeira Civilização, meras espectadoras que assistiriam ao espetáculo no conforto de seu camarote.

Starrick caiu de joelhos. Seus ombros arquearam para frente, sua cabeça pendeu, e ele olhou para sua camisa escarlate.

Enquanto Jacob o vigiava, Evie saiu correndo até Henry. Caiu de joelhos e foi deslizando pelo chão de pedra até ele. Pôs sua cabeça em seu colo e sentiu seu pulso: estava forte. Ele estava vivo; suas pálpebras já começavam a estremecer.

– Henry – disse ela, para que ele soubesse que ela estava ali. Aninhou a cabeça dele por um instante precioso entre os braços e permitiu-se beijá-lo. Haveria muitos beijos mais, prometeu a si mesma.

Mas, antes...

Evie se empertigou, virou-se, e foi até onde Jacob estava assomando sobre Starrick.

Os gêmeos olharam com gravidade um para o outro. Não havia nenhuma honra em acabar com a vida de um homem mortalmente ferido, mas havia ainda menos honra em deixá-lo morrer uma morte lenta caído no chão.

Acabar com ele de uma maneira rápida e compassiva era a atitude certa. A atitude do seu pai. A atitude dos Assassinos.

Eles deram um passo adiante.

– Juntos – disse Evie para Jacob, e os dois o atravessaram com as lâminas.

– Londres perecerá sem mim – ofegou Crawford Starrick ao morrer.

– Você se julga importante demais – disse Jacob.

– Eu a teria transformado num paraíso – retrucou Starrick.

Evie fez que não.

– A cidade pertence ao povo. Você não passa de um homem.

– Estou no topo da Ordem – disse Starrick, com aquele que seria o seu último suspiro.

– O topo devia começar a proteger as portas de suas casas com barricadas – afirmou Jacob. – Somos os Assassinos.

Sim, pensou Evie. Olhou para a carnificina na cripta e soube que, pelo menos por enquanto, as mortes iriam parar. Em breve, Evie e Jacob manchariam seus lenços com o sangue de Starrick e sairiam, com Henry, daquela cripta. E, conhecendo o verdadeiro poder do Sudário, o deixariam ali, bem escondido, aos cuidados da Coroa. Amanhã, Londres viveria um novo despertar e, juntos, os três Assassinos continuariam a espalhar a esperança. Haveria mais batalhas, ela sabia, mas por ora...

Somos os Assassinos.

Epílogo

Henry estava tremendo um pouco e percebeu isso. Mas era de se esperar. Afinal, não é todo dia que...

Ele se recompôs e foi até a sala onde Evie estava olhando o buquê que ele lhe enviara, perplexa. Henry teve dúvidas se não teria cometido um erro de julgamento. Se fosse o caso, ele jamais se recuperaria.

Porque não havia dúvidas quanto ao que sentia por ela. Nenhuma. Havia se apaixonado por Evie desde o primeiro instante em que a viu. O tempo que passaram juntos somente fez com que aquilo aumentasse e se transformasse em algo tão forte que era quase uma dor agradável, como um peso precioso – a necessidade de vê-la todos os dias, de simplesmente estar ao seu lado, de respirar o mesmo ar; tudo o que a interessava ele também achava igualmente cativante, o que a fazia rir também lhe dava cócegas. O simples fato de dividir um dia de trabalho com ela lhe trazia mais felicidade do que ele se lembrava haver sentido desde a infância. Ele lavou sua alma dos anos que passou sendo O Fantasma; lavou a carnificina de dentro dele. Ela fez com que ele se sentisse renovado e inteiro mais uma vez. Seu amor por ela era algo que o maravilhava, como uma borboleta rara, tal era sua cor e intensidade.

Contudo, como uma borboleta, ela poderia facilmente voar para longe.

Claro que Henry *achava* que ela sentia o mesmo por ele, mas enfim, como disse Hamlet, este é o obstáculo: nunca podemos ter completa certeza. O tempo que eles passaram juntos pesquisando sobre o artefato os aproximara, e, no caso dele, os sentimentos de amizade e atração rapidamente se transformaram no

amor que ele sentia agora, essa renovação gloriosa. Mas e quanto a ela? Fazia quase um mês exato que ela lhe dera um beijo por ele haver salvado sua vida. Teria ele interpretado coisas demais no que poderia ter sido um simples gesto de agradecimento?

Pouco depois dos acontecimentos no palácio, ele a encontrou no gabinete certa vez. Ela estava sentada sobre uma das pernas, inclinada para frente e com os braços sobre a mesa, numa pose que ele conhecia muito bem, e teve certeza de que ela corou de leve ao vê-lo entrar.

(Mas, enfim, por outro lado... talvez fosse apenas impressão.)

Pousou seu herbário ainda vazio sobre a mesa na frente dela e observou-a desviar os olhos do livro que estava lendo para a capa daquele.

– Um herbário? – disse ela. – Está colhendo flores para alguém?

– Só para mim mesmo – retrucou ele. – Me disseram que é uma espécie de passatempo na Inglaterra. Você sabia que as flores têm significados simbólicos?

– Ouvi falar – disse ela.

– Claro que ouviu. Infelizmente, eu não tive tempo de preencher o livro.

– Tenho certeza de que conseguiria encontrar algumas amostras para você, se quiser.

– Eu gostaria, sim. Obrigado, Srta. Frye.

E, então, ao longo daquelas semanas, eles reuniram uma coleção impressionante de flores, procurando o significado do relacionamento deles enquanto decifravam as mensagens da flora.

– Resedá: suas qualidades são ainda maiores do que seus encantos – disse ela, enquanto eles liam o agora volumoso herbário.

– Não tenho certeza se isso é para ser um elogio. “Cabelos-de-vênus”. Que nome bonito.

– Também chamada de “barbas-de-velho”.

Os dois se entreolharam e riram.

– Narciso: amor por si próprio – observou ela. – Hmmm, acho que vou comprar um buquê para Jacob...

– Isso não é nada gentil, Srta. Frye – riu Henry, mas estava feliz, feliz pelos gêmeos terem se reconciliado, e feliz por ela conseguir enxergar Jacob sob outro ponto de vista.

– Tudo isso é muito interessante, mas preciso voltar ao trabalho. Se precisar de mim...

– Eu lhe mandarei um buquê – disse ele.

– De íris.

– “Uma mensagem.” Isso mesmo.

E ele mandara. Reunira um belo ramalhete de íris, gotas-de-neve, flores de morango e tulipa vermelha, cada flor cuidadosamente bem selecionada a fim de dizer algo que ele estava achando difícil demais expressar com suas próprias palavras. Seu reflexo no espelho zombou de sua indecisão e incerteza. Claro que ela sente o mesmo. Ela beijou você na cripta. Já o homem que estava diante do espelho não tinha tanta certeza assim.

– Uma mensagem... – ele ouviu-a dizer, enquanto as pontas dos dedos dela iam da gota-de-neve para a flor de morango. – De esperança. Perfeição?

Então, foi a vez da tulipa vermelha. Ela ficou ainda mais perplexa, incapaz de decifrar o significado daquela flor.

À porta, Henry respirou fundo, pigarreou, e disse:

– Uma declaração de amor.

Ela virou-se e o viu ali. Levantou-se da cadeira, foi até ele.

Derretendo-se com suas palavras, ele disse:

– Eu... Srta. Frye... Saiba que eu a tenho na mais alta estima... e consideração. E gostaria de saber se me daria a honra de... de me dar sua mão em... casamento.

Evie Frye segurou as mãos de Henry e olhou o rosto que amava com olhos marejados de lágrimas.

E sim, então ele teve certeza: ela sentia o mesmo.

Lista de Personagens

Frederick Abberline: oficial de polícia, posteriormente promovido à Sargento
Ajay: Assassino indiano que virou Templário guardião da Escuridão
O guarda-costas: ex-soldado que percebe que seus atos estão equívocados
Boot: um terrível ladrãozinho e um mensageiro ainda pior
Sir David Brewster: cientista e Templário
James Thomas Brudenell: Templário, tenente de Starrick
Cavanagh: diretor da Metropolitan Railway, Templário
Benjamin Disraeli: político
Mary Anne Disraeli: esposa de Benjamin
Rupert Ferris: chefe da Ferris Ironworks, Templários
John Fowler: engenheiro chefe da Metropolitan Railway, responsável pela construção da primeira linha de metrô
Ethan Frye: Assassino e mentor de Jayadeep Mir, pai de Evie e Jacob
Evie Frye: Assassina e irmã gêmea de Jacob, filha de Ethan
Jacob Frye: Assassino e irmão gêmeo de Evie, filho de Ethan, líder das Torres
Catherine Gladstone: esposa de William
William Ewert Gladstone: Secretário do Tesouro
Hardy: um dos capangas de Cavanagh
Outro Hardy: um dos capangas de Cavanagh e torturador
Leonard Hazlewood: detetive particular
Pyara Kaur: esposa de Arbaaz Mir, mãe de Jayadeep
Kulpreet: Assassina indiana, guardiã da Escuridão

Coronel Walter Lavelle: Templário
Maggie: amiga do Fantasma e “mãe” dos infelizes do túnel do Tâmisa
Marchant: diretor do canteiro de obras da Metropolitan Railway
Arbaaz Mir: Assassino indiano, pai de Jayadeep
Jayadeep Mir, também conhecido como O Fantasma, Bharat Singh e Henry Green: agente infiltrado dos Assassinos
Charles Pearson: procurador-geral de Londres e o pai do metrô de Londres
Mary Pearson: esposa de Charles
Aubrey Shaw: oficial de polícia
Duleep Singh: marajá e um dos contatos dos Assassinos
Smith: outro capanga de Cavanagh e o terceiro torturador
Crawford Starrick: Grão-Mestre Templário
Lucy Thorne: Templária, especialista em ocultismo
Philip ‘Plutus’ Twopenny: presidente do Banco da Inglaterra, Templário
Robert Waugh: pornógrafo ligado aos Templários
George Westhouse: Assassino